



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**MÉDICOS POR FORMAÇÃO, DOCENTES EM AÇÃO: O PERFIL PROFISSIONAL E
A FORMAÇÃO DO CAMPO MÉDICO EM SERGIPE (1966-1973)**

PATRICIA DE SOUSA NUNES SILVA

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**MÉDICOS POR FORMAÇÃO, DOCENTES EM AÇÃO: O PERFIL PROFISSIONAL E
A FORMAÇÃO DO CAMPO MÉDICO EM SERGIPE (1966-1973)**

PATRICIA DE SOUSA NUNES SILVA

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Sergipe
como requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em Educação.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josefa Eliana Souza

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2018**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586m Silva, Patricia de Sousa Nunes
Médicos por formação, docentes em ação : o perfil profissional e a formação do campo médico em Sergipe (1966-1973) / Patricia de Sousa Nunes Silva ; orientadora Josefa Eliana Souza. – São Cristóvão, SE, 2018.
252 f. : il.

Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Educação – História. 2. Intelectuais. 3. Medicina - Sergipe.
4. Professores de medicina. 5. Faculdade de Medicina de Sergipe.
I. Souza, Josefa Eliana, orient. II. Título.

CDU 378:61(813.7)(091)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO



PATRÍCIA DE SOUSA NUNES SILVA

MÉDICOS POR FORMAÇÃO, DOCENTES EM AÇÃO: O CONSÓRCIO DO OFÍCIO DE
MÉDICO COM O MAGISTÉRIO (1966-1973)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 18.06.2018


Prof.^a Dr.^a Josefa Eliana Souza (Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS


Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição

Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS


Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira

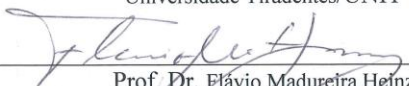
Universidade Federal de Sergipe/UFS


Prof.^a Dr.^a Silvana Aparecida Bretas

Universidade Federal de Sergipe/UFS


Prof.^a Dr.^a Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

Universidade Tiradentes/UNIT


Prof. Dr. Flávio Madureira Heinz

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2018

*À minha família, fonte de amor e inspiração,
o meu eterno afeto e agradecimento.*

AGRADECIMENTOS

Por mais ingênuo e simples que seja, um sorriso verdadeiro registra um agradecimento aos nossos olhos. Portanto, um sorriso para todos aqueles que acreditaram em mim e que suavizaram essa caminhada.

Um imenso sorriso, hoje e sempre, ao meu Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e por ter permitido que tudo isso acontecesse. Ele é o maior Mestre que alguém pode conhecer.

Nesta caminhada contei com a colaboração de pessoas muito queridas, dos professores e funcionários do PPGED, dos funcionários de arquivos visitados, dos entrevistados e de tantas outras pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que a caminhada fosse possível. Menciono aqui essas pessoas, correndo o risco de deixar algumas delas de fora. Peço perdão, caso isso aconteça.

A minha orientadora, professora Dra. Eliana Souza, pela sensibilidade que caracteriza o mestre, por compreender as minhas dificuldades e limitações, por me ouvir com paciência e me conduzir na busca do conhecimento, pelo incentivo e apoio na elaboração desta pesquisa.

Agradeço aos professores que compuseram a minha banca de qualificação pelas elucidações importantes, pelas sugestões e críticas. Agradeço ainda aos professores que nos ajudaram, durante as disciplinas, ao amadurecimento acadêmico, às reflexões acerca das temáticas afinadas aos objetos do estudo, ao trato com a pesquisa, com as fontes, com as memórias e com a História da Educação, enfim... Muito obrigada aos professores: Josefa Eliana, Joaquim Tavares, Sônia Meire, Luiz Eduardo, Dilton Maynard, Anamaria Bueno e Marizete Lucini.

Agradeço aos funcionários do Programa de Pós- Graduação em Educação, Guilherme e Grazi; aos funcionários do IHGSE; do Arquivo Público de Sergipe e do Arquivo Geral da UFS, sempre gentis e prestativos.

Não posso deixar de agradecer aos amigos do GREPHES, em especial ao querido amigo Danilo Mota, um *gentleman*; e às amigas Ane Rose, Elaine e Andréia, pelas discussões, pelo incentivo e pelos sorrisos.

Amizade construída entre a pesquisa e um café,... Tenho muito a agradecer: Rodrigo Belfort, Adelmo, Thadeu, Flávia, Marcus, Alessandra, Amália... a relação é grande!

Às amigas que não caminharam ao meu lado, na UFS, mas que estavam sempre presentes: Sandra Almeida, Tânia, Angélica, Noêmia, Letícia, ao casal Mônica e Israel, obrigada pelo carinho, pelo incentivo e por acreditarem em mim.

Agradeço aos médicos que fazem parte da pesquisa e que me concederam entrevistas e valiosas informações: Antônio Carvalho da Paixão, Antônio Leite Cruz, Byron Emanuel de Oliveira Ramos, Djenal Gonçalves Soares, Eduardo Antônio Conde Garcia, Fedro Menezes Portugal, Francisco Prado Reis, Hélio Araújo Oliveira, Henrique Batista e Silva, João Antônio Macedo Santana, José Fernandes dos Santos Macedo, José Geraldo Dantas Bezerra, Maria Izabel Maynard Pereira, Marília de Oliveira Ramos, Max Rollemberg Gois, Sonia Maria Lima Santana Macena, Zulmira Freire Rezende e Lidia Maria Lisboa de Menezes.

Estendo o agradecimento aos médicos Lúcio Prado e Antonio Samarone, pelos cafés, momentos que proporcionaram esclarecimentos, críticas, orientações, sugestões, apontamento de fontes e, pretensiosamente, pela amizade.

Pelo amor e momentos de alegria agradeço aos meus pais, Antonio e Genoveva, que proporcionaram tudo para que eu caminhasse até aqui, desde o primeiro rabisco lá pelo ano de 1984. Aos meus queridos irmãos, Junior e Anderson, pelo carinho e presença. A minha tia Maria que, mesmo a distância, se faz presente através de suas orações. As minhas cunhadas, Selma, Vera e Roberta, por cuidarem das minhas filhas quando a pesquisa exigia que eu me afastasse delas.

A Yasmin e Alice, minhas filhas preciosas e amadas, me perdoem pelo tempo que não pude me dedicar a vocês. Momento também de lhes agradecer pela compreensão quando precisei levá-las aos acervos, às aulas, às orientações e às entrevistas. Por fim, mas não por último, agradeço ao meu companheiro e esposo, Wilson, sempre presente. Agradeço o amor, o carinho e a confiança, além dos estímulos sempre decisivos e importantes.

Agradeço ainda ao CNPq pela concessão da bolsa de pesquisa.

“Que o Senhor sorria para ti...”. (Nm.6:25).

Por meio dos escritos do médico Garcia Moreno, deixo aqui a minha homenagem ao IHGSE.

É no culto da província que esta Casa (IHGSE) encontra o sentido exato de sua vida. No resguardo de suas paredes, a cultura e a civilização de Sergipe repontam em tôdas as suas expressões: na aparência mais tósca de uma sobrevivência supersticiosa, na fôrma mais sublimada de uma obra artística, no testemunho mais eloquente de uma vida heróica. Coisas e nomes, vivem aqui dentro, repassados e impregnados daquele espírito que torna a existência humana um marco plantado no tempo e na memória das gerações. Êste é o tempo de nossa eternidade histórica. Há, aqui, uma confluência de vidas. De uma multidão de vidas. De grandes vidas. De pequenas vidas. De vidas notáveis e de vidas comuns. [...]. Na galeria dos retratos, homens de letras, filósofos e poetas, professores e magistrados, médicos e advogados, políticos e artistas, vultos representativos da terra pequenina e fecunda, no cenário grandioso da inteligência brasileira.

(GARCIA MORENO, 1946, p. 11-12)

RESUMO

À luz dos pressupostos da História Cultural, esta tese tem por objeto de investigação os médicos que se formaram em Medicina pela Faculdade de Medicina de Sergipe (FMS) no recorte temporal de 1966 a 1973. Mais especificamente, a pesquisa se propõe a realizar a prosopografia de 24 médicos que consorciaram a profissão médica ao magistério e que lecionaram na Universidade Federal de Sergipe, de modo a analisar as semelhanças e dessemelhanças entre os indivíduos e assim compor o perfil do grupo. Deste modo, estaremos compreendendo o porquê dos médicos formados pela FMS consorciarem a profissão médica ao magistério e se a especialidade que cada médico docente trilhou contribuiu para a modernização da área médica e educacional em Sergipe. Ao perfilar e analisar os sujeitos da pesquisa, os quais compõem uma parcela da intelectualidade sergipana, nos apoiamos nos referenciais teórico-metodológicos do autor francês Jean-François Sirinelli voltados para as discussões dos conceitos de Intelectual criador e mediador, redes de sociabilidade, “microclima” e “microcosmo”, além do diálogo com as reflexões acerca da memória, de Maurice Halbwachs. As fontes selecionadas foram diversas, dentre elas: entrevistas, jornais, revistas, discursos, Decretos, Atas, Relatórios Provinciais, fotografias, mensagens do Presidente da Província, e, sobretudo, as memórias dos médicos docentes em análise. Desta forma, levantamos as hipóteses de que existia uma oferta no campo da educação médica a qual fez com que essa geração de médicos voltasse seus olhares para o magistério; e que os ramos parcelares do saber médico os levaram a especializar-se em determinadas áreas da medicina. O fato é que, através das especialidades médicas, esses profissionais foram constituindo e modernizando o campo médico sergipano através de uma formação técnica específica, substancial para o exercício da medicina local. Isso contribuiu para a evolução não somente do ponto de vista tecnológico (diagnóstico e tratamento, por exemplo), mas também educacional, uma vez que os médicos difundiam os conhecimentos adquiridos nos cursos de especialização em suas aulas na Faculdade de Medicina de Sergipe.

Palavras chave: Faculdade de Medicina de Sergipe. Intelectuais. Perfil biográfico. Prosopografia.

ABSTRACT

In light of the assumptions of Cultural History, this thesis aims to research the physicians who graduated in Medicine from the Faculty of Medicine of Sergipe (FMS) during the period from 1966 to 1973. More specifically, the research proposes to perform the prosopography of 24 physicians who consorted the medical profession to the teaching profession and who taught at the Federal University of Sergipe, in order to analyze the similarities and dissimilarities between the individuals and thus create the profile of the group. Therefore, we will be understanding the reason why physicians trained by FMS combine the medical profession with the teaching profession and if the specialty that each physician chose has contributed to the modernization of the medical and educational area in Sergipe. By profiling and analyzing the research subjects, who are part of the intellectuals of Sergipe, we rely on the theoretical and methodological references of the French author Jean-François Sirinelli focused on the discussions of the concepts of mediator and creator Intellectual, networks of sociability, microclimate and microcosm. In addition, it was necessary the dialogue with the reflections on memory, of Maurice Halbwachs. The sources selected were diverse, being among them: interviews, newspapers, magazines, speeches, Decrees, Minutes, Provincial Reports, photographs, messages from the President of the Province and, above all, the memoirs of the teaching physicians under analysis. This way, we hypothesize that there was a offer in the field of medical education that caused this generation of doctors to turn their eyes to the teaching profession; and that the branches of medical knowledge led them to specialize in certain areas of medicine. The fact is that, through the medical specialties, these professionals were constituting and modernizing the medical field of Sergipe through a specific technical training, substantial for the practice of local medicine. This contributed to an evolution not only from the technological point of view (diagnosis and treatment, for example), but also educational, since the doctors disseminated the knowledge acquired in the specialization courses in their classes at the Faculty of Medicine of Sergipe.

Keywords: Faculty of Medicine of Sergipe. Intelectuais. Biographical profile. Prosopography.

RÉSUMÉ

À la lumière des hypothèses de l'Histoire Culturelle, cette thèse vise comme objet de recherche les médecins diplômés en médecine par la Faculté de Médecine de Sergipe (FMS) dans la coupe temporelle de 1966 à 1973. Plus précisément, la recherche propose d'effectuer la prosopographie de 24 médecins qui ont regroupé la profession médicale et enseignement et qui ont travaillé à l'Université Fédérale de Sergipe, afin d'analyser les similitudes et les dissemblances entre les individus et ainsi composer le profil du groupe. De cette façon, nous allons comprendre pourquoi les médecins formés par FMS ont associé la profession médicale à la profession enseignante et comprendre aussi si la spécialité de chaque médecin enseignant a contribué à la modernisation du domaine médical et éducatif en Sergipe. En décrivant et en analysant les sujets de la recherche, qui ont constitué l'intellectualité de Sergipe, nous nous appuyons sur les références théorique-méthodologiques du français Jean-François Sirinelli sur les discussions des concepts de l'Intellectuel créateur et médiateur, réseaux de sociabilité, microclimat et microcosme. De plus, il fallait le dialogue avec les réflexions sur la mémoire, de Maurice Halbwachs. Les sources sélectionnées étaient plusieurs d'entre eux: entrevues, journaux, magazines, discours, Décrets, Minutes de réunion, Rapports Provinciaux, photographies, messages du Président de la Province et, surtout, les souvenirs des médecins enseignants en cours d'analyse. De cette façon, nous pensons hypothétiquement qu'il y avait des offres dans le domaine de l'éducation médicale qui a fait cette génération de médecins tourner leurs yeux vers le magistère; et que les branches du savoir médical les ont amenés à se spécialiser dans certains domaines de la médecine. À travers des spécialités médicales, ces professionnels ont modernisé le domaine médical de Sergipe grâce à une formation technique spécifique, pour la pratique de la médecine locale. Cela a contribué pour une évolution du point de vue technologique (diagnostic et traitement, par exemple) et aussi éducatif, une fois que les médecins ont propagé les découvertes pratiques dans les cours de spécialisation à la Faculté de Médecine de Sergipe.

Mots-clés: Faculté de Médecine de Sergipe. Intellectuels. Profil biographique. Prosopographie.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Quadro metodológico passo a passo para sistematização dos perfis biográfico.....	39
Quadro 2 - Quantitativo de médicos formados e docentes (1966-1973)	41
Quadro 3 - Caminhos entrelaçados por entre espaços e tempos	143
Quadro 4 - Levantamento da produção médico científica do médico Garcia Moreno	148
Quadro 5 - Levantamento da produção médico científica do médico José Machado	149
Quadro 6 - Levantamento da produção médico científica do médico Antônio Garcia	149
Quadro 7 - Levantamento da produção médico científica do médico Nestor Piva	150

Figura 1- Estrutura externa Posto de Profilaxia Rural de Guaratiba – RJ (1922)	62
Figura 2 - Estrutura interna do Posto de Profilaxia Rural de Guaratiba – RJ (1922)	63
Figura 3 - Obras de engenharia sanitária realizadas pelo Serviço de Profilaxia Rural - Ceará (1922)	63
Figura 4 - Carroça transportando o compressor De Vilbess, Ceará (1940)	64
Figura 5 - Expurgo domiciliar em campanha contra vetores no Ceará (1940)	64
Figura 6 - Regimento Lei de 16 de maio de 1744	69
Figura 7 - Instituto Parreiras Horta (1931)	88
Figura 8 - Hospital de Cirurgia (1931)	92
Figura 9 - João Baptista Perez Garcia Moreno	101
Figura 10 - Divulgação de prestação de serviço médico: Dr. Machado	102
Figura 11 - Divulgação de prestação de serviço médico: Antonio Garcia	102
Figura 12 - Divulgação de prestação de serviço médico: Garcia Moreno	103
Figura 13 - Machado de Souza e a sua esposa, dona Anita	104
Figura 14 - Foto de Antônio Garcia Filho e família (1959)	106
Figura 15 - Nestor Piva colando grau pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (1954)	107
Figura 16 - Machado de Souza no Hospital de Cirurgia (1964)	117
Figura 17 - Lançamento do livro “Cajueiro dos Papagaios”, na Livraria Regina (1959)	128
Figura 18 - Monsenhor João Batista de Carvalho Daltro (1828-1910)	131
Figura 19- Anúncio profissional em jornal - Pré-vestibular ENGEQUIME	196

Gráfico 1- O porquê da medicina	192
Gráfico 2- A atuação médica e o magistério	193
Gráfico 3 - Atuação no Ensino Superior e no Ensino de 1º e 2º Grau	195
Gráfico 4 - Instituições que os médicos docentes atuaram	198
Gráfico 5 - Área de especialização dos médicos docentes	199
Gráfico 6 - Inserção no campo médico: com ou sem dificuldade	203
Gráfico 7- Os espaços e cargos de atuação	206
Gráfico 8- A produção científica e os eventos	208

LISTA DE SIGLAS

AIM	Academia Imperial de Medicina
ASL	Academia Sergipana de Letras
CCBS	Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
CRNG	Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
EACMRJ	Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro
FCFSE	Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe
FFBa	Faculdade de Filosofia da Bahia
FMBa	Faculdade de Medicina da Bahia
FMRJ	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
FMS	Faculdade de Medicina de Sergipe
GMBahia	Gazeta Médica da Bahia
GREPHES	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior
IHGS	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
ITBEC	Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura
IPH	Instituto Parreiras Horta
MAC	Movimento Cultural Dr. Antônio Garcia Filho
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PPGED	Programa de Pós Graduação em Educação da UFS
PROHIS	Programa de Pós Graduação em História da UFS
PSB	Partido Socialista Brasileiro
SECS	Secretaria de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe
SCMFM	Sociedade Civil Mantenedora Faculdade de Medicina
SOMESE	Sociedade Médica de Sergipe
UDN	União Democrática Nacional
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNIT	Universidade Tiradentes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO - DA BIOGRAFIA INDIVIDUAL À BIOGRAFIA COLETIVA: A TEMÁTICA DA PESQUISA E O TRAJETO INVESTIGATIVO	15
1.1 ESTUDOS PROSOPOGRÁFICOS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	25
1.1.1 As biografias coletivas em Sergipe: entre verbetes e perfis biográficos	30
1.2 O DIÁLOGO COM OS INTELLECTUAIS: SOBRE AS REFERÊNCIAS	37
1.2.1 A delimitação do corpus da pesquisa: esboço metodológico	37
1.2.2 Lembranças puxam lembranças: o trato com a memória e a narrativa	41
1.2.3 Intelectuais, sociabilidade e espaços: um esboço conceitual	44
2 PELOS CAMINHOS DA MEDICINA: BRASIL E SERGIPE NO SÉCULO XX	48
2.1 CAMINHANDO PELAS RUAS DO CAJUEIRO DOS PAPAGAIOS: ALGUMAS LEITURAS!.....	49
2.2 O FLUIR DO TEMPO É FECUNDO: ORGANIZAÇÃO MÉDICA E POLÍTICAS DE SAÚDE EM SERGIPE	53
2.3 DOS FEITICEIROS AOS MÉDICOS: LEGITIMAÇÃO SOCIAL DA MEDICINA E O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DO CAMPO MÉDICO	66
2.4 ESCOLAS DE MEDICINA NO BRASIL: CRIAÇÃO, CRIADORES E PROFESSORES	70
2.5 AS “PESTES”: PROPULSORAS E PROTAGONISTAS DAS PRIMEIRAS AÇÕES SANITÁRIAS	76
2.6 PESQUISA, CURA E FORMAÇÃO MÉDICA: INSTITUTO PARREIRAS HORTA E HOSPITAL DE CIRURGIA	87
3 TRAJETÓRIAS ENTRELAÇADAS DOS “MESTRES DOS MÉDICOS”: SOCIABILIDADE E INTELLECTUALIDADE	95
3.1 DAS PRIMEIRAS LETRAS AO CURSO MÉDICO: FRAGMENTOS DAS TRAJETÓRIAS	98
3.2 DOS EVENTOS ÀS VINCULAÇÕES; DA ATUAÇÃO MÉDICA E POLÍTICA ÀS HOMENAGENS	114
3.3 ENTRE AS AÇÕES E AS ATUAÇÕES... ÀS PRODUÇÕES	125
3.4 UM OLHAR SOBRE OS PERFILADOS	139
3.5 A PRODUÇÃO MÉDICO CIENTÍFICA: O QUE ELAS NOS REVELAM?.....	144
4 A CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO: PERFIL DOS MÉDICOS DOCENTES	152
4.1 PERFIS: ENTRE LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS	154
4.2 LEMBRANÇAS QUE NÃO FENECEM: OS NÚMEROS E A LEITURA ACERCA DO GRUPO	189
4.2.1 Naturalidade dos médicos docentes, formação escolar e atividade econômica dos pais	189
4.2.2 O porquê da medicina e do consórcio ao magistério	191
4.2.3 Antes do médico... o professor	194
4.2.4 As especialidades, a formação e modernização do campo médico em Sergipe	198
4.2.5 A inserção no mercado de trabalho	202
4.2.6 Os espaços de atuação	204

4.2.7 Publicação Científica e participação em eventos	207
5 É HORA DE RECOLHER VELAS, SENTAR AO TOMBADILHO E FAZER O BALANÇO DA JORNADA	210
REFERÊNCIAS	221
APÊNDICES	234
APÊNDICE A - RELAÇÃO DOS MÉDICOS E PLANILHA PROSOPOGRÁFICA	235
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA - VARIÁVEIS PROSOPOGRÁFICAS	248
APÊNDICE C - PROGRAMA EM EXCEL - CONSOLIDAÇÃO DAS ENTREVISTAS	250
APÊNDICE D - PROGRAMA EM EXCEL - GRÁFICOS	251

1 INTRODUÇÃO - DA BIOGRAFIA INDIVIDUAL À BIOGRAFIA COLETIVA: A TEMÁTICA DA PESQUISA E O TRAJETO INVESTIGATIVO

O interesse pela pesquisa biográfica bem como a opção pela investigação dos assuntos relacionados à Faculdade de Medicina de Sergipe (FMS)¹ datam dos idos do mestrado. Após eleger a trajetória de vida de Antônio Garcia Filho como objetos de interpretações durante o mestrado, nasceram, nos momentos finais do curso, a possibilidade de desenvolver um novo projeto de pesquisa, perpassando também pela História da Medicina, pela História da Educação e, conseqüentemente, pela História dos Intelectuais. Tal fato ocorreu na sala do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura (ITBEC), em umas das conversas informais com a professora Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, cujo olhar redimensionou-se considerando a sedução pelo tema e a proposta do estudo voltou-se a pesquisar e compreender aqueles que se formaram em Medicina pela Faculdade de Medicina de Sergipe e que voltaram seus olhares para a carreira do magistério, atuando nesta mesma instituição, associando assim o ofício da medicina ao ofício da docência.

Ao pensar nesta prática é possível recorrer ao pesquisador José Gondra (2004), em sua obra “Artes de civilizar: Medicina, Higiene e educação escolar na corte imperial”, vem nos afirmar que a prática de associar a medicina à docência se revelou comum durante o período Imperial. No decurso da pesquisa o autor observou que: “De um tempo em que inexistia a figura do professor de medicina propriamente dito ao tempo em que esta figura foi instituída, é muito nítido o deslocamento no exercício do magistério médico” (GONDRA, 2004, p.74). O autor elegeu as representações médicas acerca da educação como objeto de sua investigação e, para tanto, analisou as teses escritas e defendidas por médicos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), entre o período de 1850 a 1890, além da leitura da legislação acerca da formação médica no período oitocentista, dos relatos de viajantes estrangeiros, da memória histórica das instituições, de jornais, boletins, dentre outras fontes. É importante ressaltar que, embora o marco temporal da pesquisa de Gondra esteja voltado para o período Imperial, a obra nos ajuda a refletir e a compreender como a ordem médica gestou o modelo de organização escolar com vistas a efetivar o programa de higienização da escola, um processo híbrido entre escolarizar e civilizar.

¹ Doravante, a Faculdade de Medicina de Sergipe será referenciada por meio da sigla FMS.

Quando a Faculdade de Medicina de Sergipe formou os seus primeiros médicos, em 1966, 45% dos formandos optaram em associar a medicina à docência (SILVA, 2012). Dentre estes, destaca-se, por exemplo, a médica e professora Zulmira Freire Rezende, a qual relatou em entrevista que após um ano de sua colação, em 1967, passou a atuar como professora da cadeira Farmacologia na FMS após ser convidada pelo Diretor da Faculdade, o médico Antônio Garcia Filho. A médica Zulmira se especializou em Endocrinologia e foi pioneira da Disciplina de Endocrinologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde lecionou durante trinta anos. Assim como ela, vários foram os médicos formados pela UFS que trilharam, e trilham pelos mesmos caminhos. Os caminhos das ciências médicas e da docência.

Na dissertação de Mestrado intitulada “Antônio Garcia Filho (1941-1999), um intelectual engajado”, procurou-se compreender as contribuições que esse personagem trouxe para o campo educacional sergipano através da análise de seus dados biográficos e de sua atuação política, médica e docente. As leituras interpretativas das fontes biobibliográficas, das fontes orais e fontes documentais resultaram em um texto oriundo do encontro entre pesquisadora e fontes. Os traços de Antônio Garcia Filho (AGF), suas ações e suas obras nortearam o caminho da história da educação de Sergipe. Foi preciso “olhar” tais fontes sob diversos ângulos e em cada um deles observar um capítulo da história de AGF, um registro marcado por um passado vivenciado e registrado no tempo, para só então conjecturar dois momentos de grande relevância para o campo educacional em Sergipe, considerados aqui como marcas deixadas em um determinado período e que mudaram o perfil da História, em Sergipe, no século XX.

O primeiro momento refere-se à fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe, em 1961, durante o governo do udenista² Luiz Garcia (1959-1962) que, ao criar a Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Saúde, convidou o médico Antônio Garcia Filho para assumir o cargo. O Secretário, engajado na fundação da FMS, se aliou à cúpula médica do Estado e criou oportunidades para que a Faculdade viesse cumprir um papel fundamental, não somente no desenvolvimento da construção no campo da história da Medicina em Sergipe, mas também para o campo educacional e social. Dentre as contribuições da FMS, podemos elencar a oportunidade de se cursar medicina em Sergipe, principalmente para aqueles com dificuldades econômicas para

²UDN (União Democrática Nacional) foi um partido político brasileiro fundado no dia 7 de abril de 1945. Os udenistas revelaram-se contrários às políticas e à figura de Getúlio Vargas. Até as eleições parlamentares de 1962, a União Democrática Nacional se configurava como a segunda maior bancada do Congresso Nacional, perdendo apenas para o Partido Trabalhista Brasileiro. Em Sergipe, o maior representante da UDN está na figura de Leandro Maciel, que foi eleito governador de 1955 a 1959 (BARRETO, 2005).

deslocar-se para outros estados³, e a viabilização de conhecimentos específicos, a exemplo de salubridade, de higiene e de sanitário. Para o campo social, a referida instituição educativa proporcionou a ampliação do quadro médico em Sergipe, ampliou o atendimento à comunidade carente, agregou um grupo de médicos com currículos mais qualificados⁴, possibilitou a criação de consultórios e clínicas particulares, desafogando e colaborando assim com a rede pública (SILVA, 2012). Assim, ao focarmos o olhar para essa direção é possível vislumbrar a função sócio educacional da FMS bem como a sua importância para a comunidade sergipana, uma vez que a sua contribuição vai além do ensino da Medicina. Todos esses aspectos, somados àqueles voltados a fundação da FMS (autorização e reconhecimento), o seu funcionamento, a sua infraestrutura, as cadeiras do curso, os seus docentes, a formatura da primeira turma em 1966, dentre outras questões, estão detalhadas no capítulo 2 da referida dissertação (Cf. SILVA, 2012). Sublinhamos que, em virtude da pesquisa acerca da fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe, realizada durante o mestrado, bem como uma breve contextualização das Faculdades de Sergipe criadas antes da FMS, não tratamos das referidas temáticas na tese em questão.

O segundo momento do estudo destina-se à fundação do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” (CRNG), em 1962, também pelo Secretário de Educação, Cultura e Saúde, Antonio Garcia Filho, que atentou para a necessidade de uma instituição educativa que proporcionasse uma formação consorciada à reabilitação física. Isto porque Sergipe contava com um número significativo de deficientes físicos, os quais não tinham a oportunidade de participar de um programa de reabilitação através da fisioterapia, tampouco a sua inclusão em uma sala escolar. O Centro vislumbrava a inclusão dos indivíduos deficientes na sociedade, inclusive preparando-os para o mercado de trabalho através das aulas práticas em oficinas de trabalhos manuais, a exemplo do desenho, da pintura, da xilogravura, dos ensinamentos em madeiras, metal, tapeçaria, couro, cestaria e cerâmica. Para seu fundador, o Centro esforçava-se “[...] para fazer o deficitário

³Durante a pesquisa do mestrado, todos os ex-alunos da FMS entrevistados afirmaram que um dos objetivos da fundação de uma Faculdade de Medicina em Sergipe seria dar oportunidade para os menos favorecidos economicamente de se cursar medicina no Estado. Na presente pesquisa de doutoramento, durante as entrevistas realizadas para perfilar os médicos docentes, perguntamos se a família teria condições financeiras de custar e mantê-los em outro estado para cursar medicina. O dado encontrado foi de que 65% das famílias não teriam tais recursos.

⁴ O tema Currículo é objeto de compreensão no capítulo 2, onde há uma seção em que apresentamos e interpretamos a produção literária e científica de alguns dos professores fundadores da FMS. Após encontrar os currículos de alguns médicos docentes no Arquivo Geral da UFS, verificamos participação em diversos cursos de especialização, Seminários e Congressos, inclusive em âmbito internacional. Percebemos também várias publicações em revistas e periódicos, a maioria voltada para temas relacionados aos desvios anatômico e/ou fisiológico, especialmente aquelas voltadas às doenças tropicais, infecciosas e parasitárias, que acometiam a sociedade sergipana naquele período.

encontrar-se a si mesmo, descobrir suas potencialidades, preparar-se para a vida diária, recuperar-se dos defeitos existentes [sic], enchendo-se de Esperança e Confiança em si mesmo”. (GARCIA FILHO, 1966, p.13). No capítulo 2 da dissertação, da seção 2.6 a seção 2.10, o foco foi sobre a Escola de Cegos, a primeira tentativa de uma educação especial em Sergipe; a fundação; as dependências físicas e estruturais; a organização administrativa e sobre a função social e educacional do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” (Cf. SILVA, 2012).

Ao longo do estudo, buscamos compor o sujeito aqui estudado pelas entrevistas, pela história contada e pela história registrada, entrelaçando vida e obra. Tal investigação possibilitou identificar a vida do médico, do político, do professor, do poeta, do compositor, do literato e do agente cultural, Antonio Garcia Filho, como um intelectual engajado na causa da educação, para além da saúde dos sergipanos, pois com essas instituições educativas ele contribuiu com a promoção educacional do Estado, ora formando médicos, ora promovendo as capacitações dos cidadãos deficientes assistidos pelo Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”. Tais obras, consideradas aqui como frutos de seu engajamento, deixaram marcas na conjuntura social-educacional e histórica de Sergipe. Foi por suas ações e atuações que aquele intelectual, embora se configurasse como uma pessoa comum, contribuiu para mudar o curso da história da medicina e da educação em Sergipe.

É importante ressaltar que, ao eleger pesquisar e compreender os médicos docentes formados pela Faculdade de Medicina de Sergipe, essa pesquisa enquadrou-se na perspectiva do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior – GREPHES⁵, o qual é liderado

⁵ Entre as pesquisas já produzidas pelo GREPHES, temos as monografias: “Educação e Cultura: aspectos desenvolvidos pela Professora Albertina Brasil em Sergipe”, de Ana Paula Soares Lima; “Construção do primeiro campus universitário de Sergipe (1972-1980)”, de Cora Linhares dos Santos; “A Educação e o professor na ‘Didática Magna’”, de Andréia Bispo dos Santos; “Da selvageria à civilização: Educação, Disciplina e Moral na obra ‘Sobre a Pedagogia’”, de Irla Ulliane Pereira Felix. Dissertações já defendidas: “O círculo operário católico em Sergipe: práticas educativas e organização da cultura operária (1935-1969)”, de Gilvan Victor dos Santos; “Uma história do curso de ciências biológicas da Universidade Federal de Sergipe: para que? o quê para quem? como? (1969-1983)”, de Kátia de Araújo Carmo; “Patrimônio cultural e educação: um estudo das representações sobre educação patrimonial desenvolvidas em Aracaju-se (1985-1991)”, de Luana Silva Boamorte de Matos; “As contribuições do professor sergipano Felte Bezerra para a disciplina etnografia do Brasil na Faculdade Católica de Sergipe (1953-1956)”, de Anna Karla de Melo e Silva; “Entre fatos e relatos: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na educação sergipana (1960-1991)”, de Ane Rose Maciel; “Vinde a mim os pequeninos: História da educação de crianças desamparadas na Instituição Educativa Espírita (1947-1992)”, de Rosimeire Siqueira. Dissertação em andamento: “A história do ensino da Odontologia em Sergipe (1925-1975)”, de Danilo Mota de Jesus. Quanto às teses em andamento, temos: “História dos livros didáticos de espanhol publicados no Brasil (1919-1961)”, de Anselmo Guimarães; “O gênero biográfico no ensino das artes visuais: uma abordagem educacional sobre a vida e a pintura de José de Dome (1921-1982)”, de Luiz Fernando Cajueiro; “Escolas Públicas Primárias no Município de Nossa Senhora das Dores (SE) – 189/1959”, de José Lima Santana. Em que pese aqui algumas pesquisas não se encontrarem afinadas aos objetivos do GREPHES, achei importante mencioná-las uma vez que os

pela Dra. Josefa Eliana Souza, membro do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS. Esse Grupo de estudos tem por objetivo investigar e compreender as transformações históricas ocorridas no âmbito do ensino superior no Brasil, sejam em instituições públicas ou privadas, tendo como foco principal a Universidade Federal de Sergipe/UFS. Além da história da criação dessa instituição, o GREPHES busca investigar e compreender temas como: trajetórias de intelectuais da educação; representações; práticas pedagógicas; criação, circulação e difusão de impressos da UFS, bem como de outras instituições superiores. Além das pesquisas mencionadas, o GREPHES também vem produzindo trabalhos bibliográficos, a exemplo da obra intitulada “História e Memória: Universidade Federal de Sergipe (1968-2012)”, que teve como objetivo “[...] narrar o processo que conduziu a implantação da Universidade Federal de Sergipe, a construção da cidade universitária, o crescimento acadêmico e a expansão física da UFS, pelo interior de Sergipe, por meio do ensino a distância ou presencial”. (SOUZA, 2015, p. 24)

Por certo, estudar aqueles que se formaram em Medicina pela Faculdade de Medicina de Sergipe, entre das décadas de 1966 e 1973, e que voltaram seus olhares para a carreira do magistério, atuando nesta mesma instituição, nos levará a compreender a contribuição de médicos docentes para o campo educacional em Sergipe. Vale ressaltar que alguns docentes foram alunos do precursor da Faculdade de Medicina de Sergipe, qual seja, Antonio Garcia Filho. Durante aqueles sete anos, passaram pela FMS 136 médicos, a qual teve por devir formar profissionais da saúde levando assim o Estado a formar outros médicos.

Assim, levando em consideração o que foi exposto, pretende-se, com esse estudo, encontrar respostas para as seguintes questões norteadoras: Quais deles consorciaram⁶ a medicina ao magistério e por quê?; A medicina em Sergipe acompanhou o discurso de modernização⁷

estudos de alguns membros já se encontravam em andamento e que por isso a líder do grupo resolveu assumir o compromisso de orientação.

⁶ Consórcio é um termo que comporta várias definições. Sua origem é latina e também significa parceria, associação ou sociedade. Aqui na pesquisa o termo é utilizado em alusão a união entre a profissão de médico e professor.

⁷ Modernização é o feito de modernizar, ou seja, acompanhar a evolução e as tendências do mundo atual. Para Castilho (2010, p. 127) “A teoria da modernização está associada diretamente à teoria da sociedade industrial. O conceito de modernização, nesse sentido, é abrangente, já que está relacionado a um conjunto de transformações que se processam nos meios de produção, mas também na estrutura econômica, política e cultural de um território”. Em suma, levando-se em consideração a complexidade e amplitude do conceito de modernização, utilizamos tal termo para no referir a “atualização” de novas técnicas médicas, novas especialidades médicas, novos conceitos e teorias, novos equipamentos/instrumentos para diagnósticos clínicos no campo médico sergipano, em consonância com o que era de moderno, para aquela época, na área da medicina, comparando-se aos grandes centros, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

fomentado nos principais núcleos médicos do país (Rio de Janeiro e São Paulo)? O campo médico (assistência médica) em Sergipe atendia aos preceitos da medicina moderna?; Sergipe investiu em métodos de controle político-médico/científico e modificação dos elementos urbanos capazes de favorecer a saúde?; Quais foram os principais médicos docentes fundadores da FMS e a influência destes para a formação da nova geração de médicos?; Havia espaços/meios específicos para o debate e fomentação de pesquisas médico-científicas? Quais?; As especialidades/campo de atuação dos médicos docentes da FMS influenciaram na formação/especialidade da nova geração de médicos? Tais especialidades médicas, que não eram comuns aqui em Sergipe no período em questão (1966-1973), contribuíram para a modernização no campo da saúde?

As questões mencionadas acima nos ajudaram a compreender a constituição do campo médico e a compor o perfil dos personagens que compõem a pesquisa. Assim, ao perfilar essa geração de médicos pudemos verificar as semelhanças e dessemelhanças entre os indivíduos e, a partir daí, compomos o perfil do grupo. Sublinhamos que adotamos os termos “perfilar”, “perfis biográficos” e “micro biografias” para tratar das trajetórias dos médicos docentes uma vez que há diferença conceitual em relação ao termo biografia. Vilas Boas (2003), em sua obra “Perfis: e como escrevê-los”, afirma que, nas biografias, “[...] os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta, tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo [...]” (VILAS BOAS, 2003, p. 13). É nesse sentido que buscamos delinear as trajetórias desses sujeitos, ou seja, buscando recortes cronológicos voltados para a vida profissional.

As hipóteses da pesquisa são as seguintes: 1- é a de que existia uma oferta no campo da educação médica que fez com que essa geração de médicos voltasse seus olhares para o magistério; 2- Os ramos parcelares do saber médico os levaram a especializar-se em determinadas áreas da medicina. Para tanto, o marco temporal foi delimitado entre os anos de 1966 e 1973. O recorte cronológico destaca o ano de 1966 por corresponder ao ano da formatura da primeira turma em medicina, e vai até 1973, quando se forma a primeira turma do curso de Odontologia, o segundo curso ofertado na área da saúde. Agora, além dos profissionais da medicina, havia também os profissionais da Odontologia, igualmente habilitados a consorciar a profissão ao magistério, pois eles também estudaram uma parte das Ciências Biológicas a qual

era prevista na grade curricular por meio das disciplinas e práticas inerentes ao curso, passando assim a ampliar a demanda docente. Durante esse período, conforme já mencionado, 136 médicos se formaram, os quais compunham a base inicial dessa pesquisa.

Embora o marco temporal da pesquisa esteja voltado para o século XX, período ao qual remetemos a História do Tempo Presente, grosso modo, a história próxima, foi neste século que a Faculdade de Medicina de Sergipe foi fundada. Ainda há poucas reflexões acerca da epistemologia da História do Tempo Presente quanto ao início dessa abordagem ou quanto à data mais apropriada. No entanto, em entrevista concedida a Arend e Macedo (2009), o historiador Henry Rouso afirmou que a história próxima pode ser entendida ou arremetida a um século, neste caso, o século XX. Ainda, segundo o historiador, pode ser definida, no sentido etimológico do termo, como sendo uma História:

[...] na qual o historiador investiga um tempo que é o seu próprio tempo com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua. A partir de uma compreensão sobre uma época que não é simplesmente a compreensão de um passado distante, mas uma compreensão que vem de uma experiência da qual ele participa como todos os outros indivíduos. (ROUSSO, 2009, p. 202).

Levando-se em consideração tal conceito, são vários os pesquisadores que vêm redimensionando seus olhares e adotando objetos de estudos do século XX, e nós não fizemos diferente ao elegermos os médicos docentes, formados no período proposto para investigação, para compor o objeto de estudo desta pesquisa. Embora nós já tenhamos ouvido em alguns debates que registrar a história de seu próprio tempo seja um “terreno movediço” e que é visto com desconfiança entre muitos historiadores – por acreditarem que a história se delibera pela distância temporal entre o historiador e o seu objeto de pesquisa –, ainda assim percebe-se que não devemos deixar de analisar os acontecimentos, mesmo diante da proximidade dos fatos ou da ausência de um recuo.

Em Sergipe foram vários os acontecimentos os quais podemos remeter ao tempo presente, e que trouxeram contribuições, não somente para o campo da história, mas, sobretudo, para o campo educacional. Um exemplo disso é a presença do ensino superior em Sergipe, sendo necessário destacar que, até 1941, o estado contava apenas com uma instituição, o Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus. Tal instituição, fundada em 1913, tinha dentre outras incumbências a de formar os seus alunos bacharéis em Ciências Eclesiásticas, ou seja, o Seminário introduziu as chamadas Aulas Maiores, equivalentes, para a sociedade, ao curso

superior. (BARRETO, 2004c). A partir do ano de 1947, Sergipe acompanhou o processo de desenvolvimento industrial e educacional e contemplou a sociedade com duas faculdades, a de Ciências Econômicas de Sergipe (1948) e a Faculdade de Química de Sergipe (1950). (SOUZA, 2015).

Após a segunda Guerra Mundial, em meio ao clima de efervescência política, cultural e tecnológica, foi fundada a Faculdade de Direito de Sergipe e a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – FCFSE, e sua mantenedora (Sociedade de Cultura Sergipana), ambas em 1950. Em 1954, aproveitando a época de investimento institucional e valorização intelectual, foi criada a quinta faculdade isolada do Estado, a Faculdade de Serviço Social. (SOUZA, 2015). E, por fim, completando o quadro do ensino superior em Sergipe, foi implantada a Faculdade de Medicina, em 1961 que, junto com as demais Faculdades, propiciou a instalação da Fundação Universidade Federal de Sergipe. Com a criação do curso de Odontologia, em 1970, e do curso de Ciências Biológicas (CB), em 1972, passou a denominar-se Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Federal de Sergipe. Em 1979, com a reforma administrativa, passou a compor, com outros cursos, o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS).

Enquanto a estrutura física da Faculdade de Medicina de Sergipe ia se edificando, alguns médicos que iriam compor o quadro docente da FMS viajaram até a Faculdade de Medicina do Recife para realizarem cursos de especialização e formação complementar para a aquisição de habilidades técnicas⁸, a exemplo dos médicos Antônio Garcia, Lourival Bomfim e Volmer Bomfim, que ficaram incumbidos de lecionar, respectivamente, as disciplinas: Bioquímica, Biofísica e Farmacologia (SILVA, 2012). Com o advento de novos cursos e dada a necessidade local de profissionais docentes para ministrar o ensino das ciências básicas, muitos desses médicos docentes da FMS passaram a atuar também nos cursos de Odontologia e de Ciências Biológicas.

Na tentativa de atender a demanda do processo de seleção do vestibular de 1972 para o curso de Ciências Biológicas, boa parte dos professores foi convidada de outros estados brasileiros. No entanto, além da estratégia não suprir o déficit, alguns professores que ministravam as disciplinas básicas na Faculdade de Ciências Médicas apresentavam deficiência na experiência junto às aulas práticas (CARMO, 2011). Frente à situação, na tentativa de sanar o

⁸ O termo habilidade técnica utilizado no texto refere-se ao aperfeiçoamento prático para ministrar determinadas disciplinas, a exemplo de Bioquímica, Biofísica e Farmácia, que necessitam de aulas laboratoriais, com manuseios de materiais e aplicação de métodos para executar determinadas práticas experimentais.

problema, o médico, professor e diretor, Nestor Piva, expôs duas possíveis soluções: a solicitação/convite de professores de outros Estados a fim de garantir a mão de obra especializada e o aumento da carga horária dos docentes, os quais já atuavam na Universidade Federal de Sergipe. Tal fato desencadeou a elevação dos custos financeiros para a instituição (CARMO, 2011).

O que percebemos é que, após 11 anos da fundação da FMS, aqueles que compuseram o departamento de Ciências Médicas – na época composto pelo curso de Medicina, Odontologia e Ciência Biológicas (1972) – apresentaram a mesma preocupação da equipe técnica e diretiva da Faculdade de Medicina de Sergipe, em 1961, qual seja, formar profissionais para a área da saúde e para o magistério. O fato é que, em 1975, o curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Médicas da UFS formou a sua primeira turma e “[...] pôde colocar no mercado de trabalho os primeiros biólogos de solo sergipano” (CARMO, 2011, p. 61). Kátia de Araújo Carmo aprofundou em sua dissertação de Mestrado em Educação, cujo objeto foi a história do curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Sergipe, que:

[...] a relação entre os cursos de Ciências Biológicas e Medicina era bem mais estreita do que à primeira vista se percebia [sic]. Além de compartilharem o grupo de disciplinas básicas, compartilhavam os professores, os materiais de ensino e o espaço físico dentro do Instituto de Biologia da UFS; pois o curso de Ciências Biológicas, criado em 1972, já surgiu tendo como uma de suas funções a de formar professores para cursos superiores das áreas de Biociências que necessitavam de docentes. (CARMO, 2011, p.45).

Tais entraves podem ser considerados fortes indícios para que os médicos recém-formados redimensionassem seus olhares para o magistério. Assim, nos coube questionar: Tal fato ocorreu apenas em Sergipe ou era uma prática comum em outros estados? Conforme já mencionado por Gondra (2004), era nítido o deslocamento e o consórcio do ofício de médico ao magistério, uma vez que não havia, no período Imperial, a figura do professor de medicina, especificamente. No entanto, nos interessa saber a ocorrência em um período mais recente, por exemplo, a partir da fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe (1961) e demais cursos das Ciências Médicas, como Odontologia (1970) e Ciências Biológicas (1972). Após algumas pesquisas e leituras realizadas encontramos trabalhos⁹ que versam acerca de médicos que

⁹ “A consagração das vanguardas: memória e biografia coletivas das práticas científicas na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp”, de Miguel Ângelo Montagner; “Mulheres e trajetórias na Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP: vozes singulares e imagens coletivas”, de Maria Inez Montagner.

adentraram ao mundo acadêmico, mas não relatam o motivo que os levaram a consorciar ambas as profissões: se havia uma necessidade do campo, ou por vocação, por exemplo. Nada específico que comprove uma similaridade ao que ocorreu em Sergipe.

O fato é que, em Sergipe, observamos que alguns dos médicos formados na primeira turma de Medicina (1966), a exemplo de Antônio Leite Cruz, Lydia Mesquita Salviano e de Zulmira Freire Rezende, se engajaram em determinadas áreas específicas da medicina e fizeram especializações no sentido de contribuir, não somente para o campo da saúde, mas também para o campo educacional. Além de associar a profissão médica ao magistério, esses médicos também estiveram à frente da direção de algumas instituições hospitalares de Sergipe, como foi o caso da médica Lydia Salviano que, em 1974, exerceu a função de Diretora da antiga maternidade Hildete Falcão Batista, em Aracaju (SANTANA *et al.*, 2009). Destacamos ainda o médico, o professor e o escritor Eduardo Antonio Conde Garcia, formado na primeira turma de médicos após a consolidação das faculdades isoladas e a constituição da Universidade Federal de Sergipe, em 1968. Dr. Eduardo Garcia, além de associar a docência ao ofício da medicina, foi também Reitor da Universidade Federal de Sergipe entre os anos de 1984 a 1988 (SOUZA, 2015).

Assim sendo, levando-se em consideração o itinerário dos médicos mencionados, a Faculdade de Medicina de Sergipe teve um papel fundamental não somente no desenvolvimento da construção no campo da história da Medicina em Sergipe, mas também para o campo educacional. A partir deste entendimento, vamos perfilar determinados atores sociais que deixaram marcas no tempo em dado período histórico, trazendo à tona as nuances que os cercavam, como por exemplo, as instituições educacionais, médicas, científicas e literárias frequentadas por aqueles médicos docentes. Em Sergipe são muitos os médicos que ocupam uma posição proeminente na historiografia educacional, mas que ainda não tiveram seus nomes revelados, ocupando apenas um espaço na memória de familiares e amigos.

As pesquisas documentais, biobibliográficas e bibliográficas se revelaram para nós um campo de significações, e que nos levaram a reviver um passado e restaurar um esquecimento não somente de atores sociais, mas também de suas ações as quais ficaram “perdidas” em um determinado “tempo” da história, que iremos identificar, analisar e interpretar tendo estas instituições como básicas em nossa pesquisa: o Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe, o arquivo do Hospital de Cirurgia, o acervo da Academia Sergipana de Medicina, o acervo da Sociedade Médica de Sergipe, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o Instituto

Tobias Barreto de Educação e Cultura, bem como a biblioteca da Universidade Federal de Sergipe, a Biblioteca Pública Epifânio Dórea e a biblioteca da Universidade Tiradentes. Além de dar corpo e significado ao estudo, pretendemos, através de fontes como: os documentos legais; os artigos de jornais sergipanos, a exemplo do Sergipe Jornal, A Cruzada, Gazeta Sergipe, Jornal da Cidade e o Cinform; das Revistas da Sociedade Médica de Sergipe (SOMESE) e ainda as entrevistas concedidas pelos médicos que compõem a pesquisa, bem como de seus familiares, de amigos e de ex-alunos, desenvolver o estudo de modo a responder os questionamentos e alcançar os objetivos propostos.

Outras fontes também foram consultadas, a exemplo das dissertações e teses afinadas com o tema da pesquisa, sobretudo aquelas que tratam dos estudos prosopográficos da História dos intelectuais da Educação, da História da Educação e da História Cultural, pois faz parte do ofício encontrar subsídios em tais leituras a fim de redimensionar o olhar. Pretendemos, ainda, nos apoiar nos estudos de Charle (2006), na esperança de compreender a prosopografia, conhecida também como o estudo das biografias coletivas; e de Sirinelli (1996, 1997) o qual nos leva a refletir acerca da História dos Intelectuais e a analisar o perfil do indivíduo a partir da utilização do conceito de intelectual; além das estruturas de sociabilidade compostas por redes e “microclimas” e “microcosmo”.

ESTUDOS PROSOPOGRÁFICOS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A introdução do método prosopográfico na história atual é uma ferramenta útil aplicada pelos pressupostos da História Cultural, o qual vem retendo cada vez mais a atenção dos historiadores. Segundo Le Goff (1996, p. 52), é um modo “de continuar a fazer história por outros meios”, analisando os atores sociais, sejam eles célebres ou não, como personagens distintos e individuais, mas inseridos em um grupo que apresentem um conjunto de questões uniformes, considerados como reveladores de uma época. Seu primeiro uso data de 1743, portanto, segundo Stone (2011), a prosopografia tem uma longa história. No entanto, é a partir dos últimos 40 anos que a prática da biografia coletiva (conforme os historiadores modernos) ou a prosopografia (conforme os historiadores antigos) “[...] desenvolveu-se como uma das mais valiosas e familiares técnicas do pesquisador histórico” (STONE, 2011, p.115).

Fundamentalmente, foi preciso redimensionar o olhar e apreender os apontamentos e reflexões acerca de temas afinados aos da pesquisa em questão. Portanto, realizamos um levantamento sobre os estudos prosopográficos ou biografias coletivas que estivessem voltados à compreensão de um determinado grupo de intelectuais, sobretudo aqueles que atuaram no campo da educação, da saúde e da política, afinados assim com o tema em questão, sejam eles no âmbito internacional, nacional ou local. Tais levantamentos foram realizados no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Programa de Pós Graduação em Educação da UFS (PPGED), no Programa de Pós Graduação em História da UFS (PROHIS), no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), na Revista Brasileira de História da Educação (RBHE), na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), além de obras volvidas pelo tema.

Por certo, as pesquisas prosopográficas voltadas para o estudo das dinâmicas das elites, sejam elas profissionais, políticas ou sociais, vêm ocupando uma posição proeminente na historiografia educacional. Dentre os pesquisadores que se debruçam sobre o tema podemos citar o historiador francês Christophe Charle, o qual vem se destacando por suas pesquisas acerca da composição e das transformações das elites europeias, entre o final do século XIX e o início do XX. Na obra “Por outra história das elites” (2006), Flávio Heinz, organizador, nos traz dois textos do francês Charle, “[...] um dos mais conhecidos historiadores contemporâneos a investir no tema da história social das elites através da perspectiva prosopográfica [...]” (HEINZ, 2006, p. 13), o qual nos mostra um vasto panorama historiográfico da área. Além disso, a obra também traz à tona estudos prosopográficos de diversos pesquisadores, dentre eles brasileiros, argentinos e canadenses. Os estudos, portanto, nos apresentam situações acerca da instrumentalização metodológica da prosopografia, em sua grande parte, voltada à análise de elites políticas ou de grupos que atuaram no campo político.

Neste rol, consta a pesquisa de Marcela Ferrari, “Dirigentes políticos cordobeses nos tempos da república verdadeira, 1916-30: uma aproximação prosopográfica”, publicada em 2006. A autora apresenta como objetivo analisar o perfil das elites políticas provenientes da província de Córdoba confirmadas em seus postos por eleições nacionais entre 1916 e 1930. Ferrari (2006) ressalta a importância de se utilizar o método prosopográfico para compor a trajetória de 129 atores sociais, os quais ocuparam 154 cargos políticos, levando-se em consideração as eleições e as reeleições, pois tal método lhe permitiu “[...] observar a evolução de variáveis que contribuem

para a explicação dos perfis dos membros das elites que se desenvolvem no espaço político” (FERRARI, 2006, p.145). A autora apostou em algumas variáveis prosopográficas acreditando que a análise destas, aliadas a outras fontes, poderiam lhe trazer algumas informações relevantes, como, por exemplo, a respeito das características que distinguiam os membros que compõem o grupo; de que forma ocorria a promoção política; e se existiam diferenças na composição das elites radicais e democratas. Dentre algumas conclusões levantadas por Ferrari (2006), destaca-se aquela voltada para o recrutamento e composição das elites:

[...] acreditamos que as condições dadas pela idade dos indivíduos, o nível escolar, a ocupação ou a inserção social não bastavam para construir os representantes. [...] era dentro do universo dos partidos que se operava a seleção da direção. Filiar-se a um partido, realizar em seu interior um *cursus honorum*, percorrendo cargos nos comitês de base local, seccional ou departamental, para depois projetar-se em outros de alcance provincial, eram as instâncias-chave para ser selecionado e projetado nas esferas de representação nacionais (FERRARI, 2006, p.173).

Outro estudo de fôlego e que segue pelo viés do método prosopográfico é a pesquisa dos historiadores Fernande Roy e Jocelyn Saint-Pierre, cujo título é “A alta redação dos jornais de Quebec (1850 – 1920)”, publicado em 2006. Os pesquisadores se propuseram a compreender um conjunto de jornalistas em posição de destaque, os quais eram encarregados de divulgar as informações e as ideologias veiculadas por eles, além das condições de exercício de sua profissão, na província de Quebec. Os termos “alta redação” e “jornalistas em posição de destaque”, utilizados pelos autores referem-se aos profissionais da direção responsáveis pelo conteúdo do jornal, ou seja, pela produção intelectual. Na concepção de Roy e Saint-Pierre (2006, p. 205), o objetivo da prosopografia “[...] consiste em, através do estudo do singular, conhecer o ‘singular plural’”, ou seja, conhecer um determinado grupo social em seu conjunto. Para tanto, os autores selecionaram 90 jornais resultando assim em 169 membros da alta redação dos diários e, em seguida, definiram 40 campos os quais contemplam etapas da vida e da carreira dos jornalistas. Após a análise prosopográfica, os autores afirmam que os profissionais envolvidos na alta redação dos jornais, aqueles publicados antes de 1920, constituem uma elite cultural no interior da sociedade de Quebec. Afiançam ainda que:

Os jornais são confiados a jornalistas instruídos, provavelmente letrados, e experientes. [...]. Além disso, a alta redação dos jornais é, ao longo de todo o período, e apesar de uma ligeira tendência de baixa, inseparável da política. Parece-nos, portanto, impossível acreditar que o aparecimento, na virada do

século, da imprensa dita de informação tenha eliminado o caráter engajado da imprensa. Ao contrário, a política continua certamente a desempenhar um papel central no interior da imprensa diária (ROY; SAINT-PIERRE, 2006, p. 219).

Além de organizador da obra, o pesquisador Flávio Heinz¹⁰ também entrou como autor de um dos estudos cujo título é “Elites rurais entre representações e política: exercício prosopográfico”. Heinz delineia uma biografia coletiva dos dirigentes patronais rurais no Brasil dos anos do pós-guerra articulando a definição dos perfis das elites associativas com a dinâmica do espaço político, relacionando uma provável ligação entre o mundo da política e aquele da representação dos interesses econômicos e sociais. Além de versar acerca da conjuntura política e social do período, o autor perpassa pela criação de duas entidades patronais agrícolas voltadas aos interesses de proprietários rurais: a Sociedade Rural Brasileira (SRB), fundada em 1919, e a Confederação Rural Brasileira (CRB), criada em 1951. Heinz (2006, p.130) afirma que “A biografia coletiva dos dirigentes nos permite compreender o perfil social dessas entidades e esclarece sobre a existência de vínculos desses dirigentes com o setor político”. Para tanto, a população original para compor a pesquisa foi constituída pelo conjunto dos dirigentes (diretores, vice-presidentes, presidentes e membros dos conselhos superiores e consultivos) de ambas as entidades. O autor ainda esclarece que, para a SRB, adotou o período que corresponde de 1949 a 1966, totalizando uma amostra de 27 indivíduos e; para a CRB, adotou o período de 1951 a 1967, perfazendo o total de 64 indivíduos. Das fontes utilizadas por Heinz, constam: o “Dicionário histórico-biográfico brasileiro”, o “Repertório biográfico dos deputados brasileiros”, o “Who’s who in Brazil e Who’s who in Latin América”, necrológios, dentre outras.

Para compreender o perfil social dos dirigentes das organizações, Heinz adotou alguns parâmetros, a exemplo de: quem foram os representantes dos fazendeiros, se possuíram diplomas superiores, qual foi a formação e identidade profissional, se estudaram no exterior, se houve vínculo em carreira pública, o vínculo regional e representação, dentre outros. Após utilizar os dados biográficos e a instrumentalização metodológica da prosopografia, o autor afirma que:

¹⁰ O professor e pesquisador Flávio Madureira Heinz tem se debruçado aos estudos das elites brasileiras bem como ao método prosopográfico. Dentre várias pesquisas que abordam os referidos temas, elenco aqui algumas orientadas por ele: Trajetória de uma elite regional: empresários e famílias de empresários de Santa Cruz do Sul, 1905-1966; Elites estatais no Sul do Brasil: prosopografia e história social da alta administração pública republicana no Rio Grande do Sul, (1889-1945); Prosopografia dos egressos da Escola de Engenharia de Porto Alegre: carreira, política e formação de uma elite técnica no sul do Brasil, 1896-1945; Elites Rio-Grandenses e política nacional: estudo prosopográfico; dentre outros.

Os representantes situados nas posições de direção das entidades das elites proprietárias apresentavam um importante capital social, econômico e político social. Para alguns deles, era a combinação equilibrada desses diferentes capitais e sua projeção e valorização em uma carreira pública que determinavam o seu peso político e sindical. Em outros casos, foi a prevalência de um tipo específico de capital que assegurou o acesso a postos de responsabilidade na estrutura sindical (HEINZ, 2006, p. 140).

As biografias coletivas, no âmbito nacional, também têm despertado o olhar de alguns pesquisadores os quais vêm elegendo a prosopografia como tema de estudos em cursos de *stricto sensu* evidenciando não somente a contribuição, mas também a constituição de um determinado grupo, contribuindo, assim, para a historiografia brasileira. Um desses pesquisadores é Miguel Ângelo Montagner com sua tese de doutorado “A consagração das vanguardas: memória e biografia coletivas das práticas científicas na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp”, a qual foi defendida em 2007 pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Através dos conceitos de *habitus* e de trajetórias coletivas de Bourdieu, memória coletiva de Halbwachs, de intelectual de Sirinelli, Montagner (2007) se propôs a compreender, relacionar e delinear a formação dos *habitus* científicos dos professores/pesquisadores da pós-graduação da FCM da Unicamp, utilizando para tanto as narrativas, o banco de dados da Plataforma Lattes e o Sistema de Informação de Pesquisa e Extensão (SIPEX). Após analisar algumas variáveis prosopográficas, sobretudo aquelas voltadas para a produção científica desses docentes, uma das conclusões que Montagner chegou foi que:

[...] o cientista é um investidor, um ‘prático’, que busca o retorno de seu trabalho, de forma constante, para acumular esse capital que representa o conjunto de elementos materiais que lhe permitem manter ou elevar sua posição na arena científica (MONTAGNER, 2007, p. 416).

A pesquisadora Vanessa Magalhães da Silva também enveredou pelo método prosopográfico com sua dissertação “No embalo das redes: cultura, intelectualidade, política e sociabilidades na Bahia (1941-1950)”, defendida em 2010 pelo Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia. O propósito de Silva (2010) foi analisar as trajetórias dos professores fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia (FFB) e sua relação com as instituições de saber na Bahia estado-novista, focando, sobretudo, em suas atuações e em suas redes de sociabilidades das quais esse grupo fazia parte. Segundo ela, muitos dos professores que compuseram o quadro docente eram

formados em medicina, advocacia e engenharia e chegaram a lecionar disciplinas na FFB e, geralmente, não apresentavam semelhanças com sua área de saber/formação. Silva (2010) se apoiou nos estudos da Nova História Política, de René Rémond, e da História dos Intelectuais, de Sirinelli pois, segundo ela, a Nova História Política, congregada às biografias coletivas, trouxe contribuições para o trabalho historiográfico tendo em vista as possibilidades de análises em torno da História Intelectual. Através de sua pesquisa, Silva (2010), constatou que os docentes analisados não atuavam em apenas um espaço, tampouco apresentavam uma só profissão. Concluiu ainda que:

Eram, a um só tempo, professores, jornalistas, escritores, alguns políticos. Estavam envolvidos em mais de uma atividade, ministravam aulas em duas, três ou mais unidades de ensino. Tanto que, a documentação encontrada sobre as opções de escolhas de cargos, por conta da lei de desacumulação, é inúmera. A criação do novo espaço de saber da Bahia, a Faculdade de Filosofia, não surgiu como um novo ambiente de práticas locais, mas para além dessa criação, houve uma extensão dos espaços intelectuais (SILVA, 2010, p. 196).

Para desenvolver os estudos mencionados, os pesquisadores buscaram uma identificação do perfil dos seus sujeitos, lançando mão do método prosopográfico, metodologia a qual permite ao historiador compreender as relações de um determinado grupo na sociedade da qual faz parte, além de analisar as suas ações e as suas representações no meio em que está inserido, seja na conjuntura educacional, cultural, política, econômica e social, no entanto, sem perder a noção do individual, do particular e do singular do indivíduo. Assim como estes trabalhos elucidados aqui, vários outros estudos têm, não só colaborado com a abordagem historiográfica, mas, sobretudo, com a construção e materialização de um campo de estudo voltado para a revelação de perfis sociais de determinados grupos, “[...] além de ajudar a explicar a mudança ideológica cultural, identificar a realidade social, descrever e analisar com precisão a estrutura da sociedade e o grau e a natureza dos movimentos que se dão no seu interior” (HEINZ, 2006, p. 9).

As biografias coletivas em Sergipe: entre verbetes e perfis biográficos

Com o advento da História Cultural, a biografia não só retomou fôlego como também passou a dar ênfase na abordagem prosopográfica. O método histórico passou a fazer parte da produção historiográfica e vem se tornando uma prática cada vez mais comum entre os pesquisadores. Em Sergipe, no entanto, constatamos que tal prática ainda se manifesta de forma acanhada. Isto porque, ao tentar realizar o ofício de historiador e ir à procura de referências,

percebemos o limitado número de trabalhos que abordam a temática “biografias coletivas”, sendo mais comum encontrar os dicionários biográficos. O primeiro dicionário de que tem notícias é da obra, seriada, intitulada de “Brasileiros Ilustres”, de autoria do professor Manoel Liberato Bittencourt (1869-1948)¹¹. O primeiro volume foi publicado em 1913 e recebeu o título de “Homens do Brasil – Sergipe”, o qual versou em suas 216 páginas a “[...] vida e obras dos vultos notáveis, em todos os ramos da atividade e do saber, de 1500 aos nossos dias” (BITTENCOURT, 1913 *apud* BARRETO, s/d, p.7). O objetivo do professor Bittencourt era publicar vários ensaios, cada qual voltado a um Estado do Brasil, para “[...] ensinar o lidador de amanhã, em cada Estado do Brasil, a respeitar e bem querer os grandes cidadãos de ontem e de hoje” (BITTENCOURT, 1913 *apud* BARRETO, s/d, p.8). Assim, para o jornalista e historiador Luiz Antônio Barreto, “Homens do Brasil – Sergipe”, por ser uma obra pioneira no que concernem as biografias “[...] é um trabalho desbravador, que abre caminho a Armindo Guaraná, por exemplo, que se valeu muito do livro de Liberato Bittencourt” (BARRETO, s/d, p.4).

Após 12 anos da publicação do ensaio “Homens do Brasil – Sergipe”, do professor Bittencourt, foi lançado postumamente em 1925 o Dicionário Biobibliográfico Sergipano, de Manoel Armindo Cordeiro Guaraná¹² (1848-1925). A obra reuniu 647 verbetes biográficos e teve extensa contribuição para a reconstituição da história da intelectualidade sergipana entre o final do século XIX e o início do XX. Depois da publicação da obra de Armindo Guaraná não encontramos vestígios que nos levassem até outras pesquisas voltadas também para as biografias. Após 46 anos da publicação do Dicionário Biobibliográfico Sergipano, encontramos a obra de Jackson da Silva Lima o qual publicou o primeiro volume da “História da Literatura Sergipana” em 1971. O autor versou sobre as primeiras manifestações literárias de Sergipe, a gênese, a trajetória e as peculiaridades da literatura, sobretudo as biografias de autores sergipanos, ligados

¹¹ Manoel Liberato Bittencourt nasceu em 30 de outubro de 1869, na antiga cidade do Desterro, hoje Florianópolis. O Bittencourt estudou na Escola Militar, no Rio de Janeiro, da qual se tornou docente a partir de 1902, ministrando as cadeiras Mineralogia e Botânica. Casou-se com Isaura de Oliveira Policiano, natural de Laranjeiras/Sergipe, um dos motivos que levou Liberato Bittencourt a ter relações estreitas com a intelectualidade sergipana. Faleceu em 14 de dezembro de 1948, no Rio de Janeiro. (BARRETO, s/d, p.4).

¹² Manoel Armindo Cordeiro Guaraná nasceu em 4 de agosto de 1848, em São Cristóvão/Sergipe. Se formou em Direito pela Faculdade de Direito de Recife em 1871. Ao retornar para Sergipe, atuou em diversos cargos públicos, a exemplo de Promotor Público, Procurador Fiscal do Tesouro, Juiz de Direito, Deputado Provincial, Chefe de Polícia e Juiz dos Casamentos. Atuou ainda como secretário do governo no Piauí e no Ceará, e também Juiz de Direito e professor de Latim no Piauí. Redigiu o Democrata de Aracaju, colaborou em vários jornais do Piauí, Ceará, Sergipe e Rio de Janeiro. Escreveu o Vocabulário geográfico dos nomes indígenas de Sergipe e dois folhetos sobre questões jurídicas. Em 1907 foi escolhido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para organizar o Catálogo da imprensa sergipana, para a exposição nacional de 1908, trabalho depois publicado em um dos números da revista do mesmo instituto. Faleceu no dia 10 de maio de 1924 (BITTENCOURT, 1913 *apud* BARRETO, s/d, p.177).

às origens da Literatura do estado. Em 1989, a professora Maria Thetis Nunes publicou a obra “História da Educação em Sergipe” e inseriu em seus escritos alguns verbetes biográficos de sergipanos, de formação acadêmica variada, que contribuíram para o processo educacional de Sergipe.

O próximo registro é o da professora Maria Lígia Madureira Pina que, em 1994, publicou o livro “A Mulher na História”, organizado em dez capítulos. Lígia Pina reservou um capítulo da sua obra para trazer à tona a trajetória de algumas mulheres sergipanas, a exemplo da professora Leyda Regis, da primeira farmacêutica sergipana Cesartina Regis, da primeira Deputada Estadual de Sergipe Quintina Diniz, da Juíza de Direito Maria Rita Soares, dentre outras que, para a autora, foram esquecidas ou são desconhecidas pela geração atual. Segundo os estudos de Martires (2015, p.2), “Através do relato dessas mulheres a Professora Pina faz uma retrospectiva histórica das lutas femininas pela igualdade entre os sexos”.

Ainda nos moldes dos dicionários biográficos, porém, obras datadas do século XXI, podemos mencionar “Memórias de políticos de Sergipe”, publicada em 2002, na qual o autor Osmário Santos nos relata a trajetória de 123 homens públicos, além de registrar acontecimentos políticos, sociais e econômicos ocorridos em Sergipe. Em 2004 o mesmo autor lançou a obra “Oxente! Essa é a nossa gente”, em que 85 personagens, entre homens e mulheres, compõem a pesquisa de Osmário Santos. Para Luiz Antônio Barreto, esses personagens ocupam as “[...] mais variadas profissões e condição social, alguns dos quais marginalizados pelas suas opções de vida, e que engrossam os grupos que dão calor e ritmo ao viver sergipano” (BARRETO, 2004b, s/p). “Personalidades sergipanas”, também de cunho biográfico, foi lançado em 2007 pelo jornalista e historiador Luiz Antônio Barreto. Na obra, o autor revelou o perfil de 40 intelectuais sergipanos, sejam eles professores, médicos, políticos, juristas e empresários, contemplando a contribuição de cada um deles ao “progresso” de Sergipe.

Embora os autores/obras aludidos acima não tenham mencionado a utilização do método prosopográfico para o desenvolvimento de seus estudos, apenas fizeram menção ao termo “biografias” ou “verbetes”, ainda assim percebemos em suas obras características afinadas ao referido método, posto que os autores colheram e reuniram dados biográficos de um determinado grupo de agentes históricos, que apresentam algo em comum, seja uma atividade, um cargo, uma posição social, ou qualquer outro aspecto previamente determinado. O fato é que esses autores constituíram, portanto, um estudo coletivo de histórias de vidas, mesmo sem as exigências

acadêmicas, mas que trouxeram contribuições relevantes não somente à historiografia brasileira, mas, sobretudo, à historiografia sergipana. O que os diferenciam de um estudo prosopográfico é a questão de cruzar as informações coletadas através de um questionário contendo critérios e variáveis, e a partir daí colher as características dos sujeitos, sejam elas comuns ou distintas, para traçar o perfil de um determinado grupo social em um espaço-tempo histórico.

Ao realizar uma pesquisa acerca dos trabalhos acadêmicos de *stricto sensu* que tenham utilizado a prosopografia como método para traçar o perfil de determinado grupo social, sobretudo aqueles que tiveram atuação docente, foi encontrado o livro da pesquisadora Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, publicado em 2011, cujo título é “A formação de padres no Nordeste do Brasil (1894-1933)”. A obra foi fruto da tese de doutoramento defendida pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A autora adotou como referencial teórico a noção de modelo escolar, de Araujo e Barros (2004); e intelectual, de Sirinelli (1996), para alcançar o objetivo almejado, ou seja, refletir acerca da formação sacerdotal, no Seminário Nossa Senhora da Conceição, da Paraíba, e no Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus, situado na cidade de Aracaju. No capítulo 5, intitulado “Os padres de Dom Adauto e de Dom José”, a autora desenvolve o método prosopográfico ao propor identificar o “produto” dos Seminários através da análise dos perfis biográficos dos padres formados por essas duas instituições, além de buscar a identidade cultural e educacional dos referidos Seminários. Após elaborar um dossiê biográfico constituído por 185 padres, os quais apresentam traços comuns e itinerários semelhantes, Barreto (2011) afirma que:

Se aliarmos as produções intelectuais às funções, às ações, às representações culturais e educacionais e às realizações dos Padres estudados, teremos a identidade de tais Seminários, pois tais indicadores lhes dão corpo e significado. Fazem dos Seminários em apreço não somente Instituições Eclesiásticas, mas culturais e educacionais, onde a preparação sacerdotal está consorciada com a preparação intelectual, esta, por sua vez, multifacetada em criações, mediações e engajamentos (BARRETO, 2011, p. 230).

Embora a historiadora Eugênia Andrade Vieira da Silva não tenha adotado o termo prosopografia em sua dissertação, intitulada “A formação intelectual da elite sergipana (1822-1889)” e defendida em 2004 pelo Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Federal de Sergipe, a autora sistematizou uma ficha de coleta de dados para a composição de um banco de informações para traçar a biografia coletiva dos seus personagens, recurso utilizado

pelo método prosopográfico. Silva (2004) respaldou a sua pesquisa nos conceitos de elite de Carlos Barata, Antônio Bueno (1999) e dos estudos de Mills (1975), além dos conceitos de campo de Pierre Bourdieu (1990) e de intelectual de Sirinelli (1996, 1997) para analisar a formação da intelectualidade sergipana durante o império, a fim de comprovar que tal intelectualidade se originou durante o período imperial e não no republicano. Para apreender esse processo, a autora selecionou um grupo heterogêneo composto por 400 nomes reconhecidos pela sociedade sergipana da época como intelectuais, os quais foram biografados por: Armindo Guaraná em “Dicionário Biobibliográfico sergipano”; Liberato Bittencourt em “Brasileiros ilustres: sergipanos ilustres”; Epifânio Dória em “Notas biográficas” e Cândido da Costa e Silva em “Os segadores e a messe”. Ao fazer a análise da composição desse grupo, a autora constatou que a *intelligentsia* sergipana foi constituída por intelectuais com e sem formação superior, e afirmou que:

Ao traçar o itinerário desses sergipanos após a formação acadêmica, seja ela de nível superior ou elementar e secundário, como profissionais, ficou evidenciado que Sergipe não foi uma terra de intelectuais imigrados, que esses sergipanos saíram para os grandes centros educacionais da época para cursarem escolas secundárias e principalmente as superiores, mas que a maioria retornou a Sergipe, passando por aqui de forma temporária, mas o suficiente para contribuir com a formação do campo intelectual. Outros ficaram permanentemente, não esquecendo dos que nunca saíram de Sergipe (SILVA, 2004, p.103).

Outra pesquisa que também segue por esse viés é a de Fábio Alves dos Santos, o qual adotou o método prosopográfico em sua tese “Elite letrada e ofício docente em Sergipe no século XIX”, defendida em 2013 pelo Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Federal de Sergipe. Sustentado pelos conceitos de campo, de capital e de *habitus* de Pierre Bourdieu, Santos (2013) procurou identificar e analisar o lugar ocupado pela docência nas trajetórias de vida da elite letrada no Brasil do século XIX, sendo a Província de Sergipe d’El Rey o seu lócus de observação. Seu ponto de partida, assim como o de Eugênia da Silva, foi o Dicionário Biobibliográfico de Armindo Guaraná, pois o permitiu identificar os membros da elite letrada sergipana que durante as suas vidas atuaram como docentes nos diferentes graus de ensino, durante a centúria de 1820 a 1920. Esta ação foi possível, pois, do dicionário, Santos (2013) pôde colher importantes informações a respeito desses atores sociais, a exemplo da data e local (cidade) de nascimento e falecimento do biografado, filiação, ocupação paterna, formação escolar, atividades profissionais, publicações, dentre outros. Santos (2013) afirma que o ofício da

docência não se tornou apenas um meio de acumulação de capital econômico, mas também de acumulação de capital social e político, além de ganhar notoriedade, reconhecimento social e estabelecer importantes relações sociais durante o percurso desses docentes. Também afirma que:

A análise do perfil dessa elite letrada que exerceu o ofício docente não permite afirmar que constitua um grupo que atuava em um campo específico e independente. Na verdade, pode-se concluir que se tratava de um grupo de agentes que atuava em diferentes frentes e que mantinha relações entre si disputando diversos campos comuns, dentre eles o que se pode chamar de um ainda indefinido campo educacional. Trata-se de um período em que as fronteiras entre campo político, intelectual, artístico etc. não se encontravam claras, definidas (SANTOS, 2013, p. 118).

Podemos citar ainda a pesquisa de Marcia Terezinha Jerônimo Oliveira Cruz, cujo título é "Intelectuais e docência: professores fundadores da Faculdade de Direito de Sergipe (1950)". O artigo foi publicado no XXVII Simpósio Nacional de História, realizado em 2013, na cidade de Natal. Através do método investigativo prosopográfico a autora lançou como objetivo traçar a trajetória dos docentes sergipanos Antônio Manuel Carvalho Neto, Armando Leite Rollemberg, Francisco Rollemberg Leite, Gonçalo Rollemberg Leite, Manoel Cabral Machado e Mário de Araújo Cabral, os quais compuseram a elite jurídica, política e Intelectual, entre as décadas de 1940 e 1960. Cruz (2013) fundamentou sua pesquisa na concepção de intelectual, de Sirinelli, e no conceito de redes de interdependência, de Norbert Elias, no intuito de compreender o "estabelecimento de uma rede de sociabilidades e de interdependências entre esses intelectuais", levando-se em consideração o fato de terem sido eles professores fundadores da Faculdade de Direito de Sergipe. Dentre as conclusões que a autora elencou, as quais emanaram da análise de cada um dos critérios prosopográficos, destaco aqui aquele voltado à docência:

No âmbito docente, os professores estudados desempenharam suas funções conjuntamente nas mais destacadas instituições dessa natureza, participando de forma decisiva do processo de implantação do Ensino Superior em Sergipe. Outro ponto que uniu esses professores foi a produção escrita, principalmente, a atividade jornalística, tanto em jornais diários como na Revista da Faculdade de Direito, onde todos, publicaram seus trabalhos (CRUZ, 2013, p. 10).

Outro estudo nesses mesmos moldes é o do professor e pesquisador João Paulo Gama Oliveira, o qual também se enveredou pelo método prosopográfico em sua tese "Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do Ensino Superior em Sergipe (1915-1954)",

defendida em 2015, pelo Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Federal de Sergipe. Através do aporte teórico adotado por Oliveira (2015), pautado nas concepções de intelectual, itinerários e estruturas de sociabilidade, de Sirinelli; e de memória, de Halbwachs, o pesquisador se propôs a analisar as trajetórias individuais de um grupo de intelectuais, quais sejam, Felte Bezerra (1908-1990), José Bonifácio Fortes Neto (1926-2004), José Silvério Leite Fontes (1925-2005), Manoel Cabral Machado (1916-2009) e Maria Thetis Nunes (1923-2009), desde a formação escolar até o ingresso de cada um deles no magistério secundário, além da atuação docente na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS). Tal Faculdade foi considerada pioneira na formação de professores no ensino superior em Sergipe. Oliveira (2015) aponta que, desde cedo, as famílias desses atores sociais se empenharam na educação dos seus filhos, abrindo, assim, caminhos ao mundo das letras. Assinala ainda que a inserção desses intelectuais em determinados grupos sociais veio favorecer o seu ingresso em instituições educativas, como foi o caso da atuação docente desse grupo na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. O pesquisador conclui:

[...] que a FCFS funcionou como um *lôcus* de reconhecimento intelectual, social e político que permitiu aos professores ampliarem seus “laços de sociabilidade” e angariarem outros espaços nas “redes” das quais faziam parte ou que almejavam pertencer. Dessa forma, a pesquisa mostrou como esses atores buscaram deixar marcado na história do ensino superior sergipano seu trabalho por um “salário simbólico”, ou mesmo como um “um grupo de professores abnegados”. Um “esforço” que contribuiu tanto para a legitimação desses docentes como intelectuais no sentido definido por Sirinelli (2003) (OLIVEIRA, 2015, p. 275).

Os estudos acima, embora diferentes entre si, mas de reconhecido valor para a historiografia sergipana pela contribuição que cada um deles traz, evidenciam os perfis de determinados grupos sociais, sejam eles profissionais, políticos ou sociais. Neles, revela-se uma característica comum em grande parte dos estudos prosopográficos: trata-se de pesquisas que focalizam nas ações, atuações, contribuições, relações sociais e econômicas de atores sociais que apresentem características comuns ao grupo e que deixaram marcas no tempo. São estudos importantes que servem, sobretudo, de referência para trabalhos de pesquisa que, como este, procura lançar luz e fornecer um caminho para que outros historiadores incursionem no caminho do método prosopográfico e tragam à tona o desvelamento de uma história vivida, datada e pensada de um determinado grupo social.

O DIÁLOGO COM OS INTELECTUAIS: SOBRE AS REFERÊNCIAS

Com a finalidade de identificar aqueles que se formaram pela Faculdade de Medicina de Sergipe e que voltaram seus olhares para o magistério de modo a desvelar suas contribuições não somente no campo educacional sergipano, mas também na área da saúde, faremos uso dos pressupostos da História Cultural, uma episteme historiográfica, rica no sentido de abrigar diversas possibilidades de estudo de campos temáticos abarcados pela noção de cultura. Tal abordagem, que passou a ser utilizada no Brasil em meados da década de 1980, teve como foco romper com alguns paradigmas, especialmente aqueles concentrados em algumas críticas, a exemplo do deslocamento do interesse pela vida e obra dos grandes homens e grandes datas para as pessoas e acontecimentos comuns e que tenham deixado marcas no tempo; da política pensada além das instituições e a história pensada além da política; da necessidade de ir além dos documentos escritos e registros oficiais; além de uma preocupação maior com as estruturas do que com a narrativa dos acontecimentos (CHARTIER, 1988). Analisando, assim, sob esse ponto de vista, a história não seria objetiva, mas sujeita a referenciais sociais e culturais de um dado período histórico.

Dentre as fontes que podem ser tratadas pelo viés da História Cultural, estão aquelas que incorporam sinais e/ou evidências que remontam as trajetórias de vida, para assim compor um dossiê biográfico, um dos objetivos dessa pesquisa. Tais fontes, por sua vez, interessam aos pesquisadores e historiadores culturais não somente pelo que revelam dos heróis ou dos proletários, das elites ou dos comerciantes, ou ainda dos iletrados ou dos intelectuais, dentre outros atores sociais, mas, principalmente, pelo que revelam acerca da constituição dos grupos que eles representam, seja na conjuntura política, econômica, social, educacional ou cultural.

A delimitação do corpus da pesquisa: esboço metodológico

Conforme já mencionado, para compor os perfis biográficos dos personagens dessa pesquisa fizemos uso da prosopografia, um método que, segundo Charle (2006), constitui por determinar uma população a partir “[...] de um ou vários critérios e estabelecer, a partir dela, um questionário biográfico cujos diferentes critérios e variáveis servirão a descrição de sua dinâmica social, privada ou pública, ou mesmo cultural, ideológica ou política, segundo a população e o

questionário em análise”. (CHARLE, 2006, p.41). A nossa pretensão, com a instrumentalização da metodologia, foi colher e reunir dados biográficos de um grupo de agentes históricos que apresentam algo em comum, seja uma atividade, um cargo, uma posição social, ou qualquer outro aspecto predefinido. A referida abordagem se constitui, portanto, de um estudo coletivo de suas vidas.

Partindo desse pressuposto, o que se pretende com a utilização do método prosopográfico, o qual utiliza um enfoque de tipo sociológico em pesquisa histórica, não é somente analisar o itinerário dos médicos e compor os perfis biográficos, mas também analisar como a categoria profissional médica foi constituída dentro do mercado de trabalho, sobretudo se a especialidade que cada médico docente trilhou contribuiu para a modernização da área médica em Sergipe. Posto isto, o critério para a elaboração do roteiro biográfico coletivo construído nesta pesquisa foi o de ter se formado em Medicina pela Faculdade de Medicina de Sergipe e atuar no magistério, nesta mesma instituição. Os campos que irão compor o questionário prosopográfico contemplam as seguintes variáveis: nome, nascimento, naturalidade, filiação, grau de escolaridade e atividade econômica dos pais, o porquê da medicina, o porquê de consorciar a medicina ao magistério, especialidade médica e instituição onde a realizou, trajetória profissional (acadêmica e política), vinculações em academias\institutos e associações; obras publicadas ou produção intelectual. Esses dados possibilitaram uma análise comparativa do conjunto desses perfis biográficos os quais apresentam como propósito colocar em evidência as semelhanças e dessemelhanças, e assim traçar o perfil do grupo.

O procedimento metodológico acerca do processo de sistematização das informações sobre a trajetória coletiva dos indivíduos foi baseado no material “Prosopography for beginners - A tutorial”¹³, encontrado no site da Faculty of History, da University of Oxford. Ao visitar o site, redimensionamos o nosso olhar para questões antes não observadas, como, por exemplo, a utilização do Software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), um aplicativo que transforma dados em informações. “O Prosopography for beginners” nos apresenta “The three stages” (Stage 1, Stage 2 e Stage 3) com orientações acerca da definição do grupo; da identificação dos sujeitos; da “metasource” ou “fonte construída”, ou seja, o produto final; da

¹³ A primeira leitura acerca do Tutorial foi na tese “Beneméritos empresários: história social de uma elite de origem imigrante do Sul do Brasil (Santa Cruz do Sul, 1905-1966)”, cujo autor é Andrius Estevam Noronha. Este foi o ponto de partida para visitar e explorar o “Prosopography for beginners - A tutorial”. Fonte: <http://prosopography.modhist.ox.ac.uk/>

correlação entre os dados; e a análise. Além do mais, o site também apresenta várias atividades “Exercises” (no estágio 1, 2 e 3) para auxiliar os iniciantes em estudos prosopográficos. Apreciamos ainda o Boletim “Prosopon: the journal of prosopography”¹⁴, fundado em 1994, vinculado ao Linacre College Oxford e que se transformou em Jornal acadêmico bianual. Posto isto, com base nas orientações mencionadas, elaboramos e estruturamos o quadro metodológico abaixo com sete passos que foram seguidos para a sistematização dos perfis biográficos.

Quadro 1 - Quadro metodológico passo a passo para a sistematização dos perfis biográficos:

<p>Passo 1: Definição dos médicos que se formaram entre 1966 e 1973 pela Faculdade de Medicina de Sergipe. A relação foi elaborada a partir de documentos de matrícula, encontrados no acervo do Arquivo Geral da UFS, além das placas de formatura.</p> <p>Passo 2: Definição da lista dos médicos que consorciaram o ofício da medicina ao magistério. A relação foi elaborada com a ajuda de entrevistas e, sobretudo, dos documentos: Guias de Recolhimento, Folhas de Pagamento, Ficha Financeira e Demonstrativo de Pagamento – documentos estes encontrados no acervo do Arquivo Geral da UFS.</p> <p>Passo 3: Identificação dos contatos (telefônicos e endereços eletrônicos) a partir de entrevistas com outros médicos. Realização de entrevistas com os próprios médicos docentes a partir de um questionário contendo as variáveis prosopográficas.</p> <p>Passo 4: Constituição padronizada dos perfis biográficos de cada médico docente, levando-se em consideração as variáveis as quais contemplam trajetória profissional, social, política.</p> <p>Passo 5: Utilização dos programas/Software Excel e SPSS para armazenar as informações contidas nos perfis biográficos.</p> <p>Passo 6: Elaboração das tabelas e gráficos com os dados extraídos/revelados dos Excel e SPSS.</p> <p>Passo 7: Análise dos resultados. Esta é a "modelagem de dados", fase a qual possibilita a análise de correlatos que ocorre entre os sujeitos do grupo.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base no “Prosopography for beginners - A tutorial” e a tese de Noronha (2012).

¹⁴ O objetivo do Prosopon é divulgar informações sobre pesquisas atuais de assuntos relevantes para a prosopografia. Como tal, seus conteúdos incluem: projetos de pesquisa em andamento envolvidos com qualquer aspecto da prosopografia; contribuições com implicações prosopográficas relacionadas com as disciplinas auxiliares, como a onomástica, a genealogia, a biografia e a computação. Fonte: <http://users.ox.ac.uk/~prosop/prosopon/prosopon.htm>

A definição do grupo que será pesquisado constitui uma das principais partes no estudo de prosopografia, uma vez que exige classificar o tipo de recorte que separa os indivíduos que serão perfilados e pesquisados. Assim, identificar e organizar a relação dos médicos docentes que compõe o grupo classificado deve levar em conta aspectos que sejam comuns no coletivo e contemplem a instrumentalização do método proposto para responder às problemáticas da pesquisa. Mas, qual seria esse aspecto comum no coletivo? Conforme já mencionado, os médicos formados pela Faculdade de Medicina de Sergipe no recorte de 1966 a 1973 e que atuaram como docentes na UFS. Isto porque, durante esse marco temporal, 136 médicos colaram grau (ver relação completa em Apêndice A), número expressivo que, para perfilar os personagens através das entrevistas não seria possível concluir o estudo em tempo hábil. Portanto, a escolha quanto ao “aspecto comum” não se fez ao acaso, mas sim em face do problema fundamental da falta de biografias, verbetes e/ou perfis biográficos dos sujeitos.

Na maioria dos estudos prosopográfico, os pesquisadores utilizam as homenagens póstumas e, se fosse o caso de utilizar os necrológios, poucas seriam as fontes para desenvolver o nosso estudo, pois a maioria dos médicos docentes está viva. Segundo Alberti (2004, p.23), “[...] convém recorrer à metodologia de história oral quando os resultados puderem efetivamente responder as nossas perguntas e quando não houver outras fontes disponíveis – mesmo entrevistas já realizadas – capazes de fazê-lo”. Diante dessa consideração, optamos pelas entrevistas pelo fato de que o questionário prosopográfico possui variáveis que apenas os sujeitos da pesquisa poderiam responder e que, certamente, não constariam em notas biográficas. Após o afunilamento da amostra 24 médicos docentes passaram a compor a pesquisa, sendo que, destes, seis faleceram e, por conseguinte, somente 18 podem nos conceder entrevista (ver Quadro 2). Embora os seis falecidos constem na pesquisa, seção “Perfis: entre lembranças e esquecimentos”, apenas algumas variáveis e dados puderam ser analisados, a exemplo da especialidade do médico docente a qual pode ajudar a compreender se o campo de atuação contribuiu para a modernização da área médica em Sergipe.

Quadro 2: Quantitativo de médicos formados e docentes (1966-1973).

Ano	Total formados	Docentes	% por ano
1966	7	3	42,86
1967	14	3	21,43
1968	11	2	18,18
1969	11	5	45,45
1970	16	4	25,00
1971	16	2	12,50
1972	38	3	7,89
1973	23	2	8,70
Total	136	24	17,65

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas fontes coletadas no Arquivo Geral da UFS (Guias de Recolhimento, Folhas de Pagamento, Ficha Financeira, Demonstrativo de Pagamento, além de entrevistas).

Lembranças puxam lembranças: o trato com a memória e a narrativa

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 2006, p.71)

Inspirada na historiografia francesa, principalmente da história das mentalidades, a memória tem sido muito difundida e valorizada pelos estudiosos, pois através dela podemos criar representações do passado vivido, as quais estão ancoradas na percepção de outros indivíduos. É por meio dessa percepção, segundo Maurice Halbwachs (2006), que o sujeito (narrador) evoca seus sentimentos, suas ideias, suas angústias, os acontecimentos, enfim, as lembranças que por hora foram silenciadas pelo tempo. “Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72). Assim, levando-se em consideração a reflexão de Halbwachs, nos apoiamos nas entrevistas como forma de levar os médicos docentes a rememorem suas histórias vividas, trazendo à tona suas lembranças consideradas aqui como reconstrução do passado. A memória é, portanto, a presença do passado. Para Ecléa Bosi (2003, p. 33), “[...] a rememoração é uma retomada salvadora do passado, nos depoimentos biográficos [...]”.

Os historiadores sabem, porém, que nenhuma fonte fala por si. São muitas as mediações entre os documentos e suas leituras prováveis, seja ela de qual natureza for, a exemplo dos documentos pessoais, dos textos impressos e manuscrito, das fotos, dos depoimentos orais, dos documentos oficiais, dentre tantas outras fontes que nos possibilitam perpassar por um passado vivenciado, marcado e localizado, e dele extrair sentido daquilo que temos em mãos e, a partir disso tudo, compor uma história. Em particular, para os historiadores, esse é um dos desafios da produção de um dossiê biográfico: transformar uma miscelânea de peças diversificadas e aparentemente incoerentes em uma narrativa que lhes confira um sentido – sentido este que, de uma forma ou de outra, esteve presente na vida do indivíduo.

Desafio este que pretendemos levar adiante, pois sabemos que esses recursos de investigação histórica, ou seja, as trajetórias, pedem, sobretudo, além de esclarecimentos e balizamentos, uma interpretação para só então compor as trajetórias de vida. Para tanto, a fim de transcorrer o itinerário desses médicos, torna-se imperioso buscar vestígios que possam nos levar para lugares férteis na certeza do encontro de um caminho profícuo para trazer à luz as conjunturas de uma classe médica sergipana. Tais vestígios serão tratados não apenas como fonte de informação historiográfica, mas também como objetos de investigação que permitirão desenhar marcas mais precisas, mínimas que sejam, do perfil desses médicos, voltadas principalmente para suas atividades médico docentes. Portanto, é preciso mergulhar no universo das fontes, sejam elas orais ou documentais, retirá-las do “anonimato”, dar voz e sentido e, assim, verificar o que elas nos revelam no intuito de trazer à luz o acontecido.

Para perfilar os sujeitos sociais que compõem esta pesquisa precisamos redimensionar os nossos olhares para os conhecimentos específicos voltados não somente ao processo de formação de cada um dos personagens, mas também ao processo de aquisição e construção de conhecimento adquirido durante sua jornada, suas experiências, suas competências, suas vinculações, enfim, tudo que possa “[...] revelar as características comuns, (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo social em dado período histórico” (HEINZ, 2006, p.9). Assim, ao recorrer à memória e à narrativa desses médicos docentes podemos compreender o passado desses personagens, isto porque, ao narrar suas vivências, os entrevistados vão fazendo uma reconstituição de significados dos acontecimentos e experiências, ponderadas como sendo as mais importantes de suas vidas. Até porque lembranças puxam lembranças e, ao capturá-las das

memórias, vamos adentrando às histórias de vida, transitando, assim, entre a subjetividade e a objetividade. Quanto ao fato da lembrança, Bosi (1994), afiança:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1994, p.55).

Diante do conceito citado, pretendemos, através da memória de indivíduos que participaram ou vivenciaram um determinado acontecimento ou evento, decifrar as minúcias dos fatos e ler o que não está evidente, para só então juntar os fragmentos das trajetórias dos médicos docentes e compor seus percursos, suas trajetórias, enfim, sua história. Decerto que o passado em sua inteireza e completude jamais será inteiramente conhecido e compreendido, mas podemos afirmar ser possível entender os fragmentos e as incertezas do passado. Os vestígios, as marcas e os traços deixados pelos homens e que não foram esvaecidos permitem aos historiadores “ler” não somente o significado, mas também o que estes dizem acerca de determinados atores sociais, fatos ou acontecimentos, em espaços e tempos específicos. Compartilho, pois, da assertiva de Bosi (1994), que: “Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas”. (BOSI, 1994, p.75).

São através das entrevistas, consideradas aqui como fontes que documentam o passado, que as lembranças afloram ou emergem e nós, historiadores, devemos estar atentos para nos apropriar de tais lembranças, dando-lhes sentido e significado, para a reconstituição dos fatos. Para Alberti (2005, p.170) “[...] uma das principais vantagens da História Oral deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu”. Entrevistas de história oral são fontes que documentam o passado. Sob esse viés, consideramos tal instrumento de suma importância para compreender a constituição de uma classe médica docente e sua configuração em torno da Faculdade de Medicina de Sergipe, além de traçar o perfil daqueles que consorciaram a medicina ao magistério, conforme já mencionado.

No entanto, não poderemos nos apropriar de muitas lembranças afloradas durante as entrevistas, o que nos causou uma sensação de frustração. Ter e ao mesmo tempo não ter!

Aquelas lembranças, fruto das experiências vividas pelos entrevistados, mas que não podemos usá-las porque não tivemos autorização, deixaram determinadas lacunas em alguns fatos ou acontecimentos, sobretudo voltadas aos conflitos. Alguns médicos docentes narraram e esclareceram episódios ocorridos durante as suas trajetórias que se revelaram cruciais para compreender tramas trazidas à tona. Certamente lembranças que fechariam um ciclo, ou uma peça que completaria um quebra-cabeça... Resta-nos respeitar a vontade do entrevistado e observar as lembranças que temos em mãos sendo levadas pelo vento e desfazendo-se na “poeira do tempo”.

Dentre os médicos que se propuseram a rememorar fragmentos de suas trajetórias, constam: Antônio Carvalho da Paixão, Antônio Leite Cruz, Byron Emanuel de Oliveira Ramos, Djenal Gonçalves Soares, Eduardo Antônio Conde Garcia, Fedro Menezes Portugal, Francisco Prado Reis, Hélio Araújo Oliveira, Henrique Batista e Silva, João Antônio Macedo Santana, José Fernandes dos Santos Macedo, José Geraldo Dantas Bezerra, Maria Izabel Maynart Pereira, Marília de Oliveira Ramos, Max Rollemberg Gois, Sonia Maria Lima Santana Macena e Zulmira Freire Rezende. Assim, para perfilar as trajetórias, além das questões que compõem o questionário prosopográfico (ver Apêndice A), também foram elaboradas questões (ver Apêndice B) voltadas para outros aspectos, a exemplo do perfil docente de alguns professores fundadores da FMS e do campo médico entre as décadas de 1960 a 1980.

Intelectuais, sociabilidade e espaços: um esboço conceitual

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, ‘um pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam [...] (SIRINELLI, 1996, p.248).

No texto “Os Intelectuais” (1996) o autor francês Jean Sirinelli discute, em meio a outros conceitos, o termo “redes” pra definir as estruturas da sociabilidade. Sirinelli entende que, entre as estruturas mais elementares, há duas de natureza distinta, mas que “parecem essenciais”: os microcosmos intelectuais, considerados como “[...] um observatório de primeiro plano da sociabilidade. [...] um lugar precioso para a análise do movimento das idéias” (SIRINELLI, 1996, p. 249); e os microclimas, que são os espaços em que “[...] a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos” (ibidem, p.252). Nesse sentido, para o francês, a palavra “[...] sociabilidade reveste-se, portanto, de uma dupla acepção, ao mesmo tempo ‘redes’ que estruturam e ‘microclima’ que caracteriza um microcosmo

intelectual particular” (SIRINELLI, 1996, p.253), na qual também se interpenetram o afetivo e o ideológico, elementos estes que influem na relação entre os indivíduos e o microclima, sejam de rupturas ou reencontros, de rivalidade ou alianças.

Vale abordar o que Sirinelli (1997) discute acerca dos intelectuais, uma vez que procuramos compor a trajetória cruzada de alguns dos professores fundadores da Faculdade de Medicina de Sergipe, segundo a acepção do termo. Tal conceito nos leva a analisar esses professores como intelectuais os quais são considerados “criadores” e “mediadores”, segundo o conceito do autor francês. O autor afirma que o termo intelectual criador e mediador incide em uma definição empírica de um homem de cultura, enquanto “[...] à primeira categoria pertencem aos que participam na criação artística e literária ou no progresso do saber, na segunda juntam-se os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber”. (SIRINELLI, 1997, p.261).

Assim, levando-se em consideração as reflexões de Sirinelli (1996,1997), faz-se necessário problematizar as trajetórias desses personagens, de modo a compreender esse “pequeno mundo estreito” enquanto espaços “onde os laços se atam”. Estamos falando de intelectuais e, portanto, de indivíduos que não passaram pela vida de forma inanimada. Pelo contrário, foram indivíduos situados em um determinado espaço-tempo motivados pelas conjunturas de sua época e que, mesmo diante de seus ideais, suas aspirações, suas ilusões, suas decepções, buscaram por notoriedade e ganharam lugar de voz não somente no campo da saúde, mas também no meio educacional e político do estado. Ao mencionarmos o “pequeno mundo estreito onde os laços se atam” estamos nos referindo, sobretudo, ao Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, um espaço fundado na década de 1950 por um grupo de médicos liderados por Augusto Leite, João Batista Perez Garcia Moreno, Benjamin Carvalho, dentre outros, no intuito de promover um local de reunião para debates e discussões buscando o avanço do conhecimento científico e tecnológico na área da saúde. Após três anos da fundação, organizaram uma revista a qual levou o nome de Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia¹⁵, tendo mantido as publicações de pesquisas médico-científicas regulares por dez anos.

É nesse sentido que procuramos delinear as “estruturas de sociabilidade” da qual fizeram parte os médicos fundadores da FMS. Ao trazer as reflexões de Sirinelli para a presente pesquisa

¹⁵ As revistas “Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia” (1953-1963) encontram-se à disposição no IHGSE.

é possível afiançar que as estruturas elementares da sociabilidade, ou seja, as “redes” dos médicos fundadores foram sendo organizadas e constituídas ao longo de suas trajetórias, sejam no Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, na Faculdade de Medicina de Sergipe, na ASL, na ASM, no IHGSE, dentre outras instituições entendidas como lugares de sociabilidade, e também em diferentes microcosmos a exemplo do Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, em jornais, das Revistas das Academias, da Revista Goiana de Medicina Tropical, da Revista Experimental Parasitology, da Revista Acta Dermato-Venereologica, dentre outras, seja local, nacional e estrangeira. O fato é que essas revistas são consideradas, na acepção de Sirinelli (1996, p. 249), “[...] um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade [...]”. Posto isto, cabe problematizar: quais conhecimentos os médicos produziram e veicularam? Para quem produziram? Quais os meios de divulgação e fomentação? Tais questões nos levam a compreender o arcabouço teórico, médico e científico dos médicos docentes os quais se revelaram sujeitos ecléticos, dotados, sobretudo, de um conhecimento epistêmico.

Para analisar os dados biográficos dos médicos, de modo a compor suas trajetórias acadêmica e profissional e interpretar de que forma sua atuação médico docente contribuiu para o campo educacional e médico de Sergipe foi necessário entender a conjuntura social, política e cultural em que esses atores sociais encontravam-se inseridos. O entrelaçamento das respostas, as quais foram frutos das questões postas na pesquisa nos levaram a compreender o porquê dos médicos formados pela Faculdade de Medicina de Sergipe consorciarem a profissão médica ao magistério, além de verificar como a categoria profissional médica foi constituída dentro do mercado de trabalho, sobretudo se a especialidade que cada médico docente trilhou contribuiu para a modernização da área médica em Sergipe. Desse modo, a pesquisa foi estruturada da seguinte forma: além da Introdução, cujo título é “Da biografia individual à biografia coletiva: a abordagem da pesquisa e o trajeto investigativo”, a tese possui três capítulos e a conclusão.

Ao capítulo II intitulamos “Pelos caminhos da medicina: Brasil e Sergipe no século XX”. Para tanto, foram definidas algumas seções com o objetivo de contextualizar o cenário do campo da medicina não somente no Brasil, mas também em Sergipe. O propósito foi compreender a legitimação social da Medicina e o processo de emancipação do campo médico; as primeiras escolas de medicina; as epidemias e as ações voltadas à saúde pública sanitarista e, por fim, compreender o Instituto Parreiras Horta e o Hospital de Cirurgia, frutos da gestão de Graccho

Cardoso (1922-1926), como espaços de pesquisa, cura e formação médica sergipana. A compreensão destes aspectos foi pautada nas reflexões de autores como Azevedo (2015), Barros (1998), Barreto (2003), Dantas (2004), Machado (1990), Santana (2005), Silva (2006), dentre outros, os quais nos ajudaram a refletir e compreender o panorama da saúde pública, bem como o cenário político e social em que os aspectos de investigação estavam imersos.

O capítulo III recebe o nome de “Trajetórias entrelaçadas dos mestres dos médicos: sociabilidade e intelectualidade”. Nele procuramos compor a biografia de alguns professores fundadores da Faculdade de Medicina de Sergipe, apresentando a produção científica desses intelectuais, além de compreender as estruturas de sociabilidade da qual fizeram parte. Isso porque consideramos importante perceber quais saberes eles produziram e difundiram através de seus artigos publicados em Revistas locais, nacionais e estrangeiras e de que modo esses conhecimentos contribuíram para o campo da saúde, principalmente em Sergipe.

Por fim, intitulamos o capítulo IV de “A caracterização do grupo: perfil dos médicos sergipanos”. Nele nos propomos a compor os perfis biográficos desses médicos docentes e dar visibilidade aos nexos existentes entre eles, sejam por causalidades ou não, através da descrição e análise das variáveis prosopográficas, as quais foram previamente definidas. Procuramos analisar esses sujeitos sociais através das entrevistas, das narrativas e das memórias, tendo como base os conceitos de intelectual, de Sirinelli (1996, 1997) com o intuito de compreender não somente como esses médicos docentes se constituíram no mercado de trabalho, mas também as suas atuações, suas mediações e suas criações na conjuntura educacional, política e social de Sergipe.

Nas considerações finais, intitulada “É hora de recolher velas, sentar ao tombadilho e fazer o balanço da jornada...” procuramos fazer uma breve retomada dos temas abordados e discorreremos sobre a metodologia utilizada nesta tese. Além disso, ressaltamos os objetivos alcançados, ao mesmo tempo em que lançamos novas sementes para futuras discussões como desdobramentos da pesquisa.

CAPÍTULO 2

PELOS CAMINHOS DA MEDICINA: BRASIL E SERGIPE NO SÉCULO XX

Saúde Pública é a arte e a ciência de prevenir a doença, prolongar a vida, promover a saúde e a eficiência física e mental mediante o esforço organizado da comunidade. Abrangendo o saneamento do meio, o controle das infecções, a educação dos indivíduos nos princípios de higiene pessoal, a organização de serviços médicos e de enfermagem para o diagnóstico precoce e pronto tratamento das doenças e o desenvolvimento de uma estrutura social que assegure a cada indivíduo na sociedade um padrão de vida adequado à manutenção da saúde. (WINSLOW, 1920, *apud* MENDONÇA, 2009, s/p)

2.1- CAMINHANDO PELAS RUAS DO CAJUEIRO DOS PAPAGAIOS¹⁶: ALGUMAS LEITURAS!

Caminhar pelos principais pontos turísticos de Aracaju tornou-se para mim um aprendizado de leitura sobre o passado, sobretudo quando experimentamos aquele olhar de criança curiosa que se seduz e questiona tudo o que está ao seu redor. A experiência ocorreu no segundo semestre de 2016, quando a minha filha chegou da escola com uma atividade a qual pedia para que visitasse os principais pontos turísticos de Aracaju com pessoas que vivenciaram determinados fatos e que pudessem rememorar-los. Convidei os meus pais, pois sabia que pela experiência de vida eles teriam muito a recordar. O passeio ocorreu em um belo fim de tarde de um sábado primaveril. Nascida e criada em Aracaju, nunca me dei o prazer de passear nos pontos turísticos ao lado de uma pessoa que muito tinha para recordar, por exemplo, sobre a Ponte do Imperador, alguns casarões do Centro Histórico de Aracaju, a Praça Fausto Cardoso, o Parque Teófilo Dantas, o Palácio Olímpio Campos, a Catedral Metropolitana. Ao fim do passeio cheguei à conclusão: Caminhar amplia o olhar, amplia o aprendizado. Até porque, o que importa é o percurso, é o andar, o flunar. O alvo principal é a partida, mais do que o de chegada. E o nosso ponto de partida aqui é Aracaju. Uma Aracaju de outros e passados tempo!

A experiência me levou a rememorar a figura do *flâneur*, termo mencionado por Rocha & Tosta (2009) no texto “O sentido da Etnografia” quando os autores citam Charles Baudelaire. Um *flâneur* é considerado uma figura pública predisposta para andar, flunar, observar e capturar as cenas de ruas, os acontecimentos, a vida urbana, o cenário natural, os gestos, enfim, tudo aquilo que possa construir uma realidade social de um determinado local. É, portanto, lançar um olhar cauteloso sobre o mundo, sobre nós, sobre a vida. Baudelaire foi o *flâneur* das grandes cidades europeias do século XIX (MENEZES, 2009). Para esse poeta e teórico da arte francesa, o perfeito *Flâneur* precisa ser um observador apaixonado e que “[...] é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e

¹⁶ Segundo Clóvis Chiaradia (2008), que há 30 anos pesquisa palavras de origem indígena em diversos municípios do Brasil, a palavra Aracaju é de origem Tupi Guarani e significa: ará (papagaio) e caju (akaiú), ou seja, cajueiro dos papagaios. O dicionário do autor possui mais de 30 mil verbetes, não somente da língua Tupi Guarani, mas também das línguas Aruaque, Caribe (Karib) e Macro-jê. Também existem pesquisas de historiadores sergipanos explicando o termo, a exemplo de “Aracaju: contribuição à história da capital de Sergipe”. In: Aracaju e outros temas sergipanos (1992), do professor José Calasans Brandão da Silva; “A cidade de Aracaju 1855-1865” (reeditado em 1945), do Engenheiro Fernando Porto; “Roteiro de Aracaju” (1995), do escritor Mário Cabral; “Cajueiro dos Papagaios” (1959), do médico García Moreno.

permanecer oculto no mundo [...]”. Esses são alguns dos atributos e “pequenos prazeres” desses artistas observadores levantados por Baudelaire (BAUDELAIRE, 1988, p. 170).

Foi sob a perspectiva do olhar atento de um *flâneur* que procurei observar os principais pontos turísticos de Aracaju. Não com o objetivo de construir uma realidade social, mas o de compreender alguns fatos trazidos à tona pelo meu pai. Não que ele soubesse acerca de cada um dos locais mencionados, sobre a fundação e importância, por exemplo, até porque ele não é memorialista tampouco historiador, mas esses pontos turísticos nos oferecem uma visão de como Aracaju nasceu e progrediu. Entre um fato e outro, narrado pelo meu pai, comecei a me fazer perguntas relacionadas à minha pesquisa. Um desses momentos foi quando ele nos contou que estava descarregando um caminhão com ladrilhos em uma residência que ficava próxima à Catedral Metropolitana, quando um homem que passava na rua naquele momento foi acometido por um mal súbito e após alguns minutos foi a óbito. Meu pai mencionou que o fato se passou no fim da década de 1960 e afirmou que a área da saúde pública do estado era precária. Ele parou por alguns instantes, ficou emergido em suas recordações.

Minha mãe, que até então estava atenta, apenas ouvindo as histórias do companheiro, saiu do silêncio e passou a recordar sobre as condições de vida em Aracaju, naquele mesmo período. Lamentou sobre a precariedade no saneamento básico, principalmente sobre o tratamento de esgoto e o manejo de resíduos sólido. Na década de 1970 os meus pais residiam na Avenida São Paulo, no bairro Siqueira Campos. Havia um canal aberto de rede de esgoto, exalava mau cheiro e não bastasse isso as pessoas jogavam lixos dentro do canal. Quando chovia, transbordava uma água fétida, impedindo de transitar às ruas. Tal cenário é um forte indício para que a minha mãe tenha trazido à tona questões acerca do saneamento básico. Quanto à assistência médica, ela afirmou que: “Havia muita dificuldade em marcar uma consulta e fazer um exame. A gente só ia ao médico quando estava muito doente, já passando mal. Aí já ia direto para o hospital de urgência. Eu ia para o hospital Cirurgia. O atendimento era demorado” (Genoveva Nunes, 2016).

Após o relato, pensei: a Faculdade de Medicina de Sergipe foi fundada em 1961. Os médicos que aqui estavam se formaram pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Recife ou de Salvador. Quando esses médicos se formavam, voltavam para a sua cidade natal? Como era o campo médico em Sergipe? Quais hospitais os sergipanos podiam contar para atendimento médico? Quais aspectos levavam uma sociedade a ficar “doente”? O que dizer do ambiente insalubre e das ações sanitárias? Quais as medidas tomadas para a implantação

de uma política pública sanitária em Sergipe? Assim, o que era para ser um passeio escolar para responder a um pequeno projeto de História da minha filha, se tornou para mim um momento de reflexão e amadurecimento da pesquisa acadêmica.

Essa experiência de visitar os pontos turísticos e ouvir com acalanto as recordações dos meus pais me levou a recordar os escritos de Ecléa Bosi, em sua obra “O tempo vivo da memória”, pois, segundo a autora “A memória do velho pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político) [...]” (BOSI, 2003, p.15). Na obra, a autora nos leva a refletir acerca da história construída ao longo da vida a partir das lembranças de um cotidiano frequentemente corriqueiro, mas sempre relevante. Ela narra várias dessas histórias, dando ênfase aos fatos do dia a dia, os quais devem estar relacionados, por exemplo, a política, ao trabalho, ao sentimento dos indivíduos. Os objetos biográficos que Bosi se refere como tesouros são de grande valor, isto porque tais objetos “carregam” a história de um indivíduo ou até mesmo de uma família, não importa se o objeto seja velho ou que esteja quebrado, ele está carregado de lembranças. Dentro do conceito citado, entendo que alguns dos pontos turísticos mencionados anteriormente podem ser considerados como objetos biográficos para os meus pais, embora não sejam objetos de família, evidentemente, mas os monumentos da capital pelos quais passeamos “representam uma experiência vivida, uma aventura do morador” (BOSI, 2003, p. 26), sobretudo, “carregam” parte da história dos meus genitores.

Aracaju é, portanto, o ponto de partida para a leitura desta tese. O Cajueiro dos Papagaios, na época sobre a qual estamos tratando, tinha as suas belezas, o seu brilho, seus belos jardins, seus bairros tranquilos. Quem nos revelou esse lado do Aracaju foi o médico Antônio Garcia Filho, que em suas horas livres foi poeta, musicista, cantor e compositor. Em sua obra “Um pensamento na praça”, Dr. Antônio Garcia descreveu Aracaju como:

[...] uma querida cidade, envolvente e bela, vestida de sol, quadriculada na estamparia multicolorida das suas casas, de brisa suave e noites amenas, à margem do Rio Sergipe que preguiçosamente flui para o Oceano, formando uma curva que lhe caracteriza a paisagem urbana e a torna com um lado feminino, líquida e dengosa (GARCIA FILHO, 1960, p. 103).

Diante do que foi relatado acerca da cidade de Aracaju, convido, então, o leitor a visualizar uma capital com pouco mais de um século e meio de história, de encantos e

desencantos. “Deitada na praia da doce Atalaia [...]; de ruas bem certas e lindos jardins [...], de brisa suave e noite estrelada [...] e Rio Sergipe a murmurar” (GARCIA FILHO, 1973). Essa mesma Aracaju foi homenageada com canções, como: “Aracaju, uma estrela”¹⁷, de Antônio Garcia de 1973; “Cheiro da Terra”¹⁸, do Grupo Cata Luzes de 1983, ambos os autores sergipanos; além da música “Aracaju”¹⁹, do baiano Caetano Veloso, lançada em 1979; “Viver Aracaju”, de Paulo Diniz, foi gravada por ele e, também, por Amorosa, Ismar Barreto; “Aracaju menina”, de Chico Queiroga e Antônio Rogério; “Ruas de Ará”, de Paulo Lobo; “Amo Aracaju”, de Sérgio Lucas; “Cajueiro dos Papagaios”, de Rogério e Carlos Pita, dentre outras.

Destaco a necessidade ir além das fronteiras da capital sergipana, uma vez que abordamos neste capítulo o cenário brasileiro no campo da saúde, trazendo os reflexos para Sergipe, durante o século XX. Tratamos de responder nesta seção os questionamentos levantados por mim durante o passeio realizado nos principais pontos turísticos, mencionados anteriormente, bem como contextualizar como ocorreu a organização médica e as políticas de saúde em Sergipe; a legitimação social da Medicina e o processo de emancipação do campo médico; as primeiras escolas de medicina; as epidemias e as ações voltadas à saúde pública sanitária e, por fim, compreender o Instituto Parreiras Horta e o Hospital de Cirurgia, frutos da gestão de Graccho Cardoso (1922-1926), como espaços de pesquisa, cura e formação médica sergipana, conforme já mencionado na Introdução da pesquisa.

¹⁷ Aracaju, uma estrela/De sons e cores vestidas/Parece uma aquarela/De sonhos colorida. É um poema de sol/No verde do coqueiral/Deitada na praia/Da doce Atalaia/Aracaju é um postal/Deitada na praia/Da doce atalaia/Aracaju é um postal. Ruas bem certas, lindos jardins/Rio Sergipe a murmurar/Belas mulheres, ternas morenas/Muito romance a recordar. Brisa suave, noite estrelada/Lua de prata sobre o mar/Bairros tranquilos, juras de amor/Muito romance a recordar (GARCIA FILHO, 1973).

¹⁸ Lá vem o dia despertando a natureza/Vou seguindo a correnteza/Na incerteza de chegar/Dia após dia/Noite e dia sem cessar/Tanta dor tanta alegria/Eu assim não vou ficar/Eu quero o cheiro das manhãs da minha terra/Ver o sol nascer na serra/E o vento norte soprar/Eu quero mesmo é ficar bem juntinho dela/Na praia de Atalaia/Mirando as ondas do mar/Mirando as ondas do mar... (GRUPO CATA LUZES, 1983).

¹⁹ Céu todo Azul/Chegar no Brasil por um atalho/Aracaju/Terra cajueiro papagaio/Araçazu/Moqueca de cação no João do Alho/Aracaju/Voltar ao Brasil por um atalho Ser feliz/O melhor lugar é ser feliz/O melhor é ser feliz/Mas onde estou/Não importa tanto aonde vou/O melhor é ter amor/Aracaju/Cajueiro arara cor de sangue/Nordeste-Sul/Centro da cidade banguê-banguê/Aracaju/Menos o Sergipe e mais o mangue/Ser feliz/O melhor lugar é ser feliz/O melhor é ser feliz/Onde estou/Não importa tanto aonde vou/O melhor é ter amor (VELOSO, 1979).

2.2- O FLUIR DO TEMPO É FECUNDO: ORGANIZAÇÃO MÉDICA E POLÍTICAS DE SAÚDE EM SERGIPE

Aos sanitaristas cabem rigorosas obrigações no protegerem a comunidade; agindo sinergicamente com o indivíduo, unidade bio-social e com o Estado, organização político-social, eles devem operar sem vacilações nem desfalecimentos, no desempenho do seu elevado mistér, já tolhendo a marcha das causas morbigenas que degradam, inexoravelmente, o povo, já despertando hábitos higienicos que lhe assegurem a mais completa higidez. (SOBRAL, 1932, p.6)

A referida citação foi extraída da obra “A saúde pública em Sergipe” publicada em 1932, de autoria de Simeão Vieira Sobral (1899-1971), médico sergipano que atuou na Inspeção de epidemiologia e educação sanitária de Sergipe. Segundo o autor, a saúde pública está calcada no tripé: sanitarismo, indivíduo (sociedade) e estado, cabendo, sobretudo aos sanitaristas, o dever de levar à sociedade, “em vez do remédio, a prevenção”, ou seja, ações sanitárias, como mecanismos protetores da saúde. No entanto, no alvorecer do século XX Sergipe ainda não havia experimentado a propagação de projetos higienistas. Diferentemente do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, o que ocorreu no estado foi quase uma continuidade da política de saúde desenvolvida em meados do século XIX. As medidas sanitaristas continuaram esparsas e concentradas nos períodos agravados pelas epidemias, como foi o caso da gripe espanhola que vitimou quase mil sergipanos em apenas um mês, em 1918. O projeto higienista encontrou em Sergipe um cenário atribulado: as repetidas epidemias, as elevadas taxas de mortalidade²⁰, a falta do saneamento básico e até mesmo um retrocesso na propagação da vacinação anti-varíola (SANTANA, 2005).

Em meio a esse cenário, os médicos sergipanos passaram a se mobilizar na tentativa de constituir uma organização corporativa. O fruto desse engajamento foi a fundação, em 15 de outubro de 1910, da Sociedade de Medicina de Sergipe (SMS). No dia seguinte, os médicos Augusto César Leite²¹, Helvecio Andrade e Pimentel Franco trataram de publicar no Jornal O

²⁰ “A mortalidade entre menores de dois anos representava uma assombrosa taxa de 46,77%, ou seja, quase a metade da população morria antes de completar dois anos de idade” (SANTANA, 2005, p.24).

²¹ Nasceu em 30 de julho de 1886, em Riachuelo/SE. Graduiu-se em Medicina no Rio de Janeiro no dia dois janeiro de 1909, defendendo a tese “Da contra-indicação renal do emprego do salicilato de sódio”. Voltou para Sergipe onde iniciou suas atividades em Capela, Maruim e Riachuelo, transferindo-se depois para Aracaju, atuando no Hospital Santa Isabel, destacando-se por ter realizado a primeira laparotomia em Sergipe, em 1914. Assumiu a cadeira de professor catedrático de Higiene Geral e História Natural do Colégio Atheneu Sergipense e a partir de 1918 a cadeira de História Natural do Seminário Diocesano de Aracaju. Em 1922, conseguiu junto ao governador Maurício Graccho Cardoso (1922-1926), a promessa da construção de um novo hospital, que foi inaugurado em 1926: o Hospital de Cirurgia. Foi Diretor da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe, precursora da Escola Técnica Federal. Fundou a primeira maternidade de Sergipe – “Francino Melo” em 1930 e o primeiro hospital infantil em 1937, a Escola de

Estado de Sergipe os Estatutos da nova instituição, referindo-se a ela como um “[...] centro de cultura científica, destinado ao estudo de casos clínicos, à elucidação de questões médicas, pharmaceuticas, odontológicas e deontológicas, à defesa dos interesses das mesmas classes, cujo prestígio, solidariedade e harmonia promoverá por todos os meios ao seu alcance” (O ESTADO DE SERGIPE, 1910, Anno XII, Nº 3398, p.2). Cabia ainda à entidade classista, segundo o Estatuto, manter contato e intercâmbio de informações e trabalhos com as “principais sociedades sábias do mundo”.

A instalação da Sociedade ocorreu sete dias após a fundação, numa solenidade realizada em um dos salões do Palácio do Governo. No entanto, no dia 24 de setembro de 1911, pouco mais de um ano de fundada, a SMS foi desfeita e o fato noticiado no jornal Correio de Aracaju: “o ILLUSTRE Sr. Dr. Pimentel participou-nos que de acordos com os seus collegas directoria drs. Daniel Campos e Helvecio de Andrade e outros, estava dissolvida essa sociedade [...]” (CORREIO DE ARACAJU, 1911, Ano V, Nº 604, p.2). Em que pese o contratempo, os médicos permaneceram unidos e a importância dessa classe continuou crescendo naquele período. Apesar da primeira tentativa de estabelecer-se formalmente numa entidade ter falhado, o grupo de médicos, o qual foi inspirado e conduzido pelo Dr. Augusto César Leite, passou a ter o seu lugar de fala na sociedade sergipana. Assim, muitas sugestões e apelos empreendidos pelo grupo, sobre as diversas questões acerca da saúde pública em Sergipe, foram atendidos (SILVA, 2006).

Aproximadamente uma década após a dissolução da Sociedade de Medicina de Sergipe, a influência e força política empreendida pelos médicos os levaram a fundar a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Sergipe, no dia 14 de julho de 1919. O primeiro presidente da recém-criada instituição foi o médico Francisco Fonseca, e apresentou como principais objetivos o zelo pelos interesses da classe médica e pelo conforto dos que lutam contra a doença. Para Santana (2006a) a Sociedade de Medicina atuou de forma contundente na promoção e defesa do exercício profissional médico, além da atuação preponderante na elaboração das políticas de saúde. No final da década de 1920 a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Sergipe desempenhou um:

[...] papel decisivo na definição das políticas de saúde no Governo Graccho Cardoso, sobretudo na construção do Hospital de Cirurgia. Nesse momento,

Enfermagem e a Casa Maternal Amélia Leite. Tribuno brilhante e político habilidoso, foi um dos fundadores e principais artífices do partido União Republicana em Sergipe. Foi senador da República e Constituinte de 1934. Faleceu aos 91 anos, no dia nove de fevereiro de 1978, em Aracaju/SE (SANTANA *et al.*, 2009).

estava na Presidência da entidade o Dr. Augusto Leite, que consegue reunir sob sua liderança quase a totalidade dos médicos de Sergipe (SANTANA, 2006a, s/p).

Porém, essa segunda tentativa de formar uma entidade classista, embora mais duradoura do que a primeira, também não prosperou. Foi somente no dia 27 de junho de 1937, que a cúpula médica sergipana se reuniu em Assembléia Geral e deliberou pela fundação da atual Sociedade Médica de Sergipe (SOMESE). Cabe ressaltar que sabemos da importância de trazer para a pesquisa os embates e conflitos em torno dos acontecimentos mencionados, no entanto, durante as entrevistas, poucos foram os médicos docentes que se sentiram à vontade em falar acerca das questões, mas, infelizmente, não fomos autorizadas a divulgar – mesmo que fosse mantendo o anonimato do entrevistado. Após algumas reuniões para deliberação e composição da entidade classista, o jornal O Estado de Sergipe publicou no dia 30 de outubro do mesmo ano ficando assim constituída: Dr. Augusto César Leite, Presidente; Dr. Oscar Freire, Vice-presidente; Dr. Juliano Calazans Simões, 1º Secretário; José Machado de Souza, 2º Secretário; Dr. Garcia Moreno Orador; Dr. Josafá Brandão, Tesoureiro; Dr. Joaquim Fraga Lima, Bibliotecário arquivista. Os médicos Benjamin Carvalho, João Firpo Filho e Lourival Bomfim, ficaram responsáveis pelo Conselho Fiscal. Conforme nota publicada no jornal, a SOMESE será uma “[...] util instituição que vem de ser criada por grande numeros de medicos de nomeada e que deverá encarnar os desejos e reinvidicações da nobre e benemerita classe” (O ESTADO DE SERGIPE, 1937, Ano V, nº1333, p.1).

No dia seguinte, o mesmo jornal noticiou a solenidade de posse da primeira diretoria, a qual ocorreu às 20h do dia 31 de outubro de 1937, no salão nobre da Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dórea. Também foi publicado que o médico e Augusto Leite, “[...] um dos luminares da ciencia medica em nosso Estado, ocupará hoje a presidência da referida sociedade, cargo para onde o conduziram os seus dignos colegas, pelos seus relevantes serviços prestados a classe e pelo renome que tem o nosso ínclito conterraneo nos círculos medicos do país” (O ESTADO DE SERGIPE, 1937, Ano V, nº1334, p.1). Além disso, foi mencionado que o presidente da recém SOMESE, bem como o médico Garcia Moreno “[...] farão a noite de hoje um brilhante discurso, o qual está sendo aguardado com viva ansiedade [...]” (*ibidem*).

Poucos dias após a solenidade de posse, no dia 17 de novembro, a SOMESE realizou a sua primeira sessão científica com apresentação de trabalhos. O médico Machado de Souza

apresentou um caso de “Paralisia de Parrot”; o médico Lourival Bomfim fez uma conferência acerca da “Etiologia bacteriana da tuberculose” e o médico Garcia Moreno palestrou sobre “Regimes alimentares em pacientes febris”. O evento se revelou um momento de grande importância não somente para a organização médica, mas também para a sociedade sergipana uma vez que os temas debatidos trouxeram reflexões acerca de doenças, algumas delas presentes na vida dos sergipanos. A sessão também se configurou como um meio de discussão, divulgação e fomentação de conhecimentos científicos no campo da medicina.

No período de fundação da Sociedade Médica de Sergipe, década de 1930, Sergipe já havia conquistado uma nova estrutura firmando-se em medidas de amplo alcance no campo da saúde pública. Aliás, essa conquista começou na década anterior, pois, foi “[...] a partir de 1922, durante o governo Graccho Cardoso, que foram criadas as condições para a efetivação de uma reforma sanitária no Estado, estabelecendo-se uma estrutura básica, capaz de enfrentar os alarmantes problemas de saúde” (SANTANA, 2005, p.24). É claro que Sergipe experimentou transformações durante os governos anteriores ao de Graccho Cardoso, trazendo contribuições para os diversos setores do Estado, como por exemplo, a canalização de água, ainda que de forma precária; a necessidade de água potável foi identificada; a construção da primeira rede de esgoto sanitário; a implantação da vacinação domiciliar; a fundação do Instituto Aracajuano Protetor da Infância, dentre outros. No entanto, Santana (2005), afiança que a organização dos serviços sanitários em Sergipe teve uma evolução muito lenta, pelo menos, até o final do governo José Joaquim Pereira Lobo (1918-1922) e aponta como motivos a ineficiência do aparelho sanitário no combate às epidemias; o baixo valor orçado destinado à saúde pública; o atraso na reformulação das estruturas dos hospitais, dentre outros.

Posto isto, não cabe aqui detalhar as ações e os esforços empreendidos das gestões anteriores a 1922. Contudo, julgamos oportuno trazer à tona as contribuições da gestão de Graccho Cardoso no campo da saúde, a qual propiciou meios de incursionar Sergipe a um patamar, mínimo de capacitação para enfrentar as questões de saúde, sobretudo voltadas ao higienismo e sanitarismo. O primeiro ponto a ser esclarecido é quanto à questão do baixo valor orçado destinado à saúde pública, mencionado acima. Quando Graccho Cardoso assumiu a gestão, Sergipe estava vivenciando uma fase de relativa prosperidade econômica. O nosso principal produto de exportação, o açúcar, havia sofrido uma ascensão substantiva. Sergipe contava, em 1920, com 70 usinas das 233 existentes no país, correspondendo assim por 4,8% da

produção nacional. No Nordeste, Sergipe fez parte da região central da civilização do açúcar juntamente com Bahia, Pernambuco e Alagoas (MELO, 2012).

Outro segmento produtivo na economia sergipana foi a indústria têxtil. O beneficiamento e a transformação industrial do algodão no estado fizeram com que, aos poucos, a exportação da fibra fosse substituída pela do tecido. No período de 1906 a 1910, por exemplo, o algodão teve a participação de 28% no valor das exportações em Sergipe, enquanto o tecido foi de apenas 7%. Todavia, entre 1921 e 1925, o algodão correspondeu a 7% e os tecidos representaram 29% das exportações. Também colaboraram para a prosperidade econômica o surgimento de mais seis fábricas de tecido: a Souza Sobrinho & Cia, em Estância; a Peixoto Gonçalves & Cia, e a Antunes & Cia, ambas em Neópolis; uma ligada à casa comercial pertencente a família Brito, em Propriá; a Empresa Industrial São Cristóvão, em São Cristóvão; além da Fábrica de fiação e tecelagem de algodão Sergipe Fabril, em Maruim. Em 1926 mais dois empreendimentos nesse ramo foram fundados no estado, compondo, assim, 10 fábricas ao todo, levando-se em consideração as duas já existentes e criadas entre os anos de 1906 e 1914 (MELO, 2012).

As demais atividades industriais também contribuíram para a ascensão econômica de Sergipe. Em 1907, o censo econômico mencionou a presença de 103 empresas em plena atividade. De acordo com o recenseamento realizado no dia primeiro de setembro de 1920 pela Diretoria Geral de Estatística do Brasil, no início da década de 20 da centúria novecentista, o número de empresas/indústrias gradativamente triplicou, passando de 103 para 301 empresas industriais, dentre elas: 85 indústrias minerais não metalizadas, a exemplo de pequenas olarias; duas metalúrgicas; uma madeireira; nove no ramo de química e farmacêutica; 55 têxteis, dentre elas as fábricas de tecido e aos descaroçadores de algodão; 27 de vestuários, calçados e artigos de tecidos; 86 de produtos alimentares; 26 de bebidas e 10 de fumo (DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA DO BRASIL, 1920). Quanto ao aspecto populacional, em 1920 Sergipe tinha 477.064 habitantes, destes, 37.440 eram da capital.

O que as fontes nos revelam é que esse surto econômico e industrial que ocorreu, principalmente, a partir da década de 1920, gerou não somente um rápido crescimento demográfico na capital aracajuana, mas também uma melhoria na renda da população e das receitas públicas. Esses fatores, sobretudo o orçamento favorável, aliados às cobranças da sociedade, colaboraram decisivamente para a materialização de uma nova estrutura sanitária. Além desses aspectos, Santana (2005) ainda menciona a contribuição da Reforma Carlos

Chagas²², realizada em 1923, e a atuação do gestor do estado, Graccho Cardoso, o qual, segundo o autor, se revelou:

[...] um representante esclarecido, é bom que se ressalte, que tomou a iniciativa de dotar o Estado de Sergipe dos recursos básicos da Saúde Pública no enfrentamento dos problemas sanitários e que a força de trabalho se tornasse alvo central das preocupações das ações sanitárias por parte do Estado (SANTANA, 2005, p. 47).

Em que pese à gestão de Graccho Cardoso por ter se configurado um período conturbado devido ao movimento tenentista²³, a sua administração foi considerada a “[...] mais modernizadora do século XX em Sergipe” (DANTAS, 2004, p.39). A sua eleição significou a continuidade da oligarquia Valadão/Lobo, representada por seus antecessores Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão (1894-1896; 1914-1918) e José Joaquim Pereira Lobo (1918-1922), os quais comandavam o Partido Republicano Conservador de Sergipe (PRCS). Não bastasse o enfrentamento aos tenentes, liderado pelo militar Augusto Maynard, no último biênio de sua gestão, Graccho Cardoso também passou a sofrer a oposição dentro do seu próprio partido comandado pelo seu antigo padrinho, Pereira Lobo. A contenda política se deu pelo fato de o governador do estado ter assumido o compromisso de eleger a Senador por Sergipe o maranhense Lopes Gonçalves, contrariando parte do Partido Republicano Conservador sergipense, que não aceitou a indicação (DANTAS, 2004).

O fato é que, mesmo diante das contendas políticas, Graccho Cardoso não deixou de operar as mudanças no campo da saúde pública, preparando o estado para enfrentar os principais

²² Carlos Justiniano Ribeiro Chagas nasceu no dia nove de julho de 1879, no Rio de Janeiro. Foi um médico sanitarista, cientista e bacteriologista brasileiro, que trabalhou como clínico e pesquisador, atuando de forma incisiva na saúde pública do Brasil. Após a morte de Oswaldo Cruz, o médico Carlos Chagas passou a assumir a direção do Instituto Oswaldo Cruz, no dia 14 de Fevereiro de 1917. Foi nomeado Diretor Geral de Saúde Pública, em 1919. Propôs a reforma Carlos Chagas, em 1923, com os objetivos de ampliar o atendimento à saúde por parte do governo da União, nas seguintes áreas: assistência médica (pronto-socorro, postos de saúde rurais, fiscalização das Santas Casas); Assistência materno-infantil; Educação sanitária e higiene industrial; Fiscalização de alimentos, de laboratórios e do exercício da medicina; orientação alimentar, dentre outros. Também criou o Serviço de Enfermagem Sanitária. Faleceu aos 55 anos, no dia oito de novembro de 1934, no Rio de Janeiro (FIOCRUZ, s/d).

²³ Na madrugada do dia 13 de julho de 1924 ocorreu a primeira revolta militar em Sergipe, a qual passou a ser conhecida como a “Revolta Tenentista” ou “Revolta de 13 de julho de 1924”. As tropas revoltosas atacaram o Palácio do Governo e prenderam o governador Graccho Cardoso, bem como alguns de seus aliados, tomando a frente do governo Estadual por 21 dias. Os principais líderes que encabeçaram o embate foram os tenentes Augusto Maynard Gomes, João Soarino de Melo e Manuel Messias de Mendonça. Esses militares se inspiraram na “Revolução Paulistana”, ocorrida no dia cinco de julho do mesmo ano, e reivindicavam uma maior participação militar na vida pública do estado. Logo após o levante, o presidente Artur Bernardes enviou as suas tropas a Sergipe, que logo contiveram os revoltosos levando-os para a prisão (DANTAS, 2004, p.42).

problemas na área. Estimulado pelo discurso de modernização na área médica e pelas aspirações científicas representadas por um grupo de médicos, liderados por Augusto Leite, o governador colocou a saúde pública como ponto importante de sua plataforma de governo. Para Santana (2005), “A justificativa encontrada por Graccho Cardoso para efetuar as mudanças no campo da saúde, girava em torno da necessidade de preservar e aumentar a produtividade da mão-de-obra, tão necessária para o progresso e para a civilização, e muito escassa no estado de Sergipe” (SANTANA, 2005, p.192). Para reforçar a afirmativa do autor, encontramos um discurso lido na Assembleia Legislativa e publicado no Diário Oficial do Estado, em 1924, em que o governador afirmou: “[...] um dos principais deveres do Estado consiste, portanto, em assegurar-se de uma população robusta, sadia e forte” (CARDOSO, 1924, In: DOE).

A questão da saúde pública estava intimamente ligada às condições ambientais, devido, sobretudo, à predominância da concepção contagionista da transmissão das moléstias. Os estudos apontavam como determinantes das várias afecções mórbidas (doenças) a má qualidade de água potável; a precariedade da alimentação e a falta de higiene durante o manuseio; as emanções miasmáticas dos poços, pântanos e alagadiços, dentre outros fatores. Segundo Pires Wynne (1973), em sua obra “História de Sergipe (1930-1972)”, os mangues e lamaçais dominavam uma grande parte da capital, a exemplo do trecho da “Estação até à entrada da cidade, pela Rua do Barão, ainda uma terra fofa, muita humidade e pântanos, caminhos de lamaçais e córregos putrefactos” (WYNNE, 1973, p.411). Assim, em virtude do cenário, era necessário redimensionar o olhar não somente do poder público, mas também da sociedade civil, para a ordenação do espaço urbano, a exemplo dos matadouros, dos açougues, das fontes públicas, das habitações, das sujidades das vias públicas, da contaminação dos córregos etc., uma vez que a saúde adquiriu o status de medida indispensável ao processo de civilização e progresso. Nesse sentido, com o objetivo de sensibilizar a população quanto à importância do sanitarismo, o Departamento de Saúde Pública publicou, em 1940, um livreto com o título “Educação Sanitária”, no qual consta que:

A educação sanitária do povo é a base primordial na luta contra os agentes morbigenos, que não podem ser rebelados por quem ignora os elementos mais rudimentares de higiene e se acha circunscrito à esfera das idéias rotineiras. [...]. No entanto, é mistér declararmos, introitivamente e sem atravios, que o cometimento, sôbre o complexo, é perarduo, demandando, imperativamente, uma sinergia de ação dimanante dos gôvernos, dos higienistas e da coletividade. (DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA DE SERGIPE, 1940, p.3).

Um dos meios encontrados pelo estado para sensibilizar a população acerca dessas questões foram os jornais, a exemplo do A Cruzada que publicou a nota “Educação sanitária para o produtor – bom leite, com higiene” alertando que a produção não higiênica do leite constitui não apenas um perigo para a saúde pública, mas também prejuízos econômicos ao produtor (A CRUZADA, 1927, nº1678). Com o mesmo objetivo, o Sergipe Jornal noticiou “A falta D’água” advertindo aos “[...] poderes publicos para que se não retardem as providencias que se impõem de protecção aos nossos mananciaes” (SERGIPE JORNAL, 1932, nº 2909, p.1), recomendou ainda medidas emergenciais quanto à distribuição da água até a população. Diante dos anúncios mencionados percebemos que a prática de veicular discursos em relação à saúde pública vinha sendo adotada anos antes do Departamento de Saúde Pública publicar o livreto “Educação Sanitária” (1940).

Com a visão acerca da importância do sanitarismo e preocupado com o progresso do estado, Graccho Cardoso procurou Dr. Carlos Chagas, na época Diretor Geral do Departamento Nacional de Saúde Pública, e expôs a situação de Sergipe solicitando que firmasse um contrato com o estado e assumisse o comando dos serviços sanitários estaduais. O encontro foi bem sucedido. A prova disso é que, após dois meses, foi criado o novo Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural, vinculado ao Departamento Nacional de Saúde Pública, o qual passou a assumir a direção dos serviços sanitários em Sergipe (SANTANA, 2005). Após recrutar e montar a equipe que comporia o Serviço de Profilaxia, inclusive com médicos de outros estados, foi montado um plano de ação e, no dia 19 de abril de 1923, foi publicado no Diário Oficial do Estado de Sergipe uma Portaria definindo o campo de atuação do novo Serviço, com as seguintes atribuições:

Fiscalização do exercício da medicina, com registro de títulos e diplomas; controle dos farmacêuticos práticos, dentistas e parteiras legais; fiscalização das habitações, praças, terrenos, logradouros, principalmente no que concerne a captação de água e ao funcionamento dos esgotos; estabelecer um trabalho permanente de abertura, drenagem e tapamento de valas, pântanos, poços, caixas e depósitos d’água, obrigando os responsáveis pelos terrenos particulares onde for executado o serviço a conservarem de acordo com o regulamento; combate aos vetores; organização do serviço de demografia sanitária; controle das doenças de notificação compulsória das doenças transmissíveis com caráter epidêmico; controle dos enterramentos; combate intensivo às verminoses e ao impaludismo, com tratamento gratuito; intensificação da vacinação e revacinação; fiscalização dos gêneros alimentícios; e instalação de um

laboratório para realização de exames de sangue, pus, escarro, fezes e urina, assim como vacinas e soros (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, 1923, nº 991).

O Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural funcionou na Avenida Rio Branco, em Aracaju e, dada a sua importância, foi expandido para o interior do estado: uma em Propriá, denominada de Posto Oswaldo Cruz, e uma em Estância como o nome de Posto Belisário Pena, além de diversos subpostos em outros municípios. Logo após a criação do Serviço de Profilaxia, foi criado ainda uma Seção de Lepra e Doenças Venéreas. Essa nova organização com a criação do Serviço de Profilaxia se configurou como um “Verdadeiro programa de saúde pública, que ao ser implantado modificaria totalmente a face dos serviços de higiene no Estado de Sergipe” (SANTANA, 2005, p.203). Entretanto, no mesmo ano de instalação do Serviço, em 1923, ocorreram alguns conflitos motivados pela disputa de pequenos espaços de poder, levando o estado a suspender os serviços sanitários e, conseqüentemente, a um retrocesso. Apesar dos conflitos, em abril do mesmo ano, Graccho Cardoso recebeu uma notícia que iria contribuir com a Seção de Lepra e Doenças Venéreas: verbas para a construção de um Hospital de Isolamento, conforme noticiado no Sergipe Jornal:

Tivemos, hoje, a grata notícia de que, devido a passagem recente, dos serviços de hygiene do Estado, para a comissão federal de saneamento, o Presidente de Sergipe, por solicitação do dr. Eleyson Cardoso, autorizou a Secretaria Geral a entrega a alludida comissão do saldo existente na respectiva verba, para, com tal quantia, proceder-se a contrucção, nesta capital, de um Hospital de Isolamento (SERGIPE JORNAL, 1923, nº 496, p.2).

No entanto, diante da suspensão dos serviços sanitários, Graccho Cardoso passou a sofrer pressão, principalmente pela mobilização da categoria de médicos, para a retomada dos trabalhos realizados anteriormente pelo Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural. O resultado dessa pressão foi a assinatura de um novo contrato com o Departamento Nacional de Saúde Pública com a reinauguração, de forma festiva, no dia 15 de abril de 1924. O novo organograma e estrutura do Serviço de Profilaxia passou a ofertar novos serviços à comunidade, como por exemplo, uma nova Seção de Endemias e Epidemias Rurais; um posto de higiene designado à fiscalização sanitária das habitações, valas e logradouros públicos; um dispensário maternal de higiene infantil; serviço de proteção à infância; pré-natal e assistência à gestante; uma farmácia popular, fornecendo remédios de forma gratuita; um dispensário de lepra e doenças venéreas, para tratamento gratuito com lavagens, curativos, injeções; uma seção de fiscalização de gêneros

alimentícios e uma seção de propaganda e educação sanitária (SANTANA, 2005). Nas imagens abaixo podemos observar alguns dos serviços mencionados sendo ofertado à população do estado do Ceará e do Rio de Janeiro:

Figura 1- Estrutura externa Posto de Profilaxia Rural de Guaratiba – RJ. Da esquerda para a direita: Dr. Belisário Pena e pacientes (1922)



Fonte: Arquivo Fiocruz

Figura 2 - Estrutura interna do Posto de Profilaxia Rural de Guaratiba – RJ, com sala de curativos e consultório médico (1922)



Fonte: Arquivo Fiocruz

Figura 3 - Obras de engenharia sanitária realizadas pelo Serviço de Profilaxia Rural - Ceará (1922)



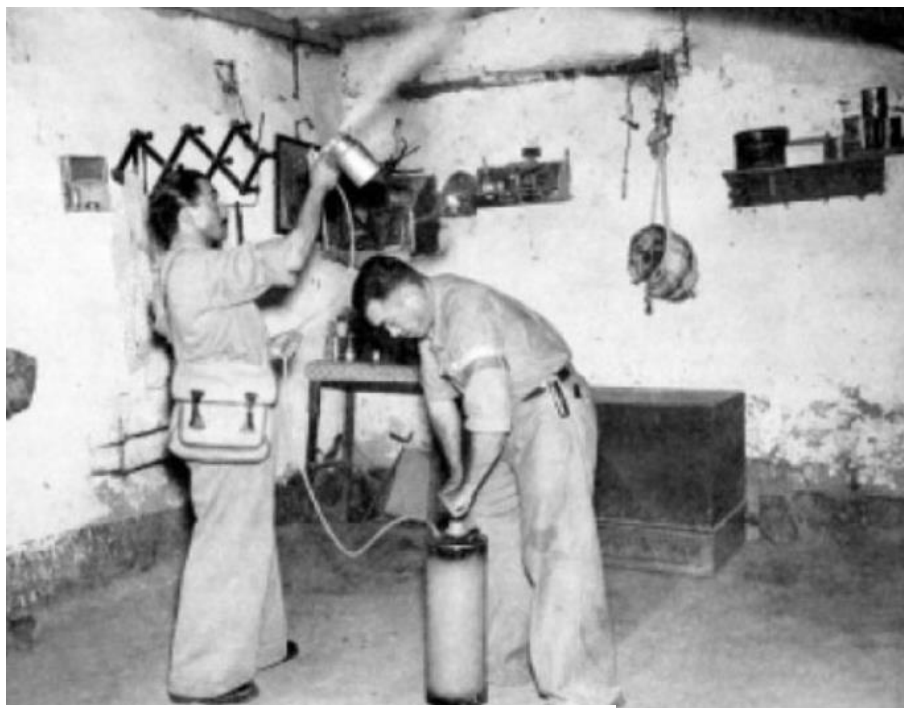
Fonte: Acervo Fiocruz

Figura 4 - Carroça transportando o compressor De Vilbess, utilizado para expurgo domiciliar em campanha contra vetores no Ceará (1940)



Fonte: Acervo Fiocruz

Figura 5 - Expurgo domiciliar em campanha contra vetores no Ceará com compressor De Vilbess, utilizado para (1940)



Fonte: Acervo Fiocruz

Embora não tenhamos encontrado registros iconográficos de Sergipe referente às atividades de combate aos vetores e/ou cuidados relativos à saúde pública, as imagens acima se revelam como fontes privilegiadas para a compreensão das principais ações e campanhas implementadas pelo Serviço de Profilaxia espalhadas pelo país, inclusive em nosso estado. Observamos, assim, que as estratégias adotadas para o controle ou erradicação de doenças mesclavam diferentes tipos de ação.

Em Sergipe, por exemplo, para criar as condições necessárias e viabilizar esse modelo sanitarista, bem como ordenar o espaço urbano rumo ao progresso, Graccho Cardoso fundou, na capital, três instituições consideradas modelos: o Mercado Modelo, o Matadouro Modelo e a Penitenciária Modelo. Embora as obras tenham recebido críticas da oposição, alegando possuírem estruturas suntuosas, elas receberam apoio e elogios da sociedade e de parte da imprensa, como ficou evidente no jornal *Gazeta do Povo*, “Hoje foi inaugurado, com toda a solenidade, o sumptuoso Mercado Novo, que representa mais uma obra monumental da Administração de Graccho Cardoso” (*GAZETA DO POVO*, Anno II, Nº 378, 1926, p.1). Além destas obras, podemos elencar outras criações, como, por exemplo, o Instituto de Química, a Faculdade de Direito Tobias Barreto e a de Farmácia e Odontologia Anibal Freire, o Banco Estadual de Sergipe, além de projetos destinados à ampliação das redes de água e esgotos de Aracaju. Também expandiu as rodovias e as linhas ferroviárias e firmou contrato com empresas nacionais e estrangeiras a fim de promover o aumento da energia elétrica (NUNES, 2008).

Mas nem sempre foi assim. Até Aracaju chegar a esse patamar, o campo médico passou por rupturas e avanços ao longo de muitos anos. Na próxima seção tratamos dessas questões focando, sobretudo, na emancipação do campo médico e nas estratégias de cura dos diferentes protagonistas responsáveis pela saúde. Para tanto, é de fundamental importância estar atenta ao equívoco do “ídolo das origens”, um tema levantado pelo historiador Marc Bloch. Para ele não há o porquê de regressar aos tempos remotos para compreender um passado mais recente. O autor afirma que: “A questão, em suma, não é mais saber se Jesus foi crucificado, depois ressuscitado. O que agora se trata de compreender é como é possível que tantos homens ao nosso redor creiam na Crucificação ou na Ressurreição” (BLOCH, 2001, p. 58).

Entendemos que ir tão longe, por vezes, torna a pesquisa ininteligível. No entanto, justificamos antecipadamente o motivo de trazer para o estudo o contexto de temas e conceitos de um passado distante, uma vez que o objetivo é, portanto, estabelecer uma conexão entre o espaço

tempo de determinados acontecimentos de modo que a leitura se torne de fácil compreensão. Até porque, Bloch (2001) enfatiza que: “Em suma, nunca se explica **plenamente** um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento” (BLOCH, 2001, p. 60, grifo meu). Deste modo, explicar “plenamente” não é o nosso intuito, mas sim, estabelecer uma conexão entre os tempos para compreender as rupturas e avanços acerca do tema, conforme já mencionado.

2.3- DOS FEITICEIROS AOS MÉDICOS: LEGITIMAÇÃO SOCIAL DA MEDICINA E O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DO CAMPO MÉDICO

Abrindo a cortina do palco médico, retomamos a uma história que abrange milhares de anos, mas, sem a pretensão de esgotar o assunto por conta da complexidade, vemos apenas poucas cenas. Não tratamos aqui sobre a medicina hipocrática²⁴, sobre o “Pai da Medicina Ocidental”, o médico grego Hipócrates (460- 377 a.C.). Não iremos tão longe, mas buscaremos fundar uma conexão entre os tempos, quando julgarmos oportuno. O nosso intuito é dar corpo e significado ao estudo e levar o leitor a extrair dessa narrativa fragmentária, e não completada, algumas conclusões acerca do tema. Assim, para compreender a constituição do campo médico, é preciso esclarecer, de modo muito abreviado, a forma como ocorreu a institucionalização da ordem médica, sobretudo no Brasil durante o século XIX, período em que o país foi composto por uma “[...] sociedade descrita sob os marcos da incivilidade, desordem, feitiçaria, curandeirismo, práticas mágicas, curiosidade e desrazão” (GONDRA, 2004, p. 84), principalmente no campo da medicina.

No Brasil, até 1808, a atividade médica nem sempre decorreu de uma formação especializada. A atenção e o zelo com a saúde bem como as estratégias de cura eram atividades compartilhadas por diferentes indivíduos, como por exemplo, os físicos²⁵, os cirurgiões-barbeiros, os cirurgiões, os boticários, os algebristas, as parteiras e os feiticeiros. Cada um deles apresentava e recorria a um conjunto de conhecimentos e práticas diferenciadas (GONDRA,

²⁴ O termo medicina hipocrática é utilizada em alusão ao médico grego, Hipócrates, nascido na cidade de Cós (ou Kós), na Grécia. A História fez dele o “pai da Medicina”, haja vista ter sido ele o primeiro a ponderar uma base racional e científica para as enfermidades, substituindo assim a concepção atrelada às causas sobrenaturais de que a doença é o resultado da punição dos deuses. Hipócrates rejeitou fundamentações supersticiosas e míticas para os problemas de saúde e estabeleceu a relação de que os aparecimentos de doenças estavam vinculados a fatores climáticos, alimentares e hábitos cotidianos, além das precárias condições ambientais. Hipócrates faleceu aos 83 anos, na cidade de Lárisa (ou Laryssa), em 377 a.C. (GOTTSCALL, 2007).

²⁵ Esse era o termo utilizado para identificar os médicos (formados pela Universidade de Coimbra) durante os primeiros séculos da colonização do Brasil, uma vez que a própria medicina era considerada como “física”, posto à natureza de seus estudos (COELHO, 1999).

2004). Os físicos (ou licenciados), os quais eram formados nas escolas europeias, faziam parte de uma minoria e, em terras brasileiras, eram considerados os médicos propriamente ditos e estavam à serviço dos representantes da Coroa. Para Edmundo Coelho (1999), autor da obra “As profissões Imperiais”, cabiam “[...] aos ‘físicos’ formados em Coimbra o monopólio da consulta e da prescrição e aos cirurgiões o de tratar de doenças externas” (COELHO, 1999, p.96). Este autor aprofundou, ainda, que dentre as incumbências dos cirurgiões estavam o tratamento dos grandes ferimentos e de cirurgias, como, por exemplo, as amputações; e que aos cirurgiões-barbeiros cabiam os cuidados com os cabelos e barbas, além de pequenas cirurgias, como extrair dentes e abrir tumores superficiais. Em uma pesquisa intitulada “Medicina tropicalista baiana”, Barros (1998) teceu algumas diferenças dentre o cirurgião e o físico:

Lidando exclusivamente com o lado externo do corpo humano, os cirurgiões eram treinados para atos específicos de base operacional e manual, estabelecendo com os físicos a divisão entre trabalho intelectual e manual, sendo este identificado com o braço servil (BARROS, 1998, p.417).

A arte de curar também estava nas mãos dos boticários, pois eram indivíduos que se destinavam à manipulação e fabricação de substâncias através do uso de ervas medicinais, extraídas da fauna e da flora brasileira. Esses medicamentos eram preparados e comercializados nas boticas, que eram os lugares destinados para tal finalidade. O paciente, ao passar pelo físico, o qual era responsável pela prescrição do medicamento, conforme já mencionado, dirigia-se à botica com a sua receita médica. Para Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra “O homem cordial”, esses “Remédios de paulistas” foram sendo aprimorados em virtude da necessidade e da experiência advinda pelos jesuítas. No capítulo que versa sobre “Botica da natureza”, Holanda afirmou que:

Estes [jesuítas], antes de ninguém, souberam escolher, entre os remédios dos índios, o que parecesse melhor, mais conforme à ciência e a superstição do tempo. Mas só a larga e contínua experiência, obtida à custa de um insistente peregrinar por territórios imensos, na exposição constante a moléstias raras, a ataque de feras, a vindita do gentil inimigo, longe do socorro dos físicos, dos barbeiros sangradores e das donas curandeiras, é que permitiria ampliar substancialmente e organizar essa ‘farmacopeia rústica’. ‘Remédios de paulista’ eram como se chamavam em todo o Brasil colonial as receitas tiradas da flora e também da fauna dos nossos sertões (HOLANDA, 2012, p. 72).

As boticas eram inspecionadas por médicos, também formados pela Universidade de Coimbra²⁶, denominados de comissários do físico-mor (médico/autoridade responsável pela prática e o policiamento do exercício médico). O médico Cipriano de Pina Pestana²⁷, físico-mor do Reino nos Estados do Brasil, expediu um Regulamento, em maio de 1744, no qual constavam as atribuições dos comissários, dentre elas as inspeções periódicas para observar e apurar a regularidade das boticas existentes em seus distritos, bem como dos boticários. Aos comissários também caberiam a averiguação e aplicação de multas no caso de infrações ou irregularidades no estabelecimento.

O objetivo do Regulamento não foi apenas fiscalizar a produção e a circulação de medicamentos no Brasil colônia, mas também examinar “[...] se os Medicamentos são feitos com a perfeição, e bondade que manda a Arte Pharmaceutica e se nelles existe ainda aquelle vigor, efficácia que possa produzir o effeito para que foraõ compostos” (BRASIL, 1744, p. 2). A periodicidade da inspeção ocorria, na botica, a cada três anos e, nos Portos, sempre quando houvesse desembarque de medicamentos vindos de outros países. Na figura abaixo podemos observar algumas das atribuições dos comissários:

²⁶ A Universidade de Coimbra foi fundada em primeiro de março de 1290, na cidade de Coimbra, em Portugal, pelo Rei Denis I. Dinis I nasceu no dia nove de outubro de 1261, em Lisboa, Portugal. Foi o filho mais velho do rei Afonso III e de sua segunda esposa, Beatriz de Castela. Foi o Rei de Portugal e Algarve de 1279 até o dia 7 de janeiro de 1325, quando faleceu em Santarém, Portugal. A Universidade de Coimbra é uma universidade pública e uma das mais antigas do mundo que ainda se encontra em funcionamento (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, s/d). Disponível em: http://www.uc.pt/sobrenos/historia/marcoshistoricos_xii_xvi.

²⁷ Nascido em Penella, Comarca de Coimbra. Filho de Diogo Leitão. Médico formado pela Universidade de Coimbra (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, s/d). Disponível em: http://www.uc.pt/sobrenos/historia/marcoshistoricos_xii_xvi.

Figura 6 - Regimento Lei de 16 de maio de 1744, que devem observar os comissários delegados do físico-mor do Reino nos estados do Brasil



Fonte: Arquivo Nacional.

Ainda exerciam funções importantes na área da saúde os algebristas, também chamados de endireitas de articulações, os quais cuidavam das fraturas ósseas e luxações; e as parteiras ou aparadeiras, responsáveis pelo atendimento aos partos normais. Ambos não tinham o conhecimento advindo da universidade, mas possuíam um conjunto de procedimentos e práticas necessários para o fazer médico (BARROS, 1998). Esse cenário passou a mudar com a chegada da família real portuguesa para o Brasil em 1808, uma vez que passou a exigir das parteiras uma licença oficial para exercer a função. Segundo Mesquita (2014), “[...] a candidata precisava comprovar habilidades e experiências que deveriam ser constatadas através de carta expedida pelo físico mor da região onde morava” (MESQUITA, 2014, p. 753). Tal carta era expedida somente após a parteira ter passado por uma banca julgadora, a qual era composta por dois cirurgiões e uma parteira já aprovada. Durante essa avaliação, a banca fazia perguntas teóricas e

práticas à candidata e, após a aprovação no exame, os autos eram registrados em cartório (MESQUITA, 2014).

Algumas das práticas populares de cura foram além do campo da razão. Estamos falando dos feiticeiros, indivíduos que também tinham suas estratégias de cura. Grande parte desses feiticeiros era de origem africana e praticava rituais religiosos curativos. Guimarães (2008, p.6) afirma que “[...] uma das funções mais importantes dos feiticeiros era exatamente curar doenças com cataplasmas²⁸ de ervas, óleos, emplastos²⁹ e rezas”. Para os feiticeiros, nem sempre as doenças tinham uma origem natural e muitas delas eram causadas por espíritos maléficos, os quais entravam no corpo do homem provocando desordens graves. Assim, “Para conseguir a cura completa, era preciso suprimir a causa principal da doença, afastando com rezas o espírito da possessão” (BRAGA, 2014, p.116). Por conta dessa prática de caráter mágico e religioso adotada pelos feiticeiros, a freguesia poderia ser, em determinadas ocasiões, um pouco distinta da freguesia dos físicos e dos cirurgiões, que ignoraram ou desqualificaram essas práticas. Os critérios de escolha adotados pela clientela entre a medicina dos físicos e a dos feiticeiros estariam muito mais atrelados à credibilidade e à confiança.

2.4- ESCOLAS DE MEDICINA NO BRASIL: CRIAÇÃO, CRIADORES E PROFESSORES

A chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808, conforme já mencionado, foi um divisor de águas para o país. Isto porque a Corte trouxe consigo um aparato médico-cientificista até então pouco conhecido em solo brasileiro, a exemplo da Fisicatura Mor, um órgão de cunho burocrático-administrativo responsável pelos assuntos no tocante à higiene pública e à fiscalização quanto ao exercício da medicina e da cirurgia, não somente no Brasil, mas também nos demais domínios portugueses (MESQUITA, 2014). Portanto, os físicos que trouxeram as sementes de uma nova ciência médica para Brasil, novas práticas, métodos e conhecimentos, vieram de universidades europeias.

Segundo Barros (1998), essa “nova ciência médica” é reflexo da revolução cultural introduzida por Sebastião José de Carvalho e Melo (1699 – 1782), o primeiro Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, o qual foi secretário de Estado do Reino entre 1750 e 1777, durante

²⁸ Massa medicamentosa preparada com plantas medicinais e aplicada sobre a pele, com fins terapêuticos (MELHORAMENTOS, 2007, p.97).

²⁹ Medicamento de uso externo, adesivo ao corpo. É uma forma de medicação transdérmica (aquecida) cujo objetivo é aquecer tecidos, acelerando assim o processo de cura (MELHORAMENTOS, 2007, p.182).

o reinado de D. José I. No ano de 1772, as reformas pombalinas chegaram à Universidade de Coimbra trazendo consigo modificações no ensino médico. Um dos objetivos propostos pela reforma era atualizar totalmente a Faculdade de Medicina,

[...] fazendo voltar o estudo de anatomia por intermédio da dissecação de cadáveres; o estudo de higiene, 'porque é mais fácil conservar a saúde do que recuperá-la uma vez perdida'; adotar as descobertas de Harvey relacionadas com a circulação do sangue, as teorias de Albinus em anatomia, as de Boerhaave em patologia e as de Van Swieten em farmacologia (BARROS, 1998, p.419).

Segundo Viotti (2012), os médicos mencionados acima foram considerados ícones da medicina antiga e moderna. O objetivo em adotar as descobertas, os estudos e os conceitos desses médicos-docentes foi dar uma base cientificista atualizada aos estudos médicos, uma vez que cada um deles trouxe contribuições para o campo em questão. William Harvey (1578-1657), por exemplo, foi quem descreveu corretamente as particularidades do sistema circulatório do sangue; Herman Boerhaave (1668-1738) desenvolveu uma teoria que, além de avaliar os aspectos químicos das patologias, observou métodos analíticos que envolviam dissecações e fluídos; Bernhardus Albinus (1697-1770) foi anatomista e cirúrgico, e se tornou um dos professores mais famosos na Europa; Van Swieten (1700–1772) estudou química, farmácia e medicina. Também foi patologia e aperfeiçoou métodos para o tratamento de doenças venéreas.

Quanto à retomada do estudo da anatomia por intermédio da dissecação de cadáveres, proposta pela reforma pombalina, cabe aqui uma ressalva. Muitos estudiosos da medicina têm adjudicado a causa da longa "estagnação" dessa ciência, sobretudo ao estudo da anatomia, a uma suposta atitude negativa por parte do Santo Ofício devido à retaliação de cadáveres, especialmente de humanos, por volta do século XVII. A explicação para isso, segundo Rupp (1993, p.11) é o fato de que todas as religiões atribuíam ao cadáver um caráter sagrado. Em seus estudos, Rupp ainda menciona que “[...] por mais que uma pessoa fosse corajosa e inteligente, e por mais que tivesse inclinações pelo saber e a arte da anatomia, ela não poderia ter feito muito, porque os cadáveres eram considerados sagrados e as mãos que os tocavam eram tidas como contaminadas [...]” (RUPP, 1993, p.12). Adiante, o autor menciona ter encontrado documentos, datados do início do século XIV, que regulamentavam a dissecação apontando para uma prática já existente. Observamos, assim, que a utilização dos cadáveres como elemento de ensino-aprendizagem na antiguidade era restrita e diminuta. Entretanto, com o alvorecer do século XVIII e com a reforma pombalina, a necessidade de se conhecer o corpo humano fez com que essa

prática fosse retomada dentro das Faculdades de Medicina, contribuindo, portanto, para o avanço científico do campo.

Após o fragmento histórico, no qual versamos acerca dos diferentes indivíduos e seus fazeres médicos por entre espaços e tempos, com o intuito de levar o leitor a compreender quem foram os sujeitos históricos responsáveis pela saúde, retomaremos a um período incisivo para o campo médico no país. Estamos falando da transferência da Corte portuguesa para o Brasil, a qual desembarcou no dia oito de março de 1808 no Rio de Janeiro com uma tripulação de aproximadamente 15 mil portugueses entre eles funcionários, criados, assessores e pessoas ligadas à corte portuguesa, além de escravos negros (GONDRA, 2004). O motivo de tal transferência foi a invasão de Napoleão à Metrópole Portuguesa, com isso, o envio de cirurgiões habilitados para o Brasil ficou impossibilitado e D. João VI se viu obrigado a instalar escolas de medicina pelo país uma vez que adotou como objetivos de sua gestão “[...] garantir o enriquecimento, a defesa e a saúde do povo da nova terra” (CARAMORI, 2013, p.38). Além disso, era preciso capacitar localmente profissionais, no campo da saúde, que pudessem atender aos militares portugueses cuja mortalidade era alta.

Diante da situação, o cirurgião da Real Câmara, o médico pernambucano José Corrêa Picanço³⁰, sugeriu ao Príncipe-Regente D. João a fundação da Escola de Cirurgia da Bahia a qual passou a funcionar dentro das instalações do Hospital Real Militar de Salvador, em fevereiro de 1808. Um mês após, foi criada a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro e que passou a operar no Hospital Real Militar da Corte. (CARAMORI, 2013). Embora já houvesse o ensino cirúrgico no período anterior a 1808, em Vila Rica (Ouro Preto/MG), foi com a chegada da corte ao Brasil que se iniciou um tortuoso processo de reconhecimento da profissão médica instituída por um conjunto de iniciativas oficiais, a exemplo do combate e fiscalização aos ativistas da medicina conhecidos como feiticeiros e curandeiros (GONDRA, 2004). Essa ação apresentou um duplo objetivo, quais sejam, associar o conhecimento teórico à prática médica e destituir discursos e práticas defendidas pela magia e pela teologia. Ainda nesse sentido, Gondra (2004) assevera que:

³⁰ José Correia Picanço nasceu na cidade de Goiana, estado de Pernambuco, no dia 10 de novembro de 1745. Formou-se em Medicina pela Universidade de Paris; licenciou-se em cirurgia pela Universidade de Coimbra; foi professor de Anatomia na Universidade de Coimbra. Picanço foi um médico luso-brasileiro, fundador das primeiras escolas de medicina do Brasil: a Faculdade de Medicina da Bahia e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi Cirurgião-mor do Reino de Portugal, por alvará de 1809; recebeu o título de "Patriarca da Medicina Brasileira". Faleceu aos 77 anos, no dia 23 de janeiro de 1823, no Rio de Janeiro (BARROS, 1998; GONDRA, 2004).

O início da profissionalização dos médicos no Brasil pode ser considerado como um outro marco no processo de institucionalização e legitimação social deste campo do conhecimento, embora não represente uma ruptura plena com o estado de coisas que pautava as ações médicas no início do século XIX (GONDRA, 2004, p.64).

A Escola de Cirurgia da Bahia foi fundada na cidade de Salvador pela decisão régia de 18 de fevereiro de 1808, expedida pelo Ministro do Reino D. Fernando José de Portugal. Conforme já mencionado, a Escola ficou sediada no Hospital Real Militar da Bahia, o qual era localizado no antigo prédio do Colégio dos Jesuítas, no Largo Terreiro de Jesus. Por recomendações do Cirurgião-mor José Corrêa Picanço, lente jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, o ensino deveria seguir a orientação francesa, ou seja, adotar os princípios cirúrgicos do compêndio de Monsieur de La Faye³¹, além de exigir dos alunos o conhecimento da língua francesa bem como o pagamento de uma taxa, no ato da matrícula. A princípio, foram ministradas somente duas cadeiras básicas, a de Cirurgia Especulativa e Prática incumbida ao cirurgião Manoel José Estrella³²; e Anatomia e Operações Cirúrgicas que ficou sob a responsabilidade do cirurgião José Soares de Castro³³, ambos os médicos nomeados por José Corrêa Picanço. O curso tinha a duração de quatro anos e, entre 1808 e 1815, o ensino limitou-se a lições teóricas de anatomia humana, a elementos de fisiologia, patologia e clínica (FIOCRUZ, s/d).

No Rio de Janeiro, o marco inicial do ensino médico ocorreu no dia dois de abril de 1808 quando D. João VI estabeleceu, através de decreto, uma cadeira de Anatomia nas instalações do Hospital Real Militar da Corte. Coube ao cirurgião Joaquim da Rocha Mazarém³⁴ lecionar a referida disciplina, além de ministrar o curso de ligaduras, partos e operações de cirurgia. Foi dessa forma que se iniciou a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. (EACMRJ) Após um ano de sua fundação, em 12 de abril de 1809, foi inserida uma terceira

³¹ Jorge de La Faye foi um cirurgião francês e foi o autor de *Princípios da Cirurgia*, traduzido para o português por Silvestre José de Carvalho e publicado em Lisboa, em 1786, sendo considerada, para a época, uma excelente obra didática, utilizada nas Escolas de Cirurgia do Reino (BARRETO, 2005).

³² Manoel José Estrella nasceu na Bahia em 1760. Obteve o título de cirurgião pelo Colégio do Hospital de São José, em Lisboa. Atuou como cirurgião-mor no Hospital Real Militar da Bahia. Com a reforma da Escola em 1815 continuou lente do segundo ano lecionando Fisiologia. Manoel Estrella faleceu em 1840 (FIOCRUZ, s/d).

³³ José Soares de Castro nasceu em Portugal em 1772. Em 1815 passou a lecionar Anatomia Geral e Matéria Médico-Cirúrgica. Escreveu duas obras científicas e pedagógicas: 1812 “*Elementos de Osteologia*”; 1813 “*Da Noxologia*”. Faleceu na Bahia aos 77 anos, em 1849 (FIOCRUZ, s/d).

³⁴ Joaquim da Rocha Mazarém nasceu no dia 12 de dezembro de 1775, na cidade Vila e Praça de Chaves, em Portugal. Formou-se em Cirurgia, em 1806, após frequentar as aulas de Anatomia e Cirurgia do Hospital Real de São José, em Lisboa. Faleceu em Lisboa, em 21 de abril de 1849 (FIOCRUZ, s/d).

cadeira intitulada de Medicina Clínica Teórica e Prática e Princípios Elementares da Matéria Médica e Farmacêutica, a qual ficou sob a responsabilidade do médico José Maria Bomtempo³⁵. Adiante, por meio do Decreto de 20 de setembro de 1808, foram inseridas ao currículo as cadeiras: Fisiologia, Terapêutica Cirúrgica e Particular, Medicina Cirúrgica e Obstétrica, Medicina, e Química (GONDRA, 2004). Quanto ao método, a EACMRJ também adotou o compêndio de Monsieur de La Faye, exigiu o conhecimento da língua francesa e o pagamento de uma taxa, no ato da matrícula (FIOCRUZ, s/d).

Com o objetivo de incentivar e qualificar a formação médica no Rio de Janeiro, a Ordem Régia datada de cinco de dezembro de 1810 ordenou que fossem escolhidos três alunos da Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro e enviados a Edimburgo, na Escócia, para angariarem ensinamentos cirúrgicos. Logo em seguida, deveriam partir para Londres a fim de se aperfeiçoarem com cirurgiões londrinos. A medida foi tomada “[...] em benefício da conservação e saúde dos povos, a fim de que houvesse hábeis e peritos professores, que unindo a ciência médica aos conhecimentos práticos de cirurgia pudessem ser úteis aos moradores do Brasil” (LOBO, 1964. p.13).

Não iremos traçar aqui a identidade dessas duas instituições, tão pouco trazer à tona o percurso que cada uma dela tomou, ou ainda a estrutura e o funcionamento, e nem as suas reformas ao longo dos anos. Interessa-nos, pois, compreender que ambas as Escolas consistiram as primeiras atividades desenvolvidas em nome da medicina para a formação escolar de médicos no Brasil. Esse processo de formação profissional possibilitou o reconhecimento de procedimentos e práticas científicas na área, condutas, instrumentos de cura e tratamento médicos vinculados aos saberes universitários. Isso fez com que houvesse a desvalorização do conhecimento terapêutico de caráter popular, diferenciando assim os procedimentos técnicos e científicos das crenças consideradas supersticiosas. Com isso, houve, embora de forma gradual e diminuta, a transferência para as mãos dos médicos o exercício da medicina, iniciando de tal modo o processo da construção, organização e legitimação do campo médico no Brasil (GONDRA, 2004).

³⁵ José Maria Bomtempo nasceu em Lisboa no dia 15 de agosto de 1794. Formou-se em medicina pela Universidade de Coimbra, em 1798. Foi transferido para o Brasil para ocupar a função de delegado do físico-mor do Reino, em 1809, período em que passou a lecionar na Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. Faleceu no Rio de Janeiro, em 2 de janeiro de 1843 (FIOCRUZ, s/d).

As instituições possibilitaram, ainda, a composição e o fortalecimento de um grupo de médicos sejam eles formados no Brasil ou na Europa, brasileiros ou estrangeiros, que se projetaram nos diferentes espaços da sociedade como autoridades intelectuais detentoras de um conhecimento suficiente e necessário para regular não somente a vida do indivíduo mas também a ordem social. Esses médicos passaram a impor “A presença marcante de um discurso com características científicas o qual foi sendo forjado gradativamente no âmbito dos cursos superiores e, paulatinamente, procurou-se disseminá-lo por todo o tecido social; das academias às casas-grandes, às senzalas e às cidades” (GONDRA, 2004, p.31). Esses médicos foram ganhando prestígio e reconhecimento e, em 28 de maio de 1829, um grupo³⁶ deles fundou a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (SMRJ), cuja primeira finalidade foi estudar e propor projetos de reforma e organização da instrução médica, de modo que o ensino assumisse bases mais racionais. Segundo Gondra (2004), a Sociedade Médica do Rio de Janeiro, que passou a se chamar de Academia Imperial de Medicina (AIM) após seis anos de sua fundação, também se destinou a:

[...] promover a ilustração, progresso e propagação das ciências médicas. A referida sociedade deveria se dedicar, também, a socorrer gratuitamente, com seus conhecimentos e conselhos, os pobres nas suas enfermidades e a beneficiar a humanidade de modo geral, favorecendo a conservação e melhoramento da saúde pública (GONDRA, 2004, p. 52).

A Escola de Cirurgia da Bahia, que em 1832 passou a se chamar de Faculdade de Medicina da Bahia (FMBa); a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, que em 1832 passou a se chamar de Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ); e a Academia Imperial de Medicina (AIM) se configuraram como espaços de sociabilidade e ação política, uma vez que eram as principais instituições médicas e, embora apresentassem fortes relações, eram autônomas umas das outras. As Faculdades de Medicina foram espaços de formação inicial, enquanto a Academia Imperial de Medicina se constituiu como “[...] lugar de articulação dos interesses e projetos da comunidade médica e do governo, bem como de formação continuada dos doutores” (GONDRA, 2004, p. 84). Assim, a popularização e a legitimação da medicina

³⁶ “Esse grupo era constituído por cinco médicos, a saber: Luiz Vicente De-Simoni, médico italiano que viera para o Brasil em 1817; José Martins da Cruz Jobim, que foi diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre 1842 e 1872; Joaquim Candido Soares Meirelles, mineiro que, em 1822, tirara o curso na antiga Academia Médico-Cirúrgica e que posteriormente se doutorara pela Faculdade de Medicina; José Francisco Xavier Sigaud, natural de Marselha e que se formara em medicina pela Faculdade de Strasbourg; e mais um outro médico francês, Jean Marie Faivre” (GONDRA, 2004, p. 51).

estiveram ancoradas nessas instituições, embora as Faculdades estivessem associadas ao caráter formativo e a AIM de caráter mais corporativo, suas características encontravam-se imbricadas e entrelaçadas, visto que se engajaram para instituir e normatizar a ciência médica no Brasil.

O fato é que, com a normatização da ciência médica no país, esses espaços tornaram-se palco de discussões e contribuíram com estratégias discursivas e políticas no âmbito da institucionalização da higiene no Brasil. É importante levar em consideração que o termo higienismo possui uma relação intrínseca entre doença, ambiente e sociedade e que por isso a comunidade médica, junto ao Estado, passou a compreender as prováveis relações de causa e efeito entre as particularidades do meio e a manifestação coletiva de determinados vetores e, conseqüentemente, suas doenças. Assim, a estreita relação do tripé doença, ambiente e sociedade nos motivaram a adentrar no tema a seguir, incursionando pelas doenças e pelas práticas sanitárias presentes em Sergipe.

2.5- AS “PESTES”: PROPULSORAS E PROTAGONISTAS DAS PRIMEIRAS AÇÕES SANITÁRIAS

Sergipe é um recanto do Brasil a que brasileiro nenhum pode ser indiferente, tão viva é a irradiação do gosto que se especializou no sergipano pelas coisas literárias e de cultura, tão denso é o conteúdo intelectual do seu passado, tão numerosos são os nomes de filhos desta província que, nos seus dias de colônia, se chamou d’el-Rei, na história das letras do nosso país. Letras que Sergipe tem enriquecido de príncipes. De Sergipe, o brasileiro de outro Estado, por mais ignorante que seja da geografia, da paisagem, da produção agrícola, da atividade econômica deste pequeno, mas ilustre pedaço do Brasil, saberá sempre dizer, para caracterizar no mapa brasileiro a província sergipana: aqui há inteligência. Inteligência e cultura. Cultura e dinamismo intelectual. O Brasil inteiro sabe o que é esse dinamismo porque em todos os recantos do país se tem feito sentir a inteligência sergipana através dos seus intelectuais jovens, dos seus doutores e bacharéis formados na Bahia, no Recife, no Rio, dos seus moços cheios de vida e entusiasmo espalhados pela magistratura, pelo magistério, pelo funcionalismo federal e dos Estados, pela imprensa, pela medicina, pela literatura, pelo exército, pela marinha, pelo clero, pela indústria, pelo comércio (FREIRE, 1940).

A epígrafe acima fez parte do pronunciamento de Gilberto Freyre durante a sessão de abertura do 2º Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental, em outubro de 1940, promovido pela Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro, em Aracaju. Trataremos aqui de parte da história da medicina de Sergipe, trazendo à tona os reflexos da “inteligência sergipana através dos seus intelectuais jovens”, daqueles “moços cheios

de vida e entusiasmo espalhados [...] pela medicina”, que saíram de sua terra natal e se aventuraram em terras alheias para cursarem medicina. No século XIX, o Brasil contou com apenas três cursos de formação na área médica: a Faculdade de Medicina da Bahia e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ambas fundadas em 1808 conforme já mencionado; e um no Rio Grande do Sul, o qual teve a sua fundação já na última década do século, em 1898. Eram para essas instituições ou para as do exterior, que os candidatos a médicos se destinavam (PETRARCA, *et al.*, 2012).

Manoel Joaquim Fernandes de Barros³⁷ foi o primeiro médico a se destacar em Sergipe. Embora ele não fosse sergipano, fez do nosso estado o seu lar exercendo grande influência na vida política de Sergipe, chegando a ocupar a presidência da Província. Não podemos deixar de mencionar os primeiros sergipanos, “intelectuais jovens”, que se lançaram a Europa e se diplomaram em medicina: José de Barros Pimentel³⁸, formado em Paris, em 1841 e Manoel Antunes Salles³⁹, formado em Bruxelas, em 1844. Durante aquele período, ou seja, início do século XIX, somente cinco médicos residiam em Sergipe; Alexandre de Oliveira Freire⁴⁰, Alípio Cardoso Fontes de Menezes⁴¹, Fabrício Carneiro Tupinambá Vampré⁴² e Pedro Muniz Barreto⁴³.

³⁷ Nasceu em 17 de março de 1802, em Penedo, Alagoas. Formou-se em medicina pela Faculdade de Strasburgo, Alemanha, defendendo a tese “Análise Comparativa de Ossos de Diversos Animais”. Também foi Doutor em Ciências Físicas pela Universidade de Paris e Bacharel em Direito. Formou-se ainda em engenharia de minas pela Universidade de Sorbonne, na França. Em 1828 retornou ao Brasil e casou com uma sergipana, vindo residir em Laranjeiras, Sergipe. Faleceu no dia 02 de outubro de 1840, no Campo da Pólvora, Bahia (SANTANA *et al.*, 2009).

³⁸ Nasceu em 17 de maio de 1817, em Maruim, Sergipe. Formou-se pela Faculté de Médecine de Paris, em 1841. Foi um dos políticos mais importantes da corrente liberal em Sergipe, atuando como Deputado geral por várias legislaturas. Foi sócio correspondente do IHGB. Faleceu no dia seis de maio de 1893, no Rio de Janeiro (SANTANA *et al.*, 2009).

³⁹ Nasceu em 1º de janeiro de 1817 em São Cristóvão, Sergipe. Iniciou o curso de medicina na Bahia, transferindo-se para Bruxelas, na Bélgica, onde se formou em 1844. Especializou-se em doenças tropicais. Lá conheceu a Srta. Josephine Le Roy, belga, com quem se casou. Retornou a Sergipe e montou consultório em sua residência localizada na antiga Rua do Barão. Teve participação na política estadual, tendo sido deputado provincial no biênio 1854/1855; também foi vice-presidente da Província. Foi chefe da Enfermaria de Aracaju, onde se destacou na luta contra a epidemia do “cólera-morbus” em Propriá, Lagarto e Aracaju. Faleceu no dia três de fevereiro de 1864, em Aracaju, Sergipe (SANTANA *et al.*, 2009).

⁴⁰ Nasceu em 14 de dezembro de 1854, em Divina Pastora/SE. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 15 de dezembro de 1883, defendendo a tese “Hidroterapia”. Trabalhou como clínico-geral nas cidades sergipanas de Divina Pastora, Nossa Senhora das Dores e em Aracaju. Faleceu em 19 de maio de 1932, em Aracaju, aos 78 anos (SANTANA *et al.*, 2009).

⁴¹ Nasceu em 17 de julho de 1859, em Santa Luzia do Itanhy/SE. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 16 de dezembro de 1882, defendendo a tese “Eletroterapia”. Trabalhou como clínico-geral em Estância/SE. Faleceu em 27 de maio de 1887, em Estância (SANTANA *et al.*, 2009).

⁴² Nasceu em 1º de fevereiro de 1852, em Estância/SE. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 22 de dezembro de 1881, defendendo a tese “Anestésicos”. Trabalhou em Laranjeiras/SE. Foi o primeiro realizador em Sergipe da operação para correção do estreitamento da uretra pela eletrólise. Faleceu em 26 de março de 1909, em São Paulo, com 57 anos (SANTANA *et al.*, 2009).

No entanto, observamos que, no fim do século XIX, o número de sergipanos formados em medicina disparou, chegando a aproximadamente 147 médicos dentre os quais 116 se formaram pela Faculdade de Medicina da Bahia, 27 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dois na França, um em Coimbra e um na Bélgica (SANTANA *et al.*, 2009). Ainda segundo os estudos levantados pelos autores do Dicionário biográfico de médicos de Sergipe, na primeira década do século XX:

[...] ocorreu um curioso fenômeno com os sergipanos formados em medicina: o número de médicos ultrapassou a mais de duas centenas, e como o mercado de trabalho para esses profissionais era praticamente inexistente em Sergipe, eles migraram pelo Brasil, principalmente para São Paulo. O grande desenvolvimento econômico de São Paulo e a inexistência de uma Faculdade de Medicina criaram os espaços para os Sergipanos se destacarem. Vários municípios paulistas tiveram médicos sergipanos entre os seus desbravadores (SANTANA *et al.*, 2009, p. 19).

Levando-se em consideração os dados estatísticos levantados pela Directoria Geral de Estatística, em 1910 Sergipe possuía 409.931 mil habitantes⁴⁴ e pouco mais de 200 médicos formados, segundo os dados mencionados no Dicionário biográfico de médicos de Sergipe. Assim, as fontes nos revelam que a proporção seria de aproximadamente um médico para cada 2.050 habitantes, caso não migrassem pelo Brasil. No entanto, as informações que Silva (2006) nos apresenta é o de que a proporção era de um médico para 20.000 habitantes, o que nos leva a concluir que muitos dos médicos formados não voltavam para Sergipe, por diversos fatores, dentre eles que “[...] o exercício da Medicina era pouco resolutivo, tanto pelo número pequeno de médicos como também pelos rendimentos pecuniários que os mesmos recebiam pelos seus serviços” (SILVA, 2006, p. 19). O autor assevera ainda que nas pequenas cidades não havia dois médicos que pudessem, com o seu trabalho, manter a sua família e que a maioria desses profissionais exercia o ofício médico fundamentado “[...] no saudável conceito do sacerdócio e do desprendimento” (SILVA, 2006, p. 19). Como se não bastasse o cenário desfavorável, esses médicos ainda concorriam com os curandeiros, os rezadores, os benzedores, os feiticeiros e os

⁴³ Nasceu em 26 de março de 1860, em Laranjeiras/SE. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 15 de dezembro de 1888, defendendo a tese “Raquitismo”. Clinicou em Laranjeiras e em Capela, ambas as cidades em Sergipe, como obstetra, onde também foi delegado de Higiene. Foi diretor do Hospital de Caridade de Capela. Faleceu em nove de maio de 1944, em Aracaju, com 84 anos (SANTANA *et al.*, 2009).

⁴⁴ BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do século XX**: População do Brasil por estado (1872, 1890, 1900, 1910). Directoria Geral de Estatística. (p. 252). Disponível em: http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1908_12/populacao1908_12v1_018.pdf. Acesso: 03 de jan. 2017.

profissionais de nível superior, como os farmacêuticos, por exemplo, os quais também exerciam a arte de curar. Em relação à concorrência entre os que exerciam a arte de curar, o médico Helvécio de Andrade, que publicou na Revista do IHGSE o artigo “A medicina em Sergipe durante um século” afirmou que:

Para que interessaria a sociedade os médicos nacionais nos seus casos particulares, se era tão facil, tão comodo, tão economico, procurar nos anúncios dos jornais o elixir curativo de todos os males? [...]. E para suprir a falta de médicos em todo o território brasileiro, havia, e há, o curandeiro, o benzedor, o feiticeiro, a cartomante, o espirita, o condonblé, a jetatura, a suplantar tudo, a esmagar tudo, como a avalanche do gelo, muitos anos acumulado e subitamente fundido ao calor do sol creadôr. (ANDRADE, 1920, p. 110).

Embora o século XX tenha sido caracterizado como uma época de modernização, progresso e civilização, em que o discurso da medicina estava pautado em conhecimentos científicos e na sensibilização da população em adotar práticas higiênicas a fim de diminuir os riscos de contaminação e enfermidades epidemiológicas, ainda assim a situação da saúde dos sergipanos era bastante delicada. Isto porque, apesar da diminuição do impacto das epidemias de febre amarela, varíola, peste bubônica e cólera que assolou o século anterior, a população aracajuana passou a enfrentar, no início do século XX, o quadro endêmico das chamadas “febres do Aracaju”: a tifoide⁴⁵, o impaludismo⁴⁶, a ancilostomíase/opilação⁴⁷, além da tuberculose e da sífilis. As febres endêmicas assustaram, sobretudo, a população mais pobre do estado. O cenário desvelado foi decorrente da falta de saneamento básico (água, esgoto e drenagem); da precariedade da alimentação; das emanções miasmáticas dos poços, charcos e alagadiços; e os eflúvios deletérios dos corpos em putrefação.

Quanto ao abastecimento hídrico, Santana (2005, p.172) afiançou que “A qualidade da água fornecida aos aracajuanos continuava fora dos padrões mínimos de higiene e acarretando parte dos frequentes problemas de saúde pública, entre os quais as famosas ‘febres do Aracaju’”.

⁴⁵ Febre tifoide é uma doença infectocontagiosa causada pela ingestão da bactéria *Salmonella typhi* em alimentos ou água contaminada (BRASIL, 2010). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_infecciosas_parasitaria_guia_bolso.pdf. Acesso: 06 de jan. 2017.

⁴⁶ O impaludismo, que também é conhecida como malária, é uma doença infecciosa transmitida por mosquitos e provocada por protozoários parasitários do gênero *Plasmodium*. (BRASIL, 2010). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_infecciosas_parasitaria_guia_bolso.pdf. Acesso: 06 de jan. 2017.

⁴⁷ A ancilostomíase/opilação é uma doença parasitária infecciosa intestinal causada por vermes parasitários Nematóides da família *Ancylostomidae*: *A. duodenale* e *Necator americanus* (BRASIL, 2010). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_infecciosas_parasitaria_guia_bolso.pdf. Acesso: 06 de jan. 2017.

O abastecimento de água da capital também foi um dos temas discutidos no “Congresso das Municipalidades”, ocorrido em outubro de 1931, instituindo-se à Polícia Rural a atribuição de defesa dos mananciais e dos cursos de água, além da preservação da mata ciliar, uma vez que, conforme noticiado no Sergipe Jornal (1932, nº 2909, p.1), “[...] as nossas florestas, que são um elemento valioso da riqueza que a Natureza nos legou, são as grandes protectoras dos nossos rios e regatos”.

Entre os anos de 1909 a 1911, o Inspetor de Higiene, o médico Francisco de Barros Pimentel Franco, apresentou ao Presidente de Sergipe (1908-1911) dois Relatórios expondo a situação do estado. Dentre os temas, constam: saneamento da capital, criação e manutenção de jardins e praças, preservação da vegetação, varíola, manicômio, vacinação, rede de esgoto, registro de diploma, requerimento de licença para abertura de farmácia, relação dos Delegados de Higiene por municípios, número de casamentos realizados, obituário, taxas de natalidade, mortalidade, bem como o quantitativo por causa morte. O Inspetor iniciou o relatório afirmando que a Inspetoria de Higiene deveria passar por urgente e indispensável reorganização, pois era necessário “[...] dotar o nosso Estado de um serviço regular de Hygiene contribuindo dessa forma para o seu engrandecimento” (FRANCO, 1909, p.1). No item “Saneamento”, Dr. Francisco de Barros mencionou a importância da construção de uma prisão, assim como o aterro, nivelamento e drenagem do solo para a construção de edificações. Quanto aos charcos e alagadiços mencionados acima por Santana (2005), o Inspetor já alertava:

Considero de alto alcance e de vantagens reais para a salubridade desta capital, a continuação do calçamento que fará desaparecer as depressões no solo no perímetro da cidade, as quaes na estação invernos, se transformam em verdadeiros pântanos sobremodo prejudiciaes a saúde pública (FRANCO, 1909/1910, p.1-2).

O Inspetor também relatou a importância da construção de um manicômio, já sugerido e apontado por ele no relatório de 1907. Segundo ele “[...] é grande o número de infelizes que, perdem o uso da razão, transitam as ruas mais movimentadas desta Capital como as das localidades do interior do estado. Vai nisto grande inconveniente, pois andam semi-nús e descobertos [...], e offendem quase sempri a moral pública, via por gestos e palavras obscenas” (FRANCO, 1909/1910, p.5). Lamenta o fato dos “loucos” viverem às intempéries do tempo, sem lar, sem pão, sem cuidados médicos e que a maioria deles vai para as prisões, onde se aproxima do fim de sua existência. Para o médico Francisco Barros, seria um “grande passo dado na

estrada do progresso” a organização de um serviço de assistência aos alienados. Nove anos após a entrega do segundo relatório referente ao ano 1910-1911, do Inspetor de Higiene Dr. Francisco de Barros, o médico Helvécio de Andrade abordou as mesmas questões e concluiu que:

Com respeito a higiene urbana e rural Sergipe tem hoje o que teria há 50 anos, isto é, nada. Escassez d'agua, indepuração da mesma, ausência de esgotos, descaso completo da higienização das habitações, ausência de estradas, desprezo pela fiscalização e conservação das fontes pontáveis, nascentes dos rios e córregos, desprezo pela conservação e restauração das matas, um jatalismo estúpido, enervante, desfibrador, que nada vence, segundo o qual tudo sucede quando tem de suceder, tudo corre para dificultar a aplicação das medidas profiláticas de ordem geral e individual, capazes de prepara um futuro mais tranqüilo e compensador (ANDRADE, 1920, p.104).

O único hospital em Sergipe destinado a socorrer os cidadãos desvalidos e enfermos, majoritariamente vítimas das consequências da falta de uma infraestrutura eficaz na Saúde Pública, era o Hospital de Caridade Nossa Senhora da Conceição, fundado em 16 de fevereiro de 1862, durante o governo do Presidente da Província Joaquim Jacinto Mendonça (1861-1863). De acordo com a Lei 391, de 23 de outubro de 1900, o Hospital de Caridade passou a ser chamado de Hospital Santa Isabel funcionando, inicialmente, com 22 leitos. A respeito do referido hospital, o médico Petrônio Gomes nos relatou que o mesmo possuía:

[...] apenas duas enfermarias, sem raios X, laboratório, autoclave, com pouco instrumental cirúrgico, alguns vidros de ventosas e um termo-cautério. Envoltos àquela época no mais completo caos, crianças e adultos misturavam-se, não importando as doenças que elas carregavam consigo. A única separação era pelo sexo. Iluminação adequada, higiene, nem pensar! Eram realizadas apenas pequenas intervenções cirúrgicas, aqui e acolá uma amputação. Operava-se na própria sala de curativos, numa mesa de lastro de madeira. Segundo Dr. Augusto [Leite], era o que havia de mais moderno em Sergipe... Só para imaginar quão anti-higiênico era aquele nosocômio, o Dr. Pimentel Franco (chefe do Serviço de Mulheres) visitava a sua enfermaria acompanhado de um serviçal portando um fogareiro, o qual exalava incenso ou alcatrão, para afastar o terrível odor (GOMES, 2009, p.27).

João Pires Wynne, sergipano que se dedicou à política, ao jornalismo e às instituições culturais de Sergipe, prestou considerável contribuição à historiografia sergipana ao publicar a obra “História de Sergipe”, conforme já mencionado. No volume II, no qual aborda o período de 1930 a 1972, Wynne descreveu acerca do Hospital Santa Isabel, bem como da figura dos médicos mencionados por Gomes (2009), Dr. Augusto Leite e Dr. Pimentel Franco:

Um Hospital havia, em Santa Isabel, único existente, ainda não bem aparelhado, e, ainda hoje, no mesmo ponto, pelos idos de 1910, cercado de mato, e pela manhã para lá se dirigiam, montados em burrinhos os drs. Otaviano Melo, Augusto Leite e Pimentel Franco, diligentes, e o segundo, clínico e desbravador no campo da cirurgia, já seguro e sempre bem sucedido nas suas intervenções cirúrgicas (WYNNE, 1973, p.409).

Assim, as adversidades mencionadas enfrentadas pelos sergipanos, seja o quadro epidemiológico, a falta de medidas sanitárias e higienistas e a precariedade no atendimento médico hospitalar, contribuíram para que a sociedade, sobretudo os médicos e o Estado, redimensionassem seus olhares e mobilizassem esforços para as práticas emergentes de um novo paradigma de saúde “[...] alicerçada numa concepção biológica das doenças e no início de uma prática médica especializada, fundada na assepsia e no apoio laboratorial, capaz de responder, de uma certa forma, a uma parte das necessidades de saúde da população” (SANTANA, 2005, p.11). Isso se tornou possível graças à chamada revolução biológica das descobertas dos microrganismos, findos do século XIX e primeiros anos do século XX.

O brasileiro que acompanhou esse *boom* da descoberta dos microrganismos patogênico foi o médico, cientista, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista Oswaldo Cruz⁴⁸. O médico foi considerado o pioneiro nos estudos das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil e, com pouco mais de trinta anos de idade, revolucionou a saúde pública no país atacando e erradicando as três maiores “pestes” que a população enfrentou: a febre amarela, a peste bubônica e a varíola. O jovem estava sintonizado com os debates travados no Brasil a propósito desses flagelos, sobretudo da febre amarela. Em 1896, engajado na causa epidemiológica, foi até o Instituto Pasteur, em Paris, e estagiou durante três anos dedicando-se ao estudo de higiene, microbiologia, histologia e química biológica. Enquanto esteve na França, também frequentou uma fábrica de artefatos de vidro onde aprendeu a confeccionar pequenos instrumentos laboratoriais, a exemplo de empolas, provetas, pipetas, dentro outros (BENCHIMOL, 1999). Oswaldo Cruz se enveredou na difícil luta para o domínio da natureza, a fim de combater as pestes e as enfermidades. Para isso, precisou conhecer e dominar os avanços dos conhecimentos científicos de uma medicina coletiva e pública, já dominados por uma civilização moderna, a da Europa.

⁴⁸ Oswaldo Gonçalves Cruz nasceu em São Luiz do Paraitinga, no dia cinco de agosto de 1872. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1892. Foi Diretor-geral da Saúde Pública (1903). Faleceu em Petrópolis, no dia 11 de fevereiro de 1917 (FIOCRUZ, s/d).

A Alemanha, a França, a Inglaterra, Paris, Holanda, Londres, entre outros países, já ensaiavam medidas de controle sanitário desde o início do século XVIII. Segundo Barreto (2005d, p.18), “[...] estes países despontaram no cenário das ciências médicas, alternada ou concomitantemente, como centros criadores e propulsores do conhecimento devido as suas estruturas políticas, sociais e econômicas”. O fato de esses países terem se destacado na vanguarda das teorias e postulados médicos científicos, durante todo o século XIX, isso não significa que as demais nações europeias, inclusive o Brasil, mantiveram-se excluídos deste processo como consumidores acríticos das teorias promovidas alhures (BARRETO, 2005d).

Embora o Brasil não estivesse na dianteira do movimento científico, ele não ficou indiferente às questões sanitárias. Percebemos algumas preocupações e medidas do poder público no campo da saúde pública, motivada, principalmente, por necessidades de política econômica, pois era preciso erradicar algumas doenças que acometiam a saúde da população, sobretudo de imigrantes trabalhadores, dificultando, assim, o andamento das atividades econômicas. Quanto a essas questões de ordem econômica, Santana (2005), nos esclarece que:

O saneamento dos portos de Santos e Rio de Janeiro era decisivo para a continuidade das exportações. Ou, mais especificamente, a permanência em níveis epidêmicos da febre amarela, da peste bubônica, da varíola, entre outras enfermidades tropicais, inviabilizava o principal canal de escoamento de nossa economia. Outro problema, também de ordem econômica e de grande importância, era a dizimação (principalmente pela malária) da mão de obra imigrante, recém chegada e imediatamente colocada nas fazendas de café (SANTANA, 2005, p.18).

Em virtude do quadro epidemiológico em Sergipe, sobretudo depois de 1855, após a maior tragédia sanitária da história da Província de Sergipe, a epidemia de Cholera Morbus que vitimou mais de 30 mil sergipanos em apenas três meses, algumas medidas foram adotadas pelo poder público. Dentre essas medidas encontra-se a publicação da Carta Lei Imperial de 1º de outubro de 1828 a qual “Dá nova fôrma às Camaras Municipaes”, atribuindo, entre outras funções, a responsabilidade pela Higiene Pública, proteção à saúde e do meio ambiente. Na referida lei, encontramos ainda a fiscalização do comércio de drogas e do exercício médico, zelar pela limpeza de logradouros públicos, aplicar vacinação, além de cuidar do:

[...] esgotamento de pantanos, e qualquer estagnação de aguas infectas; sobre a economia e asseio dos curraes, e matadouros publicos, sobre a collocação de cortumes, sobre os depositos de immundices, e quanto possa alterar, e corromper

a salubridade da atmospheria. [...] Cuidarão no estabelecimento, e conservação das casas de caridade, para que se criem expostos, se curem os doentes necessitados, e se vaccinem todos os meninos do districto, e adultos que o não tiverem sido, tendo Medico, ou Cirurgião de partido. [...] Só nos matadouros publicos, ou particulares, com licença das Camaras, se poderão matar, e esquartejar as rezes. [...] Proverão igualmente sobre a commodidade das feiras, e mercados, abastança, e salubridade de todos os mantimentos, e outros objectos expostos á venda publica. (BRASIL, 1828, art. 66-69)

Ainda assim, mesmo com a publicação da Carta Lei Imperial de 1º de outubro de 1828 aprovada e tornando-se obrigatória algumas medidas sanitárias, Sergipe continuou com o cenário de um ambiente insalubre. Primeiro porque a população se recusou a cumprir algumas das normas, a exemplo da proibição de construção de alambiques, fábricas de sabão e curtumes em área urbana; segundo porque a província não dispunha de estrutura e o próprio funcionamento das Câmaras Municipais era precário, o que dificultou a fiscalização e punição para os infratores que descumprissem alguns dos artigos da lei. Também foi mencionado por Santana (2005, p.32) que “[...] essa medida de descentralização da higiene pública para as Câmaras Municipais teve pouca repercussão, dado que as possíveis ações sanitárias da Provedoria de Saúde, do Físico e Cirurgião Mor, não tinham chegado por estas bandas”.

Os avanços científicos da Medicina assinalavam cada vez mais os males decorrentes de um ambiente deletério, e que por isso era necessário tornar as cidades e a sociedade salubres. Era preciso propor intervenções de ordem técnicas na cidade para a transformação do meio físico onde se desenvolvem e proliferam as doenças. Foi gestada nessa visão que os médicos passaram a difundir as concepções do movimento sanitarista, o qual tinha uma função determinada: a partir da intervenção direta no corpo social, integrá-lo à nova sociedade. Isso ocorreria “[...] mediante a reorganização espacial da urbanidade e/ou através de medidas que visavam higienizá-lo, discipliná-lo e organizá-lo para que os indivíduos pudessem ser moldados a luz do novo tipo de relações sociais que estavam em implantação na sociedade brasileira (MELLO *et al.*, 2010, p.98). No entanto, não seria fácil moldar esses indivíduos; incutir nos cidadãos as concepções do movimento sanitarista, pois, “Atuações intensivas mas intermitentes não sortirão efeito duradouro, assinaladamente num País, como o nosso, onde o analfabetismo ainda constitue entrave a uma pronta irradiação da obra sanitária” (DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA DE SERGIPE, 1940, p.3)

Em Sergipe, na segunda metade do século XIX, foram formadas algumas comissões sanitárias as quais propuseram e executaram medidas saneadoras, a exemplo da divisão da Província em distritos médicos. Para cada um desses distritos foi nomeada uma comissão cujo objetivo era fiscalizar e fazer cumprir as determinações sanitárias; a criação de lazaretos para abrigar pessoas em quarentenas portadoras de moléstias contagiosas e sem condições financeiras. No entanto, a estrutura do poder público de Sergipe para enfrentar os problemas sanitários era claramente restrita, a exemplo da falta de uma política de ampliação das ações sanitárias, do subdesenvolvimento econômico do estado, da fragilidade dos Hospitais de caridade, da falta de verba, dentre outros (SILVA, 2006; GOMES, 2009). Observando as reflexões do autor e do “relatório de conclusão” de alguns higienistas acerca do cenário miasmático da transmissão das doenças em Aracaju, publicado no Jornal do Aracaju no dia 24 de junho de 1872, verificamos que tais medidas saneadoras mencionadas não surtiram o efeito esperado por parte desses profissionais:

Conheci em breve que, não havendo algum esforço da administração, teria a capital de soffrer bastante na epoca das chuvas, pois que ficavam alagados muitos pontos da cidade, com qualquer chuva que cahia, e as aguas represadas, apodrecendo nas lagoas e charcos, trariam mais tarde ao povo, a doença , e quiçá a morte. Ordenei desde logo a limpeza geral das vallas e o seu rebaixamento, de sorte que hoje se escoam as aguas com facilidade, e se o terreno não se torna desde logo enxuto, não offerece ao menos o triste espetaculo dos primeiros tempos . Deliberei ainda emprehender um pequeno serviço de aterro, e para isso fiz assentar trilhos de ferro no terreno proximo a matriz, e os tenho feito seguir pela rua da Independencia, para o fim de conduzir areia do comoro mais proximo, e com Ella aterrar a parte fronteira à mesma matriz. Tenho fé de que, com o systema que tenho seguido no aterro dos logares alagados proximos à cadeia, e o que já se vai fazendo proximo à matriz, se não conseguir muito no bem da salubridade da cidade, conseguir-se-ha entretanto alguma couza, e isso já é muito comparado com o estado antigo. A não abundância de dinheiro nos cofres publicos não me permitia fazer o contracto para o aterro e nivelamento geral da cidade. [...] (JORNAL DO ARACAJU, 1872, nº 293, p. 2).

A realidade a qual os sergipanos vivenciaram no final do século XIX foi diferente daquela apresentada em São Paulo e no Rio de Janeiro, por exemplo. É certo que não podemos desmerecer os esforços empreendidos por alguns governantes, já nas primeiras décadas no século XIX quanto ao desenvolvimento de ações sanitaristas visando à melhoria da saúde da população. Uma dessas ações foi a tentativa, em 1824, de difusão da vacina antivariólica em Estância/Se e algumas medidas no campo da legislação sanitária, quanto a assistência às vítimas afetadas pelas

epidemias. Entretanto, conforme afiança Santana (2005), essas ações foram localizadas e limitadas a um pequeno número de objetivos. O autor afirma ainda que:

[...] o movimento de estruturação do poder público que ocorreu no final do século XIX, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, com a criação de Institutos Vacinogênicos, de Laboratórios Bacteriológicos, de Campanhas de Combates a algumas epidemias, com a introdução do movimento conhecido ‘Sanitarismo’, e que alguns autores apontam como os primeiros passos para a consolidação de um aparelho sanitário no Brasil, é que pelo menos nessa época, ele não aconteceu em Sergipe del Rei (SANTANA, 2005, p. 116).

Um dos primeiros passos para a consolidação do aparelho sanitário no Brasil apontado pelo autor foi a fundação do Laboratório de Bacteriologia do Estado de São Paulo, aprovado pelo Decreto nº 158 de 28 de fevereiro de 1893; e o Instituto Soroterápico Federal em 25 de maio de 1900, no Rio de Janeiro, o qual passou a chamar-se Instituto Oswaldo Cruz em 19 de março de 1918, em homenagem a Oswaldo Cruz. Antes da fundação das referidas instituições, já havia os Institutos Vacinogênicos de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro (FIOCRUZ, s/d). Quanto à implantação e concretização tanto do Laboratório de Bacteriologia como do Instituto Soroterápico, vale ressaltar que estes seguiram os moldes do Instituto Pasteur de Paris. O Laboratório, inclusive, teve como diretor o francês Félix Alexandre Le Dantec, doutor em Ciências Naturais, professor da Faculdade de Ciências de Dijon e preparador do Instituto Pasteur (BENCHIMOL, 1999). Nesse contexto, foram essas, portanto, as instituições que se configuraram como peças importantes no combate aos problemas sanitários, criando condições para o enfrentamento a diversas doenças que vinham assolando a população do país, além de promover o desenvolvimento social, gerar e difundir conhecimento tecnológico e médico científico. Já dizia o médico Simeão Vieira Sobral: “Sanear o Brasil é povoá-lo, é enriquecê-lo, é moralisá-lo” (SOBRAL, 1932, p.6).

Sergipe, que apesar de ter acompanhado as discussões em âmbito nacional acerca dos problemas sanitários e as medidas de combate às epidemias, tardou para promover um ambiente propício ao desenvolvimento médico e científico. Até que, em 1924 e 1926, o estado passou a contar com duas instituições, o Instituto Parreiras Horta e o Hospital de Cirurgia, as quais viriam mudar o cenário da saúde dos sergipanos. São sobre essas duas instituições que trataremos na seção a seguir.

2.6- PESQUISA, CURA E FORMAÇÃO MÉDICA: INSTITUTO PARREIRAS HORTA E HOSPITAL DE CIRURGIA

Graccho Cardoso sabia que era preciso equipar o estado de infraestrutura para dar suporte e demandar ações higienistas implementadas pelo governo, mencionadas anteriormente. Posto isto, defendeu a implantação de instituições como aporte às pesquisas científicas e que serviriam não apenas de base técnico-científico, mas também como instrumental para prevenir as endemias que assolavam o estado. Uma das obras realizadas nesse sentido foi a fundação do Instituto Parreiras Horta (IPH), a “Casa Científica”, criado através da Lei nº 836 de 14 de novembro de 1922 e inaugurado no dia cinco de maio de 1924, no entanto, o seu funcionamento passou a ocorrer apenas em novembro do mesmo ano. O médico e bacteriologista responsável pela fundação do IPH foi Paulo de Figueiredo Parreiras Horta⁴⁹, carioca que, após trabalhar no Instituto Manguinhos, referência da medicina científica nacional, vem para Sergipe a pedido de Graccho Cardoso. Durante as idas e vindas ao Rio de Janeiro, o governador de Sergipe conheceu o médico. Segundo Silva (2006), Dr. Parreiras Horta:

Tornou-se grande amigo do Dr. Maurício Graccho Cardoso, e este, quando estava no Rio freqüentemente se encontrava com o Dr. Parreiras Horta para trocar idéias. Foi esta amizade, além do seu espírito empreendedor que o fez aceitar o convite de vir para Sergipe e aceitar o desafio de construir e fundar o Instituto Parreiras Horta (SILVA, 2006, p.35).

O médico ficou incumbido por toda a infraestrutura da instituição, desde a concepção arquitetônica à organização técnica e administrativa da nova entidade, acompanhando diariamente a edificação do prédio. A direção do Instituto ficou sob a responsabilidade de seu fundador que o dirigiu até dezembro de 1925. Ao findar o período da direção, Paulo Horta afirmou, no dia 30 de julho no jornal *Gazeta do Povo*, que o IPH era uma instituição de “causar inveja” e que “Sergipe estava dotado de um instituto científico modelo”. Afirmou também que:

⁴⁹ Nasceu no Rio de Janeiro, no dia 24 de janeiro de 1884. Em 1903 se formou em farmácia pela Faculdade de Farmácia do Rio de Janeiro. Depois, em 1905, concluiu o curso de medicina, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ainda estudante, frequentou o Instituto Soroterápico Federal, onde foi discípulo de Oswaldo Cruz. Após concluir o curso médico, Parreiras Horta seguiu para a Europa, onde permaneceu dois anos (1906 e 1907), para o estudo da Microbiologia no Instituto Pasteur de Paris. Foi professor catedrático de Dermatologia e Sifilografia da Faculdade Fluminense de Medicina; professor catedrático de Microbiologia e Parasitologia dos Animais Domésticos, na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária do Rio de Janeiro; professor Catedrático e honorário da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Parreiras Horta faleceu no Rio de Janeiro, no dia 29 de julho de 1961 (BAHIA, 2012).

“Penso ter conseguido o objectivo principal de minha estadia em Aracajú-formar technicos do proprio Estado capazes de realizar as atividades inherentes ao estabelecimento e estudar a pathologia desta região, tão cheia ainda de incógnitas a resolver”. (HORTA, In: GAZETA DO POVO, 1925, nº 221, p.1). Para substituí-lo, o próprio Parreiras Horta indicou o médico João Firpo Filho, que já trabalhava na instituição como assistente técnico e, posteriormente, de bacteriologista, sob a orientação do próprio Parreiras Horta. Ao assumir a nova função, portanto, Dr. João Firpo deu prosseguimento às atividades e aos serviços prestados pelo IPH à população sergipana (AZEVEDO, 2015).

A arquitetura do Instituto Parreiras Horta foi construída dentro dos preceitos modernos defendidos pelos sanitaristas, a exemplo do porão e das várias e amplas janelas, conforme evidencia a imagem abaixo. Sua estrutura física foi planejada e organizada para que comportasse os segmentos: seção antirrábica, a qual era destinada ao preparo das vacinas antirrábicas para uso humano e animal; seção antivariólica, dedicada ao preparo da vacina variólica; seção de Microbiologia e Parasitologia, designada ao estudo das doenças microbianas e parasitárias; seção de produtos biológicos, para preparação de produtos biológicos, sejam para humanos ou animais.

Figura 7 - Instituto Parreiras Horta (1931)



Fonte: IHGSE

O instituto apresentou como um dos seus atributos o desenvolvimento de pesquisas médicas, destacando-se aquelas realizadas acerca da febre tifoide e a preparação de uma vacina para combater tal moléstia, fabricação e distribuição de vacina antivariólica, preparação de vacina antirrábica, além do atendimento ao público por meio da realização de análise de hemograma completo, da realização de exames bacteriológicos, de exames de urina e da produção de insumos básicos e medicamentos (como o óleo canforado, cafeína, sparteína, iodeto de sódio a 10%, tártaro emético, água bidestilada, cianeto de mercúrio, soro fisiológico e soro glicosado) (AZEVEDO, 2015; SILVA, 2006). Além disso, o pleno funcionamento do IPH permitiu o esclarecimento diagnóstico de enfermidades, a exemplo de: difteria, cólera, febre recorrente, febre amarela, lepra, meningite, paludismo, pneumococias, sífilis, tétano, verminoses, dentre outras (SILVA, 2006).

“Sergipe dotado de um instituto científico modelo” foi o título de uma das matérias publicadas no *Gazeta do Povo*, no dia 30 de julho de 1925, o qual registrou algumas declarações de Dr. Parreiras Horta que se encontrava na Bahia e concedeu entrevista a rádio baiana, “A Tarde”. Uma delas foi o fato dos sergipanos não mais se deslocarem até a Bahia a fim de se submeterem ao tratamento antirrábico, tampouco realizarem exames bacteriológicos. Outra conquista mencionada pelo médico pesquisador foi o sucesso do “excellente resultado da vacinação anti-typhica” via oral, em Aracaju, não havendo registros da doença, há mais de sete meses, entre os presos, bem como nos Batalhões do Exército e da Polícia Estadual. O médico aproveita o momento para afirmar que: “Ninguém hoje pôde discutir a efficácia da vacinação anti-typhica como elemento de grande valor na prophylaxia da febre typhoide” (HORTA, In: *GAZETA DO POVO*, 1925, nº 221, p.1).

No ano de 1926 foram imunizadas mais de quatro mil pessoas com as vacinas produzidas pela Seção Vacinogênica do IPH. O prestígio da produção, sobretudo vacinogênica, da “Casa Científica” sergipana foi observado através dos requerimentos de vacinas por parte de outros estados. Como exemplo, podemos mencionar o fornecimento de amostras ao “[...] Dr. Macedo Guimarães, clínico na Bahia; 176 doses ao Serviço de Saneamento do Rio Grande do Norte; 267 doses ao general Ivo Soares, chefe do Corpo de Saúde do Exército; 115 doses ao chefe do Posto de Higiene de Itabuna-BA e 1000 doses para o Serviço de Saneamento Rural do Estado do Rio de Janeiro” (AZEVEDO, 2015, p. 43).

O Instituto Parreiras Horta refletiu positivamente não somente no campo médico, mas também na comunidade sergipana uma vez que, através da sua competência científica, contribuiu para elucidar as temidas “febres de Aracaju”, bem como contribuiu para melhorar o atendimento voltado aos cuidados para com a saúde da população, além de se estabelecer enquanto centro científico para a pesquisa dos principais problemas da medicina.

A atenção referente às questões de saúde abrolhou outra instituição para Sergipe e que, a exemplo do IPH, ainda se mantém em pleno funcionamento no estado. Estamos falando do Hospital de Cirurgia, uma obra muito almejada não somente pelos médicos sergipanos, mas, sobretudo, pela sociedade do estado. A semente foi plantada no dia 25 de junho de 1923, no palácio do Governo, durante um jantar oferecido por um grupo de médicos em homenagem ao Dr. Parreiras Horta. Durante o evento, Dr. Augusto Leite criticou a falta de um hospital onde pudesse exercer com segurança a prática cirúrgica. O Governador do Estado, Graccho Cardoso, que se fez presente na ocasião, se impressionou com o que “[...] ouviu e prometeu construir um moderno hospital, dizendo taxativamente: ‘Não sou homem de promessas, não prometo para faltar’. E não faltou” (SANTANA, 2006, s/p).

Através do Decreto nº 844, de 23 de setembro de 1923, uma área de terra medindo 8.360 m² e localizada na Avenida Barão de Maruim, foi desapropriada para a construção do Hospital de Cirurgia. Depois de dois meses, no dia primeiro de novembro de 1923, às 16 horas, foi batida a pedra fundamental para a construção do hospital. Na cerimônia de lançamento, o Dr. Augusto Leite discursou apontando a realidade e precariedade da rede hospitalar do estado, afirmando que: “[...] Sergipe vigorosamente não possui um hospital, mesmo modesto. Uns há que são verdadeiros albergues. Pessimamente instalados, sem direção técnica, sem médico, o tratamento dos doentes entregues a curandeiros, tem de hospital tão somente o nome estampado, em letras gordas, no alto da fachada” (LEITE, 1923, *apud*, SILVA, 2006, p. 17). O médico Augusto Leite, com todas as suas aspirações científicas e ladeado por vários médicos, convenceu o Governador do Estado da “[...] impropriedade da melhoria da saúde, com Aracaju possuindo um só hospital, o Santa Isabel, em precárias condições de funcionamento” (SILVA, 2006, p. 17).

Sergipe precisava, portanto, de um hospital como ferramenta de cura, organizado dentro das exigências da medicina moderna, condizente para a época, incorporando em suas práticas as noções de assepsia, análise clínica, imunologia, vetores (seres vivos capazes de transmitir um agente infectante, como parasita, protozoário, bactéria ou vírus), transmissão de doenças, dentre

outras. O hospital deveria ser não somente uma unidade de assistência, mas, também, um ambiente para pesquisa, desenvolvimento e fomentação de conhecimentos médicos científicos, além de um espaço de formação e atualização dos profissionais da área da saúde que atuavam em Sergipe.

No dia 26 de abril, às vésperas da inauguração do hospital, saiu uma nota no jornal Gazeta do Povo noticiando: “Graças a Deus, hoje, com a criação do Hospital de Cirurgia a sciencia médica de Sergipe se ampliará praticamente resolvendo casos difficultosos e preparando, ao mesmo tempo, o futuro do Estado no tocante à Medicina” (GAZETA DO POVO, 1926, nº 436, p.1). A inauguração ocorreu de forma festiva no dia dois de maio de 1926, às nove horas do domingo com a celebração de uma missa solene na capela do próprio hospital. O poeta Pereira Barretto entregou, “em phrases eloquentes”, a chave do estabelecimento a Graccho Cardoso (GAZETA DO POVO, 1926, nº 501, p.1). Também no dia dois de maio foi publicado no A Cruzada que “A lacuna demasiada sensível que o novo hospital venha preencher, a belleza architetonica do prédio construído, a perfeição do material cirúrgico que possui e principalmente o valor e competência do seu corpo médico, tudo isso são motivos porque nos felicitemos com mais esse signal evidente de que, entre nós o progresso é o prêmio do trabalho” (A CRUZADA, 1926, ano VIII, p.2). Em junho, a instituição contava com 70 leitos, ambulatórios, farmácia, sala de curativo, enfermarias, apartamentos, laboratório, radiologia e centro cirúrgico equipamento (SILVA, 2006). Na imagem abaixo podemos observar a “belleza architetonica” do hospital, construído no mesmo molde do Instituto Parreiras Horta, ou seja, dentro dos preceitos modernos defendidos pelos sanitaristas, conforme mencionado anteriormente.

Figura 8 - Hospital de Cirurgia (1931)



Fonte: IHGSE

O Hospital de Cirurgia se revelou para além de um centro de atendimento à saúde, uma vez que também se transformou em um espaço para formação médica. Pois, um grupo seletivo de médicos organizou um espaço denominado de Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia e uma Revista que levou o nome de Boletim do Centro de Estudos, o qual manteve publicações de pesquisas médico-científicas regulares por mais de dez anos. Segundo Santana (2006, s/p), “[...] várias números da revista médica do Centro de Estudos circularam em Sergipe. Entre os diversos grupos de pesquisa organizados em Sergipe, existia um núcleo de Medicina experimental e um outro de estudos da Medicina Tropical. Foi o período iluminista da medicina em Terras Sergipana”.

Assim, as histórias do Instituto Parreiras Horta e do Hospital de Cirurgia podem ser consideradas exemplos da preocupação progressista e modernizadora da gestão de Graccho Cardoso, marcada pelo desenvolvimento de instituições de pesquisa científica e pela prestação de serviços à população no tocante a tríade saúde, higiene e sanitário. Mas não somente isso. Possibilita-nos, também, uma visão do processo de organização e institucionalização da medicina

em Sergipe. Esses médicos, liderados por Dr. Augusto Leite, foram conquistando espaço e prestígio no campo médico e político sergipano estabelecendo no estado uma nova forma de cuidar da saúde, ancorada na Medicina Moderna, além de adotar e fomentar o conhecimento científico vigente naquela época com a mobilização do Governo e da sociedade civil, rumo a um novo ordenamento urbano e civilizatório da sociedade. Percebemos, assim, que ambas as instituições tornaram-se espaços de pesquisa, cura e formação médica. Em relação ao prestígio dos médicos, junto ao governador, Santana (2005) afiança que:

Eram frequentes as visitas de médicos a palácio para jantares e conversa com o Governador, sobretudo acerca de questões da saúde, como também a organização pelos mesmos de palestras e conferências a respeito de questões sanitárias, nas quais as autoridades participavam (SANTANA, 2005, p. 197).

Diante do que foi exposto, não cabe aqui, portanto, elencar e/ou se aprofundar nas discussões acerca das alterações, mudanças, reformas, reestruturação departamentais da área da saúde, e discussão de Decretos e Leis na área, pois não é esse o objetivo inicial da pesquisa e também não há pretensão de esgotar o assunto, por conta da complexidade. O fato é que, através das ações promovidas por Graccho Cardoso, o estado não só pôde consolidar um novo projeto de saúde pública, como também o exercício da prática médico-científica passou a contar com um ambiente propício ao seu desenvolvimento. Portanto, o objetivo em eleger o período da gestão de Graccho Cardoso foi devido ao fato de ter sido aquela ocasião o momento em que emergiu no cenário de Sergipe uma política de saúde firmada nos pressupostos da moderna higiene e voltada para a força de trabalho. Posto isto, julgamos oportuno fazer uma retrospectiva a respeito da Saúde Pública e das práticas sanitaristas desenvolvidas no estado.

Nessa caminhada rumo à civilidade por meio de políticas públicas sanitaristas, não podemos deixar de ressaltar a influência e atuação dos médicos liderados por Dr. Augusto Leite, o mesmo que, em 1953, esteve à frente da Sociedade Civil Faculdade Medicina de Sergipe (SCFMS), uma entidade sem fins lucrativos, fundada com o intuito de viabilizar o projeto da fundação de uma Faculdade de Medicina no nosso estado (SILVA, 2016). A semente foi plantada justamente em uma das reuniões ocorrida no Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, quando os médicos Dr. João Batista Perez Garcia Moreno e o Dr. Benjamin Carvalho colocaram em pauta a criação de uma escola médica em Sergipe. No entanto, foi somente na eleição seguinte, em 1959, quando Luiz Garcia (1959-1962) foi eleito Governador de Sergipe, que a Faculdade de

Medicina passou a ser um dos principais focos das políticas públicas educacionais de sua gestão. O projeto foi concretizado somente no ano de 1961 quando Antônio Garcia Filho ocupou o cargo de Secretário de Educação, Cultura e Saúde (SECS) (Cf. SILVA, 2016).

No próximo capítulo, intitulado de “Trajetórias entrelaçadas dos mestres dos médicos: sociabilidade e intelectualidade” trouxemos à tona a contribuição de quatro médicos sergipanos, não somente para o campo da História da Medicina, mas, também, para o campo educacional, político e social do estado. Os médicos docentes: João Baptista Perez Garcia Moreno (1910-1976), José Machado de Sousa (1912-1997), Antônio Garcia Filho (1916-1999) e Nestor Piva (1930-2004), que ao lado de outros colegas foram considerados professores fundadores da Faculdade de Medicina de Sergipe, foram biografados à luz dos conceitos de intelectuais “criadores” e “mediadores” e do conceito de rede de sociabilidade do teórico francês Sirinelli (1997). Suas ações e atuações vão além das fronteiras da FMS, pois esses atores sociais ocuparam relevantes cargos políticos e sociais marcados por gestões que trilharam por um caminho profícuo, trazendo mudanças positivas para os segmentos nos quais atuaram.

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIAS ENTRELAÇADAS⁵⁰ DOS “MESTRES DOS MÉDICOS”⁵¹: SOCIABILIDADE E INTELLECTUALIDADE

Sergipe é rico de [sic] biografias de homens e mulheres que dedicaram as suas vidas ao serviço dos seus semelhantes, tomando profissões que realçaram a solidariedade. Médicos e professores foram, em grande número, aqueles que desbravaram o interior sergipano, deixando raízes que ainda hoje podem ser identificadas, saudosamente, como lembranças dos tempos idos. Não há quem não guarde, de experiência própria, a gratidão e o afeto a tantos médicos e professores que marcaram a vida comunitária, tanto na Capital, como e principalmente no interior, onde a prestação de serviços essenciais é, ainda hoje, retardatária (BARRETO, 2012, p.1).

⁵⁰ Termo utilizado em alusão a “Trajetórias Cruzadas”, conforme propusera Sirinelli (1996) em “Intelectuais”. O autor trata o gênero biográfico (seja o destino individual ou trajetórias cruzadas) como um campo de investigação importante para estudar minuciosamente os itinerários de intelectuais, “Sob a condição, é claro, de não nos limitarmos às trajetórias apenas dos ‘grandes’ intelectuais e de descermos até o estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram [...]” (SIRINELLI, 1996, p.246). Ressaltamos que não estudamos minuciosamente as trajetórias, uma vez que estamos trabalhando com microbiografias. No entanto, realizamos o cruzamento dos itinerários dos médicos, os quais se interligaram em diferentes espaços de formação e atuação.

⁵¹ “Mestre dos médicos” é utilizado aqui em alusão a quatro médicos fundadores da FMS, os quais têm neste capítulo suas microbiografias reveladas. O termo foi utilizado por Airton Teles Barreto quando definiu Garcia Moreno como “Mestre dos Médicos”, em um pronunciamento dedicado ao médico na Academia Sergipana de Letras, no ano de 1979. Adiante transcrevemos o poema na íntegra.

São muitos os historiadores e memorialistas sergipanos que se dedicaram, e se dedicam, a compreender a trajetória ou as ações/atuações deixadas em espaços sociais por determinados personagens históricos. Para o jornalista e memorialista Luiz Antonio Barreto, “Sergipe é rico de [sic] biografias de homens e mulheres que dedicaram as suas vidas ao serviço dos seus semelhantes”, a exemplo dos professores e médicos, os quais deixam suas marcas no tempo e “que ainda hoje podem ser identificadas, saudosamente, como lembranças dos tempos idos”. Através das memórias de Luiz Antonio Barreto observamos que, em muitos dos fatos e acontecimentos narrados por ele, o memorialista participou como uma testemunha da história, seja como espectador ou como ator. Neste capítulo, embora não tenhamos participado como espectadoras ou como atoras, procuramos compreender a trajetória, os traços e as marcas vividas em um determinado espaço-tempo de quatro professores fundadores da Faculdade de Medicina de Sergipe, entrelaçando os seus itinerários, de modo a analisar o “pequeno mundo estreito” desses intelectuais enquanto espaços onde os laços se atam.

Mas, quem são esses professores fundadores? São os médicos: João Batista Perez Garcia Moreno, José Machado de Sousa, Antônio Garcia Filho e Nestor Piva, os quais tiveram alguns percursos cruzados em diferentes momentos de suas trajetórias. Defendemos, pois, que os caminhos trilhados por estes médicos docentes podem nos trazer revelações acerca de suas escolhas, suas ações e seus legados, sobretudo aquelas voltadas para o campo da saúde e da educação. Não dá para compor aqui uma micro biografia de todos aqueles que clinicaram, que lecionaram e que contribuíram através das ações e atuações nos diversos campos em que atuaram. Seleccionamos, portanto, por alguns dos professores fundadores que, com outros colegas, viabilizaram a criação da Faculdade de Medicina de Sergipe, além de terem sido citados na lista dos “Vinte maiores médicos de Sergipe do Século XX”, fruto de um artigo de Dr. Lúcio Antônio Prado Dias, com a colaboração de seus colegas Antônio Samarone, Petrônio Gomes e William Soares, também médicos.

Além dos médicos já mencionados, ainda fazem parte do rol dos “Vinte maiores médicos de Sergipe do Século XX”: Antonio Militão de Bragança, Ascendino Ângelo dos Reis, Augusto César Leite, Balthazar Vieira de Melo, Benjamin Alves de Carvalho, Carlos Morais de Menezes, Edilberto de Souza Campos, Enjolras Vampré, Felisbello Firmo de Araújo Freire, Helvécio de Andrade, José Antonio de Abreu Fialho, José Rodrigues da Costa Doria, Juliano Calazans Simões, Lauro de Brito Porto, Lourival Bomfim, Roosevelt Cardoso de Menezes e Walter

Cardoso. Dias (2016, s/p) não temos dúvidas que a lista dos “[...] ‘mais’, ‘melhores’ e ‘maiores’ sempre são vistas com reserva e desconfiança, mesmo quando feitas com rigorosos critérios técnicos. Mas que são importantes para iniciar um bom debate”. Entendemos que o autor tenha selecionado os referidos médicos por acreditar no grande tributo que cada um deles trouxe para o desenvolvimento das ciências médicas e, como historiadora ainda em processo de formação, nos cabe o compromisso de buscar desvelar aquelas trajetórias.

No entanto, o aspecto mais relevante que nos levou a selecionar os quatro médicos foi o fato de, após pesquisa preliminar com demais professores fundadores, observamos que Garcia Moreno, José Machado, Antonio Garcia e Nestor Piva tiveram uma intensa participação na vida da Universidade Federal de Sergipe, ocuparam cargos políticos, atuaram no Hospital de Cirurgia, no IHGSE, ocuparam cargo, além de docente, na Faculdade de Medicina de Sergipe, atuaram, seja como membro, conselheiro, redator ou como presidente do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, ocuparam cadeira na Academia Sergipana de Medicina e na Academia Sergipana Letras, contribuíram com atividades de comunicação, de cunho literário e/ou científico, a exemplo de jornais e revistas e lecionaram em Faculdades, dentro ou fora do estado. A análise ocorreu por meio da ferramenta Excel, onde dispusemos outros espaços de atuação, além dos mencionados, para verificar quais médicos obtiveram maior reincidência de atuação nos mesmos espaços sociais, ou seja, onde os laços se ataram ou onde os caminhos se cruzaram. Adiante apresentamos a tabela, bem como a análise.

No entrelaçamento das trajetórias dos quatro médicos também foram analisadas as produções científicas e literárias e as redes de sociabilidade desses médicos docentes, os quais são considerados intelectuais “criadores” e “mediadores”, segundo o conceito de Sirinelli (1996). Buscamos delimitar esses intelectuais criadores e mediadores, no entanto, Sirinelli nos alerta ser esta uma tarefa difícil e que demanda cautela, tendo em vista que em cada período da história o termo intelectual ganhou diferente nuances, uma vez que sua definição foi influenciada não apenas por transformações sociológicas, mas, sobretudo, por uma compreensão distinta da expressão intelectual. Sirinelli (1996), afirmou que os intelectuais criadores e mediadores são aqueles que participam na criação artística e literária ou no desenvolvimento do saber, bem como contribuem para difundir e popularizar os conhecimentos dessa criação e desse saber, abrangendo nesse grupo as profissões, como por exemplo, a de jornalistas, de escritores e de docentes. Posto isto, consideramos importante perceber quais saberes os médicos docentes produziram e

difundiram através de seus artigos publicados em Revistas locais, nacionais e estrangeiras e de que modo esses conhecimentos contribuíram para o campo da saúde, principalmente em Sergipe.

Embora Sergipe seja considerado “rico de biografias”, ainda são muitos os atores sociais, além dos médicos e dos professores, que não tiveram suas trajetórias reveladas e que ocupam apenas um espaço na memória de familiares e amigos. Estes, por sua vez, precisam ter suas histórias desveladas, trazendo à tona não somente as suas ações, mas também as suas atuações as quais desencadearam em frutos que contribuíram para o estado, seja no campo da saúde, da educação, da cultura ou da política. Nas páginas que seguem, conheceremos as complexas dimensões e relações desses quatro médicos docentes, que estão vinculadas às conjunturas em que viveram e em quais suas memórias foram construídas e reconstruídas.

3.1- DAS PRIMEIRAS LETRAS AO CURSO MÉDICO: FRAGMENTOS DAS TRAJETÓRIAS

Dos quatro personagens, Garcia Moreno, o “Imortal”⁵², foi o primeiro a nascer. O capítulo de sua história começou no dia 12 de dezembro de 1910, no município de Laranjeiras (SE). Quando criança, seus pais Pedro Garcia Moreno e Ambrosina Brandão Moreno, mudaram-se para Santos, em São Paulo, onde o referido médico iniciou o curso primário. Após seis anos residindo na cidade santista, seus pais lhe dão um irmão o qual nasceu em 13 de janeiro de 1916, batizado por Canuto Garcia Moreno⁵³. Quando a família retornou para Sergipe fixou residência em Maruim, município onde nasceu seu segundo irmão, Pedro Garcia Moreno Filho⁵⁴, em 22 de julho de 1922. Lá, Garcia Moreno desfrutou de sua infância até o dia em que sua família mudou-se para Aracaju. Já rapaz, passou a ser um estudante do Colégio Ateneu Sergipense, período no qual passou a conviver com grandes mestres daquela época, a exemplo de Abdias Bezerra⁵⁵,

⁵² O termo “imortal” utilizado se justifica pelo fato da Academia Sergipana de Letras ter honrado Garcia Moreno duas vezes: a primeira, com a cadeira nº 15, da Imortalidade; a segunda, com a cadeira nº 08, do Movimento Cultural Dr. Antônio Garcia Filho (MAC) (SILVA, 2004).

⁵³ Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1941. Em Aracaju atuou no Hospital Santa Isabel como cirurgião, chegando a assumir a sua direção clínica. Atuou ainda no Hospital de Cirurgia como proctologista e cirurgião geral. Foi Presidente da SOMESE (1956-1957). É patrono da Academia Maçônica de Sergipe e da cadeira cinco da Academia Sergipana de Medicina. Na década de 1962 transferiu-se para Santos/SP, cidade onde faleceu aos 53 anos, no dia 12 de novembro de 1969 (SANTANA *et al.*, 2009).

⁵⁴ Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1948. Retornou para Sergipe e fixou residência em Itabaiana em 1949, local onde exerceu a profissão até a sua morte. Foi médico do *Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu)* e diretor do Hospital Regional Rodrigues Dória. No campo da política, foi eleito a Deputado estadual por dois mandatos. Faleceu em 5 de janeiro de 1990, aos 68 anos, em Itabaiana (SANTANA *et al.*, 2009).

⁵⁵ Abdias Bezerra nasceu na Vila de Siriri, em Sergipe, no dia sete de setembro de 1880. Iniciou a sua carreira de docente lecionando em escolas privadas. Em 1909, ao ser aprovado em concurso público, passou a lecionar a cadeira

Artur Fortes⁵⁶ e Franco Freire⁵⁷. Engajado nos estudos, Garcia Moreno formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1933 (SILVA, 2004).

Nesse período, 1933, o jovem José Machado de Souza, filho único do casal Gervásio de Araújo Souza e Laura Machado de Souza, estava com os seus 21 anos de idade. José Machado nasceu no dia 22 de janeiro de 1912, na cidade de Aracaju/Se. Estudou o primeiro grau no Colégio Nossa Senhora da Conceição, enquanto o segundo grau ocorreu no Colégio Tobias Barreto, ambas as escolas situadas na capital onde nasceu. Aos dezessete anos de idade, após concluir os estudos, lançou-se em terras alheias e iniciou o curso na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1929, sendo transferido para a Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro em 1930. Foi em solo carioca que Dr. Machado despertou o interesse e voltou seus olhares para a área da pediatria, concluindo essa jornada no dia 26 de novembro de 1934 (COSTA, 2003).

Nestor Piva, ainda na fase pueril, com apenas três anos de idade, estava em Salvador. Não podemos dizer o mesmo do jovem Antonio Garcia, já maduro com os seus 17 anos. Este último, filho de Antônio Garcia Sobrinho e Antônia Menezes Garcia, nasceu no dia 29 de maio de 1916 no município de Rosário do Catete/Se, onde passou parte de sua infância. Antônio Garcia se revelou uma criança curiosa e exploradora, graças aos incentivos do seu pai, um homem disciplinador e rígido, mas que brincava com os filhos, ao tempo em que os ensinava

de Francês no “Atheneu Sergipense”. Após dois anos, transferiu-se para as cadeiras de Aritmética e Álgebra. Em seguida passou a ensinar Português, até o ano de 1915, quando assumiu as cadeiras de Geometria e Trigonometria. Em 1922, Abdias Bezerra assumiu o cargo de diretor do “Atheneu Sergipense” e, um ano mais tarde, passou a exercer o cargo de diretor da instrução pública do Estado. A morte do professor Abdias Bezerra ocorreu no dia 14 de junho de 1944. (NASCIMENTO, 2010). Disponível em: <http://jorge-educahist.blogspot.com.br/2010/08/viagem-de-abdias-bezerra.html>. Acesso em: 08 Jun. de 2015.

⁵⁶ Artur Gentil Fortes, professor, jornalista e poeta, nasceu em Aracaju, no dia 28 de julho de 1881. Cursou Humanidades no Ateneu Sergipense, antes iniciado no Colégio do Professor Alfredo Montes. Foi funcionário público dos Correios de Aracaju. Por meio do Decreto de 15 de julho de 1916 foi nomeado professor vitalício do “Ateneu Sergipense” para lecionar a cadeira de História Geral e de História do Brasil. Atuou também no Colégio “Tobias Barreto” lecionando a cadeira de História e de Francês e no “Instituto América”, lecionou a cadeira de Francês e de Geografia. Foi membro efetivo do Conselho Superior do Ensino por dois anos; foi Deputado Estadual na legislatura de 1910 a 1911; colaborou no Almanaque Sergipano e nos jornais: “Jornal de Sergipe”, “O Estado de Sergipe”, “Jornal do Povo” e “Correio de Aracaju”. Seu falecimento ocorre no dia 27 de novembro de 1944, em Aracaju. (GUARANÁ, 1925).

⁵⁷ Manoel Franco Freire nasceu na cidade de Estância, em Sergipe, no dia trinta de julho de 1896. Após iniciar sua carreira docente, viajou a São Paulo e ao Rio de Janeiro, juntamente com outros docentes, na tentativa de se engajar nas discussões em torno da Pedagogia Moderna e assim contribuir na reorganização da instrução pública em Sergipe. Em 1927, ainda um jovem professor, assumiu o cargo de diretor da instrução pública em Sergipe. Inspirado pelas novas ideias pedagógicas, promoveu uma reforma na Escola Normal equipando-a com laboratórios de Química, Física e História Natural, os quais foram importados da Alemanha. Sua trajetória se encerra no dia 05 de setembro de 1971, após sua morte (NASCIMENTO, 2010).

(SILVA, 2012). Já adolescente, passou por importantes instituições educativas, a exemplo do Grupo Escolar Barão de Maruim, do Colégio Tobias Barreto e do Colégio Atheneu Sergipense. Ao concluir o ensino secundário decidiu se enveredar pelo campo da ciência médica e ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1936, localizada no Terreiro de Jesus, em Salvador. Em entrevista, o médico e professor Eduardo Garcia afirma que o seu pai Antônio Garcia Filho apresentava, desde criança, não apenas uma “[...] vocação para a medicina, mas também um desejo de cuidar das pessoas [...]” (Eduardo Garcia, 2012).

Os três jovens, já formados em Medicina e em solo sergipano, procuram exercer a profissão. No entanto, eles buscaram aperfeiçoar-se na área médica, cada qual em sua especialidade clínica. O médico Garcia Moreno, por exemplo, especializou-se em clínica geral, na cidade do Rio de Janeiro e, em seguida, ingressou no campo da Psiquiatria, fato pelo qual foi nomeado, em 1937, Chefe do Serviço de Assistência aos Psicopatas, criado em Aracaju em 31 de dezembro do mesmo ano. Dedicado à causa destes enfermos e a fim de aprimorar ainda mais seus conhecimentos, estagiou no Hospital de Psiquiatria do Rio de Janeiro, em 1938. Foi responsável pela construção e instalação do Hospital-Colônia, inaugurado em outubro de 1940, bem como o seu Diretor. Em 1944, fez o curso de psicodiagnóstico de Roschach, no Rio de Janeiro, neste mesmo ano obteve o primeiro lugar no Curso de Psiquiatria Clínica e Higiene Mental do Departamento Nacional de Saúde. Em 1947, ministrou um curso de Psicologia para oficiais Federais de Aracaju. Cativante já desde jovem, Garcia Moreno soube deixar suas marcas por onde passou. Barreto (2010), nos elucida, em poucas palavras, esse personagem:

É difícil fugir ao lugar comum, deixar de dizer palavras soltas, quando por ofício e emoção temos que lembrar a figura de um homem que filho de farmacêutico se fez médico, escritor, professor, intelectual de todos os méritos, cronista de uma província tantas vezes amarga ao seu saber, mas no seu dizer doce, talvez ou certamente pela generosidade que tomava o seu corpo inteiro de homem forte, professoral, chistoso, que soube compreender as mudanças do seu tempo e colocar os ouvidos na boca dos jovens pelos corredores acadêmicos, na Faculdade de Direito, e na Faculdade de Medicina. (BARRETO, 2010, s/p).

A professora Tânia Meneses Silva também homenageou Garcia Moreno quando discursou na Academia Sergipana de Letras, no momento de sua posse como fundadora da Cadeira nº 8 do Movimento Cultural Dr. Antônio Garcia Filho (MAC). Ao declamar o poema abaixo, de sua autoria, em alusão ao médico, podemos observar algumas características as quais fizeram parte do perfil dessa figura.

Figura 9 - João Baptista Perez Garcia Moreno



Fonte: IHGSE

Moreno no nome
na pele
nos cabelos
nos olhos
perscrutadores dos mistérios da psique
– é o doutor dos doidos –
intrincado
intrigante do insondável fio da sanidade
limite da loucura
o circuito da sensata lucidez
insana sensatez.

(SILVA, 2004)

Quanto à carreira do médico José Machado, ao retornar à sua terra natal, se estabeleceu como o primeiro médico pediatra do estado (COSTA, 2003), instalando o seu consultório na antiga Rua João Pessoa, no Centro da capital, permanecendo ali por três décadas. Após esse período, transferiu o seu consultório para a Praça Fausto Cardoso, também conhecida como Praça dos três poderes por acolher em seu entorno os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Após alguns anos, instalou-se definitivamente na Avenida Barão de Maruim. No entanto, conforme

nota publicada no Correio de Aracaju no dia 18 de novembro de 1937, o pediatra também fazia atendimento aos infantes em sua residência, situada na Avenida Ivo do Prado, nº 236. Essa era uma prática muito comum entre os médicos, tanto no que se referente ao atendimento domiciliar, quanto à prática de divulgar a prestação de serviços médicos nos diversos meios de comunicação, na seção “Indicador Profissional”, conforme observamos nos recortes de jornais abaixo:

Figura 10 - Divulgação de prestação de serviço médico José Machado.

Dr. José Machado
de Sousa
— MEDICO —
 Especialistas em Molestias das
 Crianças—Raios-Ultra-Violeta.
 Diariamente: Das 3 as 5.
 Consultorio: Rua João Pessoa
 65 A.
 Residencia—Avenida Ivo do

Fonte: Jornal Correio de Aracaju, nº 862-18, novembro de 1937.

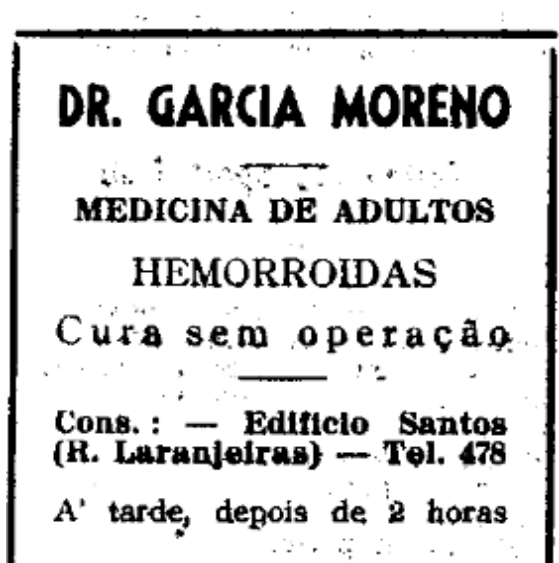
Figura 11 - Divulgação de prestação de serviço médico Antonio Garcia.

MÉDICOS

Antonio Garcia Filho	— Consultório Edifício Mayara — 3º andar — Res.: Av. Augusta Maynard 317 — Fone 3423
Silvio Santana	— Consultório Rua João Pessoa. — Res.: Rua Pacatuba
Renato Mazze Lucas	— Rua Socorro 1046 — Fone 3153

Fonte: Jornal Correio de Aracaju, nº 6275-5, setembro de 1959.

Figura 12 - Divulgação de prestação de serviço médico Garcia Moreno.



Fonte: Jornal Estado de Sergipe, nº 1345-17, novembro de 1937.

Há um consenso em torno do médico José Machado com conotações hagiográficas referendadas pelos colegas de profissão, a exemplo: “Dr. Machado foi considerado a maior autoridade da pediatria do Estado”, segundo a Cirurgiã Pediátrica Denise Tavares; o “ícone da medicina em Sergipe”, segundo o pediatra Anselmo Mariano; e o “pai da moderna pediatria sergipana”, por sistematizar o atendimento pediátrico em função do ensino e dos novos conhecimentos da especialidade, segundo o Clínico Geral Lúcio Prado. A especialidade que Dr. Machado escolheu para atuar passou a chamar a atenção dos médicos para outros aspectos, pois, através de um novo olhar do médico cirurgião Augusto Leite⁵⁸, após a inauguração do Hospital de Cirurgia em 1926, o cuidado com o ser infante tomou um rumo em direção a sua total

⁵⁸ Augusto Leite nasceu em Riachuelo/SE, no dia 30 de julho de 1886. Em 2 de janeiro de 1909 se forma em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, defendendo a tese “Da contra-indicação renal do emprego do salicilato de sódio”. Ao retornar a Sergipe iniciou suas atividades médicas em Capela, Maruim e Riachuelo, transferindo-se depois para a capital, atuando no Hospital Santa Isabel. Exerceu a profissão docente em 1916, assumindo a cadeira de professor catedrático de Higiene Geral e História Natural do Colégio Atheneu Sergipense e a partir de 1918 a cadeira de História Natural do Seminário Diocesano de Aracaju. Foi eleito membro do Conselho Municipal de Aracaju, entre 1917-1919. Em 1922, conseguiu junto ao governador Graccho Cardoso, a promessa da construção de um novo hospital, que foi inaugurado em 1926, o qual foi nomeado de Hospital de Cirurgia. Foi Diretor da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe. Em 1930 fundou a primeira maternidade de Sergipe, a qual deu o nome de “Francino Melo” e após sete anos fundou o primeiro hospital infantil. Fundou também a Escola de Enfermagem e a Casa Maternal Amélia Leite. Foi o primeiro presidente da Somese (1937-1948). Faleceu em Aracaju/Se, aos 91 anos de idade, no dia 9 de fevereiro de fevereiro de 1978 (SANTANA *et all*, 2009).

plenitude. Através das ações e atuações de Dr. Augusto Leite, foram implantados os primeiros programas de puericultura, juntamente com a colaboração do pediatra Lauro Hora⁵⁹, um médico “com larga visão humanista”, uma vez que ambos passaram a se interessar pelos problemas que iam além dos aspectos da saúde da criança, mas também no tocante a problemas relacionados aos fatores sociais. Dr. Lauro Hora montou o seu próprio consultório em pediatria e se dispôs a coordenar durante alguns anos programas voltados à assistência dos pequenos infantes, estudantes das escolas públicas. Tal médico possuía uma formação inicial vinculada à Saúde Pública e Higiene (DIAS, 2006, p.1).

Enquanto o médico José Machado se dedicava aos pequenos pacientes, conheceu Ana Barreto de Souza (dona Anita), aquela com quem decidiu unir-se matrimonialmente, no dia 10 de outubro de 1936. Dr. Machado soube semear a vida, pois constituiu uma família numerosa e pôde desfrutar desse amor, junto aos seus sete filhos: José, Maria, Carlos, Maria Anita, Renato, João e Laura. Na imagem, o registro do casal:

Figura 13 – O médico Machado de Souza e a sua esposa, dona Anita.



Fonte: Unimed/Se (s/d)

⁵⁹ Lauro Hora nasceu em Lagarto/SE, no dia 20 de julho de 1898. Em 30 de dezembro de 1922 se forma pela Faculdade de Medicina da Bahia, cuja tese foi intitulada de “Mortalidade infantil na Bahia”. Foi o fundador do Hospital de Cirurgia e diretor deste por duas vezes, hospital no qual fez a primeira anestesia geral realizada em Sergipe, em 14 de junho de 1926, colaborando com o cirurgião Augusto Leite. Durante vinte anos se dedicou como anestesista e depois somente à pediatria. Foi diretor do serviço de amparo à infância e adolescência do Estado de Sergipe, inspetor e diretor do Serviço Sanitário do Estado de Sergipe, Diretor Geral do Departamento de Saúde Pública de Sergipe. Faleceu em Aracaju/Se, aos 81 anos de idade, no dia 16 de março de 1979 (SANTANA *et all*, 2009).

Sua família, segundo Costa (2003), é constituída por treze netos e cinco bisnetos. Um de seus netos, que seguiu os passos do avô e se enveredou pelas ciências médicas, o Cirurgião Geral Elisânio Cardoso, ao lembrar a figura de Dr. Machado, afirma:

É interessantíssimo e ímpar a maneira como meu avô agregava. A maneira como ele obtinha o respeito de todos os familiares, com sua personalidade centralizadora, mas não pelo temor que porventura ele poderia impor, mas sim pelo respeito, pelas atitudes sempre íntegras, sempre generosas (CARDOSO 2013, *apud*, UNIMED SERGIPE 2013, s/p).

Antônio Garcia Filho, quando retornou da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1941, passou a residir em Laranjeiras, município situado a 23 km da capital sergipana, conhecido por sua abundância cultural e sua arquitetura colonial, as quais se revelam como verdadeiros monumentos como é o caso das igrejas do Retiro, datados de 1701. A cidade, considerada “um museu a céu aberto”⁶⁰, alastra história e cultura pelas ruas de pedras, pelos casarios e pelas igrejas. Foi em meio a este berço cultural que Antônio Garcia Filho passou a exercer a sua profissão de Clínico Geral. Após quatro anos em terra laranjeirense, o médico mudou para Aracaju a fim de atuar como Clínico Geral e Diretor Clínico no Hospital Santa Isabel, além de fazer parte do corpo médico do Hospital de Cirurgia, este último a convite do médico Augusto Leite (SILVA, 2012), amigo pelo qual ele tinha muito apreço, o que o levou a compor um poema em sua homenagem:

Homenagem

Há pessoas que não podem morrer
Há pessoas que não morrem jamais
Homens que não são homens
Lendas que não são lendas
Homens que são lendas
Lendas que são homens
Marcas perpétuas na história
Que perpetuam marcas na história que segue
Homem, Lenda, Marca.

(GARCIA FILHO, 1960, p. 32)

Ao ocupar a função de Clínico do Hospital Santa Isabel, segundo Nascimento (2000), Antônio Garcia Filho introduziu um novo método de anestesia com intubação traqueal,

⁶⁰ O termo é tema de uma série de livros editado pelo Banco do Nordeste. BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Laranjeiras**: “um museu a céu aberto”. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1983.

conhecimento esse adquirido na cidade carioca ao realizar um curso de especialização e de seu estágio no Serviço de Anestesia do Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro. Garcia Filho foi um médico que sempre esteve à procura de novos conhecimentos, se arvorando pelo campo da medicina a fim de trazer para Sergipe técnicas científicas em consonância com o que era de moderno, para aquela época, na área da medicina. Neste interstício, Antônio Garcia Filho se casa com Waldete Conde Garcia, em 1943, e como fruto dessa união tiveram quatro filhos. A figura ? registra a família no período em que Antônio Garcia Filho foi nomeado Secretário de Educação Cultura e Saúde (1959).

Figura 14 – Foto de Antônio Garcia Filho com sua esposa, Waldete, e seus filhos Eduardo, Renato com Cristina no braço e Sérgio (da direita para a esquerda) (1959).



Fonte: Acervo do ITBEC

Quando Antônio Garcia se casou e passou a constituir família, Nestor Piva, o mais jovem dos quatro médicos, estava entrando na fase da adolescência, com os seus 13 anos de idade. A sua história começou no dia 13 de junho de 1930, na cidade de Salvador (Ba). Seu pai, o imigrante italiano Humberto Piva e sua mãe Laura Moretti Piva, eram tecelões e trabalhavam no ABC paulista. Antes de chegarem a Salvador, o Sr. Humberto trabalhou com montagem de equipamentos industriais de tecelagem no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Nestor Piva

provinha de uma família numerosa, sendo o caçula dos oito filhos do casal. Seu pai faleceu quando ele ainda era pequeno, aos três anos de idade, e seu irmão mais velho, Inocêncio, foi quem ajudou a matriarca na criação dos irmãos. Segundo Sônia Macena (2015), Nestor Piva tinha muito respeito e carinho por este irmão.

Em Salvador fez o seu curso ginásial e o antigo curso científico, equivalente hoje ao ensino médio, no “Ginásio da Bahia”. Um jovem estudante aplicado e responsável, segundo Barreto (2009), consciente da importância da educação e já vocacionado para a ciência médica, decidiu cursar medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, formando-se em 1954 (SILVA, 2006). Durante a solenidade de colação de grau, “Coube-lhe a honra de ler o juramento de Hipócrates, no histórico salão nobre da Faculdade, tão cheio de magia, beleza e tradição!” (BARRETO, 2009, p. 3). A figura abaixo registra o momento em que o jovem se formou, aos 24 anos.

Figura 15 – Foto de Nestor Piva colando grau pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (1954).



Fonte: Acervo da família

Estudioso e engajado nas pesquisas, ainda durante o curso de medicina procurou se especializar em Histoquímica e em Hemoterapia, ambos pela Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, em 1953. Não satisfeito, especializou-se novamente em Histoquímica, desta vez pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1954. Ainda neste ano também realizou especialização em Histopatologia Cutânea pela Universidade de São Paulo. E não parou nesta última especialização! Piva continuou, durante a sua carreira médica, especializando-se com o objetivo de manter-se atualizado quanto às tecnologias e as novas descobertas na área que escolheu para seguir carreira. Os dados quanto às especializações, os cursos e as experiências profissionais dos médicos foram coletadas no “Curriculum Vitae”, os quais encontramos no Arquivo Geral da UFS. Quanto às informações de Piva, também tivemos o auxílio da Plataforma Lattes, onde o médico ainda possui o cadastro do currículo (PIVA In:LATTES CNPQ, 2015).

Em 1955, aos 26 anos de idade, inspirado pelos saberes e motivado por desafios, aceitou o convite para organizar e lecionar a disciplina de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Paraíba. Transcorrido um ano, voltou à cidade natal onde assumiu, por meio de concurso público, o cargo de médico do Instituto de Aposentadoria dos Comerciários (IAPC). Neste mesmo ano, em 1956, Nestor Piva realizou o seu enlace matrimonial com a senhora Bernadete Rabello, também baiana, e com ela constituiu uma família com três filhos: Ana Cristina, Marta e Nestor (MACENA, 2004). Anos mais tarde, a família cresceu com a adoção do pequeno Augusto César, muito querido pela família. Marta Piva, sua filha, acrescenta que foram poucos os colegas e amigos que chegaram a compartilhar “[...] conosco a sua veia artística, através das serestas, tocando violão e suas dedicatórias, verdadeiras poesias, assim como, seus momentos de confeitoiro, que tanto nos encantava a cada aniversário, quando acordávamos e encontrávamos uma mesa ornamentada, feita com bolos de verdade [...]”. (PIVA, s/d, p.1). Para Barreto (2009, p.9), Nestor Piva, como pai, “[...] soube dedicar-se à sua família, aos seus filhos, deixando mais que tudo o exemplo de um homem operoso, dedicado, ético, idealista. Pai presente, muito querido e admirado”.

Os médicos Julianos Simões⁶¹ e Fernando Sampaio⁶², ambos também formados pela Faculdade de Medicina da Bahia, convidaram Nestor Piva, em 1959, para colocar seus

⁶¹ Julianos Calasans Simões nasceu em 14 de abril de 1904, em Salvador/BA. Em 1924 formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, defendendo a tese “Reflexos pupilares e seu valor semiológico em psicopatias”. Decorrido um ano transferiu-se para Sergipe, passando a clinicar em Aracaju em seu consultório privado e no Hospital Santa Isabel. Exerceu funções públicas em vários governos, entre eles o de Diretor Geral de Saúde Pública. Foi um dos fundadores

conhecimentos em prática no Hospital de Cirurgia. Motivado pelo convite dos médicos, transferiu-se para Aracaju e se colocou à disposição do referido hospital, o qual estava sem médico patologista. Nestor Piva ficou responsável pelo Laboratório de Patologia e, em pouco tempo, chegou a ocupar o cargo de Diretor deste hospital. Durante os vários anos que trabalhou no Hospital de Cirurgia ocupou diversas funções administrativas, “[...] sempre com elogiável esmero, justificando-se sua notória exigência na execução das tarefas assumidas pela equipe” (BARRETO, 2009, p.5). Para a patologista e professora Sônia Macena, o médico Nestor Piva se configurou como um profissional dinâmico e competente, instaurando suas primeiras mudanças neste Hospital, conforme afiançou:

Jovem, impulsivo, com idéias progressistas, provocou grandes mudanças administrativas, uma delas gerando muitas contestações, como a colocação de enfermeiras graduadas como chefes de setores, antes ocupados por religiosas sem formação específica (MACENA, 2004, p. 8).

Em 1961 o patologista passou em um concurso de títulos sob o patrocínio do laboratório Recordatti em São Paulo, o que o levou a receber uma bolsa de estudo para passar seis meses no Instituto de Anatomia Comparata dell'Università di Pavia. Preocupado em cuidar do seu aprimoramento profissional de forma continuada e inspirado em adquirir novos conhecimentos, deixou a família e se lançou rumo à Itália para realizar o curso de especialização em Histoquímica pelo referido instituto (Centro di Studio per l' istochimica / Dei Consiglio Nazionale delle Recerche), de janeiro a julho de 1961 (BARRETO, 2009). Nesta instituição também realizou um estágio na mesma área da especialização. Tinha um grande domínio da técnica de laboratório de patologia, conhecendo com profundidade toda a histotecnologia, sendo, por isso, laureado com o Prêmio Pravaz. (MACENA, 2015).

Para a sua filha, Marta Piva, “ensino, pesquisa e extensão foram seus lemas”. Assim, foi a motivação pela “pesquisa” no campo da patologia parasitária que o levou a estudar

da Faculdade de Medicina, onde foi professor de oftalmologia. Faleceu aos 83 anos, em Aracaju, no dia 3 de fevereiro de 1984. (SANTANA, *et all*, 2009).

⁶² Fernando Sampaio nasceu em Riachuelo/SE, no dia 22 de agosto de 1916. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 14 de dezembro de 1940. Especializou-se em cirurgia na Faculdade de Medicina de São Paulo e fez curso de aperfeiçoamento em cirurgia torácica na Universidade de Michigan, Ann Arbor, USA (1958). Trilhou sua carreira profissional no Hospital de Cirurgia, em Aracaju, assumindo a função de Diretor entre os anos de 1952 a 1961. Também foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Sergipe, professor Titular da disciplina de Cirurgia Geral, Chefe do Departamento de Cirurgia e Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Sergipe. Faleceu aos 63 anos, em Aracaju, nos dias 25 de outubro de 1979. (SANTANA, *et all*, 2009).

esquistossomose intestinal, esquistossomose e câncer do intestino e esquistossomose do aparelho genital feminino, estudos estes que lhe renderam uma amostragem de 36 casos de pacientes, os quais se transformaram em tese de doutoramento. O seu Doutorado em Ciências Médico Cirúrgicas foi realizado na Universidade Federal da Bahia, entre os anos de 1958 e 1961, e teve como título “Esquistossomose do Aparelho Genital feminino”. Um dos objetivos ao desenvolver a pesquisa foi “[...] colaborar no estudo de uma das endemias que assolava avassaladoramente o nosso nordeste” (PIVA, 1960, p. II). Tratava-se da esquistossomose, cujos índices de morbidade e mortalidade representavam aspectos alarmantes no Estado de Sergipe naquela época. Nestor Piva desenvolveu sua pesquisa sobre os 36 casos da esquistossomose, conforme já mencionado, em solo sergipano e contou para isso com o apoio de alguns amigos, também médicos, do Hospital Cirurgia. Sua tese, a qual tive acesso à leitura durante a entrevista com o médico Francisco Rezende, em 2015, foi apresentada à Universidade Federal da Bahia em 17 de dezembro de 1960, recebendo o título em janeiro de 1961.

Durante o curto período em que Piva passou na Itália, janeiro a junho de 1961, conforme mencionado, um grupo de médicos do estado estava movendo esforços e planejando a aula inaugural da recém-fundada Faculdade de Medicina de Sergipe, que ocorreu no dia 20 de março daquele ano. O evento ocorreu “entre aplausos e justas vibrações dos meios universitários do Estado” (SERGIPE JORNAL, 1961, nº 14.234, p.1). Uma data que ficou marcada não somente nas páginas dos jornais, mas, sobretudo, na historiografia educacional sergipana. Ao regressar da Itália, o médico Nestor Piva passou a atuar como professor nas cadeiras de “Histologia e Anatomia” e de “Fisiologias Patológicas”. Naquela época não havia concurso para a seleção desses professores, porém foram indicados e escolhidos profissionais com potencial para lecionar na referida instituição. Foram médicos atuantes, que clinicavam e apresentavam experiências no campo da medicina. Segundo Macena (2004), o médico e professor Nestor Piva trabalhou muito tempo nesta instituição com remuneração simbólica, a exemplo de outros professores das faculdades isoladas (SOUZA, 2015).

A discussão em torno fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe pode ser associada, também, à figura do médico Garcia Moreno, pois, na década de 1950, o “perscrutador dos mistérios da psique”, como o intitulou a professora Tânia Meneses em seu poema, passou a fazer parte de um grupo de médicos liderado pelo Dr. Augusto Leite e pelo Dr. Benjamin Carvalho, dentre outros. O intuito desses médicos era proporcionar um espaço de reunião para discussões

que permeassem pelo campo da medicina buscando o avanço do conhecimento técnico e científico na área da saúde em Sergipe. Posto isto, decidiram criar o Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia. Em uma dessas reuniões, os médicos Garcia Moreno e Benjamin Carvalho puseram em pauta a criação de uma possível Faculdade de Medicina em Sergipe e perceberam que o primeiro passo a ser dado seria a fundação de uma entidade sem fins lucrativos, esta com o objetivo de viabilizar o projeto. A entidade foi criada em 12 de junho de 1953 e a nomearam de Sociedade Civil Faculdade Medicina de Sergipe, cujo presidente foi o médico Augusto Leite (SILVA, 2012).

Apesar da ideia aflorada na década de 1950 ter despertado os olhares e interesses tanto da classe médica quanto a comunidade sergipana, foi apenas em 1961, conforme mencionado anteriormente, que a fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe veio cumprir um papel fundamental, não somente no desenvolvimento da construção no campo da história da Medicina em Sergipe, mas também para o campo educacional e social. No entanto, no ano de 1961, outra figura que teve importante influência para a concretização dos planos almejados em 1950 foi o médico Antonio Garcia, que esteve à frente da Secretaria de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe, entre os anos de 1959 a 1962, durante o governo de Luiz Garcia⁶³ (1959-1962), e que viabilizou os recursos necessários, junto a outros colegas, para que a fundação da instituição viesse a se tornar realidade. Portanto, Garcia Moreno e Antonio Garcia fizeram parte do rol dos principais colaboradores e professores fundadores da Faculdade de Medicina de Sergipe. Ao psiquiatra, ficou incumbido de lecionar Psicologia médica e Medicina Legal; enquanto ao fundador da instituição, coube às cadeiras de Bioquímica e Anestesiologia, além de ter assumido a função de diretor da Faculdade por mais de 10 anos. Vale ressaltar que a primeira experiência de Antonio Garcia como docente foi em 1956, a partir da fundação da Faculdade Católica de Serviço Social, onde ministrou a cadeira de Nutrição (SILVA, 2012). Quanto à fundação da Faculdade de Medicina, o médico e professor José Augusto Barreto, declarou, durante a sessão

⁶³ Luís Garcia nasceu em Rosário do Catete/Se, no dia 14 de outubro de 1910. Formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia em 1932. Atuou como advogado e promotor de justiça antes de eleger-se deputado estadual por Sergipe, em outubro de 1934. A gestão de Governo do Estado de Luiz Garcia foi voltada para um viés desenvolvimentista e modernizadora, com o incentivo à industrialização e ao investimento em instituições educativas. Além disso, criou importantes órgãos para o Estado, como foi o caso do Conselho de Desenvolvimento de Sergipe (Condese), do Banco do Fomento Econômico de Sergipe e da Energipe. Vale ressaltar também que, obras como a construção do Hotel Palace; a ampliação do aeroporto; a construção de rodovias, dentre outras obras, marcaram a sua gestão desenvolvimentista (DANTAS, 2004).

que celebrou o centenário do nascimento de Garcia Moreno, realizada no dia primeiro de dezembro de 2010, que:

A Faculdade de Medicina foi o acontecimento mais importante da Medicina de Sergipe e teve em dois “garcias”, curiosamente, suas maiores representações: Garcia, o Moreno, como um dos idealizadores da escola médica no início da década de 50 e o outro Garcia, o Antonio, como seu fundador de fato, no início dos anos sessenta (BARRETO, 2010, s/p).

A função de diretor da Faculdade de Medicina de Sergipe também foi ocupada pelo psiquiatra Garcia Moreno, o qual lecionou para além dos muros da FMS destacando-se no ensino de diversas disciplinas, como: Botânica, na Congregação do Atheneu Sergipense; Antropologia Física e Psicologia Experimental, na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe; Medicina Legal, na Faculdade de Direito da Bahia, na Universidade Federal do Paraná e na Escola Paulista de Medicina. Foi ainda Vice-Reitor da Universidade Federal de Sergipe. (CURRÍCULUM VITAE, ARQUIVO GERAL DA UFS, 1961). Quanto à figura de professor, Vladimir Carvalho, um ex-aluno da disciplina de Medicina Legal de 1972, na Faculdade de Direito, nos esclarece que:

[...] ser aluno de Garcia Moreno representou, acima de tudo, um privilégio, por não ter tido outro professor, em tantos e tantos de banco escolar, que lhe igualasse em ironia. Altamente competente na matéria, discorrendo com calma, enfrentando uma temática que, a gente, bacharel em ciências jurídicas e sociais, não fazia idéia da importância, sobretudo pela sua característica médica, [...]. (CARVALHO, s/d, p.2).

Durante entrevista concedida pelo médico Francisco Prado Reis, em 2017, Garcia Moreno era dotado de “erudição e conhecimentos”. Revelou-se, assim, um médico docente que muito contribuiu na formação de seus alunos, pois plantou em cada um deles a semente do conhecimento técnico-científico, não somente do campo da medicina, mas também do campo jurídico. Hoje, muitos deles são psiquiatras, a exemplo de José Cortez Rollemberg, Ilma Fontes e Ana Angélica Salmeron. Decidiram, ainda naquela época, seguir os caminhos do mestre, aquele que em vida foi considerado “mestre do corpo e professor das almas”, conforme mencionou Ailton Teles Barreto, além de definir Garcia Moreno como “Mestre dos Médicos”, em um pronunciamento dedicado a ele na Academia Sergipana de Letras:

Na Medicina dos que são maiores todos têm vez na formação do mestre: o ser normal, o pobre, o rico e o louco. Mestre maior da Medicina humana, nós nos lembramos de você assim: cultura enorme, inteligência, alvor, raio de luz levando vida às palmas, remédio heroico ao ser humano aflito, mestre do corpo e professor das almas. (BARRETO, 1979, p.3).

O pediatra José Machado de Souza também deixou suas marcas na História da Faculdade de Medicina de Sergipe, fosse como professor da cadeira Clínica Pediátrica e Puericultura, fosse atuando em funções administrativas, “Mesa Administrativa”, como foi o caso de quando assumiu a função de Tesoureiro na Instituição durante o biênio 1962-1964, conforme Ata da Assembleia Geral da Fundação do Ensino Médico de Sergipe, datada de 10 de agosto de 1962, e da Ata da Assembleia Geral de 28 de fevereiro de 1964. Em ambas as Atas constam, ainda, o nome do médico Nestor Piva como Membro do Conselho Deliberativo (ATA DA ASSEMBLEIA, ARQUIVO GERAL DA UFS, 1962; 1964).

Já com grande experiência na área patológica, Nestor Piva se viu influenciado pelo espírito científico e estava disposto a galgar em terras férteis. Não mediu esforços e mudou-se com a família em julho de 1965 para Bethesda, uma região localizada no estado norte-americano de Maryland/EUA. Fez especialização em Patologia e continuou com uma pesquisa acerca da esquistossomose no National Institute of Pathology, sob a orientação do médico e professor George Glenner. Nestor Piva e sua família permaneceram nos Estados Unidos durante um ano. Após o seu regresso, retomou a rotina na Faculdade de Medicina de Sergipe, reassumindo as cadeiras de Histologia, Patologia e, posteriormente, Patologia Geral, além das de Embriologia, Patologia Especial e Patologia Bucal (MACENA, 2004).

Por certo, a trajetória dos quatro médicos, os quais adotaram Sergipe para viver e construir as suas histórias, não permaneceu ou encerrou apenas com a formação médica e a atuação profissional. Pelo contrário, esta escolha apenas iniciou a caminhada desses personagens e foi abrindo caminhos para a atuação em outros espaços. Suas ações foram além daquelas voltadas ao campo médico, perpassando pelo magistério, pela política, pela cultura, pela filiação e direção de diversas instituições. São essas, e outras, que vemos a seguir.

3.2- DOS EVENTOS ÀS VINCULAÇÕES; DA ATUAÇÃO MÉDICA E POLÍTICA ÀS HOMENAGENS

O psiquiatra Garcia Moreno também de enveredou pela área da Medicina Legal, o que o levou a participar do 1º Congresso Mundial de Psiquiatria e o 1º Congresso Internacional de Criminologia, ambos em Paris em 1950 (SILVA, 2004). Ainda nesta mesma década, em 1956, ministrou um curso de Psicanálise no Centro Acadêmico Silvio Romero, da Faculdade de Direito de Recife e, no ano seguinte, em 1957, lecionou na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná. Seu objetivo com essa trajetória era obter conhecimentos para dedicar-se a sua missão, qual seja, a “[...] de empenhar-se em remover, à luz da ciência, os obstáculos mentais da criatura humana, devolvendo aos insanos, na medida do possível, a saúde psico-somática”. (ROLLEMBERG, 1979, p.4), conhecimentos estes colocados em prática, por exemplo, quando assumiu a função de Chefe do Serviço de Assistência aos Psicopatas, no Hospital Colônia de Psicopatas (como médico e diretor) e de médico no Hospital de Cirurgia. Observamos que, na trajetória política dos quatro médicos, Garcia Moreno foi o que menos ocupou cargos e funções na área em questão. Dentre as fontes consultadas, encontramos apenas o registro de Conselheiro Penitenciário.

A atuação de Garcia Moreno frente à direção do Hospital Colônia de Psicopatas trouxe relevantes contribuições ao tratamento dos “loucos”, conforme afirmou o médico em carta, cujo título foi “Máquina para curar loucos”, enviada ao redator do Correio de Aracaju, e publicada no dia 23 de fevereiro de 1943 (Ano XXXVII, nº 3.313). Na referida carta, o psiquiatra esclareceu o moderno processo de tratamento dos “doentes mentais”, a convulsoterapia elétrica e, por isso, declarou que Sergipe não se encontrava atrasado quanto aos métodos de tratamentos desenvolvidos em outros países, como também em grandes centros do Brasil, a exemplo de Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Ressalta ainda a satisfação e afiançou ser uma grande conquista o Brasil ter passado a fabricar o aparelho de electro-convulsoterapia, o qual era fabricada pela Offener Electronies situada nos Estados Unidos. Na carta deixou claro que a loucura se curava com medicamentos e não com castigos físicos e trabalho forçado “[...] é tempo de pregar-se na consciencia de todos que o doente mental é um doente como os outros: sofre, trata-se e fica bom” (GARCIA MORENO, 1943, p.4). Embora tenha sido noticiado em 1943, Garcia Moreno afirmou que o tratamento já vinha sendo desenvolvido desde o ano de 1942, com

duas a três aplicações semanais e concluiu que, em pouco mais de um mês, o método reconduzia à vida psíquica normal de homens e mulheres. Para o médico e diretor do Hospital Colônia,

[...] a psiquiatria não é mais uma especialidade médica de literatos e filósofos. Não na medicina moderna, afora a cirurgia, setor de maiores ousadias técnicas. Como se vê, o doente mental encontra hoje recursos terapêuticos tão eficientes quanto os que beneficiam os demais da patologia médica (GARCIA MORENO, 1943, p.4).

Quanto às vinculações, foi membro da Academia Sergipana de Letras, em 1942, e ocupou a cadeira nº 15, cujo patrono é Manoel Armindo Cordeiro Guaraná. Presidiu instituições, como: a Academia Sergipana de Letras (1947-1951), o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1947-1951), a Sociedade Médica de Sergipe (1950-1951) e a Sociedade Brasileira de Psiquiatria e Higiene Mental. Também foi membro da Academia Nacional de Medicina e da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo. Na Academia Sergipana de Medicina foi patrono da cadeira dezessete. Ainda foi membro da Liga Universitária Católica (LUC)⁶⁴, entre as décadas de 1960 e 1970 (SILVA, 2012). Em entrevista concedida, Conde Garcia (2012) afirmou que um dos objetivos da LUC era a divulgação do pensamento católico de “alguns intelectuais da terra” e para isso havia o jornal *A Cruzada*, mantido pela igreja e pela LUC.

Diferentemente de Dr. Garcia Moreno, o pediatra José Machado não chegou a transpor os limites do estado para lecionar em outras Faculdades. No entanto, exerceu a sua profissão médica por mais de cinco décadas, seja em seu consultório, seja nos hospitais da cidade, a exemplo do Hospital infantil o qual era ligado ao Hospital de Cirurgia; além do Hospital Santa Isabel. Por sua atuação médica, se tornou um exemplo e uma referência na história da Medicina em Sergipe, conforme afiança a Cirurgiã Pediátrica Denise Tavares “[...] uma das personalidades que a comunidade sergipana tem o orgulho de guardar no coração, principalmente as mães e as crianças que tiveram a oportunidade de serem cuidados com tanto afeto por um médico humanista [...]” (TAVARES, 2013, *apud*, UNIMED SERGIPE 2013, s/p). Foi nesse sentido de “guardar no coração”, de relembrar e homenagear esses profissionais da saúde, que a Academia Sergipana de Medicina, em parceria com a Sociedade Sergipana de Pediatria e com a colaboração da Sociedade Médica de Sergipe, promoveu a “Noite dos Pediatras”, no dia vinte de novembro de

⁶⁴ A entidade foi criada pelo bispo Dom Fernando Gomes cujo propósito foi aumentar a ação social da Igreja através de uma pastoral mais ligada aos pobres. Dentre os membros podemos citar os médicos Oswaldo Leite, Oswaldo de Souza, Fernando Sampaio e Antônio Garcia, além dos advogados e bacharéis em direito Manoel Cabral Machado e José Amado Nascimento (SILVA, 2012).

2013, outorgando o troféu Dr. José Machado de Souza àqueles pediatras que contribuíram, ou que ainda contribuem para o desenvolvimento e aprimoramento da especialidade, dando, assim, prosseguimento ao trabalho de Dr. Machado (DIAS, 2013).

Observamos que a carreira médica de Dr. Machado não o impediu de atuar em outras áreas. Podemos notar que esse ator social esteve engajado não apenas no campo da saúde, mas também no campo educacional e político de Sergipe, isto porque, segundo Costa (2003, p.19), ele foi um indivíduo de “espírito forte e decidido, um homem cheio de energia”. Assim, ele atuou em diversas áreas e ocupou diversos cargos, a exemplo de Fiscal do Governo no ano de 1935; Inspetor Federal de Ensino durante o biênio de 1935 a 1937; médico auxiliar do Centro de Saúde de Aracaju no ano de 1939; médico efetivo vinculado ao Departamento de Saúde Pública de Sergipe de 1943 a 1962; médico do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos, sendo posteriormente lotado no Instituto Nacional da Previdência Social de 1962 a 1982, quando foi concedida a sua aposentadoria por idade (COSTA, 2003). Conforme mencionado, Dr. Machado foi o primeiro professor de pediatria dessa instituição, sempre presente e atuante, deixou marcas na vida acadêmica de seus alunos, a exemplo do Pediatra e cancerologista Dr. Anselmo Mariano, que afirma:

Dr. Machado era muito pontual, uma pontualidade britânica. Não admitia que seus alunos chegassem atrasados no serviço de pediatria, na época, no Hospital de Cirurgia. Fui um de seus alunos, aquele vozeirão, marca peculiar. Era muito extrovertido, espirituoso, humano com seus pequenos pacientes. Deixou um exemplo de profissionalismo para nós médicos (MARIANO, 2013, *apud*, UNIMED SERGIPE 2013, s/p).

Durante as pesquisas pudemos perceber que alguns memorialistas e amigos que perpetraram homenagem sobre Dr. Marchado fizeram referência a sua voz utilizando o termo “vozeirão”. O médico Lúcio Prado Dias, também ex-aluno, discorre a respeito desse médico docente relembrando não somente sobre a sua estrutura física, mas, sobretudo, sua maneira de lidar com os seus pequenos pacientes. Dias, ao narrar a aula prática referente à disciplina Clínica Pediátrica e Puericultura, realizada no pavilhão infantil do Hospital de Cirurgia, remete o médico José Machado a uma figura “[...] descomunal, desproporcional em relação aos seus pequeninos pacientes, colocando suas grandes mãos em pequenos abdomens, muitos com baços e fígados enormes em decorrência de verminoses e carências proteicas” (DIAS, 2011, p.1). Na figura, podemos observar o pediatra realizando o atendimento médico aos seus pequenos pacientes, no pavilhão infantil do Hospital de Cirurgia, no ano de 1964.

Figura 16 - Dr. Machado de Souza prestando atendimento pediátrico no Hospital de Cirurgia (1964).



Fonte: Unimed/Se (s/d)

Conforme afixou Costa (2003), Dr. Machado foi “um homem cheio de energia” e soube conciliar suas atividades médico docentes a outras atividades, como foi o caso de quando ocupou a Direção do Hospital Infantil por 43 anos, entre as décadas de 1937 a 1980. Durante esse período, podemos observar ações e atuações em outras instituições, a exemplo de quando atuou como: Presidente da Associação Sergipana de Beneficência Hospital Santa Isabel; fundador da Sociedade Médica de Sergipe, a qual presidiu no período compreendido entre 1949 a 1951 e 1954 a 1955; primeiro Presidente da Sociedade Sergipana de Pediatria, fundada em 1974; Membro do Conselho da Universidade Federal de Sergipe; Membro do Conselho da Fundação Hospitalar Dr. Augusto Leite; médico da maternidade Dr. João Firpo, do Hospital Santa Isabel e do Serviço Social da Indústria (SESI); sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Pediatria; Patrono da cadeira nº37 da Academia Sergipana de Medicina (COSTA, 2003).

José Machado de Sousa, ora médico, ora Diretor e Presidente de Hospital, ora docente, também deixou suas marcas no campo político de Sergipe, o que corrobora, sobremaneira, seu viés de intelectual engajado. Em 1954, Dr. Machado foi incentivado por amigos a aceitar compor a chapa da União Democrática Nacional (UDN). Decidido, aceitou o desafio e se tornou candidato a Vice-governador, e seu confrade e partidário Leandro Maynard Maciel, o candidato a

Governador (BARRETO, 2012). Naquele período a conjuntura política do Estado foi marcada por grandes mudanças, o que acarretou em uma redefinição na estrutura política. O fato é que a contenda entre o Partido Social Democrático (PSD) versus União Democrática Nacional (UDN) foi delineando novas tendências, como, por exemplo, a coligação do Partido Republicano (PR), antes aliado à UDN, com o PSD; e, a aliança do Partido Comunista Brasileiro (PCB) com a UDN (DANTAS, 2004).

A situação partidária não impediu que Dr. Machado e Leandro Maciel saíssem vitoriosos e assumissem a gestão do Estado entre 1955 a 1959. Enquanto esteve no Poder, como Vice-governador, José Machado de Souza esforçou-se para não deixar de atender os seus pequenos pacientes, além de engajar-se na função para levar o Governo a promover políticas públicas voltadas às melhores condições na rede de atendimento médico. Lúcio Prado, médico e ex-aluno, afirma que Dr. Machado, ao explicar durante as suas aulas as consequências da esquistossomose, as implicações das anemias carenciais e da desnutrição que assolavam os pequenos infantes, o médico docente “[...] deixava visivelmente transparecer sua inquietação e desconforto pelo estado de pobreza e fome de boa parte da população” (DIAS, 2011, p.1). Dr. Machado conviveu com aquela situação ao realizar seus atendimentos médicos e isso o levou a inserir-se na política vislumbrando melhorar os problemas sociais que fomentavam as questões relacionadas à saúde.

Apesar de o médico docente ter conciliado a sua função política à de pediatra, Barreto (2012, p.1), acredita que “A experiência não pareceu convincente ao homem acostumado com o contato direto com as mães e os pais das crianças ao seu cuidado”. O fato é que Dr. Machado não mais compôs chapas e disputou eleições. No entanto, atuou novamente na conjuntura política do Estado como Secretário da Saúde durante o período compreendido entre março e 1979 a maio de 1982, durante o Governo do médico Augusto do Prado Franco (1979-1982). Dentre as suas ações, destaco a implantação do primeiro Centro de Hemoterapia do Estado de Sergipe (HEMOSE), bem como a mobilização realizada por ele em torno da melhoria da qualidade da água, pois, de acordo com Costa (2003, p.21), Dr. Machado “[...] constatou o valor da água tratada como veículo de saúde”, tendo em vista que naquela época 70% das doenças as quais acometiam as crianças advinham da má qualidade da água. Por estas e outras ações, Dr. Machado foi construindo sua imagem de homem multifacetado, a qual ficará marcada não somente na galeria da vida política do estado de Sergipe, mas também no campo da saúde. Quanto a sua atuação como Secretário de Estado da Saúde, Barreto (2012) nos afiançou que:

Simplez como sempre foi, aceitou o convite e imprimiu no Governo um ritmo e inspirou uma disposição que mereceram aplausos de todos os sergipanos, independentemente da opção partidária. O que se viu foi o estilo firme, decidido, rápido, na montagem de uma estrutura melhor, capaz de cumprir com seus objetivos e suas obrigações. A presença de Machado de Souza no Governo foi um momento grandioso, que elevou a responsabilidade da SES, na ampliação da capacidade prestadora da máquina pública, à população desejosa e esperançosa de bons governantes. O nome de José Machado de Souza vai, com certeza, ecoar pelo tempo afora, como um símbolo sergipano de competência e responsabilidade (BARRETO, 2012, p.1).

Como fruto de sua “competência e responsabilidade”, nas palavras de Barreto (2012), diversas homenagens e títulos lhe foram concedidos por ex-alunos, pela Sociedade Médica e por relevantes Instituições, como foi o caso de quando foi eleito o “Pai do ano”, em 1969; foi eleito a “Personalidade do ano”, em 1980; recebeu o título de “Benemérito desta casa” do Hospital de Cirurgia, em 1982, local onde exerceu a profissão por 43 anos; foi eleito “Amigo da Marinha” pela Capitania dos Portos de Sergipe, em 1985; foi eleito Oficial da “Ordem do Mérito Serigy” pela Prefeitura Municipal de Aracaju, em 1988; Parainfo da turma de médicos de 1978, da Universidade Federal de Sergipe; recebeu a “Medalha Arício Fortes” pelo Rotary Clube de Aracaju, em 1983; foi eleito “Colaborador Emérito do Exército”, em 1983, dentre outras (COSTA, 2003). Dr. Machado trilhou os caminhos que a vida lhe indicou, deixando seus rastros, suas marcas, suas contribuições por onde passou. Tais homenagens nos revelam que a sua atuação foi abalizada pela capacidade de exercer as suas funções, não somente aquelas voltadas ao campo da política e da docência, mas, sobretudo, ao exercício da profissão médica, com lições de “competência e humanismo” e, por isso, foi reconhecido e admirado pelo médico, pelo gestor, pelo professor e pelo amigo que foi.

Antonio Garcia Filho também adentrou pelo campo da política. Não chegou a Vice-Governador, como o médico José Machado, mas elegeu-se vereador de Aracaju, em 1947, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Foi também o primeiro Secretário de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe, entre os anos de 1959 a 1962, conforme já mencionado, período em que fundou, em 1962, o primeiro Centro de Reabilitação Física de Sergipe, nomeado Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, à época o terceiro do Brasil. Também assumiu a função de diretor de tal instituição por mais de 10 anos.

O Secretário de Educação, Cultura e Saúde se dedicou ainda às atividades de comunicação e de cunho literário, atuando nos principais jornais de Sergipe, a exemplo do O

Nordeste e A Cruzada, além disso, dirigiu o Correio de Aracaju e a Gazeta Socialista, esta última nos anos de 1948, 1951 e 1952. Tais atuações o levaram a se tornar membro da Associação Sergipana de Imprensa. Ainda nesse mesmo período, início da década de 1950, colaborou na fundação da Sociedade de Cultura Franco-Brasileira, tornando-se presidente de tal comitê; foi Presidente de Honra do Clube de Imprensa, Rádio, Letras e Artes Plásticas de Sergipe; foi membro e Presidente do Lions Clube Atalaia; foi membro e Presidente, também, da Liga Universitária Católica, entre as décadas de 1960 e 1970; foi o fundador da cadeira nº23 da Academia Sergipana de Medicina (SILVA, 2012).

Por seu lirismo, sua habilidade retórica e sua erudição, Antônio Garcia Filho foi eleito, em 1961, o orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). Em suas alocuções, declamou versos muitas vezes de poemas e excertos de sua própria autoria. Tais aspectos, aliados ao seu lado eclético, o levou a diversos convites para fazer discursos, homenagens e saudações na Academia Sergipana de Letras. Segundo Silva (2012, p. 64), “[...] ele carregava em suas veias o lado poético da vida” e podemos perceber parte disso quando Antônio Garcia Filho avalia o livro “A cidade do Aracaju 1855/1865⁶⁵” de autoria do Engenheiro Fernando Porto, o qual foi reeditado e publicado na coleção “Estudos Sergipanos”, no ano de 1945. Na análise do livro, Antônio Garcia inicia descrevendo Aracaju como:

[...] uma querida cidade, envolvente e bela, vestida de sol, quadriculada na estampa multicolorida das suas casas, de brisa suave e noites amenas, à margem do Rio Sergipe que preguiçosamente flue para o Oceano, formando uma curva que lhe caracteriza a paisagem urbana e a torna com um lado feminino, líquida e dengosa (GARCIA FILHO, 1960, p.103).

Quanto às fundações das entidades médicas, Antônio Garcia foi, ao lado de outros colegas, um dos fundadores do Conselho Regional de Medicina de Sergipe (CREMESE), em 1958, onde ocupou a vice-presidência ao lado de José Thomaz d'Ávila Nabuco, presidente da instituição. No período de 1960 a 1962, o médico esteve à frente da presidência da Sociedade Médica de Sergipe (SOMESE); participou da fundação da Sociedade de Anestesiologia do Estado de Sergipe (SAESE). As entidades se configuram como importantes instituições na defesa e na organização do exercício da profissão médica. A SOMESE, por exemplo, colaborou, juntamente com o Centro de Estudo Carlos Firpo do Hospital de Santa Isabel e o Centro de

⁶⁵ No referido livro, o autor descreve e analisa os primeiros passos dados por Inácio Barbosa, Presidente da Província, quanto à mudança da Capital de São Cristóvão para o “incipiente outeiro do Aracaju”.

Estudos do Hospital de Cirurgia, na organização do Primeiro Congresso Médico de Sergipe, ocorrido entre os dias 11 e 15 de fevereiro de 1966. O evento, que foi noticiado no jornal Gazeta de Sergipe no dia 10 de fevereiro, também contou com a colaboração dos médicos Gilvan Rocha, Gileno Lima e Oswaldo Souza.

Aracaju foi palco do maior acontecimento científico do Nordeste e contou com a participação de 130 profissionais, dentre eles, “grandes expoentes” da ciência médica nacional, a exemplo dos médicos: José Silveira, Aníbal Silvany, Itazil Benicio, Adriano Pondé, Kentaro Takaoka, Jorge Marsillac, dentre outros. O evento contou não somente com cursos de atualização, a cargo dos professores visitantes; mesa redonda; círculos de temas livres, com mais de 40 trabalhos inscritos; demonstrações cirúrgicas; programação social, mas, também, com debates cujos temas foram: tuberculose pulmonar, hipertensão arterial, desidratação na criança, câncer do colo de útero e acidentes em cirurgia (GAZETA DE SERGIPE, 1966, n°2934, p.1). Já na edição do dia 16 de fevereiro, foi publicada a matéria quanto ao encerramento do evento com um jantar no Hotel Palace e, segundo as palavras de um dos membros do Congresso, o médico Jorge Marsillac, da Guanabara⁶⁶, que apresentou o trabalho “Câncer do Colo do Útero”: “O I Congresso Médico de Sergipe representa um grande empreendimento da medicina Mundial e tenho a certeza de que alcançou o êxito total pelo sucesso das teses que foram apresentados durante o conclave” (GAZETA DE SERGIPE, 1966, n°2939, p.1). O evento contou com a participação de médicos de diversas regiões do país, dentre eles, Pernambuco, Bahia, Alagoas, São Paulo, Rio de Janeiro, dentre outros.

O número de trabalhos científicos apresentados no Congresso merece ser destacado. O fato, provavelmente, pode ser explicado pelo reconhecimento de que em conclaves como esse, os interesses da classe e o aprimoramento no que concerne ao ofício médico eram, cada vez mais, focos centrais dos debates. Aliado a esses aspectos, podemos conjecturar ainda o fato de esses profissionais aproveitarem esses momentos para viabilizarem estratégias a fim de apresentarem à sociedade o seu conhecimento médico científico com o objetivo de serem reconhecidos, angariar prestígio, mas, sobretudo, produzir e difundir conhecimentos, contribuindo, assim para a solidificação de uma ciência técnico-científica. Vale ressaltar que a prática de publicação de trabalhos científicos já era praticada em Sergipe através dos grupos de médicos que compuseram

⁶⁶ A Guanabara foi um estado do Brasil de 1960 a 1975, que existiu no território do atual município do Rio de Janeiro.

o Centro de Estudo Carlos Firpo, do Hospital de Santa Isabel; e o Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, um voltado para o núcleo de medicina experimental, enquanto o segundo foi destinado aos estudos da medicina tropical. Vale pontuar novamente que o Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia manteve a revista médica “Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia”, que funcionou regularmente durante uma década, na qual foram publicados diversos artigos e pesquisas médicas, inclusive de estudo de casos com pacientes sergipanos.

Seguindo a cronologia das ações e atuações de Antônio Garcia Filho, este foi nomeado, após a criação da Universidade Federal de Sergipe, o primeiro Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, quando aproveitou a oportunidade para fundar, com outros professores e colegas, o Festival de Artes de São Cristóvão (FASC), em 1972. Para Antônio Garcia Filho, o FASC significava “[...] tempo de criação e desenvolvimento cultural e artístico da Universidade e da Região” (GARCIA FILHO, 1983, p.3). Afirmou ainda, no jornal Gazeta de Sergipe de 1983 (Ano XXVI, nº7.287), que participava do Festival em várias frentes, seja nas sessões culturais, nas serestas, na comissão organizadora e, “[...] sobretudo na presença atuante com espírito de colaboração como médico, professor universitário e pessoa comum que curte o Festival e assiste as principais apresentações” (GARCIA FILHO, 1983, p.3). Por suas ações, recebeu da Universidade Federal de Sergipe o honroso Título de Professor Emérito.

No ano de 1975, passou a exercer a função de presidente do Conselho Estadual de Cultura. Um ano após sua posse, Antônio Garcia Filho idealizou e criou o Encontro Cultural de Laranjeiras, juntamente com outros colegas, a exemplo do jornalista e historiador Luiz Antonio Barreto. O primeiro encontro ocorreu em 28 de maio de 1976, tendo como tema o Folclore. Na abertura do evento, na figura do Presidente do Conselho Estadual de Cultura, cingiu-se de sua versatilidade poética e declamou o poema “Acorda Laranjeiras”, de sua autoria, e publicado nos Anais do ano seguinte, na Revista Sergipana de Cultura. Em uma das estrofes, ele recitou:

Agora instituem-se anualmente
Em teu nicho geográfico,
Museu de arena redescoberto
Os ‘ENCONTRO CULTURAL’ ornados do teu nome.
Neste ano de 1976 o tema é FOLCLORE,
FOLK – povo, Lore – sabedoria que,
De uma simples união de palavras anglo-saxônicas
Proposta no século passado
Por William John Thomas,
Para designar o ‘saber tradicional do povo’,
Evoluiu para uma sistematização tal de estudos
Que se tornou cultura e ciência

Abrangendo, além dos usos, costumes, cerimônias,
Crenças, romances, refrãos, superstições,
baladas, lendas, provérbios, advindas,
‘o estudo da vida popular em toda a sua plenitude,
quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual’ [...] (GARCIA, FILHO, 1977, p.30).

Antonio Garcia foi presidente da Academia Sergipana de Letras durante os anos de 1983 a 1999, onde ocupou a cadeira nº 1, sendo o intelectual Tobias Barreto de Menezes, o patrono. O médico disputou o pleito com o poeta José Santos Souza, saindo vitorioso com 11 votos contra 9 para ocupar a cadeira que ficou vaga devido a morte de Garcia Rosa.

Quanto às atuações do professor e patologista Nestor Piva, assumiu entre os anos de 1970 e 1971, concomitante às suas atividades acadêmicas, a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura durante o Governo de João de Andrade Garcez (1970-1971). Apesar do curto espaço de tempo em que passou como secretário, deixou suas marcas, como, por exemplo: a implantação do Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico e a reorganização do Arquivo Público do Estado de Sergipe. Para o pesquisador Barreto (2004a), Nestor Piva “Fez uma revolução, [...], implantou ações inovadoras, abrindo caminho para uma atuação ampla do Governo no setor”, da educação e da cultura (BARRETO, 2004a, s/p).

No ano de 1972, na Universidade Federal de Sergipe, Nestor Piva se envolveu em alguns debates acalorados voltados ao processo seletivo para o ingresso no curso de medicina (MACENA, 2004). Ele tinha uma “personalidade forte, não mudava de opinião quando convencido dos seus argumentos, somente o fazendo quando lhe demonstravam que a verdade era outra” (SILVA, 2006, p.74), e isso o fez repensar em algumas mudanças na sua vida profissional. O fato é que tais contendas políticas o fizeram pedir afastamento da Universidade e mudar-se para Brasília, pois havia sido aprovado em um concurso de títulos, ao qual se submeteu para assumir o serviço de patologia do Hospital das Forças Armadas, durante dois anos. Ainda naquela cidade exerceu a função de professor Adjunto de Patologia na Universidade de Brasília, também por dois anos (MACENA, 2004).

Após quatros anos exercendo suas atividades em Brasília, Nestor Piva regressa a Aracaju e, a pedido do então Reitor da Universidade Federal de Sergipe, o economista José Aloísio de Campos⁶⁷, assumiu a função de Pró-Reitor de Graduação. Mesmo diante dessa nova função,

⁶⁷ José Aloísio de Campos assumiu a Reitoria da Universidade Federal de Sergipe entre os anos de 1976 a 1980. Nasceu na cidade de Frei Paulo, no Estado de Sergipe. Em 1943 formou-se em Ciências Econômicas pela

Nestor Piva continuou ministrando suas aulas. Seja na condição de professor ou na de Pró-Reitor, ele teve uma consciente participação e colaboração ao processo de organização da Universidade Federal de Sergipe.

Na década de 1980, viu a necessidade e a oportunidade de fundar o próprio laboratório de Patologia, na condição de instituição privada, juntamente com três ex-alunas: Dra. Sônia Macena, Dra. Maria do Carmo e a Dra. Ildete Soares, dentro das instalações do Hospital São Lucas. A sociedade se dissolveu após dez anos de funcionamento do laboratório, porém, segundo Macena (2004, p.8), foi mantido “[...] com o mestre e amigo, um convívio de respeito e amizade, com reuniões freqüentes para discussão de casos”. Depois que a sociedade se dissolveu, Nestor Piva manteve o seu laboratório particular assimilando e abraçando as aspirações da modernidade, de modo que o laboratório emitisse laudos com imagens digitalizadas e com as técnicas mais modernas de imuno-histoquímica, fato que lhe ocasionou prejuízo financeiro. Após a morte do professor Piva, a família vendeu todo o material (Lâminas e laudos de pacientes) do seu laboratório particular à Universidade Tiradentes, que organizou um espaço e, em homenagem a ele, chamou de “Memorial Dr. Nestor Piva”. Quanto a esse espaço, Barreto (2009) descreve:

É algo primoroso, de grande utilidade para acompanhar e comparar a evolução dos pacientes. Depois de seu falecimento, após estudar várias possibilidades, a família entregou o arquivo à Universidade Tiradentes, para atender possíveis necessidades dos médicos, pacientes e também do ensino. É uma riqueza técnicocientífica incalculável (BARRETO, 2009, p.7).

Sua capacidade de trabalho e espírito de organização o levaram a exercer vários cargos públicos, inclusive na área administrativa. Além dos já mencionados, Nestor Piva foi Diretor do Instituto de Biologia, Chefe do Departamento de Medicina Interna e Patologia, Vice Reitor da Universidade Federal de Sergipe e Diretor do Hospital Universitário, atendendo ao convite do Reitor Eduardo Garcia⁶⁸. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Patologia no período de 1985-

Universidade Federal da Bahia. Exerceu diversas atividades em Sergipe. Foi o primeiro secretário executivo do Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sergipe – CONDESE, além de prefeito da cidade de Aracaju, entre os anos de 1968 e 1970. Contribuiu fortemente para ver edificado o Campus universitário da cidade de São Cristóvão, o qual foi inaugurado já no final de sua gestão (SOUZA, 2015).

⁶⁸ Eduardo Antônio Conde Garcia assumiu a Reitoria da Universidade Federal de Sergipe entre os anos de 1984 a 1988. Nasceu na cidade de Aracaju, em Sergipe. Seguiu os caminhos do pai, formando-se em medicina pela Universidade Federal de Sergipe. Durante a sua gestão houve a implantação do projeto arqueológico da UFS com o propósito de realizar o salvamento de peças arqueológicas na região alagada pela Hidrelétrica de Xingó. Ainda em sua gestão, houve a criação do Mestrado em Geografia; a criação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), a

1987. (SANTANA, *et all*, 2009). Na Academia Sergipana de Medicina ocupou a cadeira nº8, como fundador. No campo da política, ajudou na criação do Partido dos Trabalhadores em Sergipe, além de ter sido sindicalista. Sempre esteve à frente das lutas da classe médica, inclusive nas reuniões para a implantação da Classificação brasileira hierarquizada de procedimentos médicos (CBHPM) no auditório da SOMESE, nos meses que antecederam à sua morte. Nestor Piva se fez presente em tais reuniões, sentando-se na primeira fila e expondo as suas ideias e defendendo os seus pontos de vista (MACENA, 2004).

Após a sua aposentadoria, em 1991, voltou à Universidade Federal de Sergipe por diversas vezes para atender às solicitações do Departamento de Medicina e ministrar cursos de Patologia, tendo em vista a falta de professores para determinadas áreas específicas. Mesmo depois de aposentado, o médico e professor Nestor Piva continuou se destacando por sua expressividade e participação social ativa em diversas instituições, não somente no campo da saúde, mas também no campo educacional.

3.3- ENTRE AS AÇÕES E AS ATUAÇÕES... ÀS PRODUÇÕES

Embora nem todos os quatro médicos tenham produzido em iguais proporções ou em diversas áreas, a exemplo de José Machado de Nestor Piva em que seus escritos estão voltados apenas para o campo médico, o fato é que eles contribuíram para a historiografia sergipana, uma vez que as produções (obras, capítulos de livros, artigos científicos, ensaios, biografias, poemas, músicas, etc.) publicadas pelos atores sociais perpassaram pela História de Sergipe, da educação, da medicina, da política ou da cultura. As produções de cunho literário são de grande utilidade para aqueles que almejam conhecer os fatos e os homens de Sergipe, os costumes de suas épocas, seus líderes, enfim, conhecer um Sergipe de outros e passados tempo.

Garcia Moreno prestou considerável contribuição à Psiquiatria, pesquisando, publicando trabalhos e participando de atividades dos mais diversos temas, dedicando-se, sobretudo, aos trabalhos de natureza médico científica. A parte científica de suas obras reflete exatamente o universo patológico de sua missão como clínico, sempre com o intuito de angariar conhecimentos os quais pudessem trazer a cura para seus pacientes ou ainda amenizar os sintomas das enfermidades. Dentre suas obras, constam: “Assistência a Psicopatas no Brasil” (s/d); “Esquema

de Trabalho” (1940); “Eletroconvulsoterapia” (1943); “A propósito da Insulinoterapia” (1943); “Seguro Doença” (1945), “Pequenos Discursos” (1946), “Dois médicos” (1946); “Aspectos do maconhismo em Sergipe” (1946), estudo que foi inserido, em 1958, no livro “Maconha”, uma edição do Serviço Nacional de Educação Sanitária; “Penicilinoterapia na demência parálitica” (1947). “O Sexo da Maconha” (1948); “Letras Vencidas” (1955); “Cajueiro dos Papagaios” (1959); “Doce Província” (1960); “Temas de Medicina Legal” (1960). (GARCIA MORENO, 1960).

Em “Aspectos do maconhismo em Sergipe”, 1946, pela leitura que fizemos, o autor sentiu-se inspirado em pesquisar e escrever sobre o tema uma vez que grande parte de seus pacientes eram viciados na erva, conforme registrou: “[...] apesar de, há mais de dois anos, pensar ‘maconhamente’, quando examino meus pacientes, até agora não pude isolar um caso sequer em que a ‘diamba’ pudesse ser indigitada como causa dos distúrbios mentais” (GARCIA MORENO, 1946, p.22). O objetivo do psiquiatra era compreender se os casos de psicose de longa duração nos pacientes tinham relação com os efeitos transitórios do “maconhismo” agudo. Para isso, ele também passou a analisar e conversar “[...] com adolescentes abandonados, delinquentes quase todos, que moravam debaixo das pontes dos cais de Aracaju” (ibidem, p.9).

O autor versou acerca da definição da planta da espécie *cannabis sativa*, de onde é produzida a maconha, buscando as origens em um livro Persa do século VI antes de Cristo. Adentrou pelos efeitos tóxicos e alucinações cinéticas, como o crescimento desmedido de um membro e o sentimento de flutuação do espaço, durante o período em que o usuário esteja em “embriagues canábica”. Durante a obra, Garcia Moreno fez referência a diversas pesquisas de autores como: Dória⁶⁹, de Sergipe; Lucena, de Pernambuco; Mendonça, da Bahia; Iglesias e Lisboa, do Maranhão; além de pesquisas de autores estrangeiros, como a do médico Fahrettin Kerim, professor adjunto de Psiquiatria na Faculdade de Medicina de Istambul, dentre outros. Os estudos avaliados e apontados por Garcia Moreno, realizados por psiquiatras com larga experiência clínica em toxicomania (consumo compulsivo de substâncias ativas sobre o psiquismo, como o álcool e as drogas) na Índia, no Egito e na Turquia, atribuíram responsabilidade etiológica em grande número de quadro psicótico ou de alterações graves no comportamento à “canábica”. No entanto, para o cenário sergipano, Garcia Moreno concluiu que:

⁶⁹ Na “Bibliografia” da obra, Garcia Moreno referenciou da seguinte maneira: DÓRIA (R.) – Os fumadores de maconha. Imprensa Oficial. Bahia, 1936.

É verdade que são excepcionais os pacientes do Hospital Colônia Eronildes de Carvalho que não sabem alguma coisa sobre a maconha. Mas, isto em Sergipe faz parte do acervo cultural mais rudimentar. É como conhecer fumo e cachaça. Também é verdade que, em grande número de casos, as informações anamnésicas pouco dizem da vida pré-psicótica dos doentes. A impressão que, presentemente, possuo do aspecto psiquiátrico-clínico do maconhismo sergipense e, por analogia, do nordeste, é que ele ainda não pode entrar, facilmente, para a rubrica das psicoses hetero-toxicas da classificação brasileira. Não sei quantas razões existem para o fato. Enquanto não se apurar ou dosar a riqueza da canabina brasileira, julgo que é lícito supor apenas que a razão esteja no baixo poder tóxico de nossa *cannabis sativa*. Vale meditado que, ao lado dos fumadores e comedores de ‘*haschisch*’ do Cairo ou de Estambul, os nossos maloqueiros são, no vício, de uma sobriedade quase puritana. Afirme-se, por agora, que se não a maconha menos tóxica, é o maconhismo que nos está ajudando” (GARCIA MORENO, 1946, p.22)

Na obra “Cajueiros dos Papagaios”, publicada em 1959, Garcia Moreno escreveu pouco mais de 40 crônicas, perpassando por diversos temas, como: “Carvalho Neto”, onde narrou a atuação política do sergipano Antônio Manuel de Carvalho Neto; “Doutor Bragança”, onde prestou uma homenagem a figura do médico Antônio Militão de Bragança, em Laranjeiras; “Bisturi de Ouro”, onde discorreu acerca da sessão solene realizada no IHGSE quando um bisturi de ouro foi entregue ao médico Augusto Leite; “Há 25 anos”, onde narrou o recebimento de um convite feito pelos colegas médicos residentes em Salvador para um reencontro com todos os formandos da sua turma de medicina, no Terreiro de Jesus, bairro onde ficava a Faculdade de Medicina da Bahia, dentre outros temas. Na figura abaixo, podemos observar a tarde de autógrafos referente ao lançamento do livro, na Livraria Regina. Na ocasião, estavam presentes familiares e amigos, dentre eles o jornalista e Presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) José Rosa; o deputado estadual Jaime Araújo; o escritor e professor Alberto Carvalho, o qual nomina o Campus da UFS em Itabaiana; o Juiz e professor Bonifácio Fortes; o Desembargador Waldemar Fortuna, dentre outras personalidades.

Figura 17 - José Rosa (1), Jaime Araújo (2), Alberto Carvalho (3), Bonifácio Fortes (4), Fernando Porto (5), Waldemar Fortuna (6), Ofenísia Freire (7) e Garcia Moreno. (1959)



Fonte: Samarone Santana (acervo pessoal)

Talvez o seu interesse e gosto pela escrita tenha sido despertado ainda na infância, em meio ao incentivo de seu pai, Pedro Garcia Moreno, que mantinha o hábito de registrar em diários suas lembranças, anseios, rotina, sucessos, enfim, uma “vida em cadernos”. Tais manuscritos nos trazem as memórias desse personagem e nos remete à assertiva de Gagnebin (2006, p.103), a qual destaca que “Devemos lembrar o passado, sim; mas não lembrar por lembrar, numa espécie de culto ao passado”, mas na intenção de voltar a um passado escondido e esquecido, o qual foi “sobreposto pela poeira do tempo que tudo apaga”. Na primeira seção do livro “Cajueiros dos Papagaios”, intitulada de “Vida em cadernos”, Garcia Moreno rememorou aspectos de sua infância, sobretudo aqueles voltados à figura do pai:

Entre as lembranças mais remotas de minha infância, está a cena de meu Pai a escrever, todas as noites, seu Diário. Era hábito que vinha de sua mocidade, do período em que, mal saído dos bancos acadêmicos, se fez professor em Laranjeiras. Na longa mesa de sala-de-jantar, trasladava para as páginas de um grosso caderno, com letra inconfundível e pureza vernacular, o mais importante que o tempo lhe ia escrevendo na vida. Feto o registro de mais um dia que findara, entregava à segurança de um pequeno baú de folha, ao lado de outros já cheios, o caderno de seus assentamentos íntimos. Aos olhos de minha curiosidade, o baú amarelo era um cofre de mistérios, afastado de minhas mãos pela distância invencível de um tabu. Por muitos anos, pensei que meu Pai escrevia segredos, como a última tarefa de uma jornada de trabalho. Após sua

morte, coube-me a comovedora missão de depositário do acervo de seus escritos. Posso, agora, dentro da noite, quando os rádios estão calados e Aracaju é um grande corpo que ressona, abrir os cadernos de meu Pai. As páginas de vida em São Paulo parecem as de um romance em que se conta a história de pau-de-arara de antes da primeira grande guerra, que se foi, no Itaipava, carregado de filhos miúdos, para uma aventura malograda. Depois a volta. A procura vã de emprego no Aracaju. A ida apara Maroim, onde haveria de fixar-se. Nas páginas amareladas dos cadernos, repassam figuras de todos os tipos e retrata-se a comédia humana da pequena cidade. A alegria e o triunfo são minúsculas ilhas singulares, perdidas numa enorme massa compacta de luta e sofrimento, em que está nadando um herói obscuro. (GARCIA MORENO, 1959, p. 13-14).

O “baú amarelo”, o qual continha o acervo pessoal de Pedro Garcia Moreno, se configura como documentos carregados de significados e interesses e que carecem ser avaliados como um monumento no sentido de que todo documento é uma montagem que precisa ser esquadrinhada pelo historiador na tentativa de entender a figura ou imagem que os personagens históricos quiseram nele representar. Foi nesse sentido que Garcia Moreno, seu “filho mais destacado, nas letras e na ciência”, se apossou do “cofre de mistérios”, daquelas páginas “amareladas dos cadernos”, com a tentativa de compreender a trajetória de seu pai, mesmo que fosse de forma fragmentada (MACHADO, 2010, p.1).

Em “Doce Província”, de 1960, o psiquiatra João Baptista Peres Garcia Moreno organizou a obra em 24 seções, versando sobre diversos temas, a exemplo: “7 de Setembro”, em que narrou as comemorações festivas da data; “Velho Dória”, onde descreveu aspectos da figura de Seixas Dória”; “Strip-Tease Médico”, sobre consultas de um médico especialista em otorrinolaringologia que exigia examinar os pacientes desnudos; “A Cabeça”, onde a crônica se passa no Instituto Médico Legal da Bahia, quando há um “movimento episódico que pretendia a inumação da cabeça de Lampeão” (GARCA MORENO, 1960, p.94), dentre outras. No entanto, ressaltamos a crônica cujo tema é “O Vigário”, pois trata-se de uma homenagem ao seu avô, o Padre João Baptista de Carvalho Daltro⁷⁰. Nela, o médico esclarece a vontade de conhecer mais detalhes da vida desse “velho vigário”. O pouco que conhece, soube através dos escritos do

⁷⁰ O Monsenhor João Baptista de Carvalho Daltro também é objeto de estudo do historiador e professor do Departamento de História da UFS, Claudefranklin Monteiro Santos. Em sua tese, intitulada “Festa de São Benedito em Lagarto-Se (1771-1928): limites e contradições da romanização”, defendida em 2013 pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Claudefranklin Santos perpassa por nuances acerca do perfil, da formação, das leituras, dos escritos, das ideias e das ações de João Baptista de Carvalho Daltro, bem como de outros padres. Também escreveu “Monsenhor João Baptista de Carvalho Daltro: 180 anos de nascimento – 1828/2008”.

acervo pessoal de seu pai Pedro Garcia Moreno, o qual passou os últimos dias de sua vida pesquisando sobre o “padre Data”, como foi conhecido em Lagarto, “redigindo páginas incompletas de uma biografia, que encontro nos papéis que me tocaram por herança” (GARCIA MORENO, 1960, p.63). Em sua crônica, Garcia Moreno (1960), afirmou que:

A figura do Monsenhor João Batista de Carvalho Daltro está pedindo um biógrafo, que reconstrua, aos olhos da atualidade sergipana, os seus traços mais representativos e as suas cores mais verdadeiras. O esboço biográfico, pintado em conferência por Gervásio Prata, reclama ampliação que o ilustre jurista poderia e deveria fazer, com indiscutível autoridade e elegância estilística, sob a inspiração da paisagem do retiro encantador da serra da Miaba. Meu pai encheu os seus últimos dias de vida, pesquisando sobre o velho vigário do Lagarto, redigindo páginas incompletas de uma biografia, que encontro nos papéis que me tocaram por herança. Seria um grande livro a existência romanceada do Monsenhor com suas virtudes e seus pecados, desenrolada em largo trecho da história lagartense. Enquanto não chega a retratação fiel da grande figura humana, as deformações fatais das estórias gizam os traços caricaturais, na boca do povo, de um perfil rústico em que a verdade e a lenda se condensam na mais típica aliança sincrética. O zelo pelos rigores litúrgicos, a franqueza do sacerdote, a intuição do destino agrário de Lagarto que se atribui ao vigário, continuam a circular, mais de 50 anos transcorridos de sua morte, no bojo das anedotas. Marcos Ferreira é um milionário delas. Ontem, numa pequena roda do Instituto Histórico, em que Zózimo Lima nos serviu uma saborosa amostra oral das memórias que está escrevendo, Marcos nos deu, com a mesma parcimônia como empresta o dinheiro da Caixa Econômica, algumas moedas das que se forma a riqueza anedótica da vida do “Padre DATA”. (GARCIA MORENO, 1960, p. 63-64).

Figura 18 - **Monsenhor João Batista de Carvalho Daltro (1828-1910).**



Fonte: Infonet.

O professor Odilon Cabral Machado, fez uma pesquisa a qual intitulou “Os Garcia Moreno de Sergipe - Uma saga a perquirir”. Para ele, a série de artigos teve como objetivo a “[...] tentativa de resgatar parte desta história familiar, de maneira a suscitar complementos, correções e aprofundamentos” (MACHADO, 2010, p.1). Segundo ele, a crônica, “leve e engraçada”, foi fruto das memórias que aconteceram em meio à conversa informal entre Garcia Moreno, Zózimo Lima e Marcos Ferreira de Jesus, este último conhecido como “um milionário das anedotas e casos atribuídos ao velho Monsenhor”. Tais memórias, dispersas no tempo e no espaço, colaboraram na constituição da identidade daquele Sacerdote Simãodiense, ainda pouco conhecido por seu neto, de modo a deslindar seu passado e suas ações. Tal afirmativa nos remete às reflexões de Halbwachs (2006, p.27) quando afirmou: “Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os

objetos que vimos [...]”. Foi desta forma, através das memórias e das narrativas, que Garcia Moreno pôde conhecer algumas das atuações do Monsenhor Daltro.

A versatilidade de Garcia Moreno com a escrita perpassa ao campo da medicina, pois a ele foi confiado, em 1968, pela Comissão Executiva do Congresso, um relatório sobre “O casamento na atual realidade Brasileira”, o qual foi publicado em forma de artigo na Revista da Faculdade de Direito de Sergipe, da Universidade Federal de Sergipe. O referido relatório deveria focar múltiplos aspectos “[...] muitos dos quais ultrapassam os limites de minha competência, situados que estão fora do âmbito dos meus estudos habituais”. (GARCIA MORENO, 1968, p.17). Neste artigo ele aborda definições de natureza e fins do casamento. Para ele, a palavra matrimônio significa “ofício materno”. Trata ainda das “Capacidades e impedimentos matrimoniais”, no qual dá ênfase aos impedimentos matrimoniais de que trata o Código Civil, a exemplo do impedimento de natureza biológica, referindo-se ao grau de parentesco, exclusivamente o de consanguinidade. Outro tema discutido por Garcia Moreno foi o “Desquite e divórcio” que embora tenha sido escrito há mais de quarenta anos, nos revela a realidade dos dias atuais, ao afirmar que:

[...] os desquites crescentes nas grandes e nas pequenas cidades refletem graves desajustes da sociedade conjugal, fundada, frequentemente, na irreflexão dos sentimentos, nas fantasias de uma aventura romântica, sem o preparo mínimo de interpretação psicológica, sem o conhecimento prévio e indispensável das exigências da comunidade de vida. (GARCIA MORENO, 1968, p. 28).

O autor conclui seu artigo afirmando que “[...] o casamento na atual realidade brasileira é uma instituição decadente [...]”. Afiança ainda que a família brasileira está perdendo sua estrutura tradicional por determinismo de uma sociedade em via de desenvolvimento. (GARCIA MORENO, 1968, p. 34). Essas afirmativas nos remetem à chamada “crise de identidade” que segundo Stuart Hall (2006, p.7), é vista “[...] como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. Tal concepção está centrada na crise na pós-modernidade tomando como aspectos fundamentais as transformações estruturais que fragmentam e desconstroem as identidades culturais, sejam elas de gênero, de etnia, de classes, de raça e/ou de nacionalidade.

As demais produções do médico Garcia Moreno, voltadas especificamente ao campo científico, assim como as do médico Antonio Garcia, serão abordadas em uma seção adiante na

qual faremos uma leitura acerca das produções médico científicas e o que elas nos revelam. Quanto a Antonio Garcia, publicou “Um pensamento na Praça” (1960), no campo literário e “A reabilitação em Sergipe” (1966), no campo médico científico. Na primeira obra, o autor nos traz uma peça teatral, tramada sob o calor da fecunda imaginação; além de diversos excertos de pronunciamentos e de trabalhos sobre personalidades e intelectualidades sergipanas, sobretudo de seus amigos, a exemplo de Pires Wynne, Walter Cardoso, Luiz Carlos Fontes de Alencar, José de Dome. Transcorre ainda sobre aspectos da vida literária de Tobias Barreto, da fundação da FMS, e de alguns dos Encontros Culturais de Laranjeiras, sobre cultura, as Primeiras manifestações românticas em Sergipe, poemas de sua autoria e encerra com reflexões acerca do Natal.

Em “A reabilitação em Sergipe” (1966), o autor abordou a fundação, os propósitos e o funcionamento do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, fundada e administrada por ele, quando ocupou o cargo de Secretário de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe, conforme já mencionado. Organizou a obra em nove seções e abordou temas como: Reabilitação e saúde pública, Educação e reabilitação, Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, Considerações em torno das sequelas beneficiadas pela reabilitação, O problema dos retardados mentais, dentre outros temas. No livro, Antônio Garcia registrou a importância do diagnóstico e tratamento do deficiente em consonância com a ciência médica. Para ele: “[...] os mudos falam; os surdos ouvem; os coxos andam; os cegos vêem. Não como um milagre ou um passe de mágica. Porém com o esforço cotidiano e a paciência, a ciência e o labor, a técnica e a persistência”. (GARCIA FILHO, 1966, p. 11).

Uns cantam, outros tocam, alguns compõem as letras do poema, da canção, do hino, e outros criam a musicalidade, a melodia das letras. Assim foi Antônio Garcia, que se apropriou não somente da música, mas também dos poemas e dos contos para manifestar seus momentos de alegria ou tristeza, seus encantos ou desencantos, seus sabores ou dissabores. Alguns escritos, regidos pelo conhecimento científico, pela versatilidade literária, pelos problemas sociais do seu tempo, nos incitam a elucubrar acerca de temáticas atuais para aquela época, provocando-nos inquietações e indagações. Como exemplo, podemos citar a composição da música “injustiçada”, que foi escrita em homenagem a uma sergipana, amiga de Antônio Garcia Filho, por ter sido suspeita pelo assassinato do seu esposo, no ano de 1958. Ainda musicou letras de poetas sergipanos como Freire Ribeiro, “Crescente Lunar”; José Sampaio, “Najara”; e Garcia Rosa, “Amália” (CONDE GARCIA, 2008, p.25). Quanto a “Injustiçada”, segundo o médico e

memorialista Lúcio Dias, em entrevista concedida em 2017, “A música vem depois, um a dois anos após a acusada presa. A gravação só saiu nacionalmente após ser gravada por Alcides Gerardi, que fazia sucesso na época”, relata Dias. O musicista e poeta, Antônio Garcia, acreditou na inocência da amiga, conforme afiançou na letra musical:

Não, não te lamentos não...
 Que a dura verdade virá, depor!
 Deus, não esquece o coração
 Que sempre foi fiel no amor.
 Tu, tão meiga e delicada
 De prendas e virtudes
 E tão injustiçada [...]
 Não, não te lamentos tanto agora
 Que sobre a noite da calúnia
 Ressurgirá a aurora.

(GARCIA FILHO, s/d)

Em seus versos e composições podemos perceber a sua admiração pela “envolvente e bela” Aracaju. Antônio Garcia, inspirado por tal admiração, conforme nos relatou Sérgio Garcia em entrevista (2016), participou e venceu um concurso público “Uma canção para Aracaju”, promovido pela Prefeitura Municipal de Aracaju, na administração do prefeito Cleovansóstenes Pereira de Aguiar (1971-1975). Na música, “Aracaju, uma estrela”, o musicista produziu uma representação do que foi a capital sergipana para ele, enaltecendo não somente a praia de Atalaia e o Rio Sergipe, considerados cartões postais, mas também a organização da cidade, a tranquilidade dos bairros e a beleza feminina:

Aracaju – uma estrela
 De sons e cores vestidas
 Parece uma aquarela
 De sonhos colorida.
 É um poema de sol
 No verde do coqueiral

Deitada na praia
 Da doce Atalaia
 Aracaju é um postal
 Deitada na praia
 Da doce atalaia.
 Aracaju e um postal.

Ruas bem certas, lindos jardins

Rio Sergipe a murmurar
Belas mulheres, ternas morenas
Muito romance a recordar.

Brisa suave, noite estrelada
Lua de prata sobre o mar
Bairros tranquilos, juras de amor
Muito romance a recordar.

(GARCIA FILHO, 1973)

Ao analisarmos as composições "Aracaju Uma Estrela", "Hino do 28º Batalhão de Caçadores" e o "Hino de Rosário do Catete", percebemos que têm inspiração no civismo e na homenagem às cidades que Antônio Garcia amava. Enquanto que as composições "Samba de São João", "O Menino e o Carro", "Pesca do Aratu" e "Pesca do Massunim" são ensaios na música popular regional e têm inspiração nos folguedos das festas juninas, na simplicidade do ambiente rural e nas atividades das mulheres "marisqueiras", respectivamente.

Um caranguejo que se pesca com música, os pescadores sabem disso. Sabem que é preciso encantar o caranguejo com a sua cantoria para conseguir pescá-lo. Estamos falando da canção "Pesca do Aratu", um crustáceo também conhecido como aratu da pedra, aratu marinho e aratupeba. Para Paulo Amado de Oliveira, membro da Academia Sergipana de Medicina e ex amigo de Antônio Garcia, o trabalho de coleta do "Aratu" nos mangues é uma atividade predominantemente feminina. Oliveira (2016) nos relata ainda, durante o "Sarau do Centenário: Garcia – música e poesia", que é admirador dessa canção e afirma que "O aratu é um caranguejo pequeno, [...], tem grande habilidade para se locomover entre ou sobre as raízes aéreas. E para se deixar pescar, o aratu exige conhecimentos comunitários específicos, entre eles, o de saber atrair o crustáceo com o canto" (OLIVEIRA, 2016). É preciso "zangar" o aratu com o barulho da lata, o assobio e o canto feminino, até que ele saia da "toca". É o que nos revela a canção:

Assobie, assobie, assobie
pra chamar aratu lá no manguê
bate, bate na lata, na lata...
faz barulho até que ele se zangue.

Sai, aratu, sai aratu...
nas praias de Aracaju,
nas praias de Aracaju!

Ai, de tanto bater na lata
ai, de tanto bater na lata
eu hoje pesquei uma mulata

eu hoje pesquei uma mulata.

Ela rasgou a sua saia
ela rasgou a sua saia
pescando aratu na praia
pescando aratu na praia.
[...]

(GARCIA FILHO, s/d)

Antônio Garcia também compôs em homenagem ao seu amor, “A flor da minha serenata”. A canção simples de uma serenata na noite ao luar confia as alegrias e as mágoas do dia, levando à sua amada um canto de amor. É o que nos revela essa canção: “Canto a flor da minha serenata/Com o amor que o tempo não desfaz/E com sons minh’alma se desata/Num festival de lutas e de paz.” (GARCIA FILHO, s/d). Caldas (2016) entende, segundo a letra da música, que “[...] somente as estrelas do céu poderiam vigiar a sua amada, descortinando a luz da lua como véu, protegendo-a da fria madrugada”. Narrou ainda que a canção representou uma prova de amor. Compôs também a canção “Momento de Valsa” para ser o motivo do baile das debutantes Vânia e Maria Helena, suas sobrinhas, conforme nos revelou Garcia (2016). Nas estrofes musicais, percebemos que Antônio Garcia manifestou os seus sentimentos, referindo-se às sobrinhas como “estrelas” e “luz de uma vida de amor”. E mais: “Noite de som/de luz também/sonho real/na vida de alguém/Uma canção/vem do luar/e uma estrela/desce a bailar. [...] A melodia/deixa o salão/para morar/no coração” (GARCIA FILHO, s/d).

Os poemas? Foram muitos! Para cada amanhecer, para cada sorriso, para cada lágrima havia sempre um motivo para Antônio Garcia pegar a caneta e deixar as suas marcas e suas emoções em um pequeno papel, hoje amarelecido pelo tempo. Garcia (2016) rememora a figura do pai, “[...] sempre entusiasmado, à noite, antes do descansar, punha-se a ler e escrever”. “Sons de outrora”, “A estrela”, “A bandeira”, “Beleza pura”, “Tempo-Rio”, “Princesa do Congo”, “Espiral”, “Masslore”, “O preço da liberdade”, dentre tantos outros, são exemplos de poesias desse personagem, que ora se fazia médico, ora professor, ora político, ora poeta, ora compositor, ora musicista, ora contista, enfim, um intelectual criador e mediador.

Ao analisarmos os manuscritos do agente cultural Antônio Garcia Filho, percebemos que exalam histórias, contos e sentimentos. Cada escrito seu, seja ele canção, poema, excerto, homenagens, pronunciamentos ou discursos, publicado em jornais, revista, ou simplesmente guardado no baú, marcados pelo tempo e pela poeira, nos revelaram o perfil de um homem

multifacetado, dedicado à família e aos amigos. Dentre esses manuscritos, encontramos várias homenagens biográficas, grande parte voltada para a trajetória de seus confrades, como foi o caso de José de Dome, Hunald Alencar, Pires Wynne, Garcia Rosa, dentro outros. Os seus escritos obedeciam a uma sequência cronológica, além de serem ricos de citações de grandes personalidades, a exemplo de Shakespeare, de Castro Alves, de Olavo Bilac e de Camões.

Conforme mencionamos, as produções dos médicos José Machado e Nestor Piva concentraram-se no campo médico científico, tema que analisaremos numa seção adiante. Quanto aos “Garcias” (Garcia Moreno e Antonio Garcia), percebemos que as suas produções enveredaram-se para além do campo científico, perpassaram pela literatura, pela musicalidade, enfim, o fato é que os temas das publicações são diversos e contribuíram para a historiografia sergipana. Embora nem todos tenham carregado em suas veias o lado poético, literato e musicista, esses médicos docentes se revelaram personagens ecléticos, dotados, principalmente, de um conhecimento científico voltado para a pesquisa médica, com destaque para Nestor Piva, segundo observamos em seu currículo e em sua trajetória. Não foi o nosso objetivo, nessa seção, analisar todas as obras dos autores, uma vez que não haveria tempo hábil para tal. No entanto, esperamos ter conseguido, com essa elucidação, lançar uma boa semente para futuras discussões.

Ao ver e entrever os percursos dos médicos, é possível observar a importância do lastro de suas ações e atuações, na medida em que abriram caminhos para o desenvolvimento não somente no campo médico, mas também para o da educação. No entanto, fecham-se portas, encerram-se ciclos, concluem-se capítulos, viram-se as páginas e toda a trajetória um dia finda. Porém, o legado continua nas refulgentes páginas da historiografia sergipana. Garcia Moreno, por exemplo, não se afastou da “Doce Província” para escrever sua história em terras estranhas. Faleceu aos 66 anos, no dia 22 de outubro de 1976, em Aracaju. Foi sepultado no Cemitério da Irmandade do Bonfim, em Laranjeiras. Na ocasião, o jornalista e historiador Luiz Antônio Barreto, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, como seu Orador, em homenagem a Garcia Moreno, recitou:

Mais uma vez, interferimos no tempo do viver, para falar da morte. De repente eis que a surpresa salta aos olhos, assalta a alma, roubando um amigo, um mestre, um homem bom. O dia enrugando as suas claridades e a paisagem da cidade perde a graça. Volta à terra de Laranjeiras aquele que em vida foi chamado João Baptista Perez Garcia Moreno, descendente do notável padre Daltro, do Lagarto. E Laranjeiras triste, com seu casario enlutado pela derrota do tempo, deixa abrir

seu chão pródigo para em silêncio guardar o corpo sem vida, do seu filho ilustre. (BARRETO, 2010, s/p).

Dr. Machado exerceu a profissão durante 53 anos, encerrando suas atividades em decorrência do seu falecimento em março de 1997, devido a um acidente vascular cerebral. Deixou, em vida e em morte, “[...] exemplos de integridade moral e modelo para várias gerações de médicos” (DIAS, 2006, p.1). No discurso de posse da médica Geodete Batista Costa, na Academia Sergipana de Medicina, em 2003, ela finaliza a sua homenagem a Dr. Machado usando as palavras do médico Lauro Porto, no qual sentenciou: “Os dados aqui registrados pouco ou nada valeriam se não tivesse ele, o Machado, se afirmado como uma das figuras mais expressivas da sociedade sergipana. Foi ele que inaugurou a Pediatria, como especialidade em nossa terra...” (COSTA, 2003, p.26). Quando faleceu, o pediatra estava com 85 anos de idade.

A trajetória profissional de Antônio Garcia Filho, seja como docente ou como clínico, perdurou até, aproximadamente, 1991, data em que se aposentou por motivos de doença. Naquele ano, ele passou a apresentar problemas cardíacos e insuficiência renal (CONDE GARCIA, 2012). A militância do médico encerrou aos 83 anos, no dia 22 de junho de 1999, data de seu falecimento.

Quanto a Nestor Piva, no dia 21 de outubro de 2004, familiares, amigos e ex-alunos lamentam a morte desse professor e patologista. O médico, que se revelou pesquisador e cientista, conforme nos revelou as fontes, nos deixou aos setenta e quatro anos de idade.

Diante do entrelaçamento das trajetórias dos quatro médicos observamos que os caminhos desses médicos docentes se “laçaram” em diferentes espaços de formação e atuação, embora houvesse um “*delay*”, ou seja, um “atraso” no tempo, uma vez que, quando Nestor Piva se formou em Medicina na Bahia e passou a atuar em Sergipe, Garcia Moreno, José Machado e Antonio Garcia já estavam com os seus 49, 47 e 43 anos de idade, respectivamente. Portanto, conviveram e atuaram juntos durante apenas 17 anos – considerando que Piva chegou ao estado para atuar no Hospital de cirurgia do ano de 1959 e, em 1976, faleceu o primeiro dos quatro médicos, Garcia Moreno. Os médicos Garcia Moreno, José Machado e Antonio Garcia conviveram durante um período mais longo, uma vez que nasceram na mesma década: 1910, 1912 e 1916, necessariamente nesta ordem. Ainda que as escolhas que fizeram ao longo de suas vidas os tenham conduzido por caminhos diversos, foi no Hospital de Cirurgia e no Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia que os caminhos dos quatro se cruzaram pela primeira vez, em

1959. O entrelaçamento das trajetórias desses quatro intelectuais nos levou a uma análise acerca de seus percursos sob o viés dos conceitos de Sirinelli. É o que vemos a seguir.

3.4 UM OLHAR SOBRE OS PERFILADOS

É tempo de lembrar contra os excessos de um comparatismo intelectual hoje muito em moda, que as idéias não passeiam nuas pela rua: que elas são levadas por homens que pertencem eles próprios a conjuntos sociais. Na verdade, na fronteira entra a história das idéias políticas, [...], e a história dos intelectuais, um vasto campo de pesquisa, o da aculturação dessas idéias no meio dos intelectuais, se abre ao pesquisador. E a exploração desse campo se fará pela reinserção dessas idéias no seu ambiente social e cultural, e por sua colocação em situação num contexto histórico (SIRINELLI, 1996, p. 258).

Nas últimas décadas o termo intelectual tem sido amplamente discutido, tomando impulso e ocupando, indiscutivelmente, o seu lugar na História. “A exploração desse campo” passou a fazer parte do ateliê do historiador e a História dos Intelectuais, em poucos anos, tornou-se um campo aberto e autônomo centrado na interseção das histórias política, social e cultural (SIRINELLI, 1996). Posto isto, é sob esse viés que pretendemos “olhar” os “mestres dos médicos”, sob os auspícios dos conceitos de intelectual e de rede de sociabilidade do teórico francês Sirinelli, pois defendemos que tais conceitos nos levam a compreender não somente a trajetória desses médicos docentes, mas também as suas “ideias”, pois comungamos de que elas não “passearam nuas pelas ruas”. Elas estavam carregadas de significados e intenções, inseridas em seus “próprios conjuntos sociais”, políticos e culturais.

Este, portanto, é o objetivo dessa seção, lançar um olhar e uma análise sobre os médicos docentes aqui micro biografados. Conforme já mencionado, eles foram professores fundadores da Faculdade de Medicina de Sergipe (FMS) e suas trajetórias os revelaram importantes personagens que, por suas ações e atuações, trouxeram contribuições não somente para o campo da História da Medicina em Sergipe, mas também para a conjuntura educacional, social, cultural e política do Estado, levando-os a compor a historiografia sergipana e brasileira. Suas atuações vão além das fronteiras da FMS, pois esses atores sociais ocuparam relevantes cargos políticos e sociais marcados por gestões que trilharam por um caminho profícuo, trazendo mudanças positivas para os segmentos nos quais atuaram. Ao longo de suas trajetórias, esses personagens convergiram esforços, de forma consciente ou não, e souberam valer-se de sua posição social, de

sua atuação no campo da saúde, da educação e da política, além de sua rede social, sobretudo, para promover debates sobre a saúde pública e a educação, por exemplo; mas também, e especialmente, para veicular e difundir suas ideologias.

Não há meio intelectual sem a presença de locais para discussões, isto é, de lugares de sociabilidades, uma vez que é condição para a constituição e formação intelectual. As ‘redes’, compartilham de contextos “[...] dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos” (SIRINELLI, 1996, p. 252). Tal assertiva nos leva a acreditar que as ideologias produzidas e veiculadas pelos médicos Garcia Moreno, José Machado, Antonio Garcia de Nestor Piva, sejam discussões em torno do campo da saúde ou da educação, lhes tenham propiciado visibilidade na sociedade sergipana, haja vista os ideais defendidos entre os seus pares apresentarem conexões ou vínculos entre si. Nesse sentido o estudioso francês Sirinelli (1996), nos esclarece que:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver (SIRINELLI, 1996, p. 248).

Para o autor, as redes de sociabilidades são complicadas de apreender, no entanto, o historiador não pode deixá-las de lado ou ignorar. Esses espaços de sociabilidades consistem em lugares preciosos para uma possível análise da circulação das ideias desses atores sociais, os quais se vinculam por uma série de laços e afinidades. Ao escrutinar a trajetória desses quatro médicos docentes, percebemos que eles criaram sua rede de relacionamento através das vinculações nas instituições, sejam elas educacionais, religiosas, literárias e culturais, a exemplo da Academia Sergipana de Medicina, da Academia Sergipana de Letras, da Liga Universitária Católica, do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, do Lions Clube Atalaia, do Clube de Imprensa, Rádio, Letras e Artes Plásticas de Sergipe, dentre outras instituições nas quais esses médicos docentes atuaram, seja como membros, como colaboradores ou como líderes. São em instituições como estas, por exemplo, que os laços se atam e os indivíduos passam a expressar e alastrar os seus conhecimentos, os seus ideais e as suas aspirações, conectando e criando vínculos entre os demais indivíduos.

A importância de entender esses espaços, os quais serviram de encontros, reuniões e aglutinações de um determinado lugar e de uma determinada época, favorecem e contribuem

também para compreender esses produtores de bens simbólicos e mediadores culturais, chamados por Sirinelli (1996) de intelectuais, os quais se encontram situados no campo aberto pela chamada História Intelectual. O texto do historiador francês Sirinelli intitulado “Os intelectuais” (1996) está focado, essencialmente, em duas partes: a primeira, o autor apresenta e avalia as causas que deixaram os estudos sobre os intelectuais na “penumbra” ou no “ângulo morto” e o renascimento da história política dos intelectuais na França; na segunda propositiva, Sirinelli volta seus olhares para uma discussão no que diz respeito às notas teórico-metodológicas para o estudo dos intelectuais pelo historiador. Cumpre ressaltar que o autor não se propõe a averiguar a fundo a função social dos intelectuais. O seu propósito fundamental é buscar definir o que são os intelectuais e as possibilidades voltadas ao estudo da história dos intelectuais.

Assim, os conceitos de intelectual, conforme propusera Sirinelli (1996), nos leva a caracterizar esses médicos docentes como criadores e mediadores não somente nas suas circunstâncias de atuação, ação e produção, mas também pela experiência desses atores sociais que souberam valer-se de suas posições sociais, sejam no campo médico-científico, no educacional, no cultural ou na política, e de sua rede de sociabilidade, sobretudo, para agenciar discussões sobre a saúde, por exemplo; mas, especialmente, para difundir ideias, opiniões e propostas políticas e educacionais. Percebemos, através dos seus percursos, que esses personagens se destacaram pela participação ativa que tiveram nos cargos em que ocuparam; pela participação intensa nos grupos de sociabilidade intelectual e política da capital, a exemplo das associações e sociedades culturais e científicas e os clubes literários; pela produção escrita, as quais circularam nos mais diversos meios de comunicação e fomentação de conhecimentos, inclusive em Revistas internacionais.

Quanto à definição do termo intelectual Sirinelli (1996) destacou algumas questões, a exemplo do seu caráter polissêmico, do aspecto polimorfo do círculo dos intelectuais e, por isso, a imprecisão para definir critérios de conceituação da palavra, tendo em vista a evolução dessa noção com as transformações da sociedade francesa. Todavia, o autor nos alerta para esta última questão e defende uma definição de geometria variável, no entanto, baseada em invariantes, as quais desembocam em duas acepções do intelectual “[...] uma ampla e sócio-cultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento” (SIRINELLI, 1996, p.242). Os intelectuais criadores pertencem aos que participam da criação artística e literária ou do progresso do saber, sendo que os intelectuais ‘mediadores’ são aqueles

que colaboram para difundir os conhecimentos dessa criação e desse saber (SIRINELLI, 1997). No que tange a acepção ‘mais estreita’ dos intelectuais, ou seja, a do engajador, esta “[...] não é, no fundo, autônoma da anterior, já que são dois elementos de natureza sociocultural [...]”. Os engajadores se investem de sua notoriedade, a qual é reconhecida e legitimada pela sociedade em que vivem, e se dispõem a serviço da causa que defendem em benefício da coletividade (SIRINELLI, 1996, p. 243).

Tais reflexões, associadas às trajetórias desses personagens, nos levam a conjecturar que esses médicos docentes estampam a figura de intelectuais, sejam como criadores, como mediadores e como engajadores. As fontes nos revelam que esses atores sociais eram dotados de um elevado arcabouço gerencial e que, por isso, lhe favoreciam não somente a participação no campo médico-científico, mas também no campo político, educacional e intelectual. Tais atuações, sejam como diretores de hospitais, como presidentes de instituições, como Pró-Reitores, como Vice-Reitores, como Conselheiros, como Secretários do Governo, como vice Governador, dentre outros cargos a eles confiados, de certo modo corroboraram para seus engajamentos nos percursos que trilharam, de modo a abrir caminhos para que eles materializassem suas criações, suas mediações e seus engajamentos.

Esses intelectuais pertenceram a uma época, a um tempo e um espaço nos quais estiveram a todo o momento ora construindo conhecimentos, ora trocando experiências. Foi dessa forma que eles foram se compondo enquanto intelectuais, pois não tem como pensar que o intelectual é meramente formado por si só. Eles são formados por uma junção de ideias e sujeitos em diversos momentos e espaços da sua vivência.

Para melhor compreender o itinerário desses atores sociais, entrelaçamos os caminhos por eles percorridos no quadro abaixo. Nele constam as principais instituições pelas quais percorreram, sejam no campo da saúde, da educação, da política, da cultura e da religião.

Quadro 3 - Caminhos entrelaçados por entre espaços e tempos

INSTITUIÇÕES	MÉDICO DOCENTES			
	Garcia Moreno (1910-1976)	José Machado de Sousa (1912-1997)	Antônio Garcia Filho (1916-1999)	Nestor Piva (1930-2004)
Faculdade de Medicina da Bahia	Formado em 1933	Formado em 1934 (iniciou na Faculdade de Medicina da Bahia e concluiu na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro)	Formado em 1941	Formado em 1954
Docência em Instituição de Ensino Superior	Faculdade de Direito de Recife (1956); Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe; Faculdade de Medicina de Sergipe	Faculdade de Medicina de Sergipe	Faculdade Católica de Serviço Social/Se (1956); Faculdade de Medicina de Sergipe	Faculdade de Medicina da Paraíba; Universidade de Brasília; Faculdade de Medicina de Sergipe
Academia Sergipana de Letras	Membro; Presidente (1947 – 1951)	-	Membro; Presidente (1983 – 1999)	-
Sociedade Médica de Sergipe	Presidente (1950-1951)	Presidente (1949 a 1951 e 1954 a 1955)	Presidente (1960-1962)	Associado
Academia Sergipana de Medicina	Cadeira 17	Cadeira 37	Cadeira 23	Cadeira 8
Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	Membro	Membro (também fez parte do Conselho Científico)	Membro, Presidente e Redator	Membro
Cargo ocupado na Faculdade de Medicina de Sergipe	Professor fundador; Diretor (1970-1972)	Professor fundador; Tesoureiro	Professor fundador; Diretor	Professor fundador; Diretor; Membro do Conselho Deliberativo
IHGSE	Presidente (1947-1951)	-	Membro; Orador oficial (1961)	-
Cargo de Gestor na UFS	Vice-Reitor (s/d); Conselheiro de Ensino e Pesquisa (1972)	Conselheiro	Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários	Pró-Reitor de Graduação; Diretor do Instituto de Biologia; Vice-Reitor; Diretor do Hospital Universitário
Hospital de Cirurgia	Médico	Presidente; Diretor do Hospital Infantil (1937 a 1980)	Médico	Médico e Diretor
Hospital Santa Isabel	-	Médico e Diretor	Médico e Diretor	-
Cargo Político ou Função Pública	Conselheiro Penitenciário	Vice Governador (1955 a 1959); Secretário da Saúde (1979-1982); Fiscal do Governo	Vereador (1947); Secretário de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe (1959-1962); Conselho Estadual de Cultura (1975)	Secretário de Estado da Educação e da Cultura (1970-1971)
Liga Universitária Católica	Membro	-	Membro e Presidente (1960-1970)	-
Atividades de comunicação, de cunho literário e científico	Colaborador no jornal "A Cruzada"; no Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	Colaborador no Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	Colaborador no Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia e nos jornais: "O Nordeste", "A Cruzada". Diretor nos jornais: "Correio de Aracaju" e "Gazeta Socialista".	Colaborador em Revistas científicas na área da Patologia; e no Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas fontes já mencionadas, as quais foram coletadas em Revistas da ASM e da ASL, de artigos em Periódicos, Teses e Dissertações, dos acervos do ITBEC, Atas de Assembleias da FMS, do Arquivo Geral da UFS, dentre outras.

Diante do percurso transcorrido, observamos que os caminhos desses quatro médicos docentes se interligaram em diferentes espaços de formação e atuação, sendo o Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, a Faculdade de Medicina de Sergipe e a Academia Sergipana de Medicina mais um ponto de encontro das trajetórias individuais da intelectualidade médico docente de Sergipe. Embora eles tenham atuado em cargos e instituições semelhantes, seja em períodos diferentes ou não, seus itinerários se entrelaçaram com mais intensidade a partir de 1961 quando da fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe, onde esses atores sociais se uniram e passaram a convergir esforços para que essa instituição cumprisse sua função sócio educacional. O fato é que esses personagens deixaram marcas por onde passaram, as quais perlustram as refulgentes páginas da historiografia sergipana.

3.5- A PRODUÇÃO MÉDICO CIENTÍFICA: O QUE ELAS NOS REVELAM?

Vou-lhe dizer... Você recolhe os factos. Para isso vai aos Arquivos. Esses celeiros de factos. Lá, só tem de se baixar para os recolher. Cestadas cheias. Sacode-lhes o pó. Pousa-os na sua mesa. Faz o que fazem as crianças quando se divertem com “cubos” e trabalham para reconstituir a bela imagem que alguém decompôs para elas... A partida está jogada. A história está feita. (FEBVRE, 1989, p.87).

Ao vasculhar o “celeiro de factos”, no caso o Arquivo Geral da Universidade Federal de Sergipe e o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, foram encontrados os currículos de alguns professores que lecionaram na Faculdade de Medicina de Sergipe, sobretudo, os professores fundadores aqui micro biografados, bem como algumas das Revistas do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia (RCEHC), respectivamente. Ao “recolher” e “sacudir o pó” desses documentos, considerados aqui como fontes, percebemos a possibilidade de “reconstituir a bela imagem” do viés científico desses médicos docentes. Após “pousá-los na mesa”, mergulhamos nesse universo de fontes, percebemos que a “partida está jogada”. “Vou-lhes dizer”... quatro homens, uma formação, quatro caminhos: o entrelaçamento que desemboca em uma sede ávida pela pesquisa técnica e científica na área da saúde.

Embora essa sede ávida não tenha se revelado em iguais proporções, esses médicos docentes mostraram-se comprometidos com o campo médico científico, sejam com suas publicações na Revista do Centro de Estudo do Hospital de Cirurgia, sejam em Revistas nacionais e internacionais, ou ainda com suas próprias obras. O intuito da Revista do Centro de

Estudo do Hospital de Cirurgia era fomentar e veicular debates e discussões buscando o avanço do conhecimento científico e tecnológico na área da saúde. Tal espaço, conforme afiança Eduardo Garcia (2012) em entrevista, era “[...] responsável por discutir os casos mais complicados. Os médicos se reuniam, apresentavam temas científicos, palestras científicas, [...], e o Centro de Estudos mantinha uma revista para publicar justamente os trabalhos dos médicos”. A RCEHC funcionou de 1953 a 1963, período em que houve a publicação da Revista, segundo o próprio Boletim do Centro de Estudos, além do levantamento e arquivamento realizado no IHGSE. No entanto, essa revista não foi o único meio utilizado pelos médicos para movimentar as suas ideias. Posto isto, cabe problematizar: quais conhecimentos os médicos produziram e veicularam? Para quem produziram? Quais os meios de divulgação e fomentação?

Durante a trajetória dos quatro médicos, as instituições como o Hospital de Cirurgia, o Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, a Faculdade de Medicina de Sergipe e a Academia Sergipana de Medicina, dentre outras já mencionadas, configuraram-se como espaços sociais, nos quais os médicos procuraram criar e ampliar suas “redes” – também chamadas estruturas de sociabilidade –, já discutida brevemente.

Assim, a partir da perspectiva de Sirinelli (1996), as redes de sociabilidade nos ajudam a compreender a organização e a dinâmica dos “microclimas”, que são espaços como o Hospital de Cirurgia, o Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia e a Faculdade de Medicina de Sergipe, por exemplo, em que “[...] a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos” (SIRINELLI, 1996, p.252), e que caracterizam um microcosmo intelectual particular. Este último, os microcosmos intelectuais, são considerados “lugares preciosos”, pois nos ajudam a compreender o movimento das ideias, visto que se trata de espaços que provocam a fermentação intelectual, ou seja, as discussões e as difusões de ideias. O Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, a Revista da Academia Sergipana de Letras, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a Revista da Academia Sergipana de Medicina são exemplos, portanto, de microcosmos intelectuais, “[...] ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (*ibidem*, 1996, p.249).

Desse modo, procuramos compreender as “difusões de ideias” veiculadas pelos quatro médicos através das publicações médico científicas desses atores sociais. A versatilidade desses personagens vai além do campo médico, ela perpassa pelo campo jurídico e pelo campo literário. A produção intelectual de Dr. Garcia Moreno, por exemplo, se enveredou na tríade do campo

médico, jurídico e literário. Suas reflexões vão desde a preocupação com os “psicopatas” daquela época até o matrimônio, o maconhismo em Sergipe, além de descrever a bela cidade de Aracaju, enveredando pelas suas belezas naturais, localizada entre as fozes dos rios Sergipe e Vaza-Barris, em sua obra “Doce Província” (1960).

O pediatra José Machado foi o único que não publicou obras, se ateve apenas a RCEHC, geralmente com artigos científicos voltados para os estudos de caso dos seus pequenos pacientes. Difícil chegar a uma conclusão, mas defendemos a ideia de que dentre os micro biografados, ele foi o que apresentou o lado “escritor” menos aguçado. Talvez a sua rotina de ora médico, ora diretor, ora conselheiro, ora Vice Governador, ora Secretário, enfim, tenha dificultado a sua produção intelectual. No entanto, o que pesquisou e publicou contribuiu para o campo médico científico sergipano.

No entanto, não podemos afirmar o mesmo do médico Antônio Garcia, que publicou duas obras, “Um pensamento na Praça” (1960), no campo literário e “A reabilitação em Sergipe” (1966), no campo médico científico, conforme já mencionado, além de vários excertos, discursos, homenagens, poemas, músicas e diversas biografias em homenagens aos seus amigos, a exemplo das canções “Velha Ponte”, “Musa Branca”, “Mancha no Mar”, dentre outras publicadas na Revista da Academia Sergipana de Letras, no ano 1961-1962, nº 21/22; das poesias “O preço da liberdade” e “Masslore”, no ano 1994, nº 31; dos poemas “A bandeira”, “Sons de outrora”, “Princesa do Congo”, no ano 1999, na edição “O Sodalício 70 anos”, da ASL. Em suas canções, percebemos que Antonio Garcia alastra nas letras, emoções, anseios e frustrações, “[...] sem a preocupação com a estética, estrutura e forma. Alguns escritos, regidos pelo conhecimento científico e pela sabedoria, nos instigam a refletir acerca de temas atuais para aquela época, provocando-nos inquietações e indagações” (SILVA, 2012, p.71). Não há vestígios de que Dr. Antônio Garcia tenha publicado artigos científicos em periódicos nacionais e internacionais.

O que percebemos é que sua produção científica ficou concentrada na RCEHC, além de participar com diversas publicações em jornais, como foi o exemplo da matéria no A Cruzada sobre o “Primeiro Encontro sobre Reabilitação, em Recife”, Ano XXVI, nº 1338, 27 de janeiro de 1962, e acerca da “Paralisia infantil”, Ano XXVI, nº 1343, de 31 de março de 1962, no mesmo jornal. Outra forma de disseminar suas pesquisas médico científicas foram as suas participações e publicações nos Anais dos Congressos e em Conclaves internacionais, sobretudo a partir de 1959. Muitas dessas publicações em Anais se perderam no tempo, conforme nos afirmou o seu filho em

entrevista, o médico Eduardo Garcia, impedindo, portanto, o registro de tais publicações (Eduardo Garcia, 2016). No livro “A reabilitação em Sergipe”, as discussões e reflexões permearam não somente pelo campo médico e científico, conforme já mencionado, mas também pela organização e administração do Centro de Reabilitação Ninota Garcia, onde o autor tratou dos Programas das disciplinas, desde o pré-primário até a segunda série do primário; da relação dos funcionários da instituição, bem como os locais de capacitação e especialização; da aquisição dos equipamentos para a terapia e reabilitação; da inserção dos deficientes no mercado de trabalho por meio dos cursos realizados nas oficinas de Artes Industriais, dentre outros temas.

O médico docente Nestor Piva ainda possui o seu currículo cadastrado na Plataforma Lattes, fato que nos possibilitou ler e entrever o seu itinerário no campo da produção do conhecimento. No item “Livros publicados/organizados ou edições” constam duas obras e no item “Capítulos de livro publicado” consta apenas uma publicação. Não há evidências de sua atuação no campo literário, no entanto, percebemos o seu empenho quanto à participação e publicação em diversos periódicos. Incluem-se em seu currículo quarenta trabalhos completos publicados em Anais de Congressos ocorridos em diversos estados brasileiros. Durante as pesquisas, pudemos observar, ainda, que muitos dos artigos publicados por Nestor Piva foram referendados em artigos nacionais e internacionais, inclusive em um livro publicado em 1983 cujo título é *The physiology of trematodes*, de autoria de J. D. Smyth and D. W. Halton. Nestor Piva também publicou vários trabalhos na RCEHC, assim como em diversos periódicos nacionais (*O Hospital*, *Revista Goiana de Medicina Tropical*, *J Bras Neurocirurgia*, dentre outros) e internacionais (*Experimental Parasitology*, *Acta Dermato-Venereologica*, *Paratitologia*, dentre outros). Inspirado em estudar as doenças e as alterações que estas provocam no organismo, Nestor Piva adentrou no campo da investigação quando ainda cursava medicina. As suas pesquisas e produção científica trouxeram relevantes contribuições para o campo da patologia, mas também propiciou não apenas maior visibilidade ao pesquisador dentro de suas temáticas de atuação, assim como conquistou notoriedade e reconhecimento de suas competências pelos seus pares.

Para melhor compreensão, condensamos as publicações científicas dos médicos em tabelas. As informações foram coletadas ao longo da pesquisa, dentre elas, nos currículos encontrados no Arquivo Geral da UFS, nos Boletins do Centro de Estudo do Hospital de Cirurgia e no IHGSE, onde encontramos a maior parte das obras de Garcia Moreno e Antonio Garcia.

Quadro 4 - Levantamento da produção médico científica de Garcia Moreno

AUTORES	TÍTULO DA PESQUISA	LOCAL DE PUBLICAÇÃO (REVISTA)	ANO
ARTIGOS COMPLETOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS			
GARCIA MORENO, João Batista Perez	A psicanálise de um anúncio	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 1, n.3 , Mai-Jun, p.83-87	1953
	Consulta médico-legal	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 5, n.2 , Mar-Abr, p. ?	1957
	Alguns aspectos de (?)	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, (?), Maio, p.(?)	1958
	Aplicação judiciária da narco-clínica	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 7, n.2, Mar-Dez, p.102-107	1958
	LIVROS PUBLICADOS/ORGANIZADOS OU EDIÇÕES		
	Assistência a Psicopatas no Brasil	-	s/d
	Eletroconvulsoterapia	Aracaju: Gráfica Aracaju	1943
	A propósito da Insulinoterapia	-	1943
	Institutos de aposentadorias e pensões nos problemas assistenciais no Brasil: seguro doença nos meios urbanos e rurais	Congresso Brasileiro dos problemas Médicos-sociais de Após Guerra	1945
	Dois Médicos	Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	1946
	Aspectos do maconhismo em Sergipe	Departamento de Saúde Pública de Sergipe	1946
	Penicilinoterapia na demência parálitica	-	1947
	O Sexo da Maconha	-	1948
	Letras Vencidas	Aracaju: Garcia Moreno	1955
	Cajueiro dos Papagaios	Aracaju: Livraria Regina LTDA	1959
	Doce Província	Aracaju: Livraria Regina LTDA	1960
	Temas de Medicina Legal	Aracaju: Gráfica Aracaju	1960
	CAPÍTULOS DE LIVRO PUBLICADO		
	Aspectos do maconhismo em Sergipe	BRASIL. Serviço Nacional de Educação Sanitária.	1958

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base no Currículo do médico docente encontrado no Arquivo Geral da UFS e nas Revistas do Centro de Estudo do Hospital de Cirurgia, encontradas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Quadro 5 - Levantamento da produção médico científica de José Machado

AUTORES	TÍTULO DA PESQUISA	LOCAL DE PUBLICAÇÃO (REVISTA)	ANO
ARTIGOS COMPLETOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS			
SOUZA, José Machado de	Considerações sobre um caso de anemia de hemácias falciformes	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 1, n. 2, Mar-Abr, p. 23-38	1953
	Leishmaniose tegumentar brasileira: úlcera típica com infiltração do lábio superior. Estudo de um caso.	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 2, n. 1, Jan-Fev, p. 32-37	1954
	Síndrome de Lourenço Moon Bield	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 9, n. 1, Mar, p. 10-18	1960
	Tumor de Wilms: considerações em torno de um caso	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 2, n. 3, Mai- Jun, p. 124-129	1960
	Polipo retocólico na infância	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 9, n. 2, Jul, p. 77-80	1960

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base no Currículo do médico docente encontrado no Arquivo Geral da UFS e nas Revistas do Centro de Estudo do Hospital de Cirurgia, encontradas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Quadro 6 - Levantamento da produção médico científica de Antônio Garcia

AUTORES	TÍTULO DA PESQUISA	LOCAL DE PUBLICAÇÃO (REVISTA)	ANO
ARTIGOS COMPLETOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS			
GARCIA FILHO, Antônio	Dieta para operados no Hospital de Cirurgia	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 1, n. 4, Jul-Ago, p. 135-147	1953
	Valor e importância do 'Coeficiente neutrófilo de não segmentados' nas infecções	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 1, n. 6, Nov-Dez, p. 228-237	1953
	Colecistopatias crônicas	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 2, n. 6, Nov-Dez, p. 279-286	1954
	Apontamento de um Congresso Médico - O V de anestesiologia	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 7, n. , Mar-Dez, p. 131-147	1958
	Considerações em torno do Leucograma	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 7, n. , Mar-Dez, p. ?	1958
	Primeiras observações no emprego da Hidergina	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 7, n. , Mar-Dez, p. ?	1958
	Noções sobre equilíbrio Hidro-Sanin - no adulto	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vol. 7, n. , Mar-Dez, p. ?	1958
	LIVROS PUBLICADOS/ORGANIZADOS OU EDIÇÕES		
	Um pensamento na praça	Aracaju: Gráfica Aracaju	1960
	A Reabilitação em Sergipe	Aracaju: Gráfica Aracaju	1966

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base no Currículo do médico docente encontrado no Arquivo Geral da UFS e nas Revistas do Centro de Estudo do Hospital de Cirurgia, encontradas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Quadro 7 - Levantamento da produção médico científica de Nestor Piva

AUTORES	TÍTULO DA PESQUISA	LOCAL DE PUBLICAÇÃO (REVISTA)	ANO
ARTIGOS COMPLETOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS			
PIVA, Nestor.	Fibras Reticulares - sua significação nos processos patológicos de pele.	Boletim da Fundação Gonçalo Muniz, v. 4	1955
	Nevus Elastico de Lewandowsky.	Boletim Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da UFBA	1956
	Neurilenoma	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, v. 8, n.4, p. 132-140	1956
	Anatomia Patológica das Colecistites Agudas e Crônicas.	Medicina Ano Xxv, v. 17	1957
	Rinosporidiose	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, v. 8, n.3, p. 75-89	1959
	Cistadenoma bilateral de ovário.	Revista do Centro de Estudo do Hospital de Cirurgia, v. 9, n.2, p. 55-63	1960
	Esquistossomose e câncer do intestino.	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, v. 9, n.3, p. 136-148	1960
	Sarcoidose.	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, v. 9, n.4, p. 163-172	1960
	Studio istochimico sui vitellogeni di S. mansoni.	Paratitologia, v. 3, n.3, p. 235-237	1961
	Estudo histoquímico sobre o vitelógeno do S. mansoni.	Revistado Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, v. 10, n.3, p. 110-116	1961
	Primeiros resultados sobre reagentes tipo Schiff fluorescentes e quantitvização.	Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, v. 10, n.3, p. 110-116	1961
	Ultrastructure of S. mansoni Vitellogen .	J Cell Biology, v. 31, n.155	1962
	Reazono di Fuelgen fluorescenti e loro possibilitá citofluorometriche quantitative.	Rivista Di Istochimica Normale e Patologica, v. 8, n.6, p. 427-446	1962
	Infestação natural de animais silvestres e roedores pelo S. mansoni.	Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais, v. 18, n.2, p. 221-223.	1966
	Foco autoctoni de Calazar em Rio das Pedras - Se.	Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais, v. 18, n.2, p. 217-220	1966
	Disgerminoma do ovário.	O Hospital, v. 70, n.6, p. 237-250	1966
	Tetracyclini Fluorescence of schistosomes in the tissues of nontrested and treated mice.	Experimental Parasitology, v. 19, n.2, p. 183-192	1966
	Lupus Erytematosus with Hypodermic Manifestations.	Acta Dermato-Venereologica, v. 36, p. 464-473	1966
	Leptospirose.	Revista Goiana de Medicina Tropical, v. 3, n.3, p. 235-249	1974
	Artcular cartillage changes mechanically induced in vivo.	Revista Brasileira de Pesquisas Médicas e Biológicas, v. 11, n.4-5, p. 277-281.	1978
	Proghressive Zosteriforme Macular Pigmented Lesions.	Archives of Dermatology,	1980
	Plasmicitoma Intracraniano Solitário	J Bras Neurocirurgia, v. 4, n.1, p. 26-28	1993
LIVROS PUBLICADOS/ORGANIZADOS OU EDIÇÕES			
Manual de Histotecnologia.		Brasília: Divisão Nacional do Câncer.	1975
ICD-O da World Health Organization - Tradução.		Brasília: Divisão Nacional do Câncer.	1975
CAPÍTULOS DE LIVRO PUBLICADO			
Patologia e Câncer.		(Org.). In.: Câncer. Brasília: Misnistério da Saúde.	1990

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base no Currículo Lattes de Nestor Piva, 2015; Currículo do médico docente encontrado no Arquivo Geral da UFS; publicações nas Revistas do Centro de Estudo do Hospital de Cirurgia, encontradas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Nem todos os quatro médicos manifestaram o seu lado “escritor”, ou voltaram os seus olhares para as biografias de amigos, por exemplo, para os ensaios de literatura ou para as crônicas, as quais, boa parte, se desdobram em uma notável e imprevista ficção, tudo pelo dramático sabor dos fatos e das cenas como ali se reproduziram. O fato é que esses médicos docentes se revelaram sujeitos ecléticos, dotados, sobretudo, de um conhecimento epistêmico. O tempo, a experiência e a necessidade de divulgar seus conhecimentos fizeram com que eles redimensionassem seus olhares para publicações em revistas, as quais foram regidas pelo conhecimento médico científico e pela sabedoria, voltados para temas relacionados aos desvio anatômico e/ou fisiológico, especialmente aquelas volvidas às doenças tropicais, infecciosas e parasitárias que acometiam a sociedade sergipana. Para esses intelectuais criadores e mediares não bastava produzir conhecimento, era necessário disseminá-lo. Adotaram, portanto, essa prática e para isso utilizam como meio de divulgação e fomentação as revistas, sejam elas locais, nacionais e internacionais; os congressos; os seminários; os conclave; os jornais; os workshops; as conferências; os encontros; dentre outros. Seus currículos denotam a importância desses médicos docentes os quais compuseram a Faculdade de Medicina de Sergipe e que, por isso, merecem ter suas trajetórias desveladas.

Posto isso, o Hospital de Cirurgia, o Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, a Faculdade de Medicina de Sergipe e a Academia Sergipana de Medicina revelaram-se como um “microclima” da intelectualidade médica sergipana e, como propusera Sirinelli (1996), um microcosmo intelectual particular. Tais instituições foram palcos das trajetórias de quatro médicos os quais atuaram em diferentes espaços-tempos, contribuindo, assim, para compor e dinamizar um determinado campo intelectual.

CAPÍTULO 4

A CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO: PERFIL DOS MÉDICOS DOCENTES

Porque minha profissão de coração era ser professor. Medicina, eu gostava. Mas, mais de ensinar. Eu me sentia mais professor do que médico. Eu me satisfazia mais dando aula, ensinando. (Antônio Cruz, 2017).

Para perfilarmos os médicos docentes que compõem a pesquisa, realizamos 17⁷¹ entrevistas. O trabalho de localização, de contato e de entrevistas das personagens ocorreu de forma intermitente. Foram muitos os encontros e desencontros. Os lugares foram diversos: na UFS, na residência do entrevistado, na livraria Escariz e até mesmo nos consultórios, entre um paciente e outro; fosse dia útil ou não, e até mesmo feriado. Ressaltamos que os dias, horários e locais foram sempre escolhidos e definidos pelos entrevistados, de acordo com a disponibilidade de cada um. O importante era o encontro, o qual nos proporcionou, entre as lembranças e os esquecimentos, o delineamento dos itinerários dos médicos docentes, focando, sobretudo, no recorte cronológico voltado para a vida profissional. Não poderíamos deixar de compor os perfis de seis médicos docentes que faleceram, os quais foram perfilados entre as memórias e os escritos (homenagens, inclusive póstumas) de amigos e familiares.

As principais fontes dos estudos, cujos autores utilizam o método prosopográfico, são os dicionários biográficos; as homenagens realizadas pelas instituições nas quais os sujeitos possuem vinculações; os discursos, geralmente de cunho hagiográfico; e os necrológios. Trata-se, portanto, de fontes que os pesquisadores possuem à disposição. Embora o Dicionário Biográfico de Médicos Sergipanos possua em seu rol verbetes de alguns dos médicos que compõem a nossa pesquisa, não há informações que nos levem a responder algumas questões postas no estudo, a exemplo: o porquê da medicina, por que consorciar o ofício de médico ao magistério, dentre outras. Posto isso, precisamos construir as nossas fontes, ou seja, realizamos as entrevistas com os 17 médicos docentes, elaboramos os perfis biográficos, construímos o sistema no Access e no Excel a fim de gerar as tabelas e os gráficos, para só então analisarmos os resultados.

Dentre os médicos entrevistados, constam: Antônio Carvalho da Paixão, Antônio Leite Cruz, Byron Emanuel de Oliveira Ramos, Djenal Gonçalves Soares, Eduardo Antônio Conde Garcia, Fedro Menezes Portugal, Francisco Prado Reis, Hélio Araújo Oliveira, Henrique Batista e Silva, João Antônio Macedo Santana, José Fernandes dos Santos Macedo, José Geraldo Dantas Bezerra, Maria Izabel Maynard Pereira, Marília de Oliveira Ramos, Max Rollemberg Gois, Sonia Maria Lima Santana Macena e Zulmira Freire. Os médicos: Antonio Fernando Dantas Maynard,

⁷¹ O número de médicos formados e que consorciaram o ofício de médico ao magistério no período de 1966 a 1973 são 18, conforme já mencionado. No entanto foram entrevistados 17, uma vez que um dos médicos não se dispôs a conceder entrevista, apesar de cinco tentativas via ligação. Chegamos a marcar dia e horário, mas, ao chegar ao local definido por ele, não o encontrei. Tentei outros contatos, inclusive próximo à defesa, mas infelizmente não obtive sucesso.

Lauro Augusto do Prado Maia, Lydia Mesquita Salviano, Marco Aurélio Prado Dias, Maria Helena Domingues Garcia, Roberto José da Paixão, já falecidos, foram perfilados através do Dicionário Biográfico de Médicos Sergipanos, além das homenagens.

Há perfis que ficaram com determinadas lacunas, uma vez que algumas das personagens tiveram dificuldades de rememorar datas, acontecimentos, lugares e eventos. Quanto à produção científica, a maioria não possui o currículo cadastrado na plataforma Lattes ou até mesmo registrada em papel A4. Poucos possuem os certificados dos eventos, hoje amarelecidos pelo tempo. Publicação de trabalhos em congressos científicos, cursos realizados, fatos e datas importantes, foram sendo esquecidos ao longo das décadas. É compreensível, pois, as primeiras turmas de médicos já possuem mais de meio século que se formaram pela Faculdade de Medicina de Sergipe.

As ações e atuações desses médicos docentes nos ajudaram a compreender a constituição do campo médico e se as especialidades médicas trilhadas por cada um deles contribuíram para a modernização do campo da saúde, uma vez que a maioria das especialidades não era comum aqui em Sergipe no período em questão (1966-1973). Junto às novas especialidades, vieram novos conhecimentos, novas tecnologias e novos equipamentos. Assim, após as leituras e releituras das transcrições das entrevistas, flutuando-se nas entrelinhas e na materialidade das respostas alcançadas, expomos as sínteses da trajetória profissional dos entrevistados, seguindo a cronologia da colação de grau em Medicina pela FMS e ordem alfabética dos formandos.

4.1 – PERFIS: ENTRE LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS

FORMADOS EM 1966

Antonio Leite Cruz

Nasceu no dia 15 de agosto de 1940, no Rio de Janeiro. Sua mãe, Lourdes Leite Cruz, o ensinou a ler, escrever e fazer contas. Foi para a escola com oito anos, já lendo. O seu pai, Teotônio Narcísico Cruz, possuía a formação de Bacharel em Direito, no entanto, nunca exerceu a profissão, pois preferiu dedicar-se somente a função de Militar da Aeronáutica. O médico Antonio Cruz se formou no ano de 1966 na primeira turma da Faculdade de Medicina de Sergipe. Durante o curso, lecionou a cadeira de Química durante quatro anos no Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Logo depois de formado, dirigiu-se ao Rio de Janeiro para

fazer especialização em Pediatria e depois para São Paulo, onde realizou estágio no Hospital das Clínicas de São Paulo. Acerca da escolha da sua especialidade, Antonio Cruz relatou que:

Eu conheci um professor carioca que veio dar palestra aqui, não me lembro no nome dele. Ele falou sobre a cirurgia pediátrica e a situação da área no Rio de Janeiro. Foi através dele que conheci a especialização de cirurgia pediátrica e por ele entrei em contato com o professor José Antonio Lopes, para onde eu fui após terminar o curso. Essa especialidade não existia aqui. Existia a cirurgia e eu trabalhei com Fernando Sampaio, que era um dos melhores cirurgiões daqui, além de professor. Cirurgião experiente. Apreendi muito com ele. (Antonio Cruz, 2017).

Em 1968 passou a atuar como docente na FMS, lecionando as disciplinas Clínica Cirúrgica I e Cirurgia Pediátrica. Ao ser questionado sobre o motivo de consorciar o ofício da medicina ao magistério, ele nos afirma: “Porque minha profissão de coração era ser professor. Medicina, eu gostava. Mas, mais de ensinar. Eu me sentia mais professor do que médico. Eu me satisfazia mais dando aula, ensinando”. (Antonio Cruz, 2017).

Antonio Cruz montou o seu consultório particular junto com o médico e professor Fernando Sampaio, na Rua Itabaiana, nº 20. No entanto, a sua atuação foi além dos consultórios, pois se especializou em Cirurgia Pediátrica, operando os seus pequenos pacientes no Hospital Infantil do Cirurgia, além do Hospital São Lucas e da Clínica e Hospital Santa Helena. Ao ser questionado quanto às dificuldades de se inserir no mercado, o pediatra afirmou:

Houve dificuldade sim, porque, naquela época, operar criança era uma coisa estranha. Era tarefa do cirurgião geral. Fernando Sampaio que me ajudou muito nesse sentido. Ele que encaminhava as crianças para mim. Levou alguns anos, dois ou três anos, para que o nome e a especialidade se firmasse, principalmente se for uma especialidade médica nova. Havia uma técnica para operar criança, que só o cirurgião pediatra sabia. Evoluiu muito a área, com vídeo laparoscopia. (Antonio Cruz, 2017).

Em síntese, o Cirurgião Pediatra descreveu a sua trajetória profissional: atuação em consultório particular, hospitais, docente na UFS, Secretário de Saúde em 1970/1971, primeiro Presidente da Fundação do Hospital João Alves. “Participei da construção e do concurso para a seleção dos profissionais. Foi um trabalho bom. João Alves foi meu colega de turma no Atheneu e quando foi governador me convidou. Eu era Presidente da Fundação durante a construção do Hospital. Quando começou a funcionar, eu entreguei”. (Antonio Cruz, 2017).

No ano de 1973, Antonio Cruz viajou para Fortaleza para cursar “Metodologia do Ensino”. Informou ainda que participou de vários congressos, conclave e eventos científicos. Quanto às publicações, afirmou: “Tenho trabalhos apresentados em Anais de Congressos, na área de cirurgia. Não tenho Lattes, e nem sei se tenho esses certificados”. (Antonio Cruz, 2017). Ao recordar acerca dos seus professores na FMS, mencionou José Machado, Fernando Sampaio, Nestor Piva e Garcia Moreno: “Trabalhei com José Machado, ele na parte clínica e eu na parte cirúrgica. Ele me ajudou muito. Falo de Fernando Sampaio, Nestor Piva inteligentíssimo. Moreno, até hoje me lembro das conversas, dos conhecimentos”. (Antonio Cruz, 2017). Segundo o Cirurgião Pediatra, esses médicos não se preparam muito para ensinar, pedagogicamente, mas foram professores muito bons.

Antonio Leite Cruz está aposentado, tanto do magistério quanto da profissão médica.

Lydia Mesquita Salviano

Nasceu no dia 4 de junho de 1943, em Aracaju. É filha de José Mesquita Neto e de Neyde Figueiredo de Albuquerque Mesquita. Lydia casou-se com o seu colega de turma, João Salviano, com quem teve dois filhos. Foi médica do INSS e depois do INAMPS, a partir de 1967, na cidade de Propriá. Em 1970 iniciou atividade docente na UFS, como professora assistente de Ginecologia e Obstetrícia, áreas médicas em que Lydia Mesquita se especializou. Em 1974 assumiu a direção da Maternidade Hildete Falcão Baptista, a qual foi fundada em 1970 (SANTANA *et al.*, 2009). A médica docente faleceu aos 40 anos, no dia 28 de março de 1984, em Aracaju. Lydia foi assassinada em sua residência, no Edifício Villa D’Oro, vítima de latrocínio (JORNAL DA CIDADE, 1984).

Zulmira Freire Rezende

Nasceu no dia seis de setembro de 1940, em Itaporanga/SE. Sua mãe, Zulmira Viana de Almeida, passou a administrar a fazenda após a morte do pai, Edmundo de Oliveira Freire. A médica Zulmira Rezende também foi da primeira turma da Faculdade de Medicina de Sergipe (1966). Assim que concluiu o ginasial, relatou que, abertas as inscrições do vestibular para medicina, resolveu se inscrever, sem a intervenção ou a influência da família. Para ela, era importante estudar e ter uma profissão:

Eu tinha a ideia de que a mulher deveria ter sua profissão e não depender sócio economicamente do marido. Foi uma coincidência, porque terminei o ginásio quando abriu vestibular para medicina, aí me inscrevi. Eu não sonhava ser médica. Entre medicina e Direito, eu achei que eu estaria melhor em medicina, estava mais de acordo com a minha personalidade. Se não tivesse medicina iria fazer Direito. Não iria fazer medicina fora. (Zulmira Rezende, 2017).

Enquanto aluna de medicina, lecionou na cadeira de Biologia nos anos de 1962 e 1963, no Colégio Estadual Atheneu Sergipense e no Colégio Salvador, onde lecionou apenas um semestre. A médica nos relatou que não viajou para realizar a sua especialização médica, pois já estava casada e com filhos e que, naquela época, era difícil se deslocar para realizar os cursos de especialidades médicas; “um ou outro viajava”, afirmou. Zulmira fez prova para título de especialista para Endocrinologista pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia. Fez a prova em um Congresso Nacional realizado em Maceió. No mesmo ano em que se formou, foi convidada para compor o quadro efetivo da FMS. Ao ser questionada acerca do motivo que a levou a consorciar o ofício de médica ao magistério, a endocrinologista nos esclareceu:

Outra coisa que aconteceu por acaso, viu. Eu fui da primeira turma, éramos nove alunos; 2 perderam e ficamos em seis. Um dia o professor Raimundo Almeida, da Clínica Médica, foi a minha casa e me convidou para ensinar com ele. Não houve concurso, foi convite. A escola precisava de professor e convidaram os primeiros alunos, os melhores alunos. Éramos alunos com média de oito para cima. Chamaram os bons alunos da primeira turma para ensinar. (Zulmira Rezende, 2017).

Zulmira Rezende iniciou a sua carreira docente lecionando Farmacologia com o professor Raimundo Almeida. Depois passou para Clínica Médica e, quando houve a separação no currículo, ficou definitivamente na cadeira de Endocrinologia. Nesse mesmo período, passou a trabalhar em Posto de Saúde e, pouco tempo depois, montou o seu consultório particular. Quanto à escolha da Endocrinologia, a médica docente nos elucidou que:

Não havia as especialidades separadas. Eu sempre gostei das coisas mais difíceis, de diagnósticos difíceis. No consultório chegavam casos com diagnósticos difíceis, muita coisa de endócrino, entendeu? Então eu comecei a estudar muito essa área. Também as aulas na Clínica Médica, de endócrino, era eu que dava. Inicialmente era o professor Júlio Flávio, mas ele faleceu. Com o passar do tempo, houve a especialidade separada e passei a ensinar, durante muitos anos sozinha, a Endocrinologia. Todas as aulas teóricas e práticas. (Zulmira Rezende, 2017).

A médica também atuou no Hospital de Cirurgia, no Hospital São José e no Hospital São Lucas. Assumiu função administrativa de Chefe de Serviço Local de Medicina, no INPS, durante seis anos; e do Serviço Local de Medicina Social, no INAMPS. No que se refere às produções científicas, Dra. Zulmira Rezende nos afirmou que possui o currículo cadastrado na plataforma Lattes e que participou de diversos Congressos, Encontro e Seminários, além de palestrar e ministrar mini cursos de extensão. Publicou artigo científico em Periódico, a exemplo do “Neuropatia Vegetativa em pacientes com Tolerância Diminuída à Glicose”, e diversos trabalhos em Anais de eventos, nacionais e internacionais, como: “Low HDL-col is not a classical feature of metabolic syndrome in children and adolescents”, “Correlação entre o excesso de peso e a resistência insulínica em pacientes sem diabetes”, “Avaliação da Composição Corporal por Bioimpedância na Obesidade”, dentre outros. Relatou-nos ainda que assinou “[...] muitas revistas estrangeiras. Eu lia muito, revistas em francês e inglês. Os livros vinham dos Estados Unidos e eu traduzia para dar aula”.

No quesito “avanço da medicina e o campo médico entre 1960 e 1980”, Dra. Zulmira Rezende nos esclarece que:

Na década de 60 e 70 faltava muito laboratório, a parte de medicina nuclear não existia, ultrassonografia, dosagem hormonal, nada disso existia. Na medida em que os exames complementares foram aparecendo, as coisas ficaram mais fáceis. A estrutura de hospitais, o Cirurgia, por exemplo, não era ruim não. Trabalhei na UTI, casos graves e difíceis, e nós resolvemos. Agora com a evolução dos meios diagnósticos, que ajudam muito. Metade da década de 70 as coisas já estavam melhorando. A endocrinologia mesmo sem laboratório era um caos. (Zulmira Rezende, 2017).

Dra. Zulmira Rezende se aposentou da UFS em 1995, mas continua clinicando em seu consultório particular na área da Endocrinologia.

FORMADOS EM 1967

Djenal Gonçalves Soares

Nasceu no dia 12 de novembro de 1942, no município de Canhoba/SE. Sua mãe, Maria da Conceição Gonçalves Soares, era do lar; o seu pai, José Deodalto Soares, era Tabelião Escrivão no município de Laranjeiras/SE. Ao concluir o ginásio, Djenal Soares, inicialmente, pensou em

prestar vestibular para Química. No entanto, nos relatou que a sua vocação e vontade era ser médico, “Então fiz valer a minha vocação e fiz vestibular para Medicina. Sempre tive vontade de ser médico”. (Djenal Soares, 2017).

Quando Djenal estava no segundo ano do curso, desenvolveu atividades de monitoria na cadeira de Histologia. Também foi monitor da cadeira de Patologia a convite do professor e Patologista Nestor Piva, permanecendo até 1967, ano de sua formação. Ao concluir o curso, o médico foi convidado para ser professor, na verdade, auxiliar de ensino da cadeira de Anatomia. Afirmou-nos que não pretendia ficar na Anatomia, pois o seu desejo era a cadeira de Cirurgia. Assim, em agosto de 1968, o médico docente passou a ser professor de Clínica Cirúrgica, permanecendo até o dia de se aposentar. Segundo o médico, “Carecia de uma pessoa na época. Havia um déficit e como fui monitor, fui chamado e integrei o corpo docente”. (Djenal Soares, 2017). Asseverou que a oferta e procura no magistério o levou a ensinar na UFS. Não era tanto pelo gosto, mas pela necessidade de se manter atualizado. Djenal Soares mencionou que se inspirou no médico e professor Francisco José Bragança, “[...] pois foi ele que me levou a abraçar a área e me deu oportunidades para eu me inserir no campo”. Antes mesmo de entrar para a FMS, em 1960, Djenal Soares já ministrava aulas de Ciências Médicas no Ginásio Possidônia Bragança, em Laranjeiras, aos 19 anos.

Djenal Soares não viajou para realizar a sua especialização médica em Cirurgia Geral. “Não fiz residência, já saí do curso operando. Não tinha o que aprender no curso de Pós-Graduação. A nossa formação era de cirurgião geral, generalista. O que a gente via lá, era visto aqui no curso”. (Djenal Soares, 2017), afirmou o médico. Somente depois, quando começou a esboçar as especialidades, as tendências e o aprimoramento de determinada área, foi que começaram a fazer essas especializações médicas. Quanto à formação médica, Djenal Soares afirmou:

Eu era Cirurgião Chefe. Estava comandando a equipe de estágio de Cirurgia no último ano, para o treinamento. Havia três módulos de estágio, que era a preparação para o médico já cair na sociedade com condições de abraçar a área. (Djenal Soares, 2017).

O seu primeiro consultório foi no Hospital de Cirurgia, em 1968. Depois passou para o Edifício Augusto Maynard e para o Edifício Centro Médico Odontológico. A partir de 1968 passou a atuar no SANDU como plantonista 24 horas, aos domingos. Tempos depois, passou

para o ambulatório do mesmo órgão, antigo INPS, atuando como Cirurgião até a data da aposentadoria. Em 1973 atuou na Superintendência FUNRURAL de Sergipe, foi o primeiro a ocupar o cargo. Entre o período de 1977 a 1981 foi chefe do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da UFS; em 1979 foi Diretor do Hospital de Cirurgia; foi Vice-Reitor da Universidade Federal. Na área política, foi Deputado Federal durante oito anos; Secretário do Estado; Secretário Chefe do Governo de Sergipe em Brasília.

Participou de eventos científicos, no entanto, nos afirmou que: “Sempre gostei de ensinar. Incentivei meus alunos a entrarem nesse meio científico, mas nunca gostei de publicar. Não tenho trabalhos publicados”. (Djenal Soares, 2017). Dr. Djenal Soares atuou como docente até 1986, ano de sua aposentadoria.

José Fernandes dos Santos Macedo

Nasceu no dia 23 de fevereiro de 1944, no município de Itabaianinha/SE. Sua mãe, Maria José dos Santos Macedo, casou-se com o ferroviário Orlando Tavares Macedo, ainda na adolescência, quando tinha os seus 15 anos. José Fernandes começou a trabalhar no comércio, em Aracaju, quando ainda tinha seus 14 anos. “Meu pai tinha 14 filhos. Aos 14 anos a gente tinha de entrar no comércio para trabalhar. Eu tinha um parente que tinha comércio e comecei a trabalhar cedo, aqui em Aracaju”, rememorou José Fernandes (2017).

Afirmou ainda que não houve influência da família na escolha pelo estudo das Ciências Médicas. “Na época, tínhamos poucas opções. A escola forte era Química, Direito e Economia. Depois veio Serviço Social. Dessas, me interessei pela Medicina. Nada específico”. (José Fernandes, 2017). Mencionou que optou por consorciar o ofício de médico ao magistério porque gostava de ensinar e, quando a FMS abriu vaga, na década de 1970, ele passou a compor o quadro de professores, atuando na cadeira de Gastroenterologia. A atuação na área da educação se manifestou enquanto aluno de medicina, pois, segundo José Fernandes (2017), ele precisava se manter. A esse respeito, recordou:

Mesmo estudante de medicina, eu ainda trabalhava no comércio, no início. Depois percebi que, dando uma aula particular ali e aqui, eu ganhava mais do que no comércio. Depois entrei numa escola, no Bairro Santo Antônio. Se chamava escola Simeão Sobral, que depois virou Duque de Caxias, e sai do comércio. Naquela época, se você fosse universitário, podia ensinar em qualquer escola. Também dei aula nos cursinhos para vestibular. Dava aula de Física,

Matemática...era o que eu sabia. Lia, estudava, aprendia. Essas aulas eram mais procuradas, por isso que eu ensinava. Era mais no sentido de me manter. (José Fernandes, 2017).

Assim que José Fernandes se formou, viajou para São Paulo e fez a especialização em Gastroenterologia e, posteriormente, mestrado na área de Clínica Médica, na USP. Assim que voltou da especialização os médicos começaram a direcionar os casos específicos para o Gastroenterologista porque, até então, os atendimentos eram realizados por qualquer médico, pois não existia a especialidade, afirmou José Fernandes (2017).

Não éramos formados mais por clínicos. A FMS foi criada por clínicos. Passei cinco anos dentro do hospital durante todo o curso. Geralmente havia uma tendência para Cirurgia, Clínica, e Cardiologia. Não existia especialidade como Gastroenterologia. Na verdade, eu e o Dr. Hércules [?], que já faleceu, fomos os primeiros do estado. Me formei com uma tendência cirúrgica, o que aparecia eu ia aprendendo. (José Fernandes, 2017).

O médico docente montou o seu consultório particular e trabalhou durante 48 anos no INSS. Também atuou no Hospital de Cirurgia. Afirmou que a inserção no mercado de trabalho não foi fácil, em virtude de uma especialidade pouco conhecida e difundida entre a sociedade sergipana. Para José Fernandes:

Nesse período não era de encontrar o consultório cheio. A especialidade era nova, médico jovem. Era preciso implantar. Comigo foi assim. Eu tive de começar gradativamente, me apresentando como gastroenterologista, tanto para a sociedade quanto para os médicos. Porque os colegas continuavam atendendo no “todo”. Gradativamente a clientela foi chegando. Foi preciso implantar isso também na faculdade, ou seja, as especializações. (José Fernandes, 2017).

Quanto aos eventos e às publicações científicas, afirmou que participou e apresentou trabalhos em Simpósios e Congressos, mas que a única publicação em Periódico foi em uma revista do Canadá, quando publicou a pesquisa da dissertação de mestrado, depois de 1973. Não recordou o título e nem o nome da revista.

José Fernandes se aposentou na década de 1990 (não lembrou o ano), mas continua na ativa realizando os seus atendimentos médicos em consultório particular.

Lauro Augusto do Prado Maia

Nasceu no dia 26 de maio de 1934, em Aracaju. Sua mãe, Lisette Prado Maia, era professora; e o seu pai, Helvécio de Brito Maia, era químico-farmacêutico. Formou-se em dezembro de 1967 e escolheu a otorrinolaringologia como área de atuação. Em 1968, passou a atuar como médico especialista do Instituto Nacional de Previdência Social. Em 1986, no final do governo de João Alves Filho (1983-1987), assumiu a pasta de Saúde e do Bem-Estar Social, permanecendo no cargo até o início do ano seguinte. Com a eleição de Antônio Carlos Valadares (1987-1991) para o governo sergipano, Lauro Maia tornou-se Secretário Especial de Ação Comunitária (1987-1988) e presidente do Conselho da Fundação de Desenvolvimento do Estado de Sergipe. Ainda em 1987, Lauro Maia passou a atuar no INAMPS como auditor-médico. Foi professor Assistente do Departamento de Cirurgia da FMS. Atuou como Deputado Federal no período de 1989 a 1990. Dr. Lauro Maia faleceu aos 58 anos de idade, vítima de leucemia linfocítica crônica (LLC), no dia 31 de agosto de 1992, na capital sergipana. (FGV CPDOC, s/d; SANTANA *et al.*, 2009).

FORMADOS EM 1968

Eduardo Antônio Conde Garcia

Nasceu no dia sete de julho de 1944, em Aracaju/SE. Sua mãe, Valdete Conde Garcia, era normalista; o pai, Antonio Garcia Filho, era médico e professor da FMS. Quanto à decisão de ingressar na área médica, Eduardo Garcia nos relatou que: “A profissão que estava mais próxima a mim era a do meu pai. Subconscientemente deve ter me influenciado”. (Eduardo Garcia, 2017). Durante o curso de medicina começou a ministrar aulas de Física em diversas instituições educativas, a exemplo do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, do Colégio de Aplicação da UFS e no Colégio Estadual Jackson de Figueiredo, além de aulas em cursos para pré-vestibular. “Eu tinha uma vida de professor de ciência pura”, afirmou Dr. Eduardo Garcia (2017). Diante da trajetória no campo da educação, ao questioná-lo acerca do motivo que o levou a consorciar as duas áreas de atuação Dr. Eduardo Garcia nos afirmou:

Pela ligação que eu tenho com a ciência pura. Também sempre fui muito dedicado às ciências, sobretudo às Ciências Físicas. Acho as Ciências Biológicas interessantes. E a medicina me atraía para o lado das Ciências Físicas, de instrumentos, de equipamentos, análises, enfim...essas coisas. (Eduardo Garcia, 2017).

Estes, segundo o médico, foram os motivos que o levaram a atuar na área da Biofísica. Dr. Eduardo Garcia viajou para estudar Cirurgia Vascular em um grupo de estudos da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, chefiado pelo doutor Izeu de Santo Elias Costa, no ano de 1969, mesmo ano em que passou a atuar como docente na UFS através de concurso. No magistério superior, lecionou a disciplina Biofísica na UFS e no Rio de Janeiro. Elucidou-nos que se inspirou no médico Wolmer Bomfim que, naquela época, ainda não era professor da FMS, mas esteve ligado à fundação da referida instituição. “Foi, talvez, quem mais me incentivou ou em quem me espelhei”. (Eduardo Garcia, 2017).

O médico docente montou o seu consultório particular no Edifício Mayara, além de atuar no Hospital de Cirurgia e no Hospital São José, exercendo a cirurgia vascular em ambos os hospitais. No ano de 1969 passou a ser chefe de plantão em Cirurgia Geral, no pronto socorro do Hospital de Cirurgia, um dia por semana. Dr. Eduardo Garcia nos esclareceu que não houve dificuldade em se inserir no mercado de trabalho, uma vez que passou a substituir o médico Wolmer Bomfim, o qual se mudou para o Paraná por motivos de trabalho. Também explicou que:

Nós éramos os únicos Cirurgiões Vasculares do estado. Então quando ele [Wolmer Bomfim] saiu, eu fiquei sozinho. Fiquei no consultório particular durante cinco anos, até 1972. Quando voltei do doutorado foi um dilema, porque tive que abandonar a cirurgia. Decidi que não atenderia mais nem consultório e nem cirurgia. Me doutorei em 1975 (1972 a 1975). Fui para o Rio em 1972. Em 1975 decidi me afastar do consultório. Tive uma sorte de descobrir um efeito do coração que explica uma série de comportamentos do órgão e analisei, por isso pulei o mestrado. A Comissão de Pós Graduação da Universidade do Rio me deu uma licença especial para pular o mestrado. (Eduardo Garcia, 2017).

Após rememorar acerca da sua trajetória como Cirurgião Vascular e o seu ingresso no doutorado, o médico docente acrescentou que também atuou no SANDU; foi Diretor dos Departamentos de Biologia Molecular e de Fisiologia; Chefe do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde; Reitor da UFS; professor das disciplinas de Biofísica e de Eletro fisiologia do coração, em cursos de pós-graduação em Universidades do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e no

Recife. “Nestas três instituições eu fui como professor convidado e ficava de 15 a 20 dias dando aula”, afirmou Dr. Eduardo Garcia (2017). O cirurgião vascular é membro da Academia Sergipana de Letras, da Academia Sergipana de Medicina e da Sociedade Brasileira de Biofísica que, além de membro, também é Presidente.

Dr. Eduardo Garcia participou de vários Congressos, Conclaves e Seminários, além de publicar diversos artigos científicos em revistas nacionais e internacionais, a exemplo das revistas Anais da Academia Brasileira de Ciências, Revista Brasileira de Farmacognosia, Arquivos Brasileiros de Cardiologia, Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas, Journal of Ethnopharmacology, Journal of Theoretical Biology, Phytotherapy Research, dentre outros periódicos. Possui livros publicados, como: Fresta (1988), Biofísica (1998), Antonio Garcia Filho e a Faculdade de Medicina de Sergipe - Criador e Criatura (2008); além de capítulos de livros, artigos publicados em jornais, vídeos (produção visual). Atuou como revisor científico de diversos Periódicos, a exemplo do jornal Journal of Pharmacy and Pharmacology, III Congresso Latino-Americano de Engenharia Biomédica, Brazilian Journal of Medical and Biological Research (LATTES CNPQ, 2018). Quanto ao desenvolvimento e ao avanço da medicina em Sergipe, Dr. Eduardo Garcia apontou que:

Houve um grande avanço na medicina em Sergipe. Uma coisa foi a medicina antes da FMS, e depois dela, porque os próprios médicos formados passaram a trazer novas áreas de conhecimento. Começaram a aparecer médicos especializados, por exemplo, em ouvido, em olho, em intestino, em câncer. Traziam de fora um conhecimento e evolução grande. Hoje você quase não encontra um Clínico Geral. Não há mais no perfil de médicos no Brasil uma inclinação para Clínico Geral. Procuram outras especialidades. Isso foi um prejuízo enorme para o exercício da medicina. Mas sem dúvida nenhuma, essas especializações contribuíram muito, porque muitos médicos criaram até grupos de estudos. Foram suprimindo diversas necessidades, mas houve esse prejuízo quanto à figura do clínico. (Eduardo Garcia, 2017).

Hoje Dr. Eduardo Garcia está aposentado. Sua atuação na UFS foi desde a professor titular a Reitor.

Fedro Menezes Portugal

Nasceu no dia primeiro de julho de 1944, em Aracaju/SE. Seus pais, Maria da Gloria Menezes Portugal, tinha a formação Técnica em Contabilidade; e Francisco Nascimento Portugal era Técnico em Economia. Ambos atuaram como professores. Segundo Fedro Portugal, toda família sonhava ter um filho médico. Assim, ao questionar o motivo que o levou a trilhar pelo campo das Ciências Médicas, ele rememorou:

Meus pais eram bastante inteligentes. Não diziam abertamente, mas notava uma disfarçada alegria. Uma outra influência foi a presença de médicos na família. Além do mais, num passado não muito distante, observava como a sociedade tinha um respeito e carinho pela profissão médica. O branco representava a ciência e pureza. E o vento levou... (Fedro Portugal, 2017).

Consoinou o ofício da medicina ao magistério porque, segundo ele, sendo filho de professores, “nasceu em sala de aula”. Além disso, durante o curso de medicina ensinou Biologia no Colégio Estadual Atheneu Sergipense e no Colégio Estadual Tobias Barreto, além de lecionar no pré-vestibular Beta. Para o médico Fedro Portugal (2017), “[...] ensinar é a melhor maneira de continuar estudando”. Realizou a sua especialidade na área dermatológica, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e nos afirmou que se inspirou no médico Delso Bringel Calheiros, professor da Faculdade de Medicina de Sergipe, para definir a sua especialidade médica. Assim que Dr. Fedro Portugal concluiu o curso, em 1968, passou a atuar na FMS como professor convidado nas atividades da disciplina Dermatologia e sifilografia. Em 1972 foi aprovado no concurso para auxiliar de ensino, sendo contratado em 1973. Dedicou-se praticamente à sala de aula, mas nos relatou que teve uma breve experiência como chefe de departamento.

O médico docente nos esclareceu que, logo depois de formado, montou o seu consultório particular e afirmou que não houve dificuldades em clinicar, uma vez que havia poucos dermatologistas naquela época e, além disso, teve o apoio do seu professor e incentivador, Delso Calheiros. Logo que passou a atender no consultório particular, foi contratado como dermatologista pela Secretaria de Saúde do Estado. Quanto a sua trajetória, Dr. Fedro Portugal mencionou:

A dermatologia é uma especialidade, sobretudo, ambulatorial. Nos primeiros anos como professor convidado atuei na faculdade que funcionava no Hospital de Cirurgia. No hospital, internávamos pacientes com doenças cutâneas. Trabalhei durante mais de dez anos no serviço de urgência do INPS (INAMPS)

e depois no ambulatório de Dermatologia até me aposentar. (Fedro Portugal, 2017).

Quanto às publicações científicas, o dermatologista nos informou que participou com um capítulo no livro “Dermatologia no Nordeste” e que publicou alguns artigos científicos. “Tive uma participação bem maior em aulas nos cursos, jornadas e congressos de dermatologia”, afirmou Fedro Portugal (2017). Participou de diversos Congressos, Simpósios e Conferências, atuando, inclusive, como Coordenador de vários eventos e de Mesa Redonda. (LATTES CNPQ, 2018). No item “Vinculações em academias\institutos e associações”, nos afirmou ser sócio titular da Sociedade Brasileira de Dermatologia e da Regional de Sergipe; Membro da Sociedade Brasileira de Hansenologia; Membro Efetivo da Sociedade Médica de Sergipe; Membro da Academia Sergipana de Medicina e da Sobrames.

Dr. Fedro Portugal, Professor Emérito da UFS, embora aposentado ainda está na ativa. Hoje está na pós-graduação da Dermatologia. “Criamos há alguns anos o curso de especialização que pouco tempo depois foi reconhecido como Residência. Já formamos quase duas dezenas de dermatologista, que foram aprovados na difícil prova de título”, afirmou o médico docente. Dr. Fedro Portugal é Coordenador e conta com o apoio de 14 professores preceptores.

FORMADOS EM 1969

Byron Emanuel de Oliveira Ramos

Nasceu no dia 23 de abril de 1944, no município de Riachão do Dantas/SE. Seus pais, Helena Oliveira Ramos e Ursino de Souza Ramos, eram comerciantes. Quando Byron Ramos estava cursando o científico, hoje o ensino médio, já pensava em seguir a carreira de médico. “Eu já tinha um sentimento de ser médico”, afirmou Byron Ramos (2017) quando o perguntamos o motivo de abraçar a área médica. Relatou-nos ainda que o seu pai sofreu muito na infância em decorrência de uma deficiência física e que foi operado por Dr. Augusto Leite. “Então eu acho que trouxe isso do meu pai, o aspecto voltado à saúde do meu pai” (Byron Ramos, 2017).

O fato de Dr. Byron Ramos ter sido monitor na FMS não o influenciou na decisão de seguir a docência porque, conforme nos esclareceu, ele já tinha esse sentimento antes mesmo de se formar. Frisou que teve sua primeira experiência como professor quando foi aluno de medicina:

Quando eu era estudante, naquela época, não existiam licenciaturas. Então eu ensinei Botânica no Colégio Estadual Atheneu. As escolas tinham essa necessidade, por isso os alunos de medicina ensinavam nas escolas. Mas depois que o MEC passou a exigir licenciaturas, aí, nós alunos de medicina, deixamos de lecionar. (Byron Ramos, 2017).

Resolveu trilhar na Pediatria porque, segundo ele, tinha bastante afinidade com criança e, além disso, se inspirou no pediatra e professor José Machado de Souza. A esse respeito, rememorou:

[...] na verdade, quando entrei na faculdade, eu já me sentia pediatra. O curso ocorria no Hospital de Cirurgia. Então, desde o primeiro ano, antes de ter contato com as disciplina de Pediatria, eu já me envolvia com o médico José Machado de Souza. Foi uma pessoa que eu tive uma afinidade muito grande porque, enquanto ele fazia as visitas, eu o acompanhava, mesmo sem ter feito a disciplina de Pediatria. Então foi ele que me inspirou. Tivemos outros pediatras na FMS, mas o médico que me inspirou foi ele. Ele foi muito humanista. (Byron Ramos, 2017).

Quanto ao aspecto de consorciar o ofício da medicina ao magistério, Dr. Byron Ramos nos elucidou que tinha uma relação muito próxima com as questões da educação. Quando se formou viajou para Ribeirão Preto com o intuito de fazer uma pós-graduação voltada para a capacitação de professores de Pediatria do Norte Nordeste, mantida, a época, pela Associação Americana do Norte Nordeste. “Eu tinha, e tenho, uma paixão pela educação” (Byron Ramos, 2017). Durante o período em que permaneceu em Ribeirão Preto, Dr. Byron Ramos passava o dia no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto e, por isso, recebeu o título de residência em Pediatria. Após realizar concurso público, passou a assumir a cadeira de Clínica Pediátrica na FMS, chegando a atuar, inclusive, como Diretor do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS).

O médico docente mencionou que quando retornou da residência não tinha condição financeira para montar um consultório particular, motivo pelo qual o levou a iniciar a sua carreira médica na enfermaria pediátrica do Hospital São José, antes do concurso para docente na UFS. Fez um convênio com o IPES e passou a fazer consultas em uma sala dentro do referido hospital. Depois passou a atuar na Clínica Pediátrica São Domingos Sávio (SOPED), fundada por Hyder Gurgel, na Rua Ivo do Prado. “Foi a partir desse momento que eu pensei em montar a Clínica Sobaby. Foi eu, Zé Augusto, Margarida, Luciano, Bráulio, minha esposa Marília, e mais recente a minha filha Fabíola”, afirmou Dr. Byron Ramos (2017).

A atuação do médico docente foi além dos consultórios, a exemplo de quando assumiu o Programa Saúde da Criança, do Adolescente e o Jovem (PSCAJ), pela Secretaria Municipal de Saúde. “Depois me envolvi no Conselho com pessoas deficientes, atuando no acolhimento como pediatra, no Centro de Referência da Educação Especial pelo Estado” (Byron Ramos, 2017). No entanto, o pediatra afirmou que a sua atuação em ambos os Programas ocorreu depois de sua aposentadoria da UFS, em 2008, pois não teria como conciliar a docência, o atendimento na clínica e nos Programas.

Quanto às produções científicas, o pediatra mencionou a publicação de um capítulo no livro “Tratado de Pediatria”, cujo tema foi: A visão do pediatra sobre a inclusão. Sempre participei muito de Congressos. “Ministrei muitas aulas e cursos em Congressos, participei de debates. Mas não tenho artigos científicos publicados”. (Byron Ramos, 2017). No tocante às vinculações, mencionou a atuação como Presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, por duas vezes, no entanto, não lembrou o ano; Presidente do Comitê de Saúde Escolar da Sociedade Brasileira de Pediatria; é membro de ambas as instituições.

Conforme já mencionado, aposentou-se de suas atividades docentes da UFS em 2008, no entanto, continua com o atendimento aos pequenos pacientes, na Clínica Sobaby.

Hélio Araújo Oliveira

Nasceu no dia 29 de maio de 1944, no município de Riachão do Dantas/SE. Sua mãe, Helena Araújo de Oliveira, era do lar; seu pai, Adelmo Alves de Oliveira, iniciou a atividade laborativa como artesão, depois passou a agricultor e posteriormente atuou como funcionário público. Ao perguntar a Hélio Oliveira o motivo que o levou a escolher a Medicina como campo de atuação ele nos esclareceu que a relação estava voltada para a epidemia de uma doença infectocontagiosa que ocorreu na família:

O único ponto que eu faço essa analogia é que, quando eu era criança – eu tinha uns seis anos – teve uma crise de febre tifoide na casa de minha avó. Teve um médico que cuidou dessa turma e fez um trabalho fantástico, porque naquela época não tinha antibiótico aqui em Aracaju, e tratou empiricamente. Foi o médico Bernardino Mitidieri⁷², não sei se ainda está vivo. Eu acho que é essa a relação que eu tenho. (Hélio Oliveira, 2017).

⁷² Bernardino Mitidieri nasceu no dia 24 de outubro de 1919, em Salvador/Ba. Em 1944 formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1946 mudou-se para a cidade de Tobias Barreto, em Sergipe, onde exerceu a profissão no Hospital São Vicente de Paula e no Posto de Puericultura e, em 1950, estendeu suas

Hélio Oliveira, para manter-se financeiramente, lecionou Ciências no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e no Colégio Senhor do Bomfim, enquanto discente da FMS. “Havia uma carência muito grande nessa área, não tinha professor para essa área”, asseverou Hélio Oliveira (2017). Após a sua formatura, a qual ocorreu no dia 28 de dezembro de 1969, o médico partiu para o Rio de Janeiro, pois, no dia 02 de janeiro ele deveria apresentar-se ao Hospital dos Servidores do Rio de Janeiro para iniciar a residência médica em Neurocirurgia. Dr. Hélio nos afirmou que não se inspirou em nenhum dos docentes da FMS para definir a especialização em Neurocirurgia.

A especialidade veio quando eu estava no quinto ano da faculdade e nós conseguimos um curso de férias na Universidade Federal de Pernambuco. Então fomos cinco colegas e passamos um mês no Departamento de Fisiologia fazendo a Neurocirurgia. Fiquei impressionado com o mecanismo fisiológico do Sistema Nervoso. Foi depois desse curso. (Hélio Oliveira, 2017).

Quando Dr. Hélio regressou a Sergipe, após a conclusão da residência, procurou exercer a sua especialidade médica no Hospital São José, no entanto, não obteve sucesso. O neurocirurgião nos elucidou a sua dificuldade em inserir-se no mercado de trabalho uma vez que se travava de uma especialidade nova para os sergipanos. O primeiro neurocirurgião de Sergipe rememorou:

Foi difícil. Quando eu voltei da residência eu vim com uma especialidade que ainda não tinha aqui. Passei três anos fora e quando voltei, a turma, os colegas, já estavam trabalhando. Cheguei com uma especialização nova e precisava de respaldo. Tentei no Hospital São José, mas não deu certo. Aí fui para o Hospital de Cirurgia, mas foi difícil porque era uma coisa nova. A enfermagem não estava familiarizada com aquele tipo de paciente e a quantidade de paciente era grande. E eu não tinha respaldo, nem outro colega para conversar. A parte cirúrgica é mais envolvida com hospital do que com consultório. Nunca fui chegado a consultório, mas montei durante pouco tempo. Depois encerrei e me concentrei apenas no Hospital. Depois montei novamente e fiquei por uns 20 anos, até quando me aposentei e deixei também o consultório. (Hélio Oliveira, 2017).

Dr. Hélio passou a consorciar o ofício de médico ao magistério a partir de 1974, quando passou a compor o quadro de professores da FMS. Na entrevista, quando o perguntamos o porquê de se enveredar pelo magistério, mencionou que durante a sua atuação no Hospital de Cirurgia começou a ter contato com muitos alunos do curso de medicina. “Eram alunos visitantes que iam

para ver, observar, aprender. Também tive estímulo de um amigo e professor da FMS, Fernando Felizola. Quando voltei da residência, ele me disse: ‘agora você vai dar aula de Neurocirurgia da disciplina de Cirurgia 2’’. (Hélio Oliveira, 2017). A atuação do neurocirurgião como professor durante o curso de medicina e a monitoria da cadeira de Fisiologia, em 1965, não o influenciaram na decisão de seguir a carreira docente. Dr. Hélio redimensionou o seu olhar e despertou para a docência durante o seu ofício de médico no Hospital de Cirurgia e o apoio do amigo e professor, Fernando Felizola, conforme mencionado. Na FMS ensinou Neurologia Clínica, Clínica Cirúrgica II e Propedêutica.

Na Universidade Federal de Sergipe Dr. Hélio fez carreira na área administrativa como Chefe de Departamento, membro do Conselho Universitário (CONSU), membro do Conselho do Ensino e da Pesquisa (CONEP), membro da Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD). Quando esteve como chefe de Departamento contribuiu com a criação do Hospital Universitário. Em 1977 foi aprovado no concurso para médico do INAMPS, onde permaneceu até o dia da aposentadoria. Também atuou na Secretaria da Saúde como Coordenador do Projeto de Erradicação da Poliomielite, durante oito anos.

O neurocirurgião não se afastou das salas de aula. Entre o período de 1999 a 2001 fez Mestrado em Saúde da Criança e entre 2002 e 2003 fez o Mestrado em Ciências da Saúde, ambos pela Universidade Federal de Sergipe. Quanto às produções científicas, possui 27 artigos publicados em Periódicos como, Jornal Brasileiro de Neurocirurgia, Revista Médica do Hse, Arquivos de Neuro-Psiquiatria, Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia, European Journal of Endocrinology, dentre outras revistas. Em 1989 publicou um livro, cujo título foi “Controle da Hanseníase: uma proposta de integração Ensino-Serviço”, pela Divisão Nacional de Dermatologia Sanitária do Ministério da Saúde. Publicou diversos trabalhos em Anais de Congressos e ministrou alguns cursos de curta duração. (LATTES CNPQ, 2018). A respeito das vinculações nos informou ser membro da Associação de Neurologia, da Somese, foi Conselheiro do Conselho Regional de Medicina (2007).

Dr. Hélio se aposentou da UFS em 2012.

Marco Aurélio Prado Dias

Nasceu no dia 18 de outubro de 1944, em Aracaju/SE. Ao formar-se em medicina em 1969, o filho de Natália Prado Dias e do jornalista Antonio Conde Dias, escolheu as áreas de Cirurgia Geral e Coloproctologia para especializar-se. Fundou a Sociedade Sergipana de

Coloproctologia e foi seu primeiro presidente. No quadriênio de 1985 a 1989 foi vice-presidente da Sociedade Médica de Sergipe; atuou como coordenador da Perícia Médica do INSS; foi Diretor do Posto Médico do INAMPS; presidiu a Fundação Hospitalar de Sergipe e o Instituto Parreiras Horta; foi Secretário de Estado da Administração. Na área política, assumiu a Secretaria de Estado da Educação por duas vezes; a primeira no governo de governos de Antonio Carlos Valadares (1987-1991) e a segunda, na gestão de João Alves Filho (1991-1995). Foi escritor e compositor. Na FMS, atuou como professor das disciplinas de Anatomia e Clínica Cirúrgica até se aposentar em 2006. Quanto às vinculações, foi fundador e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional Sergipe (SOBRAMES); membro titular da ASM, onde ocupou a cadeira 39, cujo patrono foi o médico João Gilvan Rocha (SANTANA *et al.*, 2009). Quanto à trajetória do médico Marco Aurélio, Dr. Lúcio Prado, seu irmão, rememorou:

Desportista desde a juventude, teve uma vida intrinsicamente ligada à Associação Desportiva Confiança, no qual começou como médico e chegou a exercer a presidência do clube por mais de uma vez. Também presidiu o Clube de Pesca de Sergipe, o Clube dos Médicos e participou de festivais de música e de cinema, com composições próprias e documentários sobre temas relevantes da história de Sergipe, a exemplo dos filmes sobre Tô Te Ajeitando, Padre Pedro, Igreja de Itaperoá. (DIAS, 2012, p.1).

O médico docente Marco Aurélio faleceu aos 68 anos de idade, no dia 23 de setembro de 2012, na capital sergipana.

Marília de Oliveira Ramos

Nasceu no dia cinco de novembro de 1946, no município de Santa Rosa de Lima/SE. Seus pais, Francisca Souza de Oliveira e Manoel Freire de Oliveira, eram comerciantes. Marília de Souza teve sua primeira experiência docente quando ainda era aluna de medicina, ao lecionar as cadeiras de Física e Química no Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

Após a colação de grau, viajou para Ribeirão Preto com a finalidade de realizar uma pós-graduação direcionada para o aperfeiçoamento e a habilitação para docentes na área da Pediatria. O curso era mantido, a época, pela Associação Americana do Norte Nordeste. Durante o período em que permaneceu em Ribeirão Preto, Dra. Marília de Oliveira passava o dia no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto e, por isso, recebeu o título de residência em Pediatria. Ao retornar da residência, passou a atuar na enfermaria pediátrica do Hospital São José.

Após realizar concurso público, passou a assumir a cadeira de Anatomia na Faculdade de Medicina de Sergipe durante 10 anos. Depois de uma década deixou a carreira docente na UFS em virtude da aprovação no concurso para o INSS. Também participou da fundação da Clínica Sobaby, como sócia, além de atuar como pediatra durante muitos anos.

Hoje a médica Marília de Oliveira encontra-se aposentada do INSS. Recentemente deixou o atendimento clínico da Sobaby, concentrando-se apenas na Clínica da Hapvida.

FORMADOS EM 1970

Francisco Prado Reis

Nasceu no dia quatro de maio de 1944, em Aracaju/SE. O filho de Izaura Prado Reis e de Orlando Francisco Reis, sempre teve fascinação em conhecer o funcionamento e as alterações (doenças), do corpo humano, afirmou. Segundo Francisco Reis (2017), "Notei aptidão para tal e fiz a escolha, sem olhar para outras motivações". Foram esses os aspectos, portanto, que o levaram a enveredar pela Ciência Médica. Como observamos nos demais perfis, ensinar no ginásio enquanto estudante de medicina era uma prática comum e não foi diferente com Francisco Reis, que atuou como professor em vários colégios de Aracaju, a exemplo do Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Ao perguntá-lo o motivo que o levou a direcionar os seus olhares para o magistério, nos esclareceu que: "Algo que sempre me encantou: transmitir conhecimento. Creio que não só a medicina, mas em qualquer carreira não há melhor maneira de aprender se não ensinando" (Francisco Reis, 2017).

O médico mencionou que exerceu a profissão médica sem ter realizado especialização e que a formação real em todos os níveis da pós-graduação foi voltada para o exercício da docência. Através de concurso público, passou a assumir a cadeira de Anatomia Humana com concentração em Neuroanatomia. Dr. Francisco Reis iniciou a sua vida profissional em 1971 e afirmou que teve dificuldades em se inserir no mercado de trabalho. Não montou consultório particular, pois escolheu direcionar a sua atuação para clínicas e hospitais. A respeito da sua trajetória acadêmica e profissional, o médico nos relatou o seguinte:

Em 1971 atuei em Aracaju como médico e em 1972 me desloquei para São Paulo, onde realizei meu mestrado e doutorado em Anatomia, voltando em 1977, quando passei a me dedicar à docência na Universidade Federal de Sergipe e a trabalhar no Instituto Médico Legal que tive o privilégio de implantar, como seu diretor. (Francisco Reis, 2017).

Também foi Diretor do Instituto de Criminalística da SSP/SE, conforme mencionado; Chefe do Departamento de Morfologia da UFS; Médico responsável pelo Departamento Médico do Centro de Educação Física e Desportes da UFS (1971-1972); Chefe da Assessoria Setorial de Planejamento na Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia (1987-1989); Coordenador do Curso de Medicina da UNIT. Com relação às vinculações, é Membro da Sociedade Brasileira de Anatomia, Membro da Academia Sergipana de Medicina, Membro da Academia Nacional de Medicina Legal, Membro da Sociedade Brasileira de Medicina Legal e Membro da Associação Brasileira de Escolas Médicas.

Dr. Francisco Reis participou de vários Congressos, Conclaves e Seminários, além de publicar diversos artigos científicos em revistas nacionais e internacionais, tais como: Revista das revistas Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões; Revista Ciências Médicas e Biológicas; Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil; International Journal of Anatomy and Research; International Journal of Morphology; International Journal of Psychiatry in Clinical Practice, dentre outras. Possui três livros publicados/organizados ou edições; sete capítulos de livros, artigos publicados em jornais e em Anais de eventos, dentre outras atividades. (LATTES, CNPQ, 2018).

O médico docente encontra-se aposentado, no entanto, frisou que continua atuante na área da pesquisa.

Henrique Batista e Silva

Nasceu no dia sete de novembro de 1943, em Aracaju/SE. O filho de Carmelita Barbosa Silva e do funcionário público, Abdias Batista e Silva, nos relatou que não houve influência dos seus pais quanto a sua preferência pelo campo da medicina. “Acho que foi mais vocação”, afirmou Henrique Silva (2017). O fato de consorciar o ofício de médico ao magistério ocorreu naturalmente. Naquela época, segundo o médico, estava havendo abertura de novas Faculdades, havia demanda e se tinha a concepção de que um bom médico seria um bom professor. Emocionado, Dr. Henrique Silva rememorou a figura do médico que o inspirou na FMS:

Entre 1968 e 1970 me identifiquei muito com o professor José Augusto Soares Barreto, ele foi meu exemplo. No terceiro ano do curso passei a acompanhar esse médico. Cardiologista, me serviu de exemplo e estímulo. Íntegro, culto, estudioso. Naquela época aprendíamos acompanhando os professores. José Augusto Soares Barreto foi elemento decisivo para eu tomar essa decisão. Por

tudo que ele era, pela dedicação, pelo exemplo, pela figura de médico que ele era e que eu queria ser (Henrique Silva, 2017).

Para Dr. Henrique Silva, o consórcio das duas profissões era algo indissociável e que muitos outros médicos também foram professores. “Quando fundou a FMS, tinha essa concepção, o consórcio de médico com a docência. Eu fui imerso nesse contexto, era algo sentido, foi natural. As oportunidades foram surgindo” (Henrique Silva, 2017). O fato de ele ter sido monitor de Fisiologia não o influenciou na carreira docente, pois, segundo o médico, “[...] antes eu já tinha o sentimento de ser professor”.

O médico realizou o concurso para a FMS no ano de 1975, assumindo, primeiramente, a cadeira de Fisiologia Geral e depois a cadeira de Clínica Médica. Quando houve a divisão das especialidades, assumiu a cadeira de Cardiologia, com outros colegas, e a cadeira de História da Medicina. No tocante a sua especialização, Dr. Henrique Silva nos esclareceu que foi aprovado no concurso da Sociedade Brasileira de Cardiologia e, por isto, recebeu o título de especialista em Cardiologia. A partir desse momento, passou a atuar somente nesta área. O interesse na cardiologia fez com ele conquistasse o título de Mestre em Medicina na área de concentração da Cardiologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1978. Doutorou-se em Bioética pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, cuja pesquisa da tese foi: Individualismo e Coletivismo na Prática Médica: Aspectos Biométricos. Quanto a sua atuação clínica no mercado de trabalho, Dr. Henrique Silva mencionou que não teve dificuldade em se inserir na área médica. Afirmou:

Sempre fui muito humanístico, a parte nobre da medicina. Eu atendia bem os pacientes. Sempre tive as portas abertas e muitos clientes. Mesmo porque, tinha aquela história, você ser professor da Universidade lhe credenciava, era um diferencial... Eram pessoas de prestígio! (Henrique Silva, 2017).

Em resumo, Dr. Henrique Silva nos relatou a sua trajetória: Médico do Ministério da Saúde; Médico do Serviço de Urgência INAMPS: Ambulatório de Cardiologia e Auditoria Médica; Médico do Corpo Clínico do Hospital São Lucas; Médico Componente de Setor de Métodos Gráficos do Hospital São Lucas; Componente do serviço Médico da Federação das Indústrias do Estado de Sergipe. Entre 1971 e 1973, atuou como componente do Corpo Clínico do Pronto Socorro do Hospital Cirurgia; 1971 e 1975, componente do Corpo Clínico do Hospital São José; 1972 a 1979, médico componente da Unidade Coronariana do Hospital da Sociedade

Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro; em 1977 como Diretor do Serviço de Urgência do Hospital São Lucas; em 1978, Chefe do Departamento de Medicina Interna Patologia da UFS; de 1981 a 1984, Diretor do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UFS; de 1985 a 1989, Secretário Adjunto da Secretária da Saúde do Estado de Sergipe; de 1989 a 1990, Presidente da Fundação Hospitalar de Sergipe; de 1991 a 1992, Presidente da Sociedade Sergipana de Cardiologia; de 1983 a 1985, Vice-Presidente da Sociedade Médica de Sergipe; de 1997 a 1999, Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Psicossomática - Regional Aracaju; de 1999 a 2002, Diretor Clínico do Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe; de 2000-2004, Presidente do Conselho Diretor da Universidade Federal de Sergipe, dentre outras atuações.

O médico docente é Membro da Academia Sergipana de Medicina, Membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina, Membro da Sociedade Sergipana de Cardiologia, Membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional Sergipe. Participou de mais de 73 Congressos, Simpósios e Seminários. Foi Coautor do livro “Controle da Hipertensão Arterial – Uma proposta de integração Ensino-Serviço”; autor do livro “A História da Medicina em Sergipe” (2006); e publicou mais de 14 trabalhos em eventos científicos.

Hoje, Dr. Henrique Silva é médico aposentado do Ministério da Saúde e professor aposentado da Universidade Federal de Sergipe. Na atual gestão, é Secretário-Geral do Conselho Federal de Medicina (CFM).

Maria Helena Domingues Garcia

Nasceu no dia 26 de julho de 1945, em Aracaju/SE. Filha de Helena Domingues Garcia e Carlos Garcia. Em 1965 Maria Helena ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, no entanto, recebeu o título de médica pela UFS no ano de 1970. Após dois anos de sua formação viajou ao Rio de Janeiro para especializar-se em Anestesiologia no Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro/RJ. No referido hospital atuou como anestesista entre os anos 1973 a 1975. Ao retornar a sua cidade natal, em 1975, passou a fazer parte do corpo clínico do Hospital de Cirurgia, e, a seguir, do Hospital da Polícia Militar, Hospital São Lucas e do Day Hospital da Clínica Diagnose. Após realizar avaliações escrita e oral, em novembro de 1980, conquistou o título de especialista em Anestesiologia, conferido pela Associação Médica Brasileira e a Sociedade Brasileira de Anestesiologia (SBA). Nesta mesma área, passou a atuar, entre 1986 a 1989, no Hospital Governador João Alves Filho. Organizou e coordenou, em 1977,

o serviço de cirurgia Cardiorácica de Sergipe, além de ter atuado como anesthesiologista dessa instituição. Foi sócia fundadora, anesthesiologista, organizadora e coordenadora do serviço de Anesthesiologia do Hospital do Coração, desde a sua fundação, em maio de 2004. Passou a atuar como professora auxiliar do Departamento de Medicina da UFS a partir de novembro de 1991. Realizou mestrado em Ciências da Saúde pela UFS, obtendo o título em julho 2005. Em 15 de abril de 2009 tomou posse na cadeira 23 da ASM, que tem como patrono o médico Juliano Calasans Simões. (SANTANA *et al.*, 2009).

A médica docente participou de vários Congressos, Conferências, Encontros e Simpósios, não somente como ouvinte, mas, também, como conferencista e coordenadora de Mesa Redonda, além de ter ministrado cursos durante os eventos científicos. Manteve publicação científica durante a sua atuação médico docente desde o ano de 1969, seja em jornais, revistas e Anais de Congressos. (LATTES CNPQ, 2018).

Maria Helena Domingues Garcia trabalhou na UFS por mais de 20 anos. No dia 13 de abril de 2015 faleceu em sua residência, em Aracaju, vítima de infarto.

Sonia Maria Lima Santana Macena

Nasceu no dia primeiro de março de 1945, em Aracaju/SE. Sua mãe, Regina Melo de Lima, era tecelã; o pai, Rosalvo Alexandre de Lima, era Auditor Fiscal no município de Frei Paulo. Ao questionarmos Sonia Maria Macena a respeito da sua escolha pela Medicina ela nos esclareceu que, durante as aulas de Biologia, no ginásio, gostou de algumas demonstrações e experimentos realizados pelo professor. “Ele [o professor] aqueceu enxofre e transformou uma substância sólida em gasosa. O enxofre aquecido virou um gás colorido. Isso me encantou”, rememorou Sonia Maria Macena (2017). O encantamento pelos experimentos a levou a pensar em fazer o curso de Química, no entanto, o pai a orientou que não seguisse por esse caminho, pois, para o exercício da profissão, a médica atuaria no campo. “Eu não tinha vocação para medicina, foi mais orientação e atender os desejos do meu pai. Fui fazer medicina e lá me identifiquei”, afirmou Sonia Maria Macena (2017).

Durante o curso de medicina, Sonia Maria Macena ministrou aula de Biologia no Colégio Estadual Atheneu Sergipense. “Na minha época, quase todos os meus amigos ensinaram. Precisávamos de dinheiro para nos manter, nossa realidade era outra” (Sonia Maria Macena, 2017). Também foi monitora da cadeira de Histologia e depois de Patologia. Para a médica, a

monitoria era um processo importante, uma vez que se configura como um treinamento para a formação médica. A respeito da especialização médica e do consórcio da profissão ao magistério, a entrevistada nos esclareceu:

Escolhi muito precocemente essa especialidade, a de patologista, anato patologista. Essa escolha foi também por influência. Influência de um professor, um excelente professor. Era Piva. Então uma amiga e eu procuramos por ele e dissemos que queríamos fazer patologia, sem ainda ter visto a disciplina. Mas ele disse: 'Não. Ainda está cedo para escolher'. O namorado dessa minha amiga era ciumento, o meu também era, aí pensei assim: patologista não dá plantão, não tem urgência...então era o ideal para a gente. Passamos a estudar Patologia. Cursamos com essa intenção. Quando terminou o curso eu não podia sair, não tinha condição financeira de sair. Eu precisava trabalhar. Fiz o concurso para a Universidade. A princípio, eu não tinha nenhuma vocação para o ensino. Mas a tendência de quem fazia Patologia era ser professor. Mas eu era muito tímida, e ainda sou! Fiz curso de dicção para perder a timidez e encarar o público, que eram os alunos. (Sonia Maria Macena, 2017).

Em 1971 Sonia Maria Macena fez o concurso e passou a compor o quadro docente da FMS. Lecionou Processos Patológicos Gerais, para alunos dos cursos de Medicina e Odontologia; Patologia Especial, disciplina optativa ofertada somente para os alunos de Medicina. Relatou-nos que, no início da carreira, ministrou Histologia, até chegar uma professora para assumir a disciplina. Para aperfeiçoar-se na prática e nos experimentos laboratoriais, desenvolvidos com os seus alunos, Sonia Maria Macena fez um curso de 15 dias em Alagoas. “Era um professor muito bom, e voltei com conhecimentos a mais sobre experimentos laboratoriais”, afirmou a patologista. A médica ainda lecionou, extracurricular, Citologia e Colposcopia.

Enquanto atuava como docente na FMS, Sonia Maria Macena exercia a sua profissão no laboratório de Patologia do Hospital de Cirurgia, segundo ela, influenciada por Dr. Piva. “Nestor Piva me orientou, me ensinou muito, me ensinou a conduzir um laboratório, os aspectos técnicos, científicos e éticos da profissão”, relatou a médica. Após três anos de atuação docente, a patologista foi fazer mestrado na Faculdade de Medicina da Bahia defendendo em 1977. Passou um ano fazendo necropsia, aos fins de semana, em Salvador.

Segundo Sonia Maria Macena, “Na década de 1980 vislumbramos algo que ia além da UFS”. Dr. Piva viu a necessidade e a oportunidade de fundar o próprio laboratório de Patologia, na condição de instituição privada, juntamente com três ex-alunas e médicas: Sônia Maria Macena, Maria do Carmo e Ildete Soares, dentro das instalações do Hospital São Lucas. A

sociedade se dissolveu em outubro de 1990, após dez anos de funcionamento do laboratório, porém, segundo a patologista, foi mantido com o mestre e amigo, Dr. Piva, uma convivência de respeito e amizade, além dos frequentes encontros para a discussão de casos patológicos. Além da atuação docente e laboratorial, Sônia Maria Macena atuou como Citopatologista no Instituto de Previdência do Estado de Sergipe (IPES) e gerenciou o Serviço de Prevenção de Câncer da Secretaria da Saúde.

Quanto às publicações científicas, a patologista nos relatou que participou de eventos como, congressos, seminários e que ministrou cursos. “Tenho alguns trabalhos publicados, mas eu não sou científica, não gosto. Nem todo mundo nasceu para ser professor, nem todo mundo nasceu para ser pesquisador. Não é obrigatório ter os dois ramos ligados”, afirmou Sônia Maria Macena (2017).

A médica docente se aposentou das suas atividades docentes na UFS em 1992, mas, por falta de professor na sua área de atuação, voltou através de concurso para professor substituto, e exerceu o ofício de professora por mais dois anos. Sônia Macena continua atuando no campo da Patologia na Clínica SOLIM Medicina Diagnóstica, fundada por ela em 1991.

FORMADOS EM 1971

Antonio Fernando Dantas Maynard

Nasceu no dia primeiro de maio de 1943, em Laranjeiras/SE. O filho de Raquel Dantas Maynard e de Ulysses Maynard atuou, antes de se enveredar ao campo das Ciências Médicas, como repórter da Gazeta de Sergipe, como taquígrafo da Câmara de Vereadores de Aracaju e como docente da cadeira de Biologia do Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Em 1966 ingressou na Faculdade de Medicina de Sergipe, pela qual foi diplomado em 1971. Escolheu especializar-se em Urologia, motivo que o levou ao Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, e lá atuou como médico-residente em Urologia. Doutorou-se em 1981 pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/SP.

Na capital sergipana desenvolveu intensa atividade como urologista tendo realizado, inclusive, o primeiro transplante renal de Sergipe, no dia 26 de outubro de 1985, no Hospital São Lucas. Foi o primeiro médico do Norte/Nordeste a realizar esse tipo de cirurgia. Durante a sua atuação médica realizou 23 transplantes.

Presidiu a Sociedade Brasileira de Urologia (Regional de Sergipe), foi membro fundador da Academia Sergipana de Medicina, foi membro titular da American Urological Association (Estados Unidos) e do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Foi professor titular de Urologia da FMS, Chefe de Departamento de Medicina da UFS e Diretor do Hospital Universitário. Em 1980, através de concurso público, passou a atuar no INAMPS. Vítima de um câncer linfático, faleceu no dia 24 de março de 1998, aos 55 anos de idade, em Aracaju. (SANTANA *et al.*, 2009).

José Geraldo Dantas Bezerra

Nasceu no dia 29 de setembro de 1946, em Aracaju/SE. Sua mãe, Cacilda Dantas Bezerra; e o pai, José Bezerra, professor e Juiz de Direito de Itabaiana, mudaram-se para esta cidade em 1957, quando José Geraldo ainda tinha os seus 10 anos de idade. Decidiu pela Medicina quando ainda era criança. O motivo? “[...] a tragédia da minha tia avó que morreu com câncer de mama, em 1952. Eu tinha seis anos de idade. Daí demarquei o terreno. Meu terreno é medicina e vou adiante”, nos relatou Geraldo Bezerra (2017), como é chamado por seus colegas.

Ingressando na FMS passou a acompanhar o médico e professor Oswaldo Leite, considerado o primeiro oncologista de Sergipe que, em 1959, começou o tratamento radioterápico do câncer no Estado. Durante o curso de medicina, Geraldo Bezerra procurou conciliar os estudos com as atividades docentes no Colégio Estadual Atheneu Sergipense e no Colégio Estadual Jackson de Figueiredo, ensinando Física em ambas as escolas. No cursinho preparatório chamado ENGEQUIME (Engenharia, Química e Medicina), do professor Marcos Pinheiro, ensinou Biologia até quando se formou médico.

No ano de 1972, após a conclusão do curso médico, Geraldo Bezerra foi realizar a sua residência médica em Oncologia e Hematologia no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, onde atuou como Chefe Geral da Residência. Quando voltou do Rio de Janeiro montou consultório particular no Hospital São José, o segundo oncologista de Sergipe iniciou o serviço de quimioterapia no estado. Quando o questionamos acerca da inserção no mercado de trabalho, o médico nos relatou uma síntese de sua trajetória:

Naquela época para fazer tratamento de quimioterapia, eu tinha que internar o paciente no hospital porque não havia o atendimento ambulatorial para esses pacientes. Sou eu que abro em 1980, um ambulatório de oncologia no INPS na Rua Bahia, hoje CEMAR. Fui o único que passei na prova. Passei em Hematologia e Oncologia, mas preferi ficar apenas com Oncologia porque o

meu outro lado era a Universidade. Eu ensinava, tinha obrigação de horário, não daria para conciliar. (Geraldo Bezerra, 2017).

Também atuou como oncologista no Hospital Santa Isabel e no Hospital de Cirurgia; trabalhou durante oito anos como médico do trabalho na fábrica de cimento do grupo Votorantim, até 1983; atuou no Centro de Oncologia do Hospital Governador João Alves Filho, após a extinção do INAMPS; foi professor de Biologia Geral do Colégio de Aplicação da UFS; foi Presidente do Hemocentro no período de 1989 a 1991, na gestão do Governo de Antônio Carlos Valadares (1987-1991); atuou na Associação dos Voluntários a Serviço da Oncologia em Sergipe (AVOSOS), cujo Centro de Oncologia leva o seu nome. Geraldo Bezerra iniciou a carreira de magistério na FMS a partir de 1975, ano que passou a compor o quadro docente da instituição, assumindo a disciplina de Genética Médica. Ao indagá-lo o motivo de consorciar o ofício de médico ao magistério, o médico docente nos esclareceu:

Acho que é hereditário. Eu venho de uma família de professores. A tia que criou o meu pai era professora e tinha uma escolinha lá em Japoatã. Meu pai foi professor, uma tia minha é professora, tenho uns três ou quatro primos, no Rio de Janeiro, que são professores. O magistério está enfiado em nosso DNA. Eu fui o primeiro médico da família. Eu sempre tive amor ao Magistério. E já estava ensinando Biologia no Colégio Aplicação quando veio à oportunidade, quando criaram a cadeira de Genética e Evolução. (Geraldo Bezerra, 2017).

Geraldo Bezerra fez especialização em Medicina do Trabalho (1974-1975), pela Universidade Federal de Sergipe; especialização em Saúde Pública (1994-1995), pela Universidade Federal de Ribeirão Preto; fez Mestrado em Desenvolvimento e meio ambiente (1995-1997) pela Universidade Federal de Sergipe, cujo tema de pesquisa foi “Câncer e meio ambiente: Um Estudo epidemiológico no Baixo São Francisco”. (LATTES CNPQ, 2018). Durante a sua trajetória profissional pesquisou sobre o câncer de mama em Sergipe. Afirmou-nos durante a entrevista que está em fase de conclusão das tabelas, catalogando os dados e informações, para publicar em forma de livro. Trata-se de estudos de 1255 casos, durante o período de 1980 a 2014.

Participou, como ouvinte e/ou palestrante, de diversos Congressos, Seminários, Conferências, dentre outros; além disso, apresentou 23 trabalhos em eventos científicos. Publicou artigos em Periódicos como, por exemplo, a Revista Médica do HSE e a Revista Médica do Hospital dos Servidores do Estado. (LATTES CNPQ, 2018). Quanto às vinculações, é membro

da Sociedade Brasileira de Cancerologia; da Associação Brasileira de Hematologia e Hemoterapia; da SOMESE; da Associação Médica Brasileira; da ASM, onde ocupa a cadeira nº 10; membro da Academia Maçônica de Artes, Ciências e Letras; do Movimento de Apoio Cultural Dr. Antonio Garcia Filho Cultural.

Geraldo Bezerra está aposentado de suas atividades médico docente, dedicando-se à leitura e ao estudo dos 1255 casos de câncer de mama, o qual será publicado em forma de livro, conforme mencionado.

FORMADOS EM 1972

João Antonio Macedo Santana

Nasceu no dia três de outubro de 1945, no município de Arauá/SE. Seus pais, Helena Macedo Santana e Antonio Fagundes Santana, eram comerciantes e fazendeiros. João Macedo nos relatou que escolheu o campo da medicina porque sentiu que a sua vocação era ser médico. “Eu sempre quis ser médico. Meu pai sempre foi doente e quando criança, falei: vou ser médico para cuidar do senhor”, afirmou. Antes de prestar o vestibular para medicina, João Macedo realizou um teste vocacional. Foram dois dias de entrevistas e avaliações e, ao final, o resultado apontou que a vocação seria para Engenheiro. Surpreso com o resultado do teste, indagou: “Mas eu quero é ser médico” (João Macedo, 2017). E assim fez.

Durante o curso de medicina João Macedo foi monitor das cadeiras de Fisiologia e de Farmacologia. Segundo ele, a monitoria o influenciou ou o despertou para o ensino. Além disso, atuou como docente no Colégio Estadual Atheneu Sergipense nas cadeiras de Biologia e de Ciências Biológicas, durante o período de 1967 a 1968. Quando o perguntamos o porquê de consorciar a medicina ao magistério, o médico rememorou:

No segundo ano, me chamou a atenção à endocrinologia, e segui o caminho. Quando fui monitor descobri um curso de férias de Fisiologia Humana em Ribeirão Preto e fui fazer, durante 40 dias. De 7h da manhã às 22h. Curso intensivo, muito bom. Quando terminei, percebi o gosto pelo ensino. Sedimentou mais a minha vocação e a minha vontade de ensinar. (João Macedo, 2017).

Após a conclusão do curso, em 1972, João Macedo montou o seu consultório particular. No ano seguinte foi aprovado no concurso para docente e passou a compor o quadro da FMS. No entanto, permaneceu com o sentimento de se enveredar pela Endocrinologia, fato que o levou à

Universidade do Estado de Nova York/USA, no Upstate Medical Center Hospital, em Syracuse, e realizou a especialização durante o período de Julho de 1973 a Janeiro de 1975. João Macedo ganhou uma bolsa de estudos e se afastou temporariamente da FMS para realizar a especialização no exterior. Anos depois, especializou-se também em Medicina Nuclear, pelo Instituto de Pesquisa Energética e Nuclear da USP (IPEN). Nas especialidades de Endocrinologia e de Medicina Nuclear, ele foi pioneiro no Estado de Sergipe.

A sua trajetória profissional e atuação foi além dos consultórios e das salas de aulas. Quando regressou da especialização, em 1975, retornou as suas atividades docentes na Faculdade de Medicina de Sergipe, assumindo as cadeiras de Fisiologia Humana, Endocrinologia e Medicina Nuclear. Atuou como médico endocrinologista pelo antigo INPS, atual SUS; em 1977 fundou a Clínica de Medicina Nuclear Endocrinologia e Diabetes (CLIMEDI), em Aracaju; ocupou por três vezes a direção da Avenida Internacional; foi líder da equipe IGE para o Estado de Massachusetts e Rhode Island, USA, no ano de 1995; foi Presidente do Rotary Clube Aracaju – Norte, no Ano Rotário 2004-2005; em 1985 criou a Fundação CLIMEDI Assistência Social.

Quanto às vinculações, atualmente o médico João Macedo é Membro da Academia Sergipana de Medicina, ocupando a cadeira de número 39 do sodalício, cujo Patrono foi João Gilvan Rocha, e fundador Marcos Aurélio Prado Dias; Membro Titular da Academia Brasileira Rotária de Letras, localizada no Rio de Janeiro; Membro Titular do Colégio Brasileiro de Radiologia; Membro da Sociedade Brasileira de Medicina Nuclear e Imagem Molecular; Membro da Sociedade Brasileira de Densitometria Óssea; Membro da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia; Membro da Society of Nuclear Medicine e Radiological Society of North America; Membro do Rotary Clube Aracaju Norte.

João Macedo publicou vários trabalhos científicos em revistas nacionais como, *Jornal da Imagem*, *Jornal de Obstetrícia e Ginecologia*, *Revista Radiologia Brasileira* médicas, além de publicação nas revistas estrangeiras: *Journal of Obstetrics and Gynecology*, *Journal of Pediatrics*, *Pediatrics Research*, *Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism*. Colaborou na edição do livro “Endocrine and Genetic Diseases of Childhood and Adolescence” e publicou os livros: “O ABC da Medicina Nuclear em Endocrinologia”; “Spect Cerebral: um Manual de Cardiologia Nuclear”; “Osteoporose: Diagnóstico e Tratamento”. Lançou, em 2007, o livro “Filosofando”; em 2013, “Medicina Nuclear: 35 anos de História em Sergipe”; e em 2015, “Minha experiência como Presidente de um Clube Rotário”. (João Macedo, 2017).

O médico docente João Macedo se aposentou da UFS no ano de 2007, no entanto, continua clinicando na CLIMED.

Maria Izabel Maynard Pereira Oliveira

Nasceu no dia 23 de novembro de 1946, em Maruim/SE. A filha de Cecília Maynard Pereira e do médico Alcides Alves da Silva Pereira, nos relatou que encontrou na figura do pai a motivação para atuar no campo da Medicina: “Meu pai era médico e eu admirava muito como ele exercia a medicina, com muita vocação. Isso me inspirou desde muito cedo”, afirmou Maria Izabel Oliveira (2017).

Quando aluna do curso de Medicina, Maria Izabel Oliveira atuou na monitoria de duas disciplinas: Histologia e Processo Patológicos Gerais. Na entrevista, a médica nos afirmou que o seu foco era ser médica e que não cogitou a ideia de atuar no magistério. “Mas quando me formei, eu ia sair para fazer especialização. Foi quando surgiu concurso para professor de Histologia, porque o professor titular, que era Piva, estava se afastando. Então, mesmo sem o dom para a docência, fiz o concurso e passei”, afirmou Maria Izabel Oliveira (2017). A médica passou a compor o quadro da FMS em 1973, em regime de dedicação exclusiva. Ao começar a lecionar e exercer o ofício de professora, Maria Izabel Oliveira descobriu que realmente gostava de ensinar e que se sentia mais vocacionada para o ensino do que para o exercício da medicina. Além de assumir a cadeira de Histologia, a médica atuou nas áreas afins como Citologia e Embriologia Humana, quando havia necessidade a exemplo da falta de professor na área básica do curso.

Maria Izabel Oliveira nos esclareceu que não se inspirou em nenhum dos professores da FMS, pois a sua tendência já era, desde então, mais laboratorial do que clínica. A médica patologista se aposentou da Universidade Federal de Sergipe em 1997, mas, voltou como professora substituta e ficou na docência por mais oito anos. Quanto às publicações, nos afirmou que sempre desenvolveu pesquisas básicas, em laboratórios, mas que não as publicou. Participou de vários eventos científicos, como ouvinte.

Max Rollemberg Gois

Nasceu no dia dois de julho de 1949, em Aracaju/SE. Sua mãe, Célia Rollemberg Gois, era do lar; seu pai, José Prata Gois, era comerciante. Max Gois nos relatou em entrevista que a

sua opção pela Medicina não foi motivada por influência familiar e que não havia médicos na família. O jovem gostava de Biologia, fato que o levou a se aprofundar na disciplina.

Durante o curso, Max Gois foi monitor das cadeiras de Oftalmologia e de Otorrinolaringologia e nos mencionou que já viajava para o Rio de Janeiro a fim de aprofundar os seus conhecimentos na área da Oftalmologia, ramo da medicina que escolheu para atuar profissionalmente. “Gosto muito de matemática e física. Acho que por isso escolhi Oftalmologia dentro da medicina, porque a gente usa muita física e matemática”, afirmou Max Gois (2017). Eram cursos intensivos realizados no mês de janeiro pelos oculistas associados e patrocinados pela Sociedade Brasileira de Oftalmologia (SBO). Em relação aos cursos intensivos, o médico nos esclareceu que estes “Duravam de 30 a 45 dias. Cursos muito bons e melhores do que alguns que eu fiz em Paris e na Rússia, por exemplo,” (Max Gois, 2017). Afirmou-nos que fez alguns estágios em hospitais do Rio de Janeiro e que foram vários os cursos de especialização realizados pela SBO. Após a conclusão do curso, Max Gois retornou ao RJ para especializar-se pela Sociedade Brasileira de Oftalmologia. Quanto as suas idas ao RJ e vindas a capital sergipana e a sua inserção no mercado de trabalho, rememorou:

Quando me formei fui para o RJ. Quando voltei fui para o Hospital de Cirurgia como estagiário (médico interno) e quem fazia a parte de oftalmologia era eu. Porque o médico Juliano estava se aposentando. Dr. Lauro era Presidente da Fundação. E eu tinha esses intervalos de ir ao RJ beber mais conhecimento teórico para trazer para cá. Minha formação foi feita aos poucos. Me lembro que fui para o Hospital da Lagoa, no RJ, onde conheci o médico Jorge Abud. Ele fazia cirurgia como ninguém, mas não sabia fazer refração. E eu fazia refração muito bem. Então eu ensinei para ele como fazer refração e ele me ensinou a fazer cirurgia. Passei frequentando uns dois meses o hospital. E saí fino em cirurgia de catarata, cirurgia de estrabismo com novas metodologias. Fiz várias cirurgias com Abud. Apreendi muito a parte cirúrgica com ele. E naquela época a gente aprendia assim. (Max Gois, 2017).

Em 1973 fez concurso para a FMS, mas tomou posse apenas em 1974 assumindo a cadeira de Clínica Cirúrgica Oftalmológica. Ao questionar ao oftalmologista o porquê de consorciar o ofício de médico ao magistério, Max Gois nos elucidou que: “O magistério permite que você se atualize o tempo todo. Não que eu não fosse me atualizar, mas é que, quando aluno, eu gostava de dar aula. Quando um professor me chamava para dar uma aula prática, por exemplo, eu gostava”, afirmou Max Gois (2017). Afiançou que o fato de ter sido monitor

também o influenciou na decisão de seguir a carreira docente. Em 1973 o médico já havia montado o seu consultório particular. A carga horária docente de Max Gois era de 20 horas na FMS, o que favoreceu a atuação clínica. O médico docente nos afirmou que não teve dificuldade em se inserir no mercado de trabalho, pois:

[...] naquela época era tudo novidade. Aqui não tinha. Muita coisa fui eu que trouxe, como tonometria de aplanção; a cirurgia de catarata com o microscópio; tonografia, que ninguém fazia, inclusive no Norte Nordeste, e eu fazia aqui. Angiofluoresceinografia, por exemplo, em 1974, eu já fazia aqui. Então não tive muita dificuldade não. (Max Gois, 2017).

Em 1974 o oftalmologista fez um curso de lente de contato no Rio de Janeiro, “[...] era o Centro Cultural Brasileiro na parte de medicina em oftalmologia”, Max Gois (2017). O curso mencionado foi realizado com o médico Paulo Augusto Arruda. Max Gois foi o primeiro médico a trazer para Sergipe as pequenas lentes graduadas, cujo objetivo é corrigir erros refrativos da visão. Segundo o médico docente, “Foi um sucesso, porque antes as pessoas iam para Salvador e RJ para fazer, colocar lentes de contato”, afirmou Max Gois (2017).

A partir de 1986, quando já fundada a Sociedade Norte Nordeste de Oftalmologia, começaram a convidar Max Gois para ministrar palestras e cursos em diversos Congressos. “Em 1989 fui para a Rússia fazer um curso e depois disso, passei a ser muito prestigiado. Fui convidado como professor e esse curso foi muito bom”, assegurou Max Gois (2017). O oftalmologista também realizou cursos no Instituto Bascom Palmer, nos EUA; no Instituto Barraquer de Barcelona, do qual é Membro; em Paris; na Sociedade de Medicina de Oftalmologia do Rio de Janeiro, já mencionado, dentre outros.

Quanto à participação em eventos e às publicações científicas, Max Gois afirmou que participou de vários Congressos, Simpósios e Seminários, seja como ouvinte, palestrante ou ministrando cursos. Apresentou vários trabalhos e, dentre os publicados, nos ressaltou “A biótica da córnea e da lente de contato de usuários”, pelo qual foi premiado. Acerca dos eventos, rememorou:

O primeiro grande congresso que participei foi no ano de minha formatura, em 1972, o 2º Congresso Luso-Hispano-Brasileiro de Oftalmologia que foi realizado no Rio de Janeiro, no Copa Cabana Palace. Em 1976 fui a um Congresso Internacional de Oftalmologia, o Luso-Hispano de Oftalmologia, em Barcelona, onde fiz um curso básico de oftalmologia no Instituto Barraquer. (Max Gois, 2017).

O médico docente mencionou ser Membro das instituições, como: Sociedade Sergipana de Oftalmologia; Sociedade Brasileira de Oftalmologia; Conselho Brasileiro de Oftalmologia. Será Presidente do próximo Congresso Norte Nordeste de Oftalmologia, o qual será realizado na Bahia, em 2018; e foi presidente de ventos anteriores, como em 2011 e em 2014, ambos realizados na Bahia.

Max Gois continua com a sua rotina de docente na Universidade Federal de Sergipe, bem como no Centro Oftalmológico HORG (Hospital de Olhos Rollemberg Gois), fundado por ele há mais de 40 anos.

FORMADOS EM 1973

Antonio Carvalho da Paixão

Nasceu no dia 10 de junho de 1949, no município de Campo do Brito/SE. O filho de Josefina Carvalho Paixão e de Francisco Vieira da Paixão, Fiscal de Renda do Estado, nos relatou que despertou o interesse pela medicina porque havia um tio na família, o pediatra e professor da FMS Paulo Freire de Carvalho. Além disso, Antonio Paixão mencionou que gostava de ver o atendimento clínico a um paciente. Isso o deslumbrou, segundo ele. Acerca da escolha pelas Ciências Médicas, o médico completou:

[...] foi minha inspiração e motivação principal. O médico, no interior, naquela época, era idolatrado. Às vezes, o atendimento de médico era realizado apenas no dia de feira. Então achei que aumentando o número de médicos facilitaria a vida também das pessoas do interior. Eu fui o primeiro médico nascido de Campo do Brito formado em medicina. (Antonio Paixão, 2017).

Antonio Paixão fez um curso de Educação Física, com duração de seis meses, com o objetivo de atuar no magistério. O fato o levou a ministrar aulas no Colégio Estadual Atheneu Sergipense e no Instituto de Educação Ruy Barbosa como professor da cadeira de Educação Física, durante cinco anos, quando ainda era aluno de medicina. No transcorrer do curso, assumiu a monitoria na área básica: Parasitologia, Microbiologia, Epidemiologia, até chegar à área de pediatria, ramo da medicina a qual escolheu para seguir carreira.

Passou a compor o quadro docente da FMS em 1976, conforme consta no Currículo Lattes, assumindo as cadeiras de Epidemiologia, depois a Pediatria Preventiva e, posteriormente, as cadeiras de Pediatria I e II e Internato em Pediatria. Ao indagarmos Antonio Paixão acerca do motivo que o levou a seguir o magistério ele nos esclareceu que despertou o interesse quando ainda se preparava para realizar o vestibular para Medicina. O fato aconteceu durante o curso preparatório: “[...] eu tive no pré-vestibular exemplo de professores como, Eduardo Garcia, Caetano, Fedro, e aquilo me despertou o interesse de ser professor. Outro aspecto também foi o fato de ter sido monitor na área básica” (Antonio Paixão, 2017). O médico nos afirmou que a sua maior motivação é ser professor. Quanto à questão de consorciar o ofício de médico ao magistério, Antonio Paixão concluiu:

Na minha época havia sim uma demanda, havia falta de professores. Então era importante que os médicos unissem as duas carreiras. Mas hoje não é fácil, na área médica, incentivar os alunos essas duas áreas: médica e ensino. Hoje a gente chama os colegas, após chegarem da residência, para serem professores colaboradores...mas é difícil. (Antonio Paixão, 2017).

Antonio Paixão realizou a especialização médica, em Pediatria, na Policlínica de Botafogo, no Rio de Janeiro. Já o mestrado (1984-1985) e o doutorado (1986-1988), ambos foram realizados na área de Pediatria e pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, na USP. Também realizou Especialização em Médico do Trabalho (1975), pela Universidade Federal de Sergipe. A atuação médica concentrou-se em hospitais públicos, a exemplo do Hospital Hildete Falcão; atuou como pediatra no INAMPS (1979-1997) e no consultório particular (LATTES CNPQ, 2018). Quando o questionamos sobre as dificuldades em se inserir no mercado de trabalho, o pediatra nos informou que não teve problemas,

Pelo contrário, fomos muito bem recebidos pelos colegas e professores, inclusive, eles nos orientavam de como nos inserirmos no mercado de trabalho. Comecei a substituir meus colegas, já professores, nas férias ou quando se aposentavam. Na clínica particular, atuei no seio familiar. Meus tios me convidaram. (Antonio Paixão, 2017).

Na UFS assumiu cargos como Chefe de Departamento de Medicina; Diretor do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS); Membro dos Conselhos Superiores da Universidade Federal de Sergipe. No setor público, foi Diretor Geral da Saúde da Secretaria de Estado da

Saúde, durante o governo de Antônio Carlos Valadares (1987 – 1991); e foi Consultor Técnico Administrativo, de 1995 a 2003, durante o governo de Albano Franco.

O médico docente mencionou ser Membro da Sociedade Brasileira de Pediatria, Membro da Sociedade Sergipana de Pediatria e da SOMESE. Quanto aos eventos científicos, participou de diversos Congressos, Seminário, Fóruns e Simpósios, seja como ouvinte, palestrante, Presidente de Mesa, Coordenador de Mesa Redonda ou como docente ministrando minicursos. Apresentou diversos trabalhos publicados em Anais de Eventos; publicou nove artigos em Periódicos, a exemplo da Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, Revista de Pediatria do Ceará, Jornal Brasileiro de Patologia Clínica, dentre outros; quatro registros em Livros publicados/organizados ou edições; publicou três capítulos de livros; dentre outras produções. (LATTES CNPQ, 2018).

Com mais de 40 anos de atuação docente na UFS, o médico Antonio Paixão continua na ativa.

Roberto José da Paixão

Nasceu no dia quatro de fevereiro de 1948. O filho de Francisca de Souza Paixão e de José da Paixão formou-se pela FMS em 1973 e direcionou os seus olhares para a área da Cardiologia, especializando-se, depois, em cateterismo cardíaco. Atuou como docente na Universidade Federal de Sergipe e exerceu as suas atividades clínicas no Hospital São Lucas, Hospital de Cirurgia e em Consultório particular. Em Sergipe, foi um dos pioneiros na especialidade de Cardiologia Intervencionista (Hemodinâmica). Em 19 de novembro de 1981 realizou o primeiro cateterismo de Sergipe no Serviço de Cardiologia do Hospital de Cirurgia. Faleceu em São Paulo aos 60 anos de idade, no dia 21 de janeiro de 2009, quando se submetia a um tratamento médico. (SANTANA *et al.*, 2009).

O cardiologista Roberto José da Paixão, conforme observamos, foi o último médico docente a ser perfilado, uma vez que se formou na turma de 1973, ano fim referente ao nosso marco temporal da pesquisa. Não podemos deixar de registrar que alguns encontros ocorreram devido à persistência da entrevistadora, outros, no entanto, fluíram naturalmente. No desenrolar da trama, conseguimos convencer uma das personagens somente após solicitar uma consulta médica. Outras entrevistas ocorreram após os desencontros. Outras se deram de forma “corrida”, marcadas pelo tempo. Umas suaves, entre um café e um sorriso. Aquelas marcadas pela sensibilidade do entrevistado, movidas pela emoção, pelo choro, pela saudade do professor amigo e dos corredores da Faculdade, mas, também, encontros que se revelaram, entre fatos e relatos,

verdadeiros desabafos, nos quais foram narradas intrigas e perseguições, confiados a mim e sob o juramento de que não seriam publicados. O fato é que as entrevistas nos possibilitaram “enxergar” além dos fragmentos da trajetória particular de determinado entrevistado, pois registraram, também, as suas experiências e visões de mundo, contribuindo assim para momentos de reflexão e amadurecimento da pesquisa acadêmica. As entrevistas nos possibilitaram compor as trajetórias individuais e, portanto, realizar a caracterização e o perfil do grupo. É o que vemos a seguir.

4.2 – LEMBRANÇAS QUE NÃO FENECEM: OS NÚMEROS E A LEITURA ACERCA DO GRUPO

Essa seção compreende a análise dos 24 médicos formados pela Faculdade de Medicina de Sergipe (UFS) no período compreendido entre 1966 a 1973 e que consorciaram o ofício médico ao magistério, conforme já mencionado. Os números e os gráficos representam os dados consolidados, coletados através dos perfis. Coletamos e agrupamos informações diversificadas (as variáveis do questionário prosopográfico) numa base ampliada de fontes e, a partir disso, elaboramos um banco de dados que foi registrado em dois softwares: Microsoft Excel e Microsoft Access. Os campos foram elaborados de maneira que os registros ficassem preenchidos de forma padronizada. Algumas informações apresentadas nos gráficos não constam nos perfis dos médicos docentes, apenas no banco de dados do Excel e do Access, a exemplo da atividade econômica dos pais, embora sejam importantes para compreender o perfil do grupo. Adotamos tal medida para evitar que as micro biografias ficassem extensas, uma vez que o foco dos mesmos concentra-se nas trajetórias profissionais das personagens.

Os resultados nos levaram a estruturar diversas tabelas e gráficos os quais fundamentam a construção e análise do perfil do grupo. O objetivo é entrelaçar os campos possíveis de análise e assim verificar as semelhanças e dessemelhanças entre os indivíduos do grupo e compreender, sobretudo, a constituição do campo médico e se as especialidades contribuíram para o avanço da medicina em Sergipe. Cada seção a seguir refere-se à análise das variáveis prosopográficas.

4.2.1- Naturalidade dos médicos docentes, formação escolar e atividade econômica dos pais

Para mensurar a origem do grupo lançamos as informações no Microsoft Excel levando-se em consideração as três opções: Aracaju, interior do estado e outro estado. Assim, obtivemos,

dentre os 24 médicos docentes, 12 de naturalidade aracajuana, 10 interioranos e apenas um natural do Rio de Janeiro. Entre os municípios do estado estão, por exemplo, Arauá, Campo do Brito, Itabaianinha, Itaporanga, Laranjeiras, Riachão do Dantas, dentre outros. Vale reforçar que a maioria dessas personagens passou apenas parte de sua infância em suas respectivas cidades natais, uma vez que as famílias, quando não se mudavam para a capital sergipana, enviavam os seus filhos para residirem com familiares a fim de cursarem o ginásial.

Quanto à formação escolar e a atividade econômica dos pais, levamos em consideração apenas os dados nos informados durante as entrevistas dos 17 médicos docentes, haja vista que nos perfis dos seis médicos docentes que faleceram, os quais foram perfilados entre as memórias e os escritos (homenagens) de amigos e familiares, não contêm tais informações dos seus genitores. Os dados nos revelam, portanto, que 50% das matriarcas chegaram a concluir o ensino Primário, 31,25% não o concluíram, 6,25% finalizaram o Ginásial, e 12,5% habilitaram-se para o magistério, ou seja, foram normalistas. Na época de formação das mães dos médicos docentes, ou seja, nas primeiras décadas do século XX, a profissionalização realizada através do Curso Normal era fortemente incentivada pela família das jovens. O curso, socialmente valorizado e respeitado pela sociedade, era a possibilidade ou a garantia das moças sergipanas atuarem no magistério público ou privado. (FREITAS, 2003)⁷³. No que tange a formação dos pais, observamos que: 18,75% concluíram o Primário enquanto 31,25% não o concluíram, 12,5% completaram o Ginásial, 12,5% dedicaram-se ao curso Técnico e 25% alcançaram o ensino superior.

Ao analisarmos as atividades econômicas dos pais dos médicos docentes, observamos que as mães concentraram-se no labor diário do lar, no ensino das primeiras letras dos seus filhos e, nos casos em que a atividade econômica da família estava voltada para o comércio e para a agricultura (fazendeiros), também labutaram junto ao marido. Há apenas um registro em que a matriarca dedicou-se para além dos cuidados do lar, atuando no magistério. As atividades dos pais foram diversas, dentre elas: ferroviário, professor, médico, militar da Aeronáutica, fazendeiros/agricultores, Tabelião Escrivão, Auditor Fiscal, Fiscal de Renda, comerciantes e Juiz de Direito.

⁷³ Na obra “Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)”, a professora e pesquisadora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas analisou as representações de ex-normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa, buscando compreender o processo de formação profissional bem como o início das trajetórias profissionais das mesmas.

4.2.2- O porquê da medicina e do consórcio ao magistério

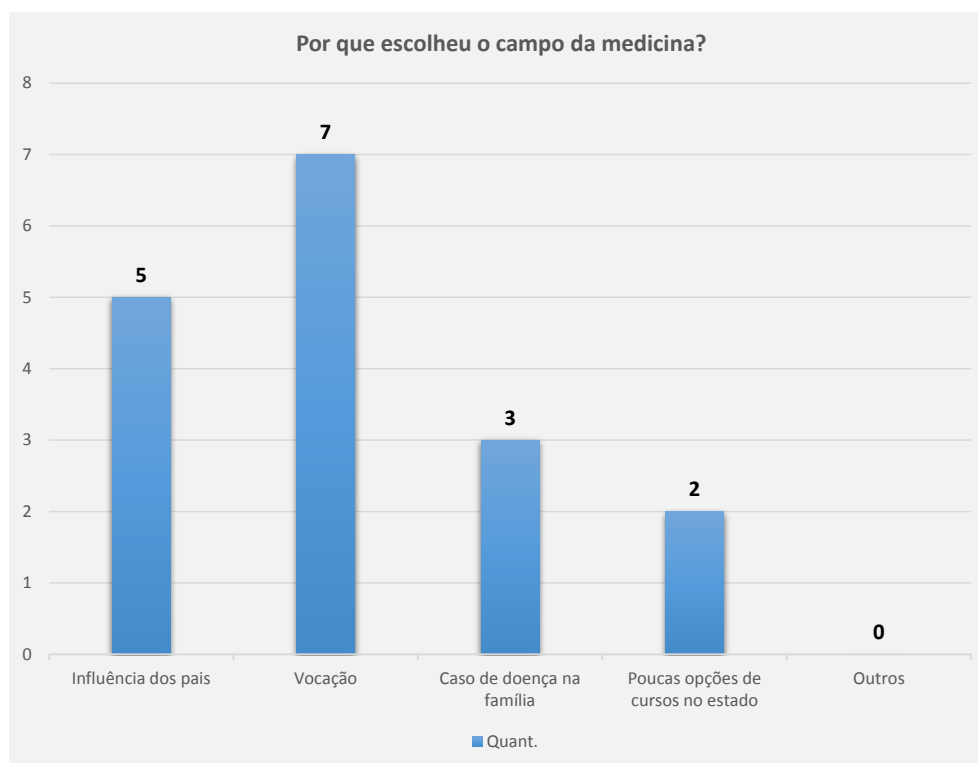
Ao avaliarmos os motivos que levaram os médicos docentes a direcionarem os seus olhares para o campo das Ciências Médicas, os dados nos revelam o predomínio para a vocação. Durante as entrevistas, alguns nos relataram que a vocação despontou ainda na infância, mesmo que de forma inconsciente; outros, afirmaram que a inclinação para o exercício da profissão médica adveio de uma admiração pela práxis médica presenciada, também, quando criança. Chamou-nos a atenção os relatos daqueles que mencionaram os casos de doença na família como o motivo principal para a tomada de decisão pela medicina. Alguns rememoraram, movidos pela emoção, cenas de vivência de sofrimento de seus entes queridos, levando-os, inclusive, a optar por determinadas áreas ou especialização médica que tivessem ligação com a doença do familiar, como foi o caso, por exemplo, do médico docente Geraldo Bezerra que se especializou e se dedicou a área da Oncologia em virtude da morte da sua tia Glorinha, a qual foi acometida por um câncer de mama, vindo a falecer, conforme já mencionado.

Dos cinco registros que computam o item influência dos pais, três fizeram medicina porque foram orientados pelos seus genitores ou parentes próximos e resolveram atender aos seus pedidos, mas ressaltaram que, durante o curso, sentiram-se vocacionados para o exercício médico. Os outros dois entrevistados inspiraram-se e deixaram-se influenciar pela profissão dos seus pais, que eram médicos. Deste modo, levando-se em consideração os dados da pesquisa, os quais nos revelam que a escolha pela medicina deve-se à vocação, vale refletir acerca do tema na perspectiva weberiana. Portanto, recorremos à contribuição do sociólogo Max Weber para compreender o conceito e a análise da construção histórica de vocação na modernidade. Na obra “Ciência e política: duas vocações”, Weber apresenta a ideia de vocação como convicção pessoal e, quando discute a “vocação científica”, nos afirma que “[...] para o homem, enquanto homem, nada tem valor a menos que ele possa fazê-lo com paixão”. (WEBER, 1993, p. 25).

O autor complementa que, por mais sincera, profunda e intensa que seja essa paixão ela não bastará para que se alcance êxito em determinada atividade ou trabalho. Em verdade, conclui o sociólogo, que a “[...] paixão não passa de requisito da ‘inspiração’, que é o único fator decisivo”. (WEBER, 1993, p. 25). Ainda em torno da inspiração, teceu algumas afirmativas, a exemplo de que ela não deve ser forçada; que só ocorre após esforço profundo; e que é preciso verificar, apreciar e explorar o significado da própria inspiração.

Assim, com o entendimento acerca do termo na perspectiva weberiana lançamos um olhar sobre as narrativas dos médicos docentes e percebemos que essas personagens, sejam na infância ou na adolescência, buscaram alento em determinados fatos ocorridos durante as suas trajetórias levando-os à convicção de que as Ciências Médicas era caminho a percorrer. E que, embora cinco dos médicos entrevistados tenham revelado seguir a carreira de médico devido à “influência dos pais”, o fato é que os aspectos mencionados por eles, como: um “sentimento”, uma “paixão”, uma “vocação”, uma “admiração pela profissão”, um “desejo familiar”, uma “enfermidade e tragédia”, enfim, serviram de inspiração para a tomada de decisão.

Gráfico 1 – O porquê da medicina



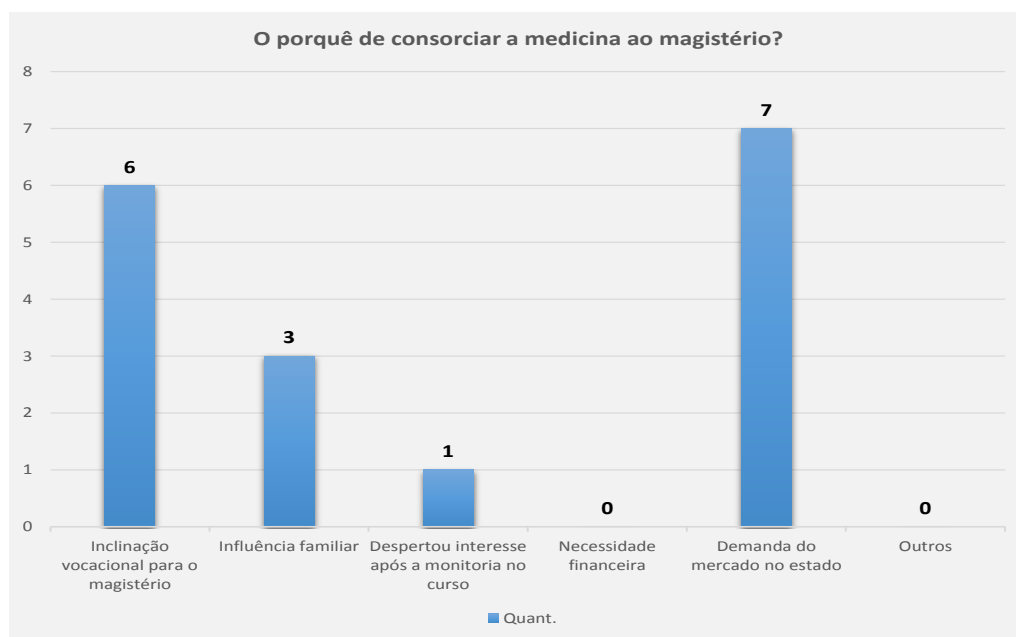
Fonte: Dados coletados pela autora através das entrevistas

Quanto ao fato de consorciar o ofício da medicina ao magistério percebemos, conforme nos revelam o gráfico 2, que 42% mencionaram a “demanda do mercado” como aspecto relevante e decisivo para a tomada de decisão; enquanto 35,3% deixaram-se influenciar pela “inclinação vocacional”. Embora muitos que optaram por um dos dois itens mencionados, além da influência familiar, mencionaram que o fato de terem sido monitores durante o curso fez com que

contribuísse para que redimensionassem os seus olhares para o magistério, mas não decisivo. Dentre os entrevistados, 62,5% assumiram entre uma e três monitorias no decorrer do curso.

Através das entrevistas 72,2% dos médicos docentes afirmaram que havia um “déficit de professores” ou que a Faculdade de Medicina de Sergipe “precisava de profissionais da educação”, conforme nos afiançaram, por exemplo, os médicos Djenal Soares, José Macedo, Maria Izabel, Zulmira Rezende, dentre outros. O fato corrobora com a hipótese de que existiu uma oferta no campo da educação médica a qual fez com que essa geração de médicos voltasse seus olhares para o magistério, sobretudo a partir da fundação de mais dois cursos novos na área das Ciências Médicas: o curso de Odontologia, em 1970, e o curso de Ciências Biológicas (CB), em 1972. Além disso, havia também o afastamento dos professores pioneiros da FMS, os quais passaram a se aposentar da função de magistério, levando a nova geração de médicos a assumirem as disciplinas.

Gráfico 2 – O consórcio da medicina ao magistério



Fonte: Dados coletados pela autora através das entrevistas

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi o fato de nenhum dos entrevistados ter mencionado “necessidade financeira” como um dos motivos a levá-los a consorciar o ofício de médico ao magistério. Muitos médicos afirmaram que era mais por motivos de manter-se sempre atualizado, uma vez que o exercício docente médico exige o estudo constante e a atualização de

conhecimentos; a paixão ou a ligação que tinham com a educação; os “acasos” ou a “ordem natural das coisas”, que os levaram ao magistério, ou seja, os convites logo após a colação de grau; esses fatores foram, portanto, segundo os entrevistados, mais decisivos do que a “necessidade financeira”.

4.2.3- Antes do médico... o professor⁷⁴

Ao observarmos o gráfico 3, percebemos que 77,8% dos médicos iniciaram a sua carreira docente antes mesmo de concluírem a formação médica. Quando questionamos: “Se investiu somente do ensino da medicina na Educação Superior ou também atuou no ensino de 1º e 2º Grau”, notamos que a maioria das respostas estava voltada para a necessidade de manter-se financeiramente durante o curso. Alguns nos relataram que descobriram a vocação docente no final dos últimos anos dos estudos secundários, enquanto outros despertaram a vocação através das experiências de familiares.

O fato é que, dos 17 médicos, 14 exerceram o ofício docente enquanto estudantes de medicina. Para alguns, a docência se manifestou sob diversas formas: “estava no sangue”; no “gosto prévio” ou na “paixão pela educação”, conforme afirmou Byron Ramos (2017); pela “carência e falta de professores na área” de Ciências Médicas, como ressaltou Hélio Araújo; e por razões de sobrevivência, pois “Precisávamos de dinheiro para nos manter. Nossa realidade era outra. Não éramos ‘filhinhos de papai’, não”, segundo Sônia Macena (2017), que afirmou que quase todos os seus colegas de turma também adotaram a prática de lecionar durante os estudos na FMS.

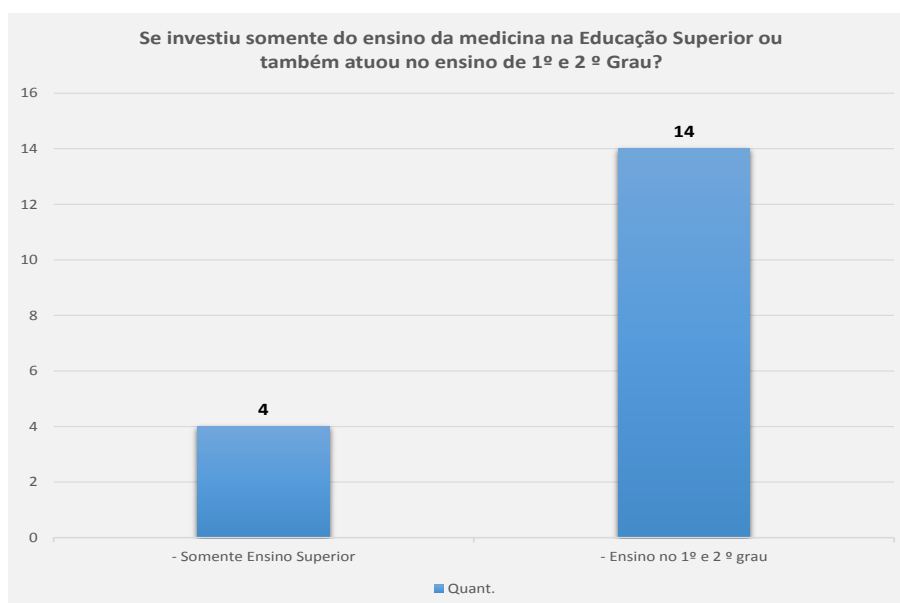
Por certo, não podemos afirmar que o magistério tenha sido consequência quando falamos em consórcio das profissões. Pelo menos, não para os 82% dos médicos, uma vez que já exerciam a docência antes de ingressar na FMS. Retomando as reflexões de Weber (1993) acerca da vocação, bem como a alguns relatos dos nossos personagens, observamos que o trabalho/atividade docente exercida antes da formação médica (e durante a graduação) se revelou, entre outros fatores – a exemplo da falta de professores – motivo de inspiração e reflexão para consolidar a decisão de permanecer no magistério, após a conclusão de curso. Os termos relatados em entrevistas, como, “estava no sangue”, no “gosto prévio” ou na “paixão pela

⁷⁴ Neste item levamos em consideração as informações coletadas durante as 17 entrevistas (ressaltando que um dos médicos não nos concedeu entrevista e, portanto, não foi contabilizado nesta seção), além dos dados biográficos de um dos falecidos (Antonio Fernando Dantas Maynard).

educação”, conforme mencionados acima, se configuraram como “entusiasmo sincero e profundo” e, portanto, como requisito à inspiração para a vocação médico docente. (WEBER, 1993).

No entanto, 22,2% dos médicos, nos afirmaram que a experiência no magistério ocorreu após a formação médica, quando passaram a compor o quadro docente da Faculdade de Medicina de Sergipe. A Patologista Maria Izabel, por exemplo, que depois de formada realizou concurso para professor de Histologia para assumir a vaga deixada pelo professor Nestor Piva, nos afirmou: “Quando passei a atuar como docente, descobri que eu realmente gostava de ensinar. Me senti mais vocacionada para o ensino do que para o exercício da medicina”. (Maria Izabel, 2017). O oftalmologista Max Gois nos relatou que gostava de ministrar aulas durante o curso; já o Oncologista e Hematologista Geraldo Bezerra afirmou que veio de uma família de professores e que sempre teve amor ao magistério e o Cardiologista Henrique Silva asseverou que, antes mesmo de compor o quadro docente da FMS, “já tinha o sentimento de ser professor”. Portanto, embora esses médicos não tenham sentido as primeiras experiências docentes no ensino médio, como ocorreu com a maioria, os seus relatos evidenciam uma tendenciosa inclinação para o magistério.

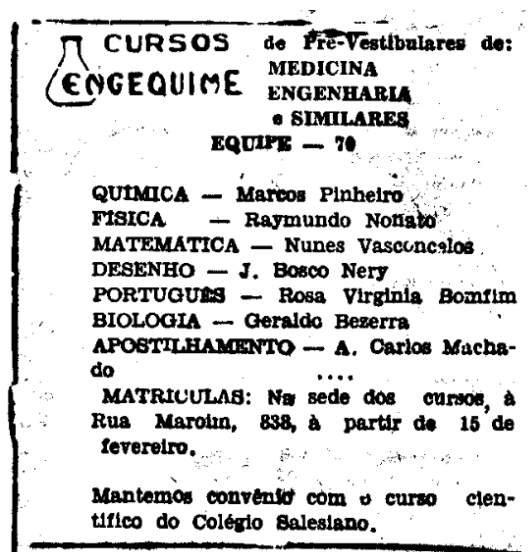
Gráfico 3 – Atuação no Ensino Superior e no Ensino de 1º e 2º Grau



Fonte: Dados coletados pela autora através das entrevistas

Mas, em quais escolas os médicos docentes lecionaram? O gráfico 4 nos revela as instituições nas quais os 77,8% tiveram as suas primeiras experiências docentes. A maioria ministrou aulas de Biologia, Ciências Biológicas e Botânica, no entanto, encontramos dois médicos que nos relataram experiências distintas: José Fernandes Macedo, que também ensinou Física e Matemática; e Antônio Paixão, que ensinou Educação Física. Além das escolas mencionadas, os sujeitos ensinaram em cursos preparatórios para vestibulares (Pré-vestibular Beta e ENGEQUIME), a exemplo dos médicos Eduardo Garcia, Geraldo Bezerra, José Fernandes Macedo, Fedro Portugal, dentre outros. Nos jornais, encontramos registros na seção “Indicação Profissional” de alguns médicos docentes que também ministraram aulas particulares, seja de Biologia, Matemática, Física ou Química. No Gazeta de Sergipe, por exemplo, na edição de 19 de fevereiro de 1970, nos deparamos com a divulgação do Pré-vestibular ENGEQUIME, onde consta o nome de um dos médicos responsável pela disciplina de Biologia:

Figura 19 – Anúncio profissional em jornal - Pré-vestibular ENGEQUIME



Fonte: Gazeta de Sergipe, 19 de fevereiro de 1970, Ano XV, Nº 4.064.

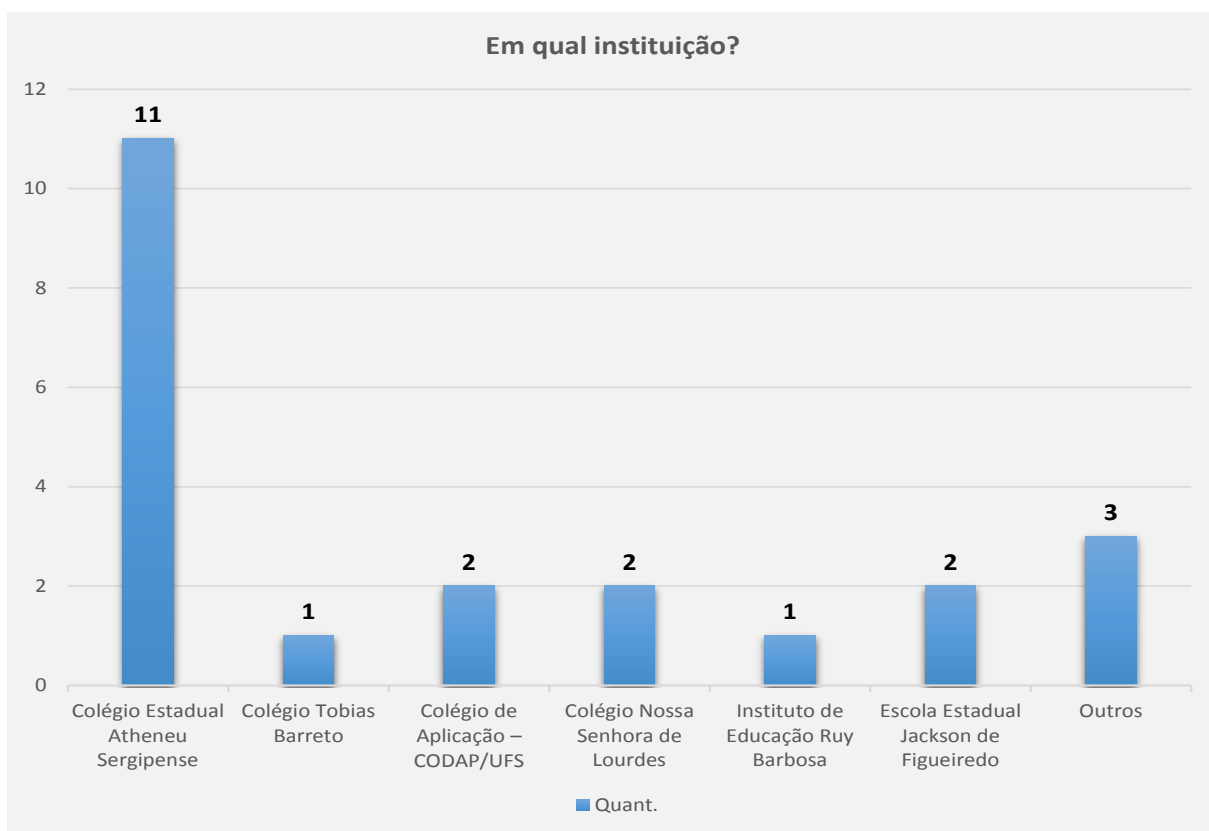
O gráfico 4 contabilizou a atuação dos médicos em mais de uma instituição de ensino, uma vez que alguns deles lecionaram em até quatro escolas antes de passarem a atuar no Ensino Superior, o que justifica um quantitativo acima do número de entrevistados. Notadamente, o

Colégio Estadual Atheneu Sergipense⁷⁵ foi a instituição que obteve maior registro de atuação docente dos médicos estudados. Tal instituição foi criada no dia 24 de outubro do ano de 1870, no entanto, foi no dia três de fevereiro de 1871 que o Atheneu Sergipense “[...] abriu suas portas pela primeira vez para receber a juventude sergipana que primava pelos conhecimentos necessários para sua formação propedêutica e de magistério”. (RODRIGUES, 2016, p. 2). O Atheneu Sergipense, considerado a instituição oficial de ensino secundário da Província de Sergipe, iniciou as suas atividades ofertando à mocidade o curso de Humanidades e o curso Normal, cujo objetivo era proporcionar não somente o ensino secundário – necessário para o acesso aos cursos superiores –, mas também a formação para o exercício docente.

Embora a instituição e o cenário educacional apresentasse uma necessidade, um déficit de professores, sobretudo na área das Ciências Biológicas, conforme nos afiançou o médico Byron Ramos (2017): “As escolas tinham a necessidade de professores nessa área, por isso os alunos de medicina ensinavam nas escolas” – além das questões já mencionadas pelos médicos docentes –, lecionar e compor o quadro docente do Atheneu Sergipense significava fazer parte de uma rede de “criadores” e “mediadores”, de conhecimentos, saberes e padrões culturais. Muitos docentes, portanto, angariaram um status de prestígio social e intelectual ao atuar na instituição Centro de Excelência Atheneu Sergipense, como é denominada hoje.

⁷⁵ Diversos historiadores e pesquisadores se dedicaram, e dedicam, ao estudo do Atheneu Sergipense, dentre eles: Ana Márcia Barbosa dos Santos, “Sob a lente do discurso: aspectos do ensino de Retórica e Poética no Atheneu Sergipense (1874-1891)”; Aristela Arestides Lima, “A instrução da mocidade no Liceu Sergipense: um estudo das práticas e representações sobre o ensino secundário na Província de Sergipe (1847-1855)”; Eva Maria Siqueira Alves, “O Atheneu Sergipense: uma Casa de Educação Literária examinada segundo os Planos de Estudos (1870-1908)”; Maria Edna Santos, “A Congregação do Atheneu Sergipense (1871-1875)”; Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana, “Por entre as memórias de uma instituição: o arquivo e as práticas administrativas do Atheneu Sergipense (1870-1926)”; dentre outras pesquisas.

Gráfico 4 – Instituições que os médicos docentes atuaram



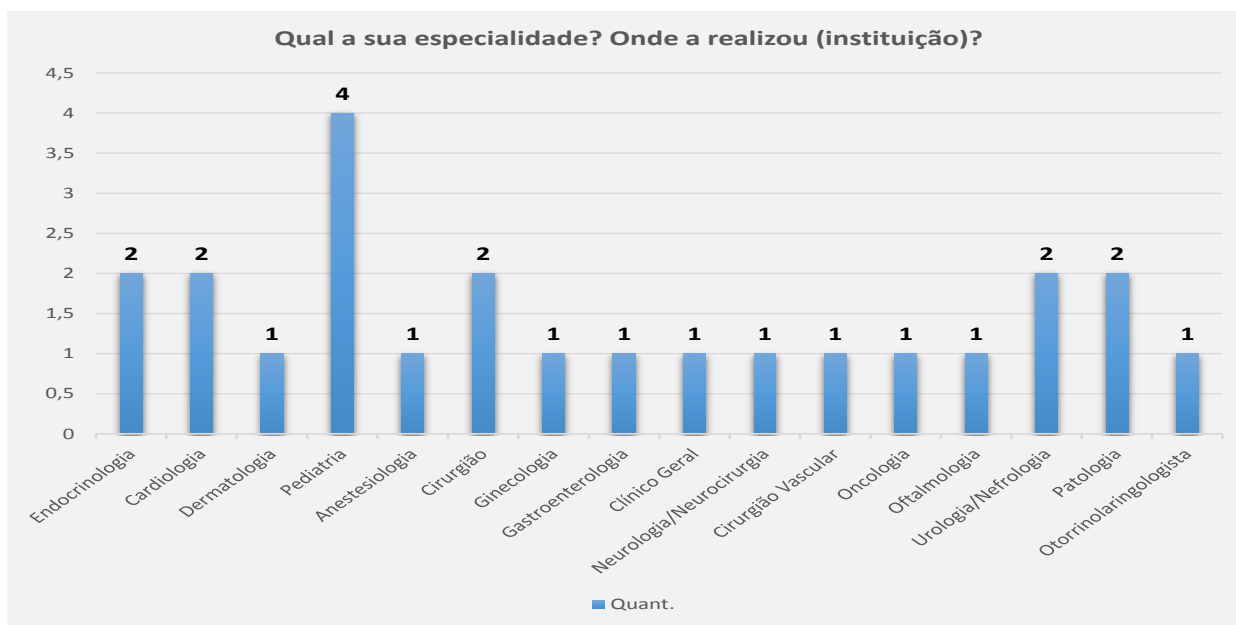
Fonte: Dados coletados pela autora através das entrevistas

4.2.4 - As especialidades, a formação e modernização do campo médico em Sergipe

A evolução histórica da medicina nos mostra uma progressiva fragmentação do conhecimento médico em diversas subáreas ou áreas de diferenciação. Sergipe passou a acompanhar esse cenário com mais ênfase a partir de 1966 quando os primeiros médicos formados pela Faculdade de Medicina de Sergipe viajaram para especializar-se em instituições, como: Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade do Estado de Nova York/USA (Upstate Medical Center Hospital em Syracuse), Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto (USP), Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Instituto de Pesquisa Energética e Nuclear da USP (IPEN), Policlínica de Botafogo do Rio de Janeiro; Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, dentre outras instituições educativas

e/ou hospitalares. Ressaltamos que, dos 24 médicos⁷⁶ que compõem a pesquisa 72,2% viajaram e realizaram especializações em determinadas subáreas do conhecimento médico, conforme nos revelam o gráfico abaixo.

Gráfico 5 – Área de especialização dos médicos docentes



Fonte: Dados coletados pela autora através das entrevistas

Dos cinco médicos docentes que optaram por não viajar para realizar a especialização, três obtiveram o título de especialista através de uma prova realizada pela entidade na qual era associada e vinculada a sua área, ou seja, a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e a Sociedade Brasileira de Cardiologia, por exemplo. Os outros dois médicos nos informaram que a sua especialidade médica foi adquirida nos “bancos da Faculdade” e no Hospital de Cirurgia, onde realizavam os estágios das disciplinas. Além disso, esse conhecimento também era adquirido durante a atuação docente, dada a necessidade de estudos e pesquisas na área; e até mesmo durante a prática médica. Um desses médicos foi Djenal Soares, que nos afirmou: “A nossa formação era de Cirurgião Geral, generalista. Não fiz residência. Já saí do curso operando”. (Djenal Soares, 2017).

⁷⁶ Para esta análise consideramos os 24 médicos docentes, uma vez que conseguimos a informação quanto à especialização, independente das entrevistas realizadas. Tal informação foi coletada no Dicionário Biográfico de Médicos Sergipanos e na Somese.

Diante da afirmativa do médico Djenal Soares, assim como de outros médicos entrevistados, o ensino médico no período estudado estava voltado para uma formação generalista. Como não havia as especialidades ou subáreas, os médicos atendiam todos os casos clínicos, independentemente da especificidade da enfermidade. Assim, à medida que os médicos foram definindo e delineando estudos e atuação em determinados temas e campos específicos da medicina, Sergipe passou a esboçar novas especialidades, tendências e aprimoramento de determinadas áreas. Acerca do assunto e da formação do campo médico no estado, Eduardo Garcia nos afirmou que:

Houve um grande avanço na medicina em Sergipe. Uma coisa foi a medicina antes da FMS, e depois dela, porque os próprios médicos formados passaram a trazer novas áreas de conhecimento. Começaram a aparecer médicos especializados, por exemplo, em ouvido, em olho, em intestino, em câncer. Traziam de fora um conhecimento e evolução grande. Sem dúvida nenhuma, essas especializações contribuíram muito, porque muitos médicos criaram até grupos de estudos. Foram suprimindo diversas necessidades. (Eduardo Garcia, 2017).

O fato é que, através das especialidades médicas, esses profissionais foram constituindo e modernizando o campo médico sergipano através de uma formação técnica específica, substancial para o exercício da medicina local. Isso contribuiu para a evolução não somente do ponto de vista tecnológico (diagnóstico e tratamento, por exemplo), mas também educacional, uma vez que os médicos difundiam os conhecimentos adquiridos nos cursos de especialização em suas aulas na Faculdade de Medicina de Sergipe.

Entre as décadas de 1960 e 1970, por exemplo, o cenário não favorecia a prática médica, uma vez que “[...] havia poucos laboratórios, não existia medicina nuclear, nem ultrassonografia e nem dosagem hormonal” (Rezende, 2017). Tal panorama foi reconfigurando-se à medida que os médicos aqui perfilados foram trazendo novas técnicas médicas, novos conceitos e teorias, novos equipamentos/instrumentos para diagnósticos clínicos, os quais fizeram com que Sergipe avançasse no campo médico, a exemplo de Roberto Paixão, que realizou o primeiro cateterismo no Serviço de Cardiologia do Hospital de Cirurgia; Hélio Araújo, o qual montou o primeiro serviço de neurocirurgia de Sergipe, também no Hospital de Cirurgia; Geraldo Bezerra, que iniciou a quimioterapia no estado; Max Rollemberg Gois, que implantou técnicas como a tonometria de aplanção, a cirurgia de catarata com o microscópio, a angiofluoresceinografia, as lentes de contato; Antonio Maynard, o qual realizou o primeiro transplante renal de Sergipe; João

Macedo, que desenvolveu a Medicina Nuclear; José Fernandes Macedo, que trouxe um laparoscópio para auxiliar nos diagnósticos/cirurgias, dentre outros.

Ao questionar e comparar o desenvolvimento e o avanço da medicina de Sergipe aos grandes centros, 83% dos médicos docentes afirmaram que “O avanço da medicina aqui chegou no tempo certo”, conforme as palavras do médico Henrique Batista e Silva (2017). A pergunta “A medicina moderna tardou para chegar a Sergipe?” foi posta referindo-se ao cenário do campo médico no período que corresponde ao marco temporal da pesquisa, uma vez que os médicos formados já estavam atuando, inclusive, no setor público, e teriam uma visão formada acerca da questão. Assim, ao realizar uma análise em torno das respostas dos médicos docentes entrevistados, verificamos que elas giram em torno dos mesmos quesitos, ou seja, nas restrições orçamentárias e financeiras das instituições de saúde de Sergipe; que é natural os grandes Centros como São Paulo e Rio de Janeiro terem uma medicina mais avançada que a nossa em virtude do maior número de pacientes, e que as indústrias investem em pesquisas médicas; que o Sul/Sudeste do país possui maior disponibilidade de recursos. Quanto ao assunto, o médico Eduardo Garcia expôs a sua opinião:

A medicina no Sul do país foi mais avançada do que nos outros lugares. Os hospitais e clínicas do Sul sempre deram um passo à frente da gente. Por várias razões: mandavam no sistema de saúde do país, ou seja, as verbas iam mais para lá do que para cá; a polarização das influências e da distribuição das verbas... Sergipe fica com uma pequena parte! (Eduardo Garcia, 2017).

Apesar dos fatores mencionados pelos médicos, Sergipe esforçava-se para acompanhar o desenvolvimento na área médica. O médico Max Gois, por exemplo, afirmou: “Não acho que tardou. Na CLIMEDI, por exemplo, na década de 1970, já fazia exame que em São Paulo ainda não fazia. João Macedo trouxe tecnologia dos Estados Unidos”. (Max Gois, 2017). O fato é que, embora a maioria dos entrevistados concorde que os avanços tecnológicos e a incorporação de novos aparelhos tenham ocorrido de forma lenta em Sergipe – mas não atrasada – esclareceu que nunca faltou um “mister” ou interesse dos médicos sergipanos em avançar nas suas práticas e nos seus exercícios médicos.

4.2.5 - A inserção no mercado de trabalho

Ao questionar os 17 médicos entrevistados a respeito da inserção no mercado de trabalho, a maioria, 76,5%, nos afirmou que esse processo ocorreu sem dificuldades. “A população era grande e havia poucos médicos”, segundo a médica Zulmira Rezende (2017). Para o oftalmologista Max Gois (2017), que ao voltar da sua especialização passou a atender no Hospital de Cirurgia e posteriormente montou uma clínica particular, conforme já mencionado, afiançou: “Não tive dificuldade porque naquela época era tudo novidade. Novas especializações, novos procedimentos”. Além desses dois fatores citados pelos médicos docentes, havia outros. Muitos médicos, também professores da FMS, estavam se aposentando e se afastando-se das clínicas, hospitais e consultórios, deixando as vagas para os recém-formados. Outros saíram do estado, como foi o caso de Wolmer Bomfim, que foi trabalhar no Paraná. O motivo “aposentadoria” também foi observada na fala do médico Djenal Soares, que afirmou: “Naquela época precisava de mão de obra. Nos incorporamos ao grupo. Não houve dificuldade. Os Cirurgiões Gerais da época já estavam quase todos para se aposentarem e muitos já me encaminhavam pacientes para fazer cirurgia”. (Djenal Soares, 2017).

Ouvimos relatos de médicos docentes que se sentiram acolhidos pelos ex-professores e colegas de profissão. Ao retornarem das especializações encontraram nos médicos, a exemplo de Delso Calheiros, Fernando Felizola, Fernando Sampaio, José Augusto Soares Barreto, dentre outros mencionados pelos entrevistados, o apoio e incentivo para iniciar o ofício da profissão médica. Os médicos relacionados, assim como outros, passaram a direcionar os pacientes para os médicos recém-especializados dado o caráter estabelecido de aprimoramento profissional em um determinado ramo das Ciências Médicas. Quanto à questão, o Gastroenterologista José Fernandes Macedo nos afirmou: Quando voltei da especialização, os médicos começaram a direcionar os casos. Porque, até então, os atendimentos eram feitos por todos os médicos, porque não existia a especialidade. (José Fernandes, 2017).

Gráfico 6 – Inserção no campo médico: com ou sem dificuldade

Fonte: Dados coletados pela autora através das entrevistas

No entanto, 23,5% dos médicos nos afirmaram que o processo de inserção no mercado de trabalho não foi fácil, por três motivos: primeiro, pela especificidade de uma especialização pouco conhecida pelos sergipanos; segundo, porque os médicos já inseridos e consolidados no mercado de trabalho continuavam atendendo levando-se em consideração a visão generalista da medicina; terceiro, porque eram médicos jovens e acreditavam que os pacientes se sentiam mais seguros atendidos pelos médicos “maduros”. O médico José Fernandes, por exemplo, notou e experimentou tais dificuldades, sobretudo no que se refere ao terceiro motivo apresentado. Para ele,

A sociedade não estava preparava para ser atendida por um menino, eu tinha apenas 23 anos. Não era uma aceitação tranquila. Os médicos que tinham aqui eram mais antigos, mais velhos. O pessoal sempre fez essa diferenciação de médico jovem e médico mais velho. Hoje ainda se faz essa comparação. É normal. (José Fernandes, 2017).

Os médicos que compõem a parcela dos 23,5% afiançaram que levou um tempo até que a especialidade fosse difundida e firmada entre os sergipanos. “Isso levou, em média, de dois a três

anos”, afirmou o pediatra Antonio Cruz (2017). O pediatra nos revelou ainda que, naquela época, para a sociedade sergipana, “[...] operar criança era coisa estranha. Era tarefa do Cirurgião Geral”. No entanto, segundo ele, havia uma técnica para operar criança e cabia ao Pediatra tal tarefa. Não bastava apenas ser um bom profissional na área, com domínio da técnica, das habilidades e da ciência, tampouco, apenas vocação e gosto pelo cuidar. Era necessário incutir na sociedade que o campo médico, em Sergipe, estava adquirindo uma nova roupagem, pois vinha se modernizando e aos poucos ganhando corpo, com novas áreas de conhecimento e novas intervenções clínicas. A sociedade, portanto, precisava compreender que as especialidades médicas surgiram de uma necessidade de tratar partes específicas do corpo, levando os médicos generalistas a direcionarem os pacientes cujos casos patológicos estivessem vinculados a determinadas especialidades, ou seja, aos ramos parcelares do saber médico.

4.2.6 - Os espaços de atuação

Os dados dispostos no gráfico 7 se referem à trajetória profissional: os espaços e cargos ocupados. Os números foram baseados nos registros dos 17 médicos docentes entrevistados e nos perfis dos seis que já faleceram (baseando-se nas informações do Dicionário Biográficos de Médicos Sergipe). Quanto ao médico que não conseguimos realizar a entrevista, apontamos no gráfico apenas a atuação médico docente.

Dentre os espaços ocupados observamos que o item “Cargo Público”, sobretudo o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS)⁷⁷ e Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS)⁷⁸, revelaram-se os campos de maior incidência de atuação; seja como médico, Perito médico, Diretor do Posto Médico ou Coordenador da Perícia Médica. Antes da fundação do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1988, os cuidados para com a saúde eram de responsabilidade do INAMPS, restrita,

⁷⁷ “O Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), Autarquia Federal, foi criado em 1977, pela Lei nº 6.439, que instituiu o Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS), definindo um novo desenho institucional para o sistema previdenciário, voltado para a especialização e integração de suas diferentes atividades e instituições. O INAMPS foi extinto em 1993, pela Lei nº 8.689, e suas competências transferidas às instâncias Federal, Estadual e Municipal gestoras do Sistema Único de Saúde (SUS), criado pela Constituição de 1988” (FLEURY; CARVALHO, 2001, p.1). Antes do INAMPS, vigorou o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), criado em 1966.

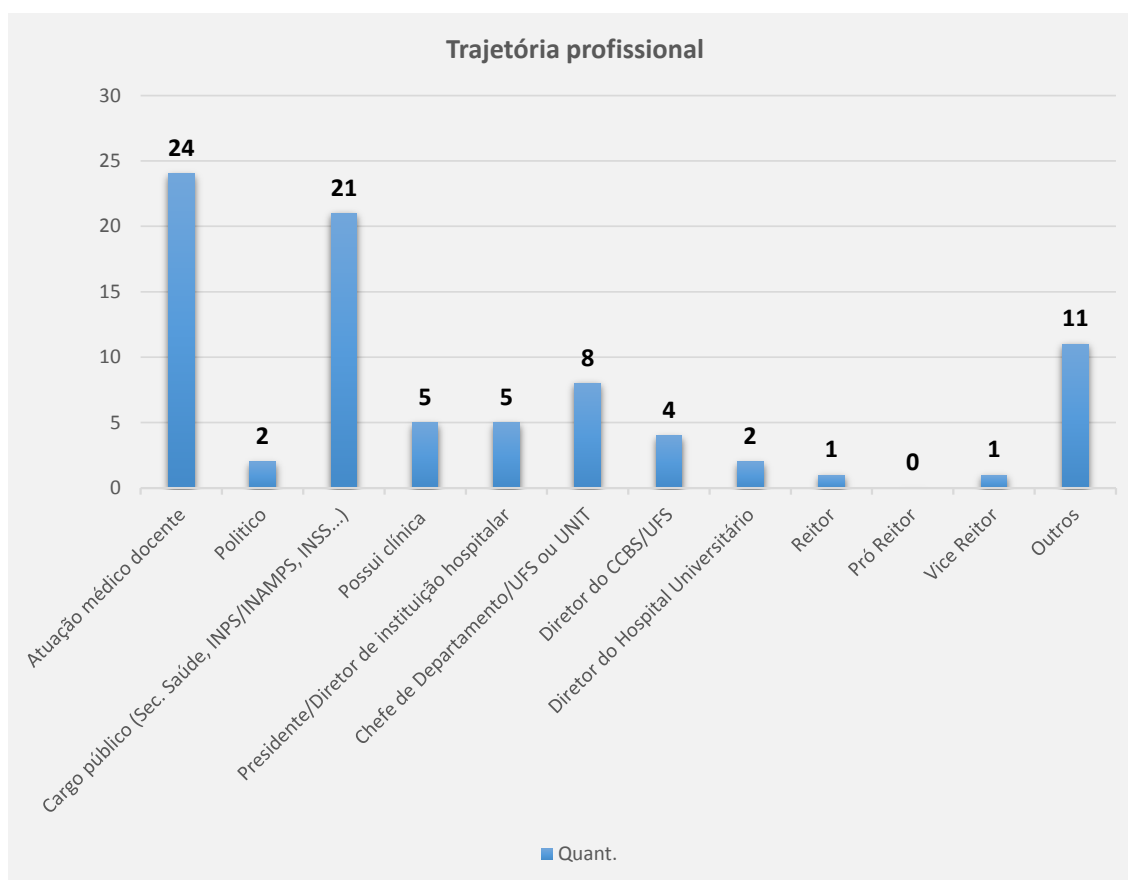
⁷⁸ “Órgão criado a partir da fusão (Lei nº 8.029 de 12/4/1990) das estruturas do Instituto de Administração Financeira da Previdência Social (IAPAS) e do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), como parte da reforma administrativa e ministerial promovida pelo governo Fernando Collor de Melo, que o subordinou ao recriado Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS)” (HOCHMAN, s/d, p.1).

no entanto, aos cidadãos que contribuíssem com a previdência social. O fato é que a maioria dos médicos, ao retornarem das especializações, passou a prestar os seus serviços nos referidos Órgãos.

Segundo os professores e pesquisadores, Maria Fleury e Antônio Teixeira, “A década de 1970 foi marcada por uma elevação constante da cobertura do sistema [de saúde], levando ao aumento da oferta de serviços médico-hospitalares [...]” (FLEURY; CARVALHO, 2001, p.1). Um dos motivos apontados pelos autores foi o fato da ampliação do atendimento médico em virtude da inclusão de novos grupos ocupacionais, a exemplo das empregadas domésticas, dos trabalhadores autônomos e dos trabalhadores rurais, ao sistema previdenciário, além da ampliação da oferta de serviços a clientela não contribuinte ou não previdenciária. Assim, a crescente demanda pelos serviços médico-hospitalares fez com que os médicos redimensionassem os seus olhares para as ofertas de trabalho nas diversas áreas médicas dos Órgãos Públicos mencionados. Embora a problemática dos autores tenha sido discutida em abrangência nacional, em Sergipe não foi diferente.

Dos 23 médicos docentes (ressaltamos que os dados de um médico não foi contabilizado uma vez que não conseguimos realizar a entrevista, conforme já mencionamos), 15 atuaram nos Órgãos Públicos Federais, ou seja, 65% dos sujeitos. Para alguns dos docentes, esses espaços se revelaram como uma oportunidade de difundir a sua especialidade médica, como foi o caso do Oncologista e Hematologista Geraldo Bezerra que nos afirmou: “A minha inserção ao mercado de trabalho foi difícil. Todo começo foi muito difícil. Minha inserção ocorreu porque eu fiz concurso para médico do INPS”. (Geraldo Bezerra, 2017). Outro fato que merece destaque foi o da Pediatra Marília de Oliveira, que desistiu da carreira docente após 10 anos de atuação na UFS depois de aprovação em concurso para o INSS. Há médicos, por exemplo, que atuaram durante quatro décadas, chegando a aposentar-se após 43 de prestação de serviços ao Órgão.

Gráfico 7 – Os espaços e cargos de atuação



Fonte: Dados coletados pela autora através das entrevistas

Em meio aos 35%, encontramos: três médicos docentes que não atuaram em nenhum Órgão ou cargo Público; e cinco que atuaram, por exemplo, no Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência da Providência Social (SAMDU), Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL), Secretaria Municipal de Saúde e no Instituto Médico Legal. Em meio aos diversos espaços ocupados, também temos: Secretaria de Estado da Saúde, Secretaria de Estado da Educação, Secretário Chefe do Governo de Sergipe, espaços estes, assim como os demais citados acima, que se referem ao item “Outros” no gráfico. Dentre as clínicas fundadas, encontramos: Clínica Infantil Sobaby (Conforme já explicado, trata-se de uma sociedade que, entre os sócios, encontram-se dois médicos docentes); Clínica de Medicina Nuclear Endocrinologia e Diabetes (CLIMEDI), Centro Oftalmológico HORG (Hospital de Olhos Rollemberg Gois) e Clínica SOLIM Medicina Diagnóstica.

Encontramos médicos que durante a trajetória profissional atuaram em diversas funções, como: Presidente ou Diretor de instituições hospitalares, quais sejam, o Hospital Universitário, Hospital de Urgência de Sergipe, Hemocentro, Hospital de Cirurgia, dentre outros; Diretor do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Chefe de Departamento, Vice-Reitor e Reitor da UFS. Apenas dois médicos perpassaram pelo campo político, sendo que ambos exerceram o mandato de Deputado Federal.

4.2.7 - Publicação Científica e participação em eventos

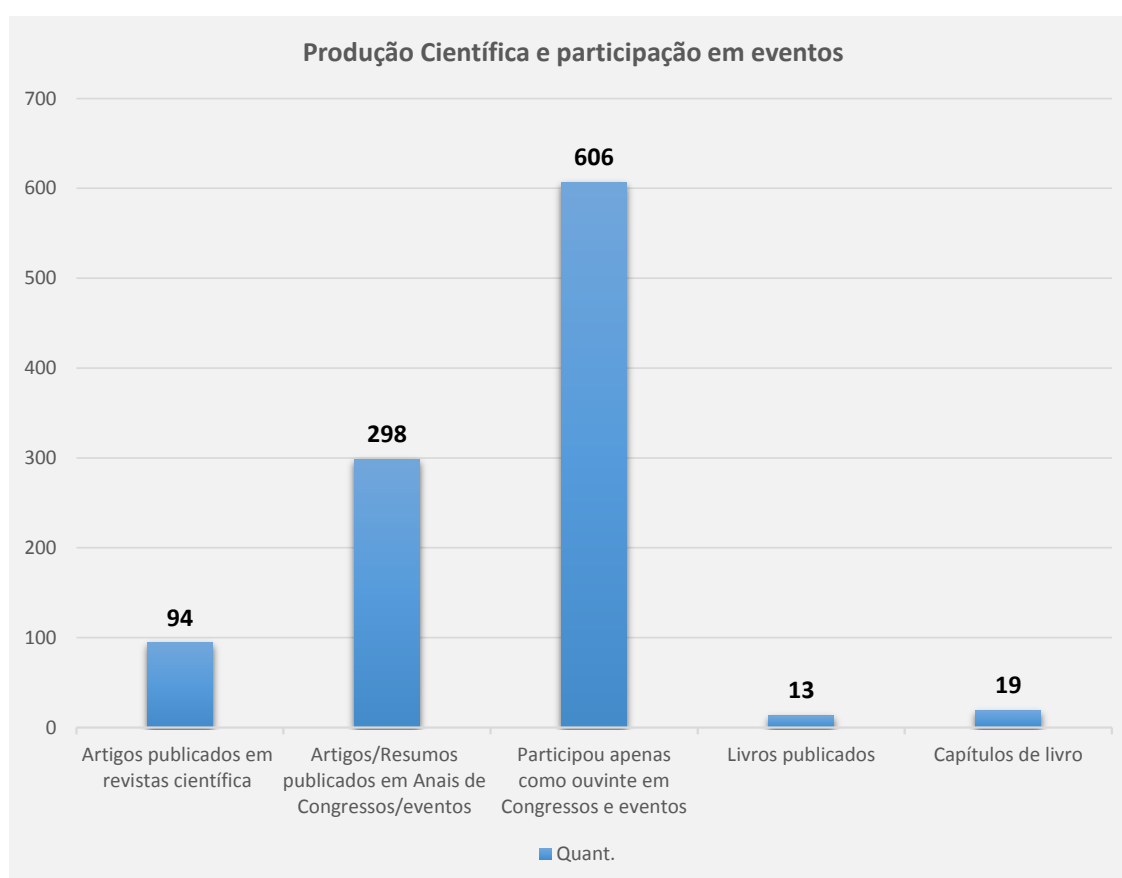
Durante as entrevistas, poucos foram os médicos docentes que afirmaram manter o Currículo Lattes atualizado. Dos 24, apenas 38% possuem o currículo cadastrado na plataforma do CNPq; 41,67% mantêm os certificados de participação dos eventos em pastas e caixas, a maioria amarelada pela “poeira do tempo”. Alguns nos informaram que não há mais vestígios impressos – as traças chegaram antes do tempo – e hoje, guardam na memória as boas recordações dos eventos científicos: os encontros que propiciaram novas amizades, as discussões, reflexões e aprendizagens.

Portanto, os dados apresentados no gráfico a seguir referem-se às informações coletadas do Lattes, além das poucas recordações mencionadas durante as entrevistas. Alguns dos médicos que afirmaram guardar os certificados ficaram de realizar um levantamento e nos passar. No entanto, diante das idas e vindas aos consultórios na esperança de receber os documentos, porém sem sucesso, findamos por desistir e alimentamos o sistema do Excel somente com os dados já angariados. O que os gráficos nos revelam, além das narrativas dos entrevistados, é o interesse pela participação em Congressos e demais eventos científicos, sejam nacionais ou internacionais. Em muitos desses eventos os médicos docentes da FMS participaram como palestrantes, presidente de mesa redonda, coordenadores, organizadores e professores de minicursos.

Segundo as personagens da pesquisa, era uma oportunidade de realizar cursos de curta duração, além de acompanhar a evolução e o desenvolvimento no campo médico. O oftalmologista Max Gois, por exemplo, nos afirmou que nos eventos científicos ele tinha a oportunidade de ensinar, aprender e manter-se atualizado diante de novas tendências médicas, novos instrumentos e novas concepções. Mencionou, a título de informação, quando realizou um curso básico de Oftalmologia no Instituto Barraquer, durante o Congresso Internacional Luso-Hispano de Oftalmologia, em Barcelona. Também ouvimos relatos de médicos docentes que,

durante os eventos, passaram a conhecer novos instrumentos que favoreciam nos diagnósticos clínicos e que voltavam para Sergipe com o aparelho em mãos. Rememoraram, ainda, fatos relacionados às discussões e práticas médicas científicas realizadas, inclusive em eventos promovidos fora do Brasil, que os médicos aqui em Sergipe já vinham praticando. Portanto, tais encontros acadêmicos e profissionais revelaram-se como momentos de aprofundamento teórico e prático em determinadas áreas do saber médico.

Gráfico 8 – A produção científica e os eventos



Fonte: Dados coletados pela autora através das entrevistas

Conforme já mencionado, os números e os gráficos apresentados na seção “Lembranças que não fenecem: os números e a leitura acerca do grupo”, representam os dados consolidados os quais foram coletados através dos perfis biográficos elaborados para tal finalidade. Assim, diante dos dados apresentados e analisados pudemos observar que existem poucas diferenças e muitas semelhanças entre os médicos docentes. Entre as diferenças, por exemplo, as especialidades

trilhadas por cada um deles as quais se manifestaram em diferentes ramos parcelares do saber médico, contribuindo, portanto, para a modernização do campo médico no estado.

Quanto às semelhanças, podemos mencionar aquelas de maior incidência, como: a atuação docente no Ginásio/Ensino Médio, principalmente no Colégio Estadual Atheneu Sergipense; a inclinação vocacional não somente para as Ciências Médicas, mas também para o magistério e o consórcio de ambas as profissões; a atuação na monitoria durante o curso médico; a falta de recursos financeiros da família para custear o curso médico em outro estado; o sentimento de que a medicina moderna não tardou para chegar a Sergipe; a atuação em hospitais logo após a conclusão do curso ou do retorno das especializações; a afirmativa de que a inserção ao mercado do trabalho ocorreu naturalmente, sem dificuldades; além do elevado número de médicos que atuaram nos Órgãos INPS, INAMPS e INSS. Mais do que uma simples análise, o método prosopográfico nos proporcionou, embora haja uma heterogeneidade em alguns aspectos, analisar as ações e atuações dos médicos docentes e compor o perfil do grupo, de modo a compreender a formação do campo médico sergipano.

É HORA DE RECOLHER VELAS, SENTAR AO TOMBADILHO E FAZER O BALANÇO DA JORNADA...

A trajetória acadêmica é como uma viagem de barco, com início, meio e fim. Durante o passeio você pode fazer escolhas: aproveitar a paisagem, a brisa do mar, a sensação e o som das marolas, um lindo pôr do sol; ou pode reclamar do ardor de um sol escaldante, do enjoo causado pelo balanço do barco e do vento arredio. Então..., eu fiz a minha escolha: aproveitei a minha viagem! (Patrícia Silva, 2018).

Após 39 meses navegando em águas rasas, cujo rumo, por vezes, nos parecia incerto, chegamos ao fim dessa longa viagem. Passamos por turbulências e inquietudes, mas, sem soltar o leme, seguimos. Passar por intempéries durante o itinerário acadêmico do mestrado e doutorado é comum, é verdade! No entanto, atentas, procuramos as águas claras e as amplidões de horizontes que nos levassem a aportar com segurança. Desembarcamos. Não em porto seguro, tão pouco em terra firme, porque ainda há muito que se ler, refletir e compreender, sobretudo acerca do método adotado: a prosopografia. Começamos, pois, pelo balanço da jornada, pelo interesse e as afinidades entre o objeto estudado e o nosso próprio itinerário.

Após concluir o Mestrado em Educação, cujo objeto de pesquisa foi a trajetória de vida de Antônio Garcia Filho bem como a Faculdade de Medicina de Sergipe e o Centro de Reabilitação Ninota Garcia, frutos das suas ações, surgiu, durante conversa informal com a professora Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, a possibilidade de desenvolver um novo projeto de pesquisa, transcorrendo também pela História da Medicina, pela História da Educação e, por conseguinte, pela História dos Intelectuais. O tema posto em questão foi o de analisar os médicos que se formaram em Medicina pela Faculdade de Medicina de Sergipe e que consorciaram o ofício de médico à docência, nos levando a compreender a contribuição dessas personagens para a área médica e educacional em Sergipe. Este, portanto, é o objetivo desta tese de doutoramento.

Apostei minhas fichas na temática apontada pela professora Dra. Raylane Barreto e acabei descobrindo, com imenso prazer, a possibilidade de praticar a prosopografia como instrumento metodológico. O que pretendemos com a utilização do referido método não foi somente cruzar as informações coletadas através de um questionário contendo critérios e variáveis, e a partir daí colher as características dos sujeitos – sejam elas semelhantes ou não –, para traçar o perfil do grupo. Interessa-nos, também, e o método nos permite, analisar como a geração de médicos formada entre 1966 e 1973 foi compondo e constituindo o campo médico sergipano e, sobretudo, se a especialidade que cada médico docente trilhou contribuiu para a modernização da área médica em Sergipe.

No entanto, durante as leituras acerca dos estudos prosopográficos para compor o estado da arte desta tese de doutoramento e, sobretudo, para compreender e amadurecer as reflexões sobre o método, observamos que os autores elaboraram fichas sociológicas individuais dos sujeitos históricos valendo-se de um amplo leque de fontes, mas, principalmente, dos necrológicos, dossiês, homenagens, notas biográficas e os dicionários biográficos. Vale ressaltar

ainda que, das leituras realizadas, notamos que nenhum dos estudos trabalhou com personagens vivas, diferentemente da nossa pesquisa. O fato é que nós precisamos elaborar os perfis biográficos uma vez que o questionário possui perguntas que apenas os sujeitos da pesquisa poderiam responder e que, certamente, não constariam em notas biográficas.

Ao agir desta forma é possível recorrer à afirmativa de Heinz (2006), que: “[...] parte do fascínio do método é exatamente o de lançar o pesquisador a construir em boa medida o dado de que faz uso, através de uma operação de prospecção, coleta e padronização da informação histórica [...]” (HEINZ, 2006, p. 11-12). Ou seja, elaborar aquilo que os autores Roy e Saint-Pierre (2006) chamaram de metafonte, em seu estudo “A alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920)”. O termo, segundo os autores, refere-se à coleta de informações as quais devem ser lançadas em uma base de dados estruturada criando, assim, uma nova fonte, a metafonte, “[...] mais confiável (em princípio) e mais completa que todas as outras, e que torna possível a confrontação desses dicionários ou repertórios entre si [...], o que assim permite corrigir suas lacunas ou imprecisões”. (ROY; SAINT-PIERRE, 2006, p. 209). Assim, levando-se em consideração as afirmativas dos autores, podemos dizer que construímos a nossa metafonte a partir do momento que realizamos as entrevistas, elaboramos os perfis biográficos e nos lançamos ao desafio de criar um sistema no Access e no Microsoft Excel, os quais nos propiciaram condensar os dados em gráficos de modo a facilitar o confronto das informações.

Durante o período ao qual se refere o marco temporal do estudo (1966-1973), 136 médicos colaram grau. Contudo, com a utilização do método prosopográfico, estabelecemos como critério o fato de ter se formado em Medicina pela Faculdade de Medicina de Sergipe e atuar no magistério, nesta mesma instituição. Tal recurso fez com que o número de 136 médicos passasse para 24. A escolha quanto à singularidade não se fez ao acaso, mas sim em face do problema fundamental da falta de biografias, verbetes e/ou perfis biográficos dos sujeitos. Em que pese, o interesse inicial durante a elaboração do “Projeto” para a seleção do doutorado fosse pesquisar os 136 médicos, o fato é que o número é expressivo levando-se em consideração que, para perfilar os personagens precisaríamos realizar as entrevistas, motivo que nos deixou inseguras e receosas, haja vista o risco de não concluir o estudo em tempo hábil.

No entanto, a amostra não é insignificante como nos parece ser à primeira vista, comparando-se as diversas pesquisas prosopográficas em que os autores adotam um grande número de sujeitos. Pequenos grupos, por exemplo, possuem uma prerrogativa metodológica

considerável em estudos prosopográficos porque, quanto mais variáveis forem agregadas a análise de um grupo, a pesquisa poderá nos trazer revelações mais significativas. Um longo questionário, conforme nos sugere Charle (2006), exige uma população-alvo precisa. Nesse sentido, levando-se em consideração as reflexões do autor, adotamos uma amostra mais concisa e um questionário mais extenso, em nosso caso, vinte perguntas. Sobre o método, Charle (2006) ainda nos adverte que:

A preocupação do exaustivo ou das grandes amostras que caracterizam ainda tantas pesquisas me parece, neste caso, restos de nostalgia labroussiana' do todo social. A multiplicidade das pequenas amostras, saturadas de informações e, se possível, comparáveis entre si ou com as de outros pesquisadores, me parece preferível, [...], ao tratamento exaustivo das grandes amostras com poucas variáveis (CHARLE, 2006, p. 31).

Porém, também há ressalvas para grupos muito pequenos. Quando assim ocorrer, não conseguimos, por exemplo, saber com clareza se as características sociais que se repetem são apenas uma coincidência ou se são um padrão ou uma tendência em determinado grupo.

Sabemos, ainda, que o foco dos estudos prosopográficos está direcionado à circulação das elites⁷⁹, sobretudo voltados aos debates relativos às hierarquias sociais, ao poder ou a representação política com o objetivo de compreender, assim entendemos, a complexidade de suas relações, bem como os nexos e os laços existentes entre os indivíduos do grupo. Segundo os autores Roy e Saint-Pierre (2006, p. 205), “As críticas colocam frequentemente em evidência o fato de que esse método permite apenas o estudo da elite, aquele dos ‘privilegiados da história’”. No entanto, a nossa tendência, conforme se observou, foi utilizar a prosopografia como finalidade para compreender a dinâmica e as clivagens de um grupo quanto à formação e constituição de um campo profissional e, conseqüentemente a sua contribuição, e não adentrar às questões relacionadas aos estudos das elites, a exemplo das hierarquias sociais, do poder ou da

⁷⁹ Embora não haja um consenso acerca do conceito de elites, considerada “[...] pouco clara e seguidamente criticada por sua imprecisão [...]” (HEINZ, 2006, p.7), o Sociólogo suíço Giovanni Busino, em sua obra “Elites e élitisme”, de 1992, define o termo como a “minoría que dispõe, em uma sociedade determinada, em um dado momento, de privilégios decorrentes de qualidades naturais valorizadas socialmente (por exemplo, a raça, o sangue etc.) ou de qualidades adquiridas (cultura, méritos, aptidões, etc.). O termo pode designar tanto o conjunto, o meio onde se origina a elite (por exemplo, a elite operária, a elite da nação), quanto os indivíduos que a compõem, ou ainda a área na qual se manifesta sua preeminência. No plural, a palavra ‘elites’ qualifica todos aqueles que compõem o grupo minoritário que ocupa a parte superior da hierarquia social e que se arrogam, em virtude de sua origem, de seus méritos, de sua cultura ou de sua riqueza, o direito de dirigir e negociar as questões de interesse da coletividade”. (BUSINO, 1992, apud, HEINZ, ano, p. 7).

representação política, mencionadas acima. Para tanto, buscamos respaldos nas reflexões de Charle (2006), o qual afiançou:

Em história contemporânea, o método foi igualmente aplicado a grupos mais amplos que as elites, domínio anteriormente privilegiado pela história antiga, medieval ou moderna por questões documentais. A história de mulheres, a história das classes médias e populares, mesmo aquelas dos marginais, recorrem igualmente à biografia coletiva nas últimas décadas graças à abundância da documentação impressa, à ajuda da história oral ou a reutilização dos grandes arquivos biográficos já existentes. (CHARLE, 2006, p.43).

Fundamentalmente, para dar corpo e significado ao estudo, foi preciso redimensionar o olhar e apreender os apontamentos e reflexões não somente do campo da História da Educação, mas, sobretudo, acerca de temas afinados as questões da História da Medicina. Assim, nos propomos ir além das fronteiras da capital sergipana, uma vez que abordamos no segundo capítulo o cenário brasileiro no campo da saúde, no século XX, trazendo os reflexos para Sergipe. O nosso ponto de partida foi da Ponte do Imperador, situada no Centro Histórico de Aracaju e, sob a perspectiva do olhar atento de um *flâneur*, procuramos compreender, sumariamente, como Aracaju nasceu e progrediu, e com ela os problemas de saúde pública. Para tanto, foi necessário explicitar as condições históricas que possibilitaram a organização médica e as políticas de saúde em Sergipe; a legitimação social da Medicina e o processo de emancipação do campo médico; as primeiras escolas de medicina; as epidemias e as ações voltadas à saúde pública sanitarista e, por fim, compreender o Instituto Parreiras Horta e o Hospital de Cirurgia como espaços de pesquisa, cura e formação médica sergipana. Consideramos tais aspectos relevantes para analisar e compreender de que forma se deu o aparelhamento médico sergipano e como gestou a concepção de saúde como status de medida indispensável ao processo de civilização e progresso.

Os cuidados para com a saúde bem como as estratégias de cura eram atividades compartilhadas por diferentes indivíduos, como, por exemplo, os físicos, os cirurgiões-barbeiros, os cirurgiões, os boticários, os algebristas, as parteiras, os curandeiros e os feiticeiros. Cada um deles apresentava e recorria a um conjunto de conhecimentos e práticas diferenciadas para a arte de curar. No entanto, com a fundação das primeiras escolas médicas, das Sociedades Médicas e da Academia Imperial de Medicina, que ao longo de suas trajetórias contribuíram para o processo de reconhecimento da profissão médica, passaram a valer-se de um conjunto de estratégias e iniciativas oficiais de combate e fiscalização aos diferentes ativistas da medicina conhecidos como feiticeiros e curandeiros. As instituições também propiciaram e reforçaram a necessidade

de associar o conhecimento teórico à prática médica, além de cessar com os discursos e práticas de cura defendidas pela magia e pela teologia. O fato é que passou a ocorrer, embora de forma gradual, a transferência do exercício da medicina para as mãos dos médicos, iniciando, assim, o processo da construção, organização e legitimação do campo médico no Brasil.

Em Sergipe não foi diferente. Através do engajamento de um grupo de médicos liderados pelo Dr. Augusto Leite, o Estado passou a propagar e intensificar uma nova forma de cuidar da saúde pública fundada nos preceitos da Medicina Moderna, além de adotar e promover o conhecimento científico vigente naquela época em uma ação conjunta de mobilização entre Governo e sociedade civil, rumo a um novo ordenamento urbano e civilizatório da sociedade pautado no tripé: saúde, higiene e sanitarismo. Em meio a outras ações voltadas ao desenvolvimento no campo da saúde, encontramos a fundação do Instituto Parreiras Horta (1924) e do Hospital de Cirurgia (1926), ambas, dentre outras obras, consideradas exemplos da preocupação progressista e modernizadora da gestão de Maurício Graccho Cardoso (1922-1926). As instituições se revelaram como lugar para pesquisa, desenvolvimento e fomentação de conhecimentos médicos científicos, além de um espaço de cura, formação e atualização dos profissionais da área da saúde que atuavam em Sergipe.

No entanto, devemos frisar que a fundação do Instituto Parreiras Horta e, sobretudo do Hospital de Cirurgia, sofreram grande influência da entidade classista médica de sua época, espaço onde a cúpula médica sergipana se reunia para debater, dentre outros assuntos, o cenário da Saúde Pública do estado. A primeira organização corporativa, nomeada de Sociedade de Medicina de Sergipe, ocorreu em 1910 e, com pouco mais de um ano de fundada, a SMS foi desfeita. Os profissionais da saúde ficaram durante oito anos sem uma entidade classista até que, em 1919, a influência e força política empreendida pelos médicos os levaram a fundar a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Sergipe. Embora mais duradoura do que a SMS, também não logrou êxito levando os médicos a realizarem uma Assembléia Geral, em 1937, e definirem pela fundação da atual Sociedade Médica de Sergipe (SOMESE). Alguns dos entraves e embates políticos ocorridos nos bastidores a respeito da fundação e fechamento das Sociedades nos foram revelados durante as entrevistas, mas, infelizmente, não fomos autorizadas a divulgar – mesmo que fosse mantendo o anonimato.

O fato é que, durante o tempo em que vigoraram, as instituições atuaram não somente de forma incisiva na promoção e defesa do exercício profissional médico, favorecendo, assim, o

processo de organização e institucionalização da medicina no Estado; mas também na atuação de uma política de saúde firmada nos pressupostos de uma medicina moderna, principalmente quanto às questões das práticas de higiene e sanitarismo como meio para regular a vida do indivíduo e a ordem social no estado. As instituições sergipanas mencionadas até aqui, ou seja, o Instituto Parreiras Horta, o Hospital de Cirurgia e a Sociedade Médica de Sergipe, favoreceram, ainda, a composição e o fortalecimento de um grupo de médicos que se projetaram nos diferentes espaços da sociedade como intelectuais detentores de um conhecimento médico científico suficiente e necessário para promover discussões e lançar estratégias de saúde pública na caminhada rumo à civilidade.

Com a compreensão das condições históricas que nos levou a entender, por exemplo, como ocorreu a organização e legitimação médica, nos propomos no capítulo três compreender a trajetória de quatro professores fundadores da Faculdade de Medicina de Sergipe, entrelaçando os seus itinerários de modo a identificar os espaços ocupados por eles e onde os seus laços se ataram. Para não cometer injustiça, adotamos três critérios para selecionar os professores fundadores, dentre o mais relevante, está o fato de, após pesquisas e levantamento de dados em planilha de Excel, observamos que Garcia Moreno, José Machado, Antonio Garcia e Nestor Piva tiveram uma intensa participação na vida da Universidade Federal de Sergipe, além de seus caminhos se cruzarem em diversos espaços.

Para tal feito, foi necessário lançar um olhar apurado e delinear os médicos sob a perspectiva dos conceitos de Sirinelli (1996, 1997), o qual nos levou a analisar o perfil dos médicos a partir da utilização do conceito de intelectual, além das estruturas de sociabilidade compostas por redes de “microclimas” e “microcosmo”. Posto isto, diante das trajetórias entrelaçadas, podemos afirmar que se trata de intelectuais “criadores e mediadores”, pois se revelaram sujeitos ecléticos, dotados, principalmente, de um conhecimento médico científico. Procuraram pesquisar e publicar estudos cujos temas estivessem relacionados aos desvios anatômico e/ou fisiológicos, sobretudo aqueles voltados às doenças tropicais, infecciosas e parasitárias que acometiam a sociedade sergipana, contribuindo para o desenvolvimento da área médica no estado. Uma das revistas utilizadas para a disseminação dos estudos foi o Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, o qual se configurou como um “microcosmo”, um ambiente de fermentação intelectual que nos ajudam a compreender o movimento das ideias, na acepção do francês Sirinelli (1996).

Vale sublinhar e afirmar que, ao longo das trajetórias, os quatro médicos foram organizando e dinamizando as suas redes de sociabilidade, principalmente no Hospital de Cirurgia, no Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia e, a partir de 1961, na Faculdade de Medicina de Sergipe. Ao adentrarem e atuarem nestes espaços, os “microclimas”, assim como outros a exemplo da Academia Sergipana de Letras, da Academia Sergipana de Medicina e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, os professores fundadores da FMS foram ganhando voz, ampliando e fortalecendo as suas relações sociais, levando-os, ocasionalmente, às posições de destaque e, portanto, ganhando visibilidade no meio intelectual sergipano. O entrelaçamento das trajetórias nos permitiu observar, portanto, que os caminhos desses quatro médicos se interligaram em diferentes espaços de formação e atuação, sobretudo com maior intensidade a partir da fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe, onde esses atores sociais se uniram e passaram a concentrar esforços para a formação de uma nova geração de médicos que estava por vir.

No capítulo quatro, cuja seção é “Perfis: entre lembranças e esquecimentos”, fizemos uso das memórias de 17 personagens, uma vem que, dos 24 que compõem a pesquisa, seis faleceram e um dos médicos docentes não nos concedeu a entrevista. Sublinhamos, no entanto, que elaboramos os perfis biográficos dos seis médicos falecidos através das memórias de amigos e familiares, além do Dicionário Biográfico de Médicos de Sergipe. Através da metodologia da História Oral pudemos realizar as entrevistas, um recurso que levou os narradores a evocarem seus sentimentos, suas ideias, suas angústias, os acontecimentos, enfim, as lembranças que por hora foram silenciadas pelo tempo. Assim, levando-se em consideração as reflexões de Maurice Halbwachs (2006), nos amparamos nas entrevistas como meio de levar os médicos docentes a rememorarem suas histórias vividas, sobretudo voltadas às trajetórias profissionais.

O método nos possibilitou elaborar os perfis biográficos que, diferentemente das biografias, são narrativas curtas, no entendimento de Vilas Boas (2003), tanto na extensão do texto quanto no recorte cronológico. Após as entrevistas, transcrições, leituras e releituras das memórias, perfilamos as nossas personagens e, flutuando nas entrelinhas e na materialidade das respostas alcançadas, apresentamos um resumo da trajetória profissional dos entrevistados. Estas ações possibilitaram que lançássemos um olhar sobre os indivíduos, verificando as semelhanças e diferenças para só então compor o perfil do grupo. Assim, observar e analisar as ações e atuações dos vinte e três médicos docentes nos levou a compreender a

formação e a constituição do campo médico sergipano, através das especialidades, e a contribuição para a modernização do campo da saúde.

Após a análise das vinte variáveis prosopográficas, a qual ocorreu com o auxílio de tabelas e gráficos, chegamos a diversas conclusões, dentre elas, a de que a escolha para atuar no campo da medicina está relacionada à vocação, à influência familiar, à admiração pela práxis médica e aos casos de doença na família presenciados durante a infância. Quanto ao fato de consorciar o ofício da medicina ao magistério, percebemos que 42% mencionaram a “demanda do mercado” como aspecto relevante e decisivo para a tomada de decisão; enquanto 35,3% deixaram-se influenciar pela “inclinação vocacional”. Embora 62,5% dos entrevistados tenham assumido monitorias no decorrer do curso, apenas um nos revelou ser este o aspecto decisivo para a atuação no magistério, apesar dos demais afirmarem que a monitoria tenha sido importante para a tomada de decisão.

Nenhum dos entrevistados mencionou “Necessidade financeira” como motivo para consorciar a profissão médica ao magistério. A maioria dos médicos já estava clinicando quando foram convidados ou prestaram concurso para lecionar na Faculdade de Medicina de Sergipe e, conforme afiançaram, a escolha de unir as profissões foi motivada mais pelo dever de “manter-se sempre atualizado”; pela “paixão ou ligação” que tinham com a educação; a influência familiar; e os “acasos” ou a “ordem natural das coisas”, como por exemplo, os convites logo após a colação de grau. No entanto, é importante sublinhar que 77,8% dos médicos lecionaram em escolas públicas, sobretudo no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, enquanto cursavam medicina. A docência, ainda nos bancos da Faculdade, segundo os médicos, estava vinculada a questão econômica e a necessidade de se manterem durante o curso. Porém, isso ocorreu antes da formação e da atuação médica no mercado de trabalho.

Portanto, levando-se em consideração o conceito de “vocação” na perspectiva weberiana, as expressões nos relatadas durante as entrevistas, como: “um sentimento”, “uma paixão”, “uma admiração pela profissão”, “um desejo familiar”, “uma enfermidade”, se configuraram como “inspiração” para que as personagens seguissem a carreira médica e o magistério. Dentre os dezessete entrevistados, seis mencionaram o termo “paixão” para justificar a escolha da profissão; outros, sendo filhos de professores, espelharam-se na atuação dos pais. O fato é que os aspectos mencionados, sobretudo a “paixão” pela práxis médica ou docente, não passam de requisitos da “inspiração”, a qual é considerada por Max Weber o único fator decisivo.

Assim, com o entendimento acerca do termo na perspectiva weberiana lançamos um olhar sobre as narrativas dos médicos docentes e percebemos que essas personagens, sejam na infância ou na adolescência, buscaram alento em determinados fatos ocorridos durante as suas trajetórias levando-os à convicção de que as Ciências Médicas era caminho a percorrer. Os aspectos mencionados, como: um “sentimento”, uma “paixão”, uma “admiração pela profissão”, um “desejo familiar”, uma “enfermidade e tragédia”, enfim, serviram de inspiração para a tomada de decisão.

É relevante ressaltar que 72,2% dos médicos docentes afirmaram que havia um “déficit de professores” ou que a FMS “precisava de profissionais da educação”. Não restam dúvidas de que as afirmativas corroboram com a nossa hipótese, qual seja, que existia uma oferta no campo da educação médica a qual fez com que essa geração de médicos voltasse seus olhares para o magistério. O fato é que, sejam pela necessidade do campo ou pelas fortes inclinações para a vocação médico docente, essas personagens, no decorrer de suas trajetórias, foram se aperfeiçoando e se aprimorando em suas respectivas áreas de conhecimento, levando-os a ampliar os seus saberes a fim de atender às urgências e necessidades não somente ao atendimento à saúde da população, mas também no campo educacional.

No que tange às viagens em busca de mais conhecimentos, asseveramos que, dos 24 médicos que compõem a pesquisa, 72,2% se deslocaram para outras instituições e realizaram especializações em determinadas subáreas da ciência médica. Portanto, a leitura que fazemos é que as especialidades médicas, impulsionadas pela fragmentação do conhecimento, favorecem a formação e a constituição de um campo médico diversificado, ou seja, de diversos campos específicos da medicina. Além disso, as especializações contribuíram para uma formação técnica específica, substancial para o exercício da medicina local, favorecendo, ainda, a evolução tecnológica dos diagnósticos e tratamentos, por exemplo, mas também educacional, uma vez que os médicos difundiam os conhecimentos adquiridos nos cursos em suas aulas na Faculdade de Medicina de Sergipe.

Estes foram os nossos caminhos que, embora trilhados por passagens duvidosas, nos levaram a refletir, compreender e trabalhar com o método prosopográfico. Esperamos que a abordagem prosopográfica tenha adquirido um sentido mais leve e doce, e que a leitura da pesquisa tenha levado o leitor a perder um pouco do estranhamento suscitado. Como vocês perceberam, a problemática não é nova e o tema é muito rico. Almejamos, ainda, que o estudo

tenha despertado interesses para estudos de biografias coletivas, sobretudo para os intelectuais sergipanos, contribuindo assim para o aprofundamento de discussões acerca da historiografia sergipana e ampliando o conhecimento acerca do campo da medicina no país.

Concluído o balanço da jornada, é hora de me aventurar por outros caminhos, levantar âncora, içar velas, procura ventos favoráveis e navegar em novos acervos! Ainda há muito por fazer e podemos abrir novos caminhos de pesquisa dentro desta discussão, a exemplo dos médicos sergipanos formados pela primeira instituição médica do Brasil, a Escola de Cirurgia da Bahia (1808) e a contribuição destes para o campo médico docente; compreender os discursos médico, científico e educacional por meio das teses de médicos sergipanos defendidas pela Faculdade de Medicina da Bahia e pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, denominadas assim a partir de 1832; dentre outras temáticas as quais se revelam como uma possibilidade investigativa importante para ser agregada à História da Educação médica sergipana.

Naveguemos... Porque, como diria Paulo Coelho (2006): “O porto é o lugar mais seguro para um barco, mas ele não foi feito para ficar lá; seu destino é navegar”.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanese (Org.). **Fontes Históricas**. 2º ed.; São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2004.
- ANDRADE, Helvecio de. A medicina em Sergipe durante um século. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ano V, Volume V. IHGSE: Aracaju, 1920.
- AREND, Silvia Maria Fávero e MACEDO, Fábio. 2009. Sobre a história do tempo presente: Entrevista com o historiador Henry Rousso. In: **Tempo e Argumento** – Revista do Programa de Pós-Graduação em História – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, v.1, n. 1 p. 201-216, jan/jun.
- AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **A Modernidade no Governo Graccho Cardoso (1922-1926) e a Reforma Educacional de 1924 em Sergipe**. 2. ed. – Natal, RN: EDUFRN, 2015.
- BAHIA, Médicos Ilustres. **Paulo de Figueiredo Parreiras Horta**. Médicos ilustres da Bahia e de Sergipe. 2012. Disponível em: http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2012/08/paulo-de-figueiredo-parreiras-horta_23.html. Acesso: 16 de jan. 2017.
- BARRETO, Airton Teles. Garcia Moreno. “Mestre dos Médicos”. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, 1979.
- BARRETO, José Augusto S. **Professor Nestor Piva**: sua vida, sua obra. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.
- BARRETO, Luiz Antônio. **Graccho Cardoso**: vida e política. Aracaju: Instituto Tancredo Neves, 2003.
- BARRETO, Luiz Antônio. **João Simões e Nestor Piva**. 2004a. Disponível em: http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=28853&titulo=Luis_Antonio_Barreto. Acesso em: 20 ago. 2015.
- BARRETO, Luiz Antônio. **Um novo livro de biografias**. 2004b. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/sysinfonet/publico/share.asp?id=28387&janelaenviar=sim&acao=imprimir>. Acesso: 12 de mar. 2016.
- BARRETO, Luiz Antônio. **Luiz Garcia, um governante inovador**. 2005. Disponível em: http://www.infonet.com.br/Luizantoniobarreto/ler.asp?id=35500&titulo=Luiz_Antonio_Barreto. Acesso em: 17 de mar. de 2016.
- BARRETO, Luiz Antônio. **Dr. João Batista Perez Garcia Moreno**. 2010. Disponível em: http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/titulo=Luis_Antonio_Barret. Acesso em: 04 set. 2015.

BARRETO, Luíz Antônio. **O centenário de Machado de Souza**. 2012. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=125991>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BARRETO, Luiz Antônio. Um dicionário sergipano. In: **Manoel Liberato Bitencourt: Homens do Brasil – Sergipe**. (s/d). Organizado e parcialmente anotado por Luiz Antonio Barreto. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=vultos+do+brasil+-+sergipe+liberato&rlz#>. Acesso: 11 de set. 2016.

BARRETO, Maria Renilda Nery. **A medicina lusobrasileira**: instituições, médicos e populações enfermas em Salvador e Lisboa (1808–1851). 260f. Tese de Doutorado em História das Ciências da Saúde. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2005d.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **Os Padres de Dom José**: O Seminário Sagrado Coração de Jesus 1913-1933. São Cristóvão: UFS, 2004c. (Dissertação de Mestrado em Educação)

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **A formação de padres no nordeste do Brasil (1894-1933)**. Natal: EDUFRRN, 2011.

BARROS, Pedro Motta de. **Alvorecer de uma nova ciência**: a medicina tropicalista baiana. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, IV(3): 411- 459 nov.1997-fev. 1998.

BAUDELAIRE, Charles. O Pintor da Vida Moderna. In: **A modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Dos micróbios aos mosquitos**: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil. Editora FIOCRUZ, 1999.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRAGA, Teófilo. **O povo português nos seus costumes, crenças e tradições – II**. Editora: Edições Vercial, 2014.

CARAMORI, Carlos Antônio. Institucionalização da Pesquisa Clínica na Faculdade de Medicina de Botucatu. **UNESP**: Pesquisa Clínica, Ensino Médico, Desenvolvimento, Inovação. Universidade Estadual Paulista UNESP - Faculdade de Medicina de Botucatu - Botucatu/SP, 2013.

CARMO, Kátia de Araújo. **Uma História do curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Sergipe; para que? O que? Para quem? Como? (1969-1983)**. São Cristóvão/SE, 2011. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

CARVALHO, Vladimir Souza. **Evocações de Garcia Moreno**. s/d. Disponível em: http://www.jfse.jus.br/artigos/garcia_moreno.html. Acesso 04 de abr. 2014.

CASTILHO, Denis. Os sentidos da Modernização. In: **Revista da Universidade Federal de Goiás**. Goiânia, v. 30, n. 2, p. 125-140, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/download/13802/8805>. Acesso: 29 de Ago. 2018.

CHARLE, Cristophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectiva. In: HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1988.

CHIARADIA, Clóvis. **Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena**. Editora Limiar, 2008.

COELHO, Edmundo Campos. **As profissões Imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro (1822-1930)**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COELHO, Paulo. **A Bruxa de Portobello**. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

CONDE GARCIA, Eduardo Antonio. **Antonio Garcia Filho e a faculdade de medicina de Sergipe: criador e criatura**. Aracaju: SERCORE Artes Gráficas, 2008.

COSTA, Geodete Batista. Dr. José Machado de Souza. In.: **Academia Sergipana de Medicina**. Aracaju, 2003.

CRUZ, Marcia Terezinha Jerônimo Oliveira. Intelectuais e docência: professores fundadores da Faculdade de Direito de Sergipe (1950). In.: **Anais XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364955295_arquivo_anpuh2013textocompleto.pdf. Acesso: 29 de dez. 2015.

DANTAS, José Ibarê da Costa. **História de Sergipe: República (1989-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DÉDA, Marcelo. **Prefeito Marcelo Déda lamenta o falecimento do médico Nestor Piva**. Disponível em <http://www.infonet.com.br/saude/ler.asp?id=28593&titulo=noticias>. Acesso 20 ago. 2015.

DIAS, Lúcio Antônio Prado. **A Noite dos Pediatras**. 2013. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/lucioprado/ler.asp?id=151509>. Acesso 06 jan. 2016.

DIAS, Lúcio Antônio Prado. Antônio Garcia Filho: um homem à frente do seu tempo. In.: **Revista Cumbuca**. Aracaju – ano III, nº10, 2015.

DIAS, Lúcio Antônio Prado. **Morre aos 67 anos, o médico e escritor Marcos Prado Dias**. 2012. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/noticias/cidade//ler.asp?id=134191>. Acesso 21 mar. 2018.

DIAS, Lúcio Antônio Prado. **Os vinte maiores médicos sergipanos do século**. 2006. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/lucioprado/ler.asp?id=47469&titulo=Lucio>. Acesso 21 jan. 2016.

DIAS, Lúcio Antônio Prado. **Pediatras Sergipanos: Uma homenagem**. 2011. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/lucioprado/ler.asp?id=116422>. Acesso 11 fev. 2016.

DIAS, Lucio Antonio Prado. **Uma noite de brilho para Garcia Moreno**. 2010. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/lucioprado/ler.asp?id=107005&titulo=Lucio>. Acesso 20 jul. 2015.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FERRARI, Marcela. **Dirigentes políticos cordobeses nos tempos da república verdadeira, 1916-30: uma aproximação prosopográfica**. In: HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

FIOCRUZ – Casa de Oswaldo Cruz. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)**. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escirba.htm>. Acesso: 30 dez. de 2016.

FLEURY, Sônia Maria; CARVALHO, Antônio Ivo de. Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS). In: **FGV/CPDOC**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-nacional-de-assistencia-medica-da-previdencia-social-inamps>. Acesso: 30 abr. de 2018.

FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes LTDA. Aracaju, Governo do Estado de Sergipe, 1977.

FREITAS, Anamaria Bueno Gonçalves de. **Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2003.

FREYRE, Gilberto. Conferência: sessão de abertura. In: **2º Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental**. Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro. Aracaju, 1940.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GARCIA FILHO, Antônio. Acorda, Laranjeiras. In: **Anais do I Encontro Cultural de Laranjeiras. Revista Sergipana de Cultura**. Volume I, Aracaju: Conselho Estadual de Cultura, 1977.

GARCIA FILHO, Antônio. **Aracaju – uma estrela**. 1973. Acervo pessoal da família.

GARCIA FILHO, Antônio. **A Reabilitação em Sergipe**. Aracaju: Gráfica Aracaju, 1966.

GARCIA FILHO, Antônio. **Um pensamento na praça**. Aracaju: Fundação Augusto Franco, 1960.

GARCIA FILHO, Antônio. Mancha no Mar. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Dr. Antonio Garcia Filho - Discurso de Posse. nº 21/22, 1961-1962.

GARCIA FILHO, Antônio. Maslore. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Nº 31, 1994.

GARCIA FILHO, Antônio. Sons de Outrora - Antonio Garcia Filho. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. O Sodalício: Edição comemorativa aos 70 anos da Academia Sergipana de Letras. Aracaju-Se, 1999.

GARCIA MORENO, João Batista Perez. **Aspectos do maconhismo em Sergipe**. Sergipe: Departamento de Saúde Pública de Sergipe, 1946.

GARCIA MORENO, João Batista Perez. **Cajueiro dos Papagaios**. Sergipe: Livraria Regina, 1959.

GARCIA MORENO, João Batista Perez. Currículum Vitae. In: **Arquivo Geral da Universidade Federal de Sergipe**. São Cristóvão, 1961.

GARCIA MORENO, João Batista Perez. **Doce Província**. Sergipe: Livraria Regina, 1960.

GARCIA MORENO, João Batista Perez. **Dois Médicos**. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 1946.

GARCIA MORENO, João Batista Perez. **Letras Vencidas**. Aracaju: GM, 1955.

GARCIA MORENO, João Batista Perez. O casamento na atual realidade brasileira. In: **Revista da Faculdade de Direito de Sergipe**. Aracaju, UFS, Ano XIII, nº 13, 1968.

GOMES, Petrônio Andrade. Dr. Augusto Leite na medicina de Sergipe. In: SANTANA, A. S.; DIAS, L. A. P.; GOMES, P. A. **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe: séculos XIX e XX**. Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar**. Medicina, Higiene e educação escolar na corte imperial. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

GOTTSCHALL, Carlos Antônio Mascia. **Medicina Hipocrática: antes, durante e depois**. Porto Alegre: Stampa, 2007.

GRUPO CATA LUZES. **Cheiro da Terra**. 1983. Disponível em: <https://habeasmentem.wordpress.com/tag/cheiro-da-terra/>. Acesso: 30 de jan. 2017.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bio-bibliographico Sergipano**. Rio de Janeiro, 1925, Ed. Pongetti & C. 1925.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora 34, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites: à guisa de introdução. In: _____ (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOCHMAN, Gilberto. Instituto Nacional de Seguridade Social. In: **FGV/CPDOC**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-nacional-de-seguridade-social-inss>. Acesso: 30 abr. de 2018.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O Homem Cordial (1902-1982). In: **Seleção de Lília Moritz Schwarcz**. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2012.

LE GOFF, Jacques. **Saint Louis**. Paris, Gallimard, 1996.

LIMA, Jackson da Silva. **História da Literatura sergipana**. Volume I. Fundo Cultural de Publicação de Obras Sergipanas, Aracaju, 1971.

LOBO, Francisco Bruno. **O Ensino da medicina no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, V.5, 1964. Disponível em : <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/fontes.htm#anm>. Acesso: 30 dez. de 2016.

MACHADO, Edite Novais da Mata. **Formação de sanitaristas e políticas de saúde pública em Minas Gerais, 1947-1955**. 279f. (Dissertação). Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte, 1990.

MACHADO, Odilon Cabral. **Os Garcia Moreno de Sergipe - Uma saga a perquirir I**. 2010. Disponível em <http://www.infonet.com.br/odilonmachado/odilonmachado>. Acesso 20 jul. 2015.

MACENA, Sônia Lima. **O pioneiro da Patologia sergipana professor Nestor Piva**. Jornal O Patologista. São Paulo, Ano 22, Ed. 78, Out. 2004. p.8.

MARTIRES, José Reginaldo. A representação feminina na trajetória intelectual da professora Maria Lígia Madureira Pina. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação: Matrizes interpretativas e internacionalização**. Universidade Estadual de Maringá – PR, 2015.

MELLO, Alex Oestreich de; *et al.* O discurso sanitarista como discurso político e ideológico na República Velha. In: **Revista Historiador**. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense. Número 03. Ano 03. Dezembro de 2010. p. 93-106.

MELHORAMENTOS. **Dicionário**: Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006.

MELO, Ricardo Oliveira Lacerda de. **Economia sergipana contemporânea (1970-2010)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Editora Diário Oficial, 2012.

MENDONÇA, Artenyzia. **Saúde Pública**. 2009. Disponível em: <http://fisioterapiafateci20082.blogspot.com.br/2009/06/saude-publica-uma-das-mais-citadas.html>. Acesso: 12 de dez. 2016.

MENEZES, Marcos Antônio de. O poeta Baudelaire e suas máscaras: boêmio, dândi, flâneur. In: **Revista fato&versões**. Faculdade Católica de Uberlândia: Minas Gerais. N.1, v.1, 2009, p. 64-81. Disponível em: <http://revista.catolicaonline.com.br:81/revistadigital/index.php/fatoeversoes>. Acesso: 27 de jan. 2017.

MESQUITA, Elaine Cristina. Entre práticas e saberes: parteiras práticas, parteiras técnicas e médicos-parteiros. In: 18º REDOR **Perspectivas Feministas de Gênero – Desafios no campo da militância**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco. 24 a 27 de novembro de 2014, p.753-765.

MONTAGNER, Maria Inez. **Mulheres e trajetórias na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp**: vozes singulares e imagens coletivas. (Dissertação de Mestrado). Unicamp, Campinas, 2007.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A viagem de Abdias Bezerra**. 2010. Disponível em: <http://jorge-educahist.blogspot.com.br/2010/08/viagem-de-abdias-bezerra.html>. Acesso em: 24 dez. 2015.

NASCIMENTO, José Anderson: **Homenagem póstuma ao Dr. Antonio Garcia Filho**. Revista da Academia Sergipana de Letras. nº 34. Aracaju, 2000.

NETO, Helvécio de Brito Maia. Verbete biográfico de Lauro Augusto de Prado Maia. In: **FGV CPDOC**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lauro-augusto-do-prado-maia>. Acesso em: 20 mar. 2018.

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. 2ª ed. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados**: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954). 319 f.: il 2015. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

PETRARCA, Fernanda Rios; MELO, Dinarty de; SALMERON, Igor. Os médicos em Sergipe: articulações entre profissão, administração hospitalar e política. In: **XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-alas Brasil**. UFPI, Teresina-PI. 04 a 07 de setembro de 2012.

PIVA, Marta Rabello. **NESTOR PIVA**: "Para a família, um ídolo". s/d. Acervo pessoal.

PIVA, Nestor. **Esquistossomose do aparelho genital feminino**. (Tese de Doutorado em Ciências Médico Cirúrgicas). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1960.

PIVA, Nestor. In: **LATTES CNPQ**, 2015. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/6488165293973823>. Acesso 03 Set. 2015.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. O sentido da Etnografia. In: ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia e Educação**. Col. Temas e Educação, v. 10, Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.51-78.

RODRIGUES, Simone Paixão. As Associações Estudantis no Atheneu Sergipense do século XIX. In.: **Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação João Pessoa**, Universidade Federal da Paraíba, 15 a 18 de agosto de 2017.

ROLLEMBERG, Francisco Guimarães. **Garcia Moreno**. Discurso na Academia Sergipana de Letras. In: Revista da Academia Sergipana de Letras. Aracaju, 1979.

RUPP, Jan C. C. Michel Foucault, a Política do Corpo e a Expansão da Anatomia Moderna. In: **PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Vol. 3. Número 2. 1993.

ROY, Fernande; SAINT-PIERRE, Jocelyn. A alta redação dos jornais de Quebec (1850 – 1920). In: HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

SANTANA, Antônio Samarone de. **As Febres do Aracaju**: dos miasmas aos micróbios. Aracaju, Sergipe: O Autor, 2005.

SANTANA, Antônio Samarone de. **A Organização Social dos Médicos em Sergipe I**. 2006a. Disponível em: http://antonio_samarone.blog.uol.com.br/arch2006-04-16_2006-04-22.html. Acesso: 11 de jan. 2017.

SANTANA, Antônio Samarone de. **A Organização Social dos Médicos em Sergipe II**. 2006b. Disponível em: http://antonio_samarone.blog.uol.com.br/arch2006-04-16_2006-04-22.html. Acesso: 11 de jan. 2017.

SANTANA, Antônio Samarone de. **Hospital de Cirurgia II 02 de maio 1926**. 2006. Disponível em: http://antonio_samarone.blog.uol.com.br/arch2006-02-26_2006-03-04.html. Acesso: 16 de jan. 2017.

SANTANA, Antônio Samarone; DIAS, Lúcio Antônio Prado; GOMES, Petrônio Andrade. **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe**: séculos XIX e XX. Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009.

SANTOS, Fábio Alves dos. **Elite letrada e ofício docente em Sergipe no século XIX**. 130 f. il. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SILVA, Eugênia Andrade Vieira da. **A formação intelectual da Elite Sergipana (1822-1889)**. 92f. il. 2004. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2004. (Dissertação de Mestrado em Educação).

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. In.: **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. v.1, n.2, jul./dez. 1995, p.24-36.

SILVA, Henrique Batista. **História da Medicina em Sergipe**. Editoração Eletrônica: Valfredo Avelino dos Santos, 2006.

SILVA, José Calasans Brandão. Aracaju: contribuição à história da capital de Sergipe. In: **Aracaju e outros temas sergipanos**. Aracaju: governo de Sergipe, FUNDESC, 1992.

SILVA, Patricia de Sousa Nunes. **Antonio Garcia Filho (1941-1999), um intelectual engajado**. 165p.: il. 2012. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2012. (Dissertação de Mestrado em Educação).

SILVA, Patrícia de Sousa Nunes. **Antônio Garcia Filho (1941-1999), um intelectual engajado**. Aracaju: EDISE, 2016.

SILVA, Tânia Meneses. **Garcia Moreno**. 2004. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/discursos/754612>. Acesso: 04 abr. 2014.

SILVA, Vanessa Magalhães da. **No embalo das redes: cultura, intelectualidade, política e sociabilidades na Bahia (1941-1950)**. 256 f. il. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

SIRINELLI, Jean François. Elites Culturais. In: RIOUX, Jean Pierre. **Por uma história cultural**. Lisboa: Editora Estampa, 1997. p. 259-278

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMONOD, René (Org.). **Por uma história Política**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 231-269.

SOBRAL, Simeão Vieira. **A saúde pública em Sergipe**. Aracaju: Esf. Graf. José Lins de Carvalho, 1932.

SOBRINHO, Sebrão. **Laudas da Historia do Aracaju**: retorno da Capital para o Aracaju. Prefeitura Municipal de Aracaju, 1954-1955.

SOBRINHO, Sebrão. **Fragmentos da História de Sergipe**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1972.

SOUZA, Eliana. **História e memória**: Universidade Federal de Sergipe 1968-2012. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

STONE, Lawrence. Prosopografia. In.: **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.

TAVARES, Denise. Homenagem a Dr. José Machado de Sousa. In: **UNIMED SERGIPE**. Aracaju, 2013.

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

WYNNE, João Pires. **História de Sergipe** (1930-1972) Volume II. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1973.

UNIMED SERGIPE. **Homenagem a Dr. José Machado de Sousa**. Aracaju, 2013.

VELOSO, Caetano. **Aracaju**. 1979. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/369778/>. Acesso: 30 de jan. 2017.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. **As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)**. 180 f. il. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista: Franca, 2012.

Documentos:

BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. **Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920**. Volume 5 – 1ª parte. Rio de Janeiro: TYP da Estatística, 1927. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6478.pdf>. Acesso 13 jan. 2017.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Ofício recebido do Dr. Phócion Serpa, Chefe do Serviço de Saneamento e Prophylaxia Rural de Sergipe. **Medidas Sanitárias**. Ano VI, nº 991. Aracaju, 19 de abril de 1923.

SERGIPE. Departamento de Saúde Pública. **Educação Sanitária**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1940.

SERGIPE. Departamento de Saúde Pública. **Algumas notas sobre a Malária no estado de Sergipe; Problemas de tuberculose; problema da Lepra em Sergipe**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1940.

SERGIPE. **Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, em 7 de setembro de 1920, ao instalar-se a 1ª sessão ordinária da 14ª legislatura**, pelo Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lôbo, Presidente do Estado.

SERGIPE. Secretaria de Inspetoria de Higiene. **Relatório (1909-1910) do Inspetor Francisco de Barros Pimentel Franco enviado ao Presidente de Sergipe, José Rodrigues da Costa Dórea**. Arquivo Público do Estado de Sergipe. Sergipe: Typ Commercial Aracaju, 1910.

SERGIPE. Secretaria de Inspetoria de Higiene. **Relatório (1910-1911) do Inspetor Francisco de Barros Pimentel Franco enviado ao Presidente de Sergipe, José Rodrigues da Costa Dórea**. Arquivo Público do Estado de Sergipe. Sergipe: Typ Commercial Aracaju, 1911.

Legislação:

BRASIL. Lei de 1º de outubro de 1828. **Dá nova forma às Camaras Municipaes, marca suas atribuições, e o processo para a sua eleição, e dos Juizes de Paz**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-1-10-1828.htm. Acesso: 7 de jan. 2017.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Doenças infecciosas e parasitárias**: guia de bolso. Departamento de Vigilância Epidemiológica. 8ª edição revista. Brasília: Distrito Federal, 2010.

BRASIL. Regimento de 16 de maio de 1744. **Regimento que devem observar os comissários delegados do físico-mor do reino no Estado do Brasil**. Disponível em: <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=134>. Acesso: 27 de dez. 2016.

Jornais:

A CRUZADA. **Educação sanitária para o produtor – bom leite, com higiene**. Ano V, 16 de maio de 1927, nº1678.

A CRUZADA. **Inaugura-se hoje Hospital de Cirurgia**. Ano VIII, 2 de maio de 1926, nº45.

CORREIO DE ARACAJÚ. **Sociedade de Medicina**. Ano V, 1911, Nº 604.

GARCIA FILHO, Antônio. É hoje, Encontro Cultural de Laranjeiras. In: **GAZETA DE SERGIPE**. Ano XXVI, e de janeiro de 1983, nº7.287.

GARCIA MORENO, João Batista Perez. Máquina para curar loucos. In: **CORREIO DE ARACAJU**. Ano XXXVII, 23 de fevereiro de 1943, nº 3.313.

GAZETA DE SERGIPE. **Abre-se amanhã Congresso médico – maior acontecimento científico**. Ano XI, 10 de fevereiro de 1966, nº2934.

GAZETA DE SERGIPE. **Encerrado o primeiro Congresso médico**. Ano XI, 16 de fevereiro de 1966, nº2939.

GAZETA DO POVO. **Inauguração do Hospital de Cirurgia**. Ano II, 26 de abril de 1926, nº 436.

GAZETA DO POVO. **Inauguração do Mercado Novo**. Ano II, 8 de fevereiro de 1926, nº 378.

GAZETA DO POVO. **Hospital de Cirurgia**. Ano II, 4 de maio de 1926, nº 50.

HORTA, Paulo de Figueiredo Parreiras. E' de causar inveja! In: **GAZETA DO POVO**. O dr. Parreiras Horta fala-nos sobre a vaccina anti-thipica pela bocca e outros trabalhos. Ano nº 221. 30 de julho de 1925.

JORNAL DA CIDADE. **Matador da Médica já está no Xadrez**. Ano XIII, 31 de março de 1984, nº 3.665.

JORNAL DO ARACAJU. **Aterro da Capital**. Ano III, 24 de julho de 1872, nº 293, p. 2.

O ESTADO DE SERGIPE. **Sociedade de Medicina**. Ano XII, 1910, Nº 3398.

O ESTADO DE SERGIPE. **Sociedade Médica de Sergipe**. Ano V, 30 de outubro de 1937, nº 1333.

O ESTADO DE SERGIPE. **Sociedade Médica de Sergipe - A posse, hoje, de sua primeira diretoria**. Ano V, 31 de outubro de 1937, nº 1334.

SERGIPE JORNAL. **A falta D'água**. Ano XII, 13 de janeiro de 1932, nº 2909.

SERGIPE JORNAL. **Hospital de Isolamento**. Ano II, 17 de abril de 1923, nº 496.

Fontes Orais:

BEZERRA, José Geraldo Dantas. [abr. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 26 abr. 2017.

CONDE GARCIA, Eduardo Antônio. [mai. 2012]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 12 mai. 2012.

CONDE GARCIA, Eduardo Antônio. [mai. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 12 mai. 2017.

CRUZ, Antônio Leite. [set. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 08 set. 2017.

DIAS, Lúcio Antonio Prado. [set. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 18 set. 2017.

GOIS, Max Rollemberg. [out. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 05 out. 2017.

LE MOS, Marcus. [ago. 2015]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 22 ago. 2015.

MACEDO, José Fernandes [nov. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 24 nov. 2017.

MACENA, Sonia Maria Lima Santana. [ago. 2015]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 26 ago. 2015.

MACENA, Sonia Maria Lima Santana. [mai. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 17 mai. 2017.

NUNES, Genoveva Gonçalves de Sousa. [mar. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 12 mar. 2017.

OLIVEIRA, Hélio Araújo. [ago. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 31 ago. 2017.

OLIVEIRA, Maria Izabel Maynart Pereira. [ago. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 31 ago. 2017.

PAIXÃO, Antonio Carvalho da. [jul. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 05 jul. 2017.

RAMOS, Byron Emanuel de Oliveira. [set. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 12 set. 2017.

REIS, Francisco. [ago. 2015]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 07 ago. 2015.

REZENDE, Zulmira Freire. [ago. 2011]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 16 ago. 2011.

REZENDE, Zulmira Freire. [mai. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 10 mai. 2017.

SANTANA, Antonio Samarone de. [out. 2016]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 20 out. 2016.

SANTANA, Antonio Samarone de. [mar. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 14 mar. 2017.

SANTANA, João Antonio Macedo. [nov. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 24 nov. 2017.

SILVA, Henrique Batista e. [jul. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 09 jul. 2017.

SOARES, Djenal Gonçalves. [mai. 2017]. Entrevistadora: Patricia de Sousa Nunes Silva. Aracaju, SE, 08 mai. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista para os médicos docentes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Orientadora Dra: Eliana Souza

Aluna: Patrícia de Sousa Nunes Silva

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Entrevistado: _____ Contato: _____

Dia: _____ Horário: _____ Local: _____

1. Nome completo:

2. Data de nascimento:

Naturalidade:

3. Filiação:

Mãe _____ Atividade: _____

Formação escolar: _____

Pai _____ Atividade: _____

Formação escolar: _____

4. Porque escolheu o campo da medicina?

5. Foi monitor durante o curso? Em quais disciplinas?

6. O porquê de consorciar a medicina ao magistério?

7. Qual a sua especialidade? Onde a realizou (instituição)?

8. Inspirou-se em algum dos professores da Faculdade de Medicina de Sergipe para definir a sua especialidade médica? Qual professor?

9. Qual (is) disciplina(s) leciona (leccionou)?

10. Em sua opinião, a “medicina moderna” tardou para chegar a Sergipe? Por quê?

11. O porquê de lecionar na Faculdade de Medicina de Sergipe? Foi por meio de convite ou de concurso?

12. Ainda leciona na Universidade Federal de Sergipe (no curso de medicina) ou está aposentado?

13. Se investiu somente do ensino da medicina no Ensino Superior ou também atuou no ensino de 1º e 2º grau? Em qual instituição?
14. Após a conclusão do curso, montou consultório particular ou direcionou a atuação para os hospitais públicos/particular?
15. Como ocorreu essa inserção no mercado de trabalho, levando-se em consideração os médicos já instalados (e que eram professores na UFS)?
16. Trajetória profissional? (descrever a atuação seguindo a ordem dos fatos/ano)
17. Obras publicadas, artigos, publicação científica? (mencionar ano de publicação)
18. Vinculações em academias/institutos e associações?
19. Trajetória política? Cargos ocupados? (mencionar ano)

Perguntas para ajudar na escrita do Capítulo 1:

- 1- Como era o campo médico entre as décadas de 1960 a 1980? (Exemplo: sanitarismo, estrutura, laboratórios, dificuldades encontradas para o fazer médico)

Perguntas para ajudar na escrita do Capítulo 2:

- 1- Quando se fala em professores no curso de Medicina, durante o período em que você foi aluno, quais vêm em sua memória? Por quê?
- 2- Foi aluno de Nestor Piva, Antônio Garcia, Dr. José Machado e Garcia Moreno? Quais as características que atribui a cada um deles como professor?

APÊNDICE C – Programa em Excel para consolidação das entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DOUTORADO EM EDUCAÇÃO		Orientadora Dra: Eliana Souza Aluna: Patrícia de Sousa Nunes Silva
Programa excel - Entrevista		<input type="button" value="Copiar Entrevista"/> <input type="button" value="Limpar Pesquisa Atual"/>
1- Entrevistado:		
<input type="checkbox"/> Professor <input type="checkbox"/> Funcionário Público <input type="checkbox"/> Político <input type="checkbox"/> Médico <input type="checkbox"/> Outros (Militar, jornalista, ferroviário, artesão...)		
4 Por que escolheu o campo da medicina?		
<input type="checkbox"/> Influência dos pais <input type="checkbox"/> Vocação <input type="checkbox"/> Caso de doença na família <input type="checkbox"/> Poucas opções de cursos no estado <input type="checkbox"/> Outros		
5 A família tinha recursos financeiros para custear o curso médico em outro estado?		
sim <input type="text"/> não <input type="text"/>		
6 Foi monitor durante o curso?		
sim <input type="text"/> não <input type="text"/>		
7 O porquê de consorciar a medicina ao magistério?		
<input type="checkbox"/> Inclinação vocacional <input type="checkbox"/> Influência familiar <input type="checkbox"/> Despertou interesse <input type="checkbox"/> Necessidade financeira <input type="checkbox"/> Demanda do mercado <input type="checkbox"/> Outros		
Cardiolgia Dermatologia Pediatria Anestesiologia Psiquiatria Ginecologia Gastroenterologia Clínico Geral Neurologia Neurocirurgia Nefrologia Oncologia Hematologia Urologia Patologia Outros		
8 Qual a sua especialidade (ou instituição)?		
Endocrinologia Cardiolgia Dermatologia Pediatria Anestesiologia		
9 Inspirou-se em algum dos professores da Faculdade de Medicina de Sergipe para definir a sua especialidade médica?		
sim <input type="text"/> não <input type="text"/>		
12- Qual (is) disciplina(s) leciona (lecionou)?		
10 Em sua opinião, a "medicina moderna" tardou para chegar a Sergipe?		
sim <input type="text"/> não <input type="text"/>		
11 Se "sim", Por quê?		
<input type="checkbox"/> - Natural, porque geralmente chega primeiro aos maiores Centros. <input type="checkbox"/> - Falta de estrutura e investimento na área médica por parte dos gestores <input type="checkbox"/> - Falta de profissionais especializados em determinadas áreas <input type="checkbox"/> - Falta de recursos financeiros do Estado		
12 Ainda leciona na Universidade Federal de Sergipe (no curso de medicina) ou está aposentado?		
<input type="checkbox"/> Na ativa <input type="checkbox"/> Aposentado		
13 Se investiu somente do ensino da medicina na Educação Superior ou também atuou no ensino de 1º e 2º Grau?		
<input type="checkbox"/> - Somente Ensino Superior <input type="checkbox"/> - Ensino no 1º e 2º grau		
14 Em qual instituição?		
<input type="checkbox"/> Colégio Estadual Atheneu Sergipense <input type="checkbox"/> Colégio Tobias Barreto <input type="checkbox"/> Colégio de Aplicação – CODAP/UFS <input type="checkbox"/> Colégio Nossa Senhora de Lourdes <input type="checkbox"/> Instituto de Educação Ruy Barbosa <input type="checkbox"/> Escola Estadual Jackson de Figueiredo <input type="checkbox"/> Outros		
15 Após a conclusão do curso, montou consultório particular ou direcionou a atuação para os hospitais públicos/particular?		

APÊNDICE D – Programa em Excel de gráficos

